

A man with a beard and mustache, wearing a light-colored button-down shirt and a dark apron, is shown from the chest up. He is holding a frying pan in his right hand and a glass lid with a red tag in his left hand. The background is a brick wall. The overall color scheme is monochromatic with a reddish tint.

SAGA VENDE-SE • 2

VENDE-SE
UM MARIDO
Treço

A small, detailed illustration of a coastal town with white buildings, a church dome, and a lighthouse, set against a dark background.


Clyra Alves



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

SAGA VENDE-SE • 2

VENDE-SE
UM MARIDO
Grega


Clyra Alves

PERIGOSAS ACHERON



Copyright© 2019 de Clyra Alves

Todos os direitos reservados.

É *proibida* a reprodução deste ebook ou qualquer parte dele sem uma autorização prévia da autora.

Aberta a exceção de citações breves em resenhas, trechos de divulgação ou frases de inspiração.

Primeira edição, 2019

PERIGOSAS ACHERON



Sumário

Sinopse

Πρόλογος • Prólogo

δώρο • Lembrança

πίστη • Lealdade

μοναξιά • Solidão

οικογένεια • Família

εξοικείωση • Familiaridade

εκδίκηση • Vingança

έκπληξη • Surpresa

φιλία • Amizade

σπίτι • Início

ενωμένοιx • Unidos

αδελφοί • Irmãos

καταγωγή • Ancestralidade

αντιποίνων • Retaliação

ηρεμία • Calmaria

κωδική ονομασία • Codinome

εμπιστοσύνη • Confiança

απόγνωση • Desespero

εμπιστοσύνη • Confidência

ανάκαμψη • Reviravolta

ομοιότητα • Semelhança

υπερβολή • Exagero

προσκαλέστε • Convidar

απειλή • Ameaça

θάρρος • Coragem

αντεπίθεση • Contra-ataque

απουσία • Ausência

άγνωστο • Incógnita

μητέρα • Mãe

ιστορία • História

σύνδεση • Ligação

μήνυμα • Recado

εχθροί • Inimigos

θάλασσα • Mar

διάσωσης • Resgate

δειλία • Covardia

διαλόγου • Diálogo

πληρωμή • Pagamento

φούρνο • Forno

ανάπτυξη • Crescimento

τέλος • Final

Próximos lançamentos da Autora

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

*"Antes rica do que mal
acompanhada"*

Zoé Malipiero teve uma típica criação grega. O único detalhe, é que isso aconteceu entre quatro irmãos mais velhos fazendo com que seus pais, de vez em quando, esquecessem que estavam lidando com uma menina. O resultado não poderia ter sido melhor: eles tinham uma filha belíssima, inteligente e tão ambiciosa quanto o restante da família. Tornou-se jornalista, como o pai sempre quis, e se tornou profissional em descobrir segredos obscuros de pessoas importantes, além de divulgá-los por aí com seu pseudônimo.

Nikos Vasalos é pai de duas
PERIGOSAS ACHERON

garotinhas, chef de cozinha, dono de uma rede de restaurantes conceituada e noivo de Zoé, a mulher por quem é loucamente apaixonado.

Mas quando ele descobre no dia do casamento que a ambiciosa noiva na verdade espera se casar para ter acesso às informações que ele guarda a sete chaves, toda a confiança e amor que sentia por ela parece se deteriorar.

Os dois sobem o altar, ela está pronta para contar ao mundo tudo o que o marido esconde, ele está pronto para fazê-la pagar por ter colocado as filhas dele em risco. Ao menos, essa é a opinião que cada um tem sobre o assunto.

O leito nupcial não é um ringue, mas os dois não sabem disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Notas da Autora

Coloque sua mão aqui e repita comigo “se a Clyra conseguiu, eu também consigo”.

Depois de derramar todas as lágrimas de nervosismo possível, chorar no grupo com as amigas, chorar no trem, chorar antes de dormir e chorar porque acordou, eis que cheguei com a versão definitiva desse que acabou sendo o meu trabalho divisor de águas.

Você deve me conhecer de uma outra história envolvendo italianos, certo? Fique calmo, esse livro aqui possui um enredo

totalmente separado do anterior dessa mesma saga. Os livros seguem apenas o mesmo tema de fundo.

Eu posso afirmar com a mais absoluta certeza que esse livro foi meu trabalho mais difícil e que depois dele eu posso me considerar uma autora integralmente. O Grego foi um divisor de águas e por isso eu o amo e acredito que você também o amará.

Deixo aqui meus agradecimentos especiais a toda leitora que não desistiu de mim, às minhas amigas que me aguentaram durante meses de infundáveis picos e vales de instabilidade emocional, aos meus pais e minha irmã por serem as três pessoas mais corujas quando se trata do meu trabalho, a Deus por continua me abençoando e a você

que está prestes a começar essa história.

Fique sempre com Deus e com o Nikos se puder.

Com muito amor, Clyra Alves.

**Para alguém, que
às vezes comete
erros com as
melhores
intenções.**

“*A amizade e a
lealdade residem
numa identidade
de almas raramente
encontrada.*”

- Epicuro

Receita de Creme Azedo:

- Uma caixa de creme de leite fresco, como um amor recém descoberto
- Duas colheres de suco de limão, ácido como o desgosto
- Uma colher de sal, do mesmo gosto imprudente dos amores antigos

**Bata tudo em uma batedeira,
até se dar conta de que você
foi idiota por acreditar
naquela pessoa.**



Πρόλογος • Prólogo

Tem algo de particular nas mulheres e na forma que elas lidam com a mentira. E, acredite, eu tenho muita experiência com as duas coisas.

Não só por ser pai de duas meninas, por ser viúvo, por vir de uma família com diversas fêmeas ou por estar novamente casado. Mas sim porque convivi com esse tipo de atitude da parte delas em todas as fases da minha vida. Seja quando criança, adolescente ou atualmente.

Era como se ao estender a mão, antes de qualquer pessoa segurar, a mentira resolvesse colocar sua palma sem misericórdia sobre a minha e sussurrar que estaria sempre ali. E a filha da puta realmente sempre estava.

Afinal de contas, era a mentira por trás quando Alanis dizia que não tinha feito algo depois eu ter descoberto, ou quando Isis desviava o rosto quando confrontada, ou quando minhas irmãs se calavam quando eu perguntava alguma coisa, ou quando minha mais nova esposa me encarou com os olhos cheios de lágrimas, suspirou e respondeu que podia explicar.

Ela, que havia escolhido o mês de janeiro para se casar, ia realmente precisar da proteção de Hera, porque tudo o que eu sentia por dentro era destrutivo. Minha vontade era colocar as mãos naquele pescoço bonito e torcer. Eu não faria isso, obviamente. Mas ao perceber no que ela tinha me metido, eu entendia que ou a deixava quieta ou a jogava longe. E,

mesmo na hora de tirá-la da minha vida, eu sabia que coisas ruins já tinham sido feitas. Que detalhes importantes já estavam relatados, fotografados, registrados e tudo mais. E, ainda assim, eu teimava na hora expulsá-la do meu cotidiano.

Zoé não tinha que ser afastada. Não agora. Precisava ser controlada e ficar ao meu lado, para também ser vítima do que ela causou. Entretanto não era só com isso que eu me preocupava. As contas nunca eram simples quando ela era um dos fatores.

Tudo começou antes da cerimônia do casamento. Naquele momento entre a preparação e a entrada, quando a gente tem que ouvir todas aquelas piadas sobre ainda poder fugir. Eu mentiria se dissesse que

não estava feliz, eu estava. Afinal de contas, Zoé era perfeita em todos os sentidos. Minhas filhas a adoravam, eu a adorava e permaneceria assim se Giannis, um grande amigo criado nos últimos anos, não tivesse aparecido no meu quarto com uma pasta em mãos e uma expressão de condolência.

— Eu descobri uma coisa.

Não parecia a coisa certa de um padrinho falar e realmente não era. Ele começou a mostrar relatórios e mais relatórios assinados por Zoé, até mesmo fotos de Alanis e Isis que eu não sabia que tinham sido tiradas. Todas aquelas coisas que podiam significar o fim da proteção que eu lutei para construir em volta da minha família.

Zoé, a mulher que eu tinha escolhido para casar, que parecia ser uma mãe ideal para as minhas meninas, amável até com os funcionários do meu restaurante, havia me traído da forma mais cruel que eu conhecia. Uma coisa era trair nosso relacionamento, outra era trair minha família.

Depois de todo espetáculo grego que envolvia o nosso casamento, cheio de parentes da parte dela e amigos meus, estávamos recém-casados e prontos para começar a lua-de-mel dentro da suíte em Mykonos que, mais uma vez, ela tinha escolhido.

Eu a confrontei com todas as provas e papéis possíveis. Ali não tinha pai, mãe ou os quatro irmãos mais velhos para

protegê-la. Nenhuma santa ou tampouco um ser divino deixaria que ela saísse impune do que tinha feito. Era só eu, ela, as folhas que provavam o que ela tinha aprontado e todo aquele ódio crescente dentro de mim.

— Eu posso explicar. — Trêmula, ela segurava as fotos com sua assinatura no verso. Estava sentada na mesa que a gente ia usar para o café-da-manhã, se tivesse café. — Eu não fui até o final, Nikos. Eu entendi que era perigoso...

— Não foi até o final? E todos esses registros? Está carimbado, Zoé. Já existem cópias e mais cópias que não estão mais no seu poder. Você não sabe no que nos meteu. — Ela se sentou.

— Se você me deixar explicar

tudo, vai entender que isso aqui não devia ter sido registrado. Eu nem tinha assinado, não sei como isso veio parar aqui. Precisa me ouvir. Se depois de tudo o que eu te contar, você ainda assim não confiar em mim, pode pedir o divórcio. As meninas estarão sempre em segurança, eu fiz de tudo para protegê-las! — Joguei as folhas diante dela para o lado na primeira atitude agressiva que tinha em relação a ela. Seus olhos ainda mais marejados me encararam com medo, era a primeira vez que eu vi aquele sentimento nela. Me aproximei, apoiando minhas mãos na mesa, fazendo meu rosto ficar próximo ao seu em uma ameaça velada.

— Eu acho que é você quem ainda não entendeu o que está acontecendo, Zoé.

Eu não vou pedir o divórcio porque manter você longe é ainda mais perigoso agora que eu sei o que tem relatado sobre mim. — Respirei fundo — Você diz que quis proteger as meninas, então vou te dar a prova de confiança que não merece. Vai ficar casada comigo até tudo passar, até essas provas sumirem e eu ter certeza de que não corremos mais perigo. Já que você quis trazer o inferno de volta, se prepare para enfrentá-lo comigo. — Ela não me respondeu, mas eu senti quando aquela fagulha que nos ligava se apagou. Já não era mais a mulher que queria provar algo para consertar o próprio casamento.

Zoé era, outra vez, a mulher fria que não queria nada comigo. Eu queria não me importar com aquilo, mas me

importava.

Gamóto^{[\[1\]](#)}! Ela podia não saber que tinha colocado o inferno atrás de mim mais uma vez, mas o único problema é que dessa vez, se ele nos visitasse, também a atingiria.



**Crítica Pessoal ao Creme Azedo: ficou
extremamente amargo no final.**



δῶρο • Lembrança

Minha mãe dizia que nenhuma mentira é suficientemente boa para permanecer vestida de verdade para sempre. Uma hora máscaras caem e tudo o que plantamos nós somos obrigados a colher.

Sempre me orgulhei da minha família e dos ensinamentos que recebia. Eu era bem protegida, tinha um pai robusto e forte que me jogava para o ar quando menina com a mesma facilidade que jogava uma pluma, quatro irmãos mais velhos que gostavam de atazanar meu juízo e me amavam por ser a mais nova, uma mãe de voz ativa que gostava de ter todos os filhos debaixo das asas e os quatro avós de todos os lados prontos para serem os mais corujas

e presentes. Enfim, toda aquela estrutura que podia significar segurança para a última das crianças a nascer realmente era importante para mim.

Por isso, cresci achando que estava acima da maldade, que ela nunca me atingiria e que eu poderia provocá-la. Afinal, eu tinha quem me protegesse.

Com uma família como a minha, é normal se desenvolver tendo seus talentos estimulados. Por mais insignificante que ele seja. Foi isso o que aconteceu comigo.

Tudo começou ainda na minha adolescência. Theo, meu quarto irmão, tinha a idade tão próxima a minha que podia namorar moças da minha classe escolar sem levantar questionamentos sobre a índole dele. Eu, que gostava de ser útil

para todos dentro de casa, era a responsável por procurar informações das meninas que ele queria se envolver. Em troca de uns trocados, é claro.

Isso significava descobrir seus lugares favoritos, horários de aula e até o que ela gostava de fazer. Sempre tive facilidade de deixar as pessoas a vontade e fazer com que elas me contassem exatamente tudo que eu queria ouvir.

Um dia, depois de entregar um dos meus relatórios para Theo, meu pai descobriu aquela habilidade. Rapidamente ele chamou os dois para uma conversa e não demorou muito até descobrir como usar aquilo a favor da família.

Era bem simples, eu descobria as falhas dos seus concorrentes e ele

conseguia desenvolver algo melhor em cima daquilo. O país passava por uma crise financeira e não era errado ajudar sua família na tentativa de burlar aquele baque econômico, era isso o que eu pensava. Eu tinha dezesseis anos e já conversava com homens de quarenta e cinco que vendiam carros como os que sustentavam a minha casa. Obviamente, estava sempre sob os olhos atentos de Apollo, meu irmão mais velho, que se encontrava pronto para interferir se algum deles tentasse algo a mais comigo.

Para mim, não tinha nada demais em trair a confiança das pessoas dessa maneira. Se eu voltasse para casa e *bampá*^[2] estivesse orgulhoso, eu já estava satisfeita.

Mas aí o mundo começou a me perguntar se aquilo realmente era suficiente. Os braços abertos do meu pai eram suficientes para tirar o peso na minha consciência na hora de dormir? O dinheiro na conta que me proporcionava um estilo de vida confortável aliviava o que eu tinha causado? Um número considerável de matérias criadas era mesmo um mérito?

Eu tinha deixado as coisas seguirem caminhos distantes, ignorado conselhos alheios, trabalhava com aquilo não só em favor do meu pai ou irmãos, agora também o fazia para uma revista de fofocas renomada falando sobre pessoas maiores que eu, usando um pseudônimo que não poderia me proteger por muito tempo se alguém quisesse realmente

descobrir quem eu era. Já não era para os negócios da família, era para os negócios de gente suja que queria levar os outros para o fundo do poço.

Eu sabia que a culpada de cada uma das coisinhas que eu estava colhendo nos últimos tempos era eu mesma. Ambição desenfreada é um mal e eu sabia que uma hora poderia ser derrubada por aquilo que me motivava. Foi o que aconteceu. Quando se depara com alguém mais forte do que você ou mais inescrupuloso, você sabe que precisa lutar até gastar todas as suas forças ou levantar a bandeira branca. Se trata de matar ou morrer.

Giannis Kallidis, por exemplo, não era só um oponente comum, era o cara

por trás da queda de um político europeu, duas estrelas pop e até mesmo um ex-herói de guerra. Ele sabia onde mexer, sentia o cheiro de segredo de longe. Queria sempre mais. E era mais inescrupuloso do que eu tinha sido durante toda a minha carreira.

Quando nós dois fomos chamados para um novo serviço, eu sabia que seria jogada de lado se atrapalhasse seu caminho. E eu atrapalhei.

Você nunca deve se apaixonar por sua "vítima", muito menos se casar com ela. E eu fiz as duas coisas, desde então era um estorvo ou uma peça. Afinal de contas, não dava para entender muito bem como a mente do meu principal rival da Speak funcionava.

Nikos era tudo o que eu precisava,

era mais do que eu podia almejar e tudo aquilo que eu queria conquistar. Meu maior desejo e maior erro em uma só pessoa. Eu não devia ter me apaixonado por ele, mas quando me hospedei em Santorini, disposta a desvendar o que ele escondia, foi inevitável não permitir que ele chegasse ao meu coração, se instalasse e trouxesse aquelas duas coisinhas bonitas que chama de filhas para morarem ali dentro.

Eu estava sentada em uma das mesas vagas do restaurante que ele comandava quando conheci Alanis, sua filha mais velha. Eu já sabia previamente da existência dela, assim como sabia de Isis, mas não estava preparada para o magnetismo daqueles olhinhos espertos. Ela se sentou na cadeira de frente para

mim, me sorriu um pouco tímida antes de desatar a falar.

— *Ya!*^[3] Você é uma princesa? —

Ergui as sobrancelhas surpresa com a pergunta franca. Tudo bem, eu esperava dialogar com a garotinha, só não esperava fazer isso logo que começasse a investigar o pai dela.

E, pela minha experiência com crianças, sabia que elas não eram tão predispostas a interagir com desconhecidos. Mas aquela ali era diferente.

— Não... Eu acho. Por quê? —

Usando os bracinhos para se apoiar fazendo impulso, ela se aproximou de mim sobre a mesa quase derrubando os arranjos decorativos só para sussurrar como quem

conta um segredo.

— Você usa sapatos altos. *Bampá* me disse que princesas usam saltos e que quando eu crescer, vou me tornar uma e vou poder usar também. Mas ele também disse que é para tomar cuidado para não quebrar o pescoço se cair de cima deles. — Olhei para os meus pés pelo tampo de vidro. Meus saltos eram extremamente altos e era compreensível porque o pai dela falaria tal coisa. Naquele momento, até eu fiquei com medo de cair.

Com aquele breve comentário, Alanis me fez ficar ciente de duas coisas ao meu próprio respeito: eu não estava muito confortável fazendo aquilo e não estava no total controle dos meus sentimentos por ser atingida pela conversa inocente de uma

criança. Algo me acontecia.

— Acho que você está com a razão... Perdão, mas qual o seu nome? —
Agia como se não soubesse como ela se chamava, mas dentro de mim aquela coisinha já estava cativando um espaço pequenino e alimentando meu remorso. Era tão esperta que não dava mesmo para resistir.

Meus dedos formigavam para apertar aquelas bochechas rosadas e redondinhas que se encolhiam e revelavam covinhas toda vez que ela sorria.

— Papai diz que eu não devo falar informações importantes com estranhos. Mas se você falar seu nome primeiro e depois eu falar o meu, eu não terei falado com uma completa estranha, não é? —

Sorri ao observar o tanto de perspicácia que tinha naquela cabecinha loira. Alanis ganhou meu coração antes de eu conhecer Nikos e eu nunca a colocaria em perigo, assim como eu não colocava nenhuma pessoa da minha família.

Foi naquele momento que eu percebi, pela primeira vez, que não tinha a menor chance de ser totalmente profissional. Não nesse caso.

— Me chamo Zoé. — o nome real foi meu primeiro descuido.

— Como a moça da torá! — Acenei positivamente, se ela soubesse que era por ser a primeira mulher depois de quatro rapazes que eu fui nomeada assim, ficaria ainda mais encantada. — Eu sou Alanis.

— E onde estão seus pais, Alanis?

— Comecei a usar meu poder persuasivo para tentar tirar algumas informações daquela menininha tagarela. De qualquer forma, eu ainda precisava seguir com meu trabalho.

— *Mitéra*^[4] no céu, mas *bampá* está ali na cozinha. — Ela apontou para a porta de aço que estava sendo aberta para deixar passar um homem alto com uma bandana vermelha amarrada na cabeça, tatuagens que apareciam nos antebraços graças às mangas arregaçadas e olhos esverdeados ladeados por sobrancelhas grossas que faziam conjunto com uma barba fechada.

Parecia quase perigoso, como se alguém tivesse ousado desafiar suas ordens.

A personificação de Hades? Talvez. O grande futuro amor da minha vida? Com toda certeza. Olhei para Alanis de soslaio e entendi. Aquela era a face de um pai desobedecido.

— Não liga para cara dele, é só dar um beijinho que melhora. — A garotinha já tinha a habilidade de fazer comentários ácidos. Algo dentro de mim queria pegá-la no colo, contar todas as histórias que meu avô me contava sobre os deuses gregos, a origem do meu nome e o passado da nossa família. Ela parecia tão inteligente!

Mas estava errada. Não era só dar um beijinho que melhorava. Não em todas as situações em que ele agisse daquela forma, fizesse aquela cara e olhasse para

mim faiscantemente. Não. Eu aprendi isso na nossa lua-de-mel e da pior maneira possível.

— Muito bem, mocinha. Você saiu da ala das crianças outra vez? — A ansiedade que tomou conta do meu corpo quando ele se aproximou não tinha nada a ver com a possibilidade de ter o alvo do meu trabalho rápido demais. Nikos me atingiu bem no peito e para se recuperar de um nocaute assim demora muito mais do que se pode presumir.

— Eu não estou lá. — Ela ergueu as mãozinhas em sinal de obviedade. Se eu pudesse ensinar algumas coisas para aquela criaturinha, certamente ensinaria que debochar nem sempre é a solução. Ainda mais quando o ser de quem se debocha está

claramente irritado.

— Sim, eu posso ver que não! Me des- Olá. — O tom de Nikos mudou quando me olhou. Você sabe do que eu estou falando. É quando a gente olha para alguém e percebe finalmente algo de interessante naquela pessoa. Quando ela deixa de ser só mais uma e se torna alguém relevante. Ok. Cadê minha relevância agora que ele descobriu que eu não sou só a carcaça bonita?

— Olá. Essa mocinha estava me acompanhando enquanto não sou atendida. — Meu instinto de proteção já exclamava de dentro querendo puxar a criança para debaixo das minhas asas — Ela está encrocada?

— Eu vou ficar encrocada na

frente dos outros?! — Nikos encarou a filha antes de erguer as sobrancelhas e inclinar a cabeça pedindo para que ela se aproximasse enquanto sussurrava no ouvido dela. — Então eu não vou ficar no cantinho do castigo?

— Se conseguir, não. — Alanis virou-se para mim com um sorriso no rosto. Aquele que indica perigo, traquinagem e muita manipulação. O mais puro dos sorrisos infantis.

— Então... — Ela piscou com um dos olhos para mim — Você poderia me passar seu número?

Eu ri dos dois. Alanis podia ser loira, mas os olhos azuis eram tão perspicazes quanto os verdes do pai. Com as cabeças encostadas uma na outra, eles

esperavam minha resposta.

Foi ali que o profissionalismo foi para os ares. Nikos era meu número. O tipo de cara que se eu estivesse em uma balada, chamaria minha atenção. Por isso, eu puxei um guardanapo e anotei meu celular pessoal. Alanis estava tão animada que dançava sentada enquanto o pai só sabia rir.

— É normal usar a filha para conseguir o número de alguma mulher? — indaguei.

— Só quando a mulher é interessante, tem olhos azuis e é dona do sorriso mais bonito que eu já vi. — Sorri devido a timidez que aquilo me despertou e entreguei o guardanapo a ele que prontamente guardou no bolso da calça.

— Eu só estou dando porque sei

PERIGOSAS ACHERON

que você não é casado. — Nikos pegou minha mão em cima da mesa e beijou os nós dos meus dedos.

— Vou colocar essa garotinha no lugar dela e já volto para gente continuar nossa conversa. — Alanis acenou para mim e partiu correndo na frente do pai tentando evitar a bronca que provavelmente a esperava.

Eu ainda estava surpresa com minha atitude, mas foi a partir daquilo que tudo começou a acontecer entre Nikos e eu.

O que Giannis se esqueceu de dizer a ele, foi que três dias depois daquele episódio eu pedi demissão da revista para a qual trabalhava. Sem nenhum relatório a mais.

E o que mais me irritava, mais me
PERIGOSAS ACHERON

machucava, é que ele passou toda a viagem de cara fechada e me tratando friamente para me deixar em um lugar onde eu não tinha ninguém a quem recorrer e me confrontar com as meias-verdades que seu *grande* amigo contou, aquele que eu tanto alertei para ser afastado, que ia prejudicá-lo. Eu poderia dizer outra coisa que Giannis também era grande: um grande filho da puta!

Mas tudo bem, é esse jogo que Nikos queria jogar e ninguém melhor do que eu para saber usar uma situação ao meu favor.

Ali, de frente para ele na suíte do hotel que eu tive todo o cuidado de escolher, eu decidi lutar por mim e minhas meninas. As duas coisinhas que viviam

agarradas às minhas pernas não seriam vítimas da burrice do próprio pai.

Eu, Zoé Malipiero, a filha amada de uma casa grega, não curvaria minha cabeça para homem nenhum. Mesmo que ele fosse o meu *talvez tão amado* marido.



Receita de Creme Inglês

- Oito gemas de ovos, amarelos como o ouro que tentam ganhar nas suas costas
- Um litro de leite, puro como a confiança
- Uma vagem de baunilha, aromática como uma confraternização em um ambiente
- Cem gramas de açúcar, doce como a sinceridade

Coloque o leite com a baunilha dividida ao meio em fogo médio até levantar fervura, como se tivesse esquentando com a raiva crescente em seu peito. Tire a panela do fogão e deixe os dois ingredientes virarem infusão por quatro minutos, enquanto isso tente se acalmar. Bata as gemas junto com açúcar até embranquecer, adicione um pouco de leite e misture. Você

**já deve ter recuperado a
paciência nesse ponto.
Coloque os ovos batidos no
mesmo recipiente que o leite e
a baunilha, deixe engrossar
em fogo baixo.**

**Aqui você percebe que
mesmo com os ingredientes
mais doces do mundo, uma
receita pode dar errado.
Quem dirá uma amizade...**



πίστη • Lealdade

A gente reconhece quando alguém tem sentimentos ou não. Ainda mais quando esses sentimentos são direcionados à nossa pessoa. E era exatamente por isso que eu não podia dizer que Zoé nunca gostou de mim ou que não me amava. Ela podia me amar, mas isso não diminuía o tamanho do erro que ela havia cometido.

Eu já tinha passado por poucas e boas nessa vida. Abrir um restaurante sem ter um padrinho do ramo, perder Heléne e ter que assumir sozinho a responsabilidade integral da criação de duas crianças, fora tudo aquilo que envolvia meu passado antes de Santorini, ainda na grandiosa Atenas. Sim, a vida tinha sido difícil e cruel comigo, tanto quanto pôde.

Mas perceber que alguém, que tinha tanto espaço dentro do meu peito, era capaz de trair minha confiança, me atingiu especialmente mais forte. O golpe quando vem de onde não nos protegemos é mais doído. Foi um daqueles baques que nos atinge, deixa no chão e a gente leva bons minutos para pensar "e agora o que eu faço?".

E agora o que eu faço?

Olhando para Zoé, sabendo que ela ainda era parte importante da minha história e que não iria embora tão cedo, eu só podia tentar planejar alguma forma de encaixá-la nos planos que eu tinha feito para a mulher que eu amava e não para a qual havia me traído.

— Eu vou tomar um banho. —

sussurrou e arrastou os pés até a porta do banheiro do quarto que a gente tinha reservado para fazer todas aquelas coisas que casais recém-casados querem fazer. E que não faríamos, eu tinha plena certeza disso.

Observei suas costas antes da porta se fechar e me joguei na beirada da cama já derrotado antes mesmo da batalha começar.

Zoé era tão magra e delicada que eu achava que tinha o dever de protegê-la de tudo, mesmo de mim. Assim, nunca esperei que ela não estivesse disposta a fazer alguma coisa. Eu já estava tão familiarizado com aquela coisa de ter que cuidar de alguém que nem percebi o cuidado que eu também precisava ter

comigo.

— Certo. — Respondi para o nada já que ela tinha sumido e eu podia ouvir o barulho de chuveiro.

Era natural daquela mulher se restringir quando confrontada e preparar a estratégia de batalha. De qualquer forma, não parecia ser lógico o que estava acontecendo. Por que ela se casaria com quem tinha que destruir?

Passei a pensar nos dias que se seguiriam. A gente tinha reservado três diárias no hotel porque concordamos que não era certo passar tanto tempo longe de casa e das meninas. Ela não tinha dito nada sobre responsabilidades de trabalho e nunca tinha parado qualquer coisa que nós dois estivéssemos fazendo para trabalhar.

Na verdade, eu nunca tinha visto Zoé trabalhando em nada que não fosse documentação ou conversas para o próprio pai.

Precisava de racionalidade, ela tinha dito que podia explicar e, mesmo sendo essa a resposta mais idiota que alguém podia dar em uma situação como a nossa, eu tinha que ouvir. Entender a dimensão do problema era mais importante que guardar o rancor contra minha esposa.

Se ela ao menos soubesse o que talvez tivesse feito, quem e o que tinha trazido à tona, pelo menos uma vez teria o peso na consciência de ter colocado seu emprego acima da vida dos outros. Se houvesse um emprego...

Pelo que Giannis havia falado, ela

trabalhava com isso há tempos. Por isso que eu estranhava o fato dela nunca ter deixado escapar nada na minha frente. Além do mais, se era só me investigar, ousou ser repetitivo, por qual motivo ela se casaria comigo?

A água parou de cair dentro do banheiro sinalizando que enquanto eu estava perdido em confusões, ela estava preparada para o confronto.

Respirei fundo esfregando o rosto com força precisando de uma atitude violenta para extravasar um pouco do que estava acontecendo dentro de mim.

Zoé voltou para o quarto, enrolada em um roupão, evitando colocar aqueles olhos azuis em mim.

Ela se sentou mais uma vez na

PERIGOSAS ACHERON

mesa destinada ao café da manhã, jogou os cabelos molhados para trás dos ombros e começou a folhear os papéis que ainda estavam ali como se fossem uma matéria qualquer de uma revista de moda.

Ou não, não com a violência que ela passava as folhas.

Agora a raiva também parecia estar nela, aquela camada de ódio escondida sob um autocontrole incrível e admirável. Ela daria uma ótima conspiradora, não deixava de levar pelos sentimentos e gostava de estar no controle de tudo.

— Essa foto estava como papel de parede do meu notebook. — Era eu, Alanis e Isis dormindo. O timbre de sua voz quase me fez sobressaltar, se eu já não estivesse

olhando para sua boca muito antes dela começar a falar. — E ela nunca foi entregue à ninguém porque era pessoal, afinal de contas isso foi no dia seguinte ao seu pedido de casamento.

A raiva borbilhava dentro de mim, subindo e descendo com tanta rapidez que era difícil de conseguir entender ou conter. Era como se o mesmo bálsamo para minha alma ferida, machucasse ainda mais.

— Esse relatório, eu nunca fiz, mas parece demais com as estruturas que eu usava antigamente, quando ainda trabalhava para Speak. Sabe quem mais trabalhava na Speak? Melhor, ainda trabalha. — Minha falta de resposta não parecia interromper aquele discurso lento que era conduzido pela grande mentirosa.

— Giannis. E eu posso provar se você quiser, diferente dele que armou qualquer prova que tenha aqui. Mas ainda não vou fazer isso porque existem outras coisas que precisam ser explicadas antes de eu contar para você como seu grande amigo trabalha e o que ele faz quando alguém entra no seu caminho. E, veja só, o caminho para o objetivo que é você.

Não retruquei, não falei nada. Apenas ouvi enquanto sua face se transformava. Zoé não exibia mais a fragilidade que me fazia querer protegê-la. Não. Com os olhos baixos de quem encarava algo com pouca importância, um sorriso de escárnio e o queixo bem erguido, ela era a mulher mais implacável que eu tinha conhecido.

Era como esperar pela explosão de uma bomba nuclear, minha esposa estava prestes a explodir e demonstrar o quanto de destruição ela poderia causar se quisesse acabar com quem visse pela frente. E, o pior, parecia disposta a fazer aquilo para provar sua inocência.

O que eu deveria fazer além de sentar e escutar o que a dona do mundo estava falando?

— A Speak tem uma forma diferente de organizar o seu trabalho. Foi meu irmão, Apollo, quem descobriu e me indicou. É como uma agência de detetives casuais, mas não tão ética quanto uma dessas pode parecer. Quando você entra em contato com a Speak, você contrata a destruição de alguém. E foi isso o que

contrataram contra você, Nikos. Alguém queria te destruir, acabar com sua reputação, deixá-lo vulnerável ou qualquer coisa parecida. — Seus dedos tamborilavam contra a minha fotografia com as meninas, especialmente na minha imagem. — Você quer que eu seja a vilã da história? Eu posso ser se eu contar tudo o que eu sei para quem queira ouvir. Mas não vou fazer isso. Não por você, mas pelas garotas.

Ela passou a mão pelo rostinho relaxado de Isis. Exatamente como uma mãe faria ao ver a foto de suas crianças queridas.

— Eu amo você, Nikos. Mais do que é saudável para alguém da minha profissão e capacidade, mas amo ainda

mais minha integridade e autoconfiança. Eu me amo *mais*. Não vou me sacrificar por você, só faço isso se for por Alanis e Isis porque já foram atingidas anteriormente pelo seu passado. Mas você não vai me atingir com esse ódio mesclado com sua pouca fé em mim.

Zoé se levantou e recolheu os papéis do chão para voltar à análise que fazia. Agia como se estivesse despreocupada. Como se me contasse o que comeu no almoço e fez durante o dia. Não, Zoé não queria uma briga. Brigas são sujas.

Ela estava montando uma estratégia e queria me ver caído. Não como os outros que só me queriam debaixo dos pés. Ela me queria ajoelhado diante dela, refém dos seus desejos e me redimindo de

minhas atitudes.

— Quando cheguei à Santorini e percebi quem você era, eu pedi demissão. Demorei três dias para tomar essa decisão e eu só tinha um único relatório que falava sobre sua personalidade. Meu pedido foi atendido dois dias depois e me tornei a inimiga declarada da revista porque destruí todas as coisas que havia reunido anteriormente contra você. Desde então sigo desempregada, fui excluída dos círculos sociais que envolvem a imprensa.

Organizando todas as folhas, minha esposa as guardou na pasta que eu tinha atirado sobre a mesa anteriormente como se aquilo já estivesse encerrado

— Quanto a Giannis, ele não parou e, mesmo depois de um ano,

continua contra você. Mas não se preocupe, continue acreditando na mão que bate em seu ombro, daqui a pouco ela te empurra do penhasco. Eu só quero ver quem é que vai estar ali depois disso acontecer... — Ignorei o escárnio no seu tom de voz.

— Quem quer me destruir? — Ela ergueu os ombros em sinal de pouco caso, olhando para a paisagem e cruzando os braços.

— Eu não sei. É informação sigilosa e não dizia respeito ao meu setor. — Os olhos azuis voltaram para mim.

Pela primeira vez, eu não consegui decifrar totalmente o que ela sentia. Mas eu podia tocar naquela áurea de desapego que ela estava envolvendo o quarto. Eu já não era mais alguém por quem ela queria lutar.

— Eu agi errado por um tempo, Nikos. Não acertei em todas as partes da nossa relação e, se não te contei isso antes, é porque era mais perigoso para você ficar sabendo do que ser mantido na ignorância de algo que eu já tinha resolvido. Mas mentira tem uma perna muito curta, não é? Está aí sua verdade. — Seus olhos faiscaram enquanto ela estendeu a pasta de volta para mim.

Era possível eu me sentir culpado pelo o que ela tinha feito? Pior, era possível que ela estivesse certa? Ninguém responderia minhas perguntas. Era fato que eu tinha que pagar para ver.

E Zoé já não tinha interesse em me defender. Se me sacrificar era poupar as meninas, ela esfregaria sangue na minha

roupa e me jogaria aos leões. Perdi a significância e o valor. E doeu mais do que a perspectiva de ter sido traído.

— Eu vou ficar, Nikos. Eu sei demais, já trouxeram seus segredos de volta e agora eles vão usá-los contra você. Eu vou ficar por Alanis e Isis, vou protegê-las com todo esse espírito maternal que elas despertaram em mim. Eu vou ficar para ver você descobrir quem te traiu de verdade e ter o desgosto de ter que se desculpar comigo.

Lá no fundo, eu sabia que isso aconteceria.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Crítica Pessoal ao Creme Inglês: estava
doce demais.*



μοναξιά • Solidão

Eu não sentia o mínimo prazer em ter que fazer o papel de megera fria que não se importava com Nikos. Porque, sim, eu me importava e me doía perceber que nossa relação era tão superficial ao ponto de, em uma situação como essa, a gente não conseguir colocar pingos nos is sem deixar as acusações de lado.

Durante toda a nossa conversa, nossos dedos estavam apontados. Ele não abaixou a guarda, eu também não. Nem baixaria, eu sabia disso. Não era do meu feitio ceder em todas as situações. Muito menos em uma como essa.

Me levantei da cadeira que servia com um banco de réu, não me prestaria aquele papel. Ignorei que Nikos me seguia

com os olhos e fui ao meu objetivo.

Procurei minhas roupas dentro da mala e separei um dos vestidos que havia levado para usar nas noites de Mykonos. Eu tinha feito tantos planos, com tanto cuidado e eles se esvaíram como fumaça. Mas não definitivamente. Eu ainda era a Zoé festeira, casca grossa e que tira a poeira dos ombros depois das diversidades.

Para me atingir, precisaria de muita coisa a mais do que um homem amedrontado que atacava tudo o que via pela frente.

Eu sentia que não perdoaria Nikos por isso, não pela frieza em que atacou dentro do quarto. Ele, que tanto quis falar sobre proteção, não se esforçou para me proteger do próprio ódio. Eu entendia sua

revolta, mas esperava racionalidade de uma pessoa em perigo como ele com duas filhas que dependiam da sua inteligência na hora de analisar as circunstâncias.

Bem, eu não fui criada para ser capacho de ninguém.

Fui a única filha em uma casa de homens gregos, protegida, amada e não seria um único homem que acabaria com toda a auto-confiança que minha família construiu em mim.

Eu chorei, obviamente, porque era triste me desiludir. Chorei porque sabia que aquilo era consequência de um erro meu. Mas eu não estava totalmente errada, não sozinha, e também corri atrás de consertar o que eu tinha feito.

Mas se Nikos me queria como

PERIGOSAS ACHERON

alvo de suas frustrações, ele não teria. Eu só colheria o que plantei, nada além disso. Não seria culpada pelo deslize de ninguém e muito menos por uma pasta de mentiras que ele veementemente acreditava se tratar da mais pura verdade.

Me vesti no banheiro, usando a porta divisória do quarto como escudo. Minha fragilidade só seria mostrada em solidão. Era dever unicamente meu lidar com aquela parte de mim. Ninguém mais teria acesso. Nunca mais aquela parte seria atacada e usada como instrumento de tortura. Eu voltaria a ser completamente dona dos meus sentimentos.

Parei diante do espelho oval com meu nécessaire nas mãos. Meu rosto refletia o quão custoso tinha sido os

últimos momentos. Pálida, perplexa e triste. Não. Essas três palavras idiotas não iriam definir minha expressão.

Como sempre, minha maquiagem era minha máscara. Nada podia me atingir se eu estivesse usando um batom vermelho. E foi isso o que eu fiz, como um guerreiro medieval vestindo sua armadura e pintando seu rosto. Essa era eu. A Zoé confiante, dona de si e independente. Do alto dos meus saltos, eu era imbatível.

Respirei cuidadosamente antes de abrir a porta que daria acesso à fera indomada com quem eu tinha me casado. Sentado na beirada da cama, ainda com as roupas da viagem, Nikos firmava aqueles olhos verdes em mim. Queria ver minha alma, julgar se eu merecia piedade. Pois

bem, dele eu não queria nada, nem um olhar atravessado e muito menos um pedido de desculpa imediato.

Dei a ele o que pensar, só depois disso queria o que me era de direito.

Todo o orgulho, esquecido no momento em que supliquei para dar minha explicação, estava de volta. E nunca mais iria embora.

— Estou saindo. — avisei enquanto organizava algumas coisas em minha bolsa.

— Aonde você vai? — Me abaixei para calçar o sapato rapidamente e o respondi:

— Pede para o Giannis investigar e te dizer. — Girei a maçaneta e não

esperei que ele respondesse. A porta bateu atrás de mim.

O corredor dos quartos era estreito, parecia que uma parede e a outra se prensariam contra mim. Passei apressada por ali e desci as escadas com facilidade. Quanto maior a distância que eu colocasse entre mim e Nikos, mais aliviada eu ficaria.

Inicialmente, eu apenas andei pelas ruazinhas brancas. Sem um objetivo, sem ter para onde ir. Eu estava variando entre a determinação de me manter fria e a solidão que eu sentia naquele momento em que devia estar vivendo em plena felicidade.

Me sentei em uma mesinha externa de um bar, puxei meu celular e liguei para Apollo.

— *Adelfi!*^[5] — Sua voz me atendeu animada do outro lado. Apoiei o rosto na mão e o cotovelo na mesa.

— *Adelfós...*^[6] — As lágrimas caíram livremente antes de eu começar a falar e os minutos seguintes eu gastei descrevendo entre meu choro tudo o que tinha acontecido desde que chegamos à ilha de Mykonos. Era a segurança de contar com o irmão mais velho para ser consolada naquela hora ruim. — Eu não sei o que fazer!

Do outro lado da linha, apenas o silêncio. Do lado de cá, meus soluços.

— Querida, me escute e se acalme. — Respirei fundo limpando meu rosto com as pontas dos dedos e olhando pela primeira vez para dentro do bar. —
PERIGOSAS ACHERON

Você ainda é minha irmãzinha, entende o que eu quero dizer? Seja um joelho ralado, uma nota baixa, um namorado ruim, você sempre pode contar...

— Com o abraço do meu irmãozão. — Foi reconfortante poder me lembrar de toda a proteção que eu tinha desde a infância. — Obrigada por me ajudar. Ligo para você depois!

Gastei algum tempo me acalmando. Puxei um dos guardanapos de papel do centro de mesa e limpei meu rosto.

Olhei mais uma vez para o interior do bar. Duas mulheres conversavam animadamente no balcão. Tudo o que eu precisava, uma boa conversa feminina regada a bebida alcoólica e desabafo.

Quando dei por mim estava me sentando ao lado delas sendo encarada pelo balconista enquanto ele me perguntava o que eu queria. Paz de espírito e um marido menos cabeça dura ele não podia oferecer, então pedi:

— *Ouzo*^[7], por favor!

— Uma moça de coragem! — A que estava mais próxima de mim comemorou levantando o próprio copo. — Vai beber tudo sozinha ou quer dividir?

— Vamos dividir, hoje eu estou generosa. — Puxei um cardápio esquecido em cima do balcão. Pelo cheiro do ambiente, a comida era boa. Depois de conhecer Nikos, ele tinha me ensinado como conseguir encontrar uma boa refeição em qualquer lugar do mundo. E eu estava

fazendo isso porque, como podemos perceber, é bem mais difícil ignorar a vivência com o próprio marido do que parece. — Um *souvlaki*^[8], também, com *tzatziki*^[9].

— Também está com apetite... —
A mulher ao meu lado comentou.

— E com raiva. — A amiga completou me fazendo olhá-las com mais interesse. Era hora de começar a desabafar. Talvez, se eu falasse com mais alguém além de Apollo, eu poderia deixar a dor um pouquinho de lado e lidar com a lógica.

— Eu estou em lua-de-mel... —
Falei para que as duas pudessem ouvir e encarei a garrafa que o balconista colocou diante de nós. Eu já estava virada, receptiva a conversa delas.

— Ah, sim. Raiva do marido. Isso tem cara e cheiro de raiva do marido. — A do lado de lá se esticou e serviu o *ouzo* para nós três. O líquido ficou leitoso assim que entrou em contato com o gelo me fazendo reconhecer que agora não tinha volta. Com aquela bebida servida, ou eu me abria para conversar ou seria a grega mais estranha daquele bar.

— Como sabe? — indaguei.

— Eles são quase sempre iguais. Com manias, atitudes e detalhes que nos tiram do sério. — Ela bateu a mão espalmada no balcão.

— Marido é a origem das dores de cabeça e a cura delas.

— O bem e o mal em uma só pessoa.

— É com eles que a gente aprende a enxergar o pior dos outros, principalmente o pior dele. — Aquilo parecia mórbido...

— E faz a gente amar e odiar e querer quase matar e depois cuidar dele quando ele tiver se recuperando da sua tentativa de quase assassinato. — Realmente, muito mórbido.

— Não, Frida, isso é psicopatia.

— E não é isso que eles nos tornam? Psicopatas?

— *Theos*^[10]! A moça acabou de se casar, você está a assustando! — Elas realmente estavam. Seguindo a perspectiva das duas, eu tinha começado errado e terminaria pior.

Ouvi o banco do meu lado esquerdo ser arrastado enquanto Frida e a outra amiga, que eu descobri se chamar Zara, embarcavam em uma discussão sobre a melhor abordagem do casamento. Naquele momento, nenhuma atitude que elas sugeriam parecia realmente ser a ideal.

Olhei para a nossa nova acompanhante. Olhos verdes femininos ladeados por uma maquiagem leve me encaravam como se me estudasse. Era uma mulher da mesma faixa etária que a minha mãe, o que me fazia pensar em algo que remetesse ao acolhimento. Logo estava dando total atenção ao que ela dizia como se tivesse recitando um provérbio bíblico.

— Existe um jeito de resolver qualquer discussão entre marido e mulher.

— A desconhecida declarou chamando atenção das duas do meu outro lado que se calaram imediatamente. O atendente serviu mais um copo com gelo enquanto ela criava suspense sobre a solução dos meus problemas.

— Qual? — Dei a largada.

— Já percebeu que as discussões acontecem pela falta de importância que nossos maridos dão à nossa palavra? Nós somos as chatas, que falam demais, que estão sendo negativas... Enfim. Nos tornamos aquelas que não devem falar nada. — Era um bom ponto.

— E então? — Frida perguntou.

— Mostre o quão importante é a sua fala.

— Como se faz isso? —
perguntei.

— Simples. Você já disse o que deveria ser dito, por isso brigaram. Agora aguarde ele perceber que você estava certa. Arrume seu lar, torne-o acolhedor, tire um dia para se embelezar e espere.

— Esperar?! Eu não posso esperar!

— Você vai aprender que pode sim. E aí, quando ele achar que sua guarda está baixa e você está disposta a ouvir o quanto ele fracassou, você vai preparar a vitória dele. — Rolei os olhos pegando o *souvlaki* que tinha acabado de chegar. Mordi e, já sem nenhuma compostura, virei mais um copo de *ouzo* para ajudar a descer.

— Meu problema não foi esse. —

Analisei minha discussão com Nikos antes de continuar — Bom, foi quase esse também. Mas não só isso. Eu fiz uma besteira, consertei a besteira e o amigo dele, que na verdade não é amigo de ninguém, manipulou a besteira que eu fiz. Eu sempre falei desse amigo, sempre avisei. E quando tentei me explicar, ele não deixou. Mas eu expliquei depois! Ah, se expliquei! Falei detalhadamente tudo o que aconteceu, joguei na cara dele o tipinho que Giannis é.

— E aí brigaram? — perguntou cruzando as mãos em cima do balcão. Lembrei de Alanis que tinha a mesma mania e aquilo fez meu coração apertar de saudade de qualquer tipo de conforto. Inclusive, conforto naqueles bracinhos

pequeninhos. Eu protegeria minha garotinha até daquele idiota do pai dela se fosse necessário.

— Bem, a briga já tinha acontecido. Eu fui pro banheiro, me troquei e saí. — Suspirei antes de dar mais uma mordida raivosa no *souvlaki*. — Não tem mais volta. Ele não me ama mais.

— Eu acho que você deve ir preparar a vitória dele. — A mão cheia de pulseiras tilintantes no pulso, pousou em meu ombro. — E não coma com tanta raiva, vai te fazer mal.

Aquele alerta... Coloquei a comida de volta ao prato e olhei para o meu copo quase cheio de *ouzo* pela terceira ou quarta vez, eu já não estava contando. De repente parecia que as similaridades daquela

mulher com quem eu conhecia já estavam funcionando como alertas.

— E ele te ama sim... — Frida se manifestou me tirando dos meus pensamentos — Só não deixe os sentimentos dele serem mais importantes que a sua segurança.

— Concordo. Se precisar, fuja. — Zara declarou.

— Ou me ligue. — A mulher desconhecida me ofereceu um cartão de visitas. — Consigo chegar em qualquer lugar rapidamente. Um grito e estou ao seu lado. Agora vá lá fora que seu marido está te olhando desde que sentou aqui.

Olhei pelas janelas do bar e encontrei Nikos encostado na parede do outro lado da rua me observando com a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça bem erguida. Suas sobrancelhas se levantaram em um sinal que eu sabia ser reconhecimento.

Meu Nikos. O peito até apertava ao saber que nossa relação tinha sido tão atrapalhada pela ambição de Giannis. Mas ele ia se ver comigo, ah se ia.

— Como sabe que ele é meu marido?

— Aquele olhar é de um homem quase arrependido.

— Nossa, ele é bem bonito! — Zara exclamou virando completamente em seu banco deixando óbvio para meu marido que ele tinha sido visto e era assunto da conversa.

— Bonitão mesmo!

A desconhecida apenas sorriu com pesar sem emitir uma opinião.

Olhei para o cartão onde com letras pretas estava grifado seu nome acima dos números telefônicos. Juno Vasalo.

Sorri para ela compreendendo tudo. Afinal de contas, eu descobri aquele nome nas minhas primeiras investigações.

Eu acabava de conhecer minha sogra.



Receita de Frappé

- Seis cubos de Gelo de café, contraditório o suficiente para você parar e pensar no que fez.

- Três bolas de sorvete de creme, com o mesmo gosto de infância e dos avisos da sua mãe para ser gentil com as pessoas.

- Três colheres de leite condensado, doces como carinho que já foi trocado por você e aquela pessoa.

- Um copo de leite, igual aos que a pessoa serve para sua filha com todo o amor que você já viu alguém dedicar ao outro.

- Uma fava de baunilha, para aromatizar todo aquele sentimento que você ousou deixar que contaminasse.

Bata tudo em um liquidificador até ficar homogêneo como o peso na sua consciência. Sirva com uma cobertura de chantilly para adoçar do mesmo jeito

PERIGOSAS NACIONAIS

**que você vai ter que fazer
para se redimir.**



PERIGOSAS ACHERON

οικογένεια • Família

Eu não devia ter tratado minha esposa daquele jeito.

Isso pipocava em minha cabeça de um jeito que eu queria pedir perdão a todas as mulheres do mundo por ter sido um marido ridículo no primeiro dia do nosso casamento e não ter ao menos ponderado as minhas atitudes, porque nenhuma delas foi algo inteligente. Hélène devia estar rindo de mim no túmulo enquanto sussurrava que me avisou.

Se eu sou um homem em perigo junto das minhas filhas, então confrontar quem abria essa brecha não era o tipo de coisa racional a se fazer. Enfim, Zoé certa ou errada, não me redimia da minha falta de precaução e tato.

Assim que ela passou pela porta do quarto, eu me levantei. Estava disposto a segui-la para zelar por sua segurança, mesmo de longe. Zoé não conhecia Mykonos, não era certo sair sozinha por aí. Muito menos se fosse fazer suas caminhadas desorientadas de quando está chateada.

Consegui a alcançar quando ela virou uma esquina e parou. Resolvi ficar alguns passos atrás observando enquanto ela olhava para todos os lados como se estivesse procurando algo. Aquela desconfiança geminada dentro de mim me fazia questionar se ela não tinha marcado um encontro com alguém ou estava tentando me entregar para qualquer pessoa.

Mudei meus pensamentos, a conta

não batia. Ela não tinha usado o celular em momento nenhum na nossa estadia dentro do quarto.

Vi que agilmente ela se esquivou de algumas pessoas e se sentou diante de um bar. As mãos foram direto para o aparelho dentro da bolsa que carregava.

Zoé usaria o celular e, novamente, eu senti que a raiva estava subindo quase me fazendo atravessar a distância entre nós dois e gritar com ela outra vez. Foi quando ela finalizou a ligação com lágrimas escorrendo pelo rosto e atraindo a atenção das pessoas em volta. Eu senti vontade de bater minha cabeça na parede outra vez.

Que tipo de marido eu estava sendo? Ela tinha toda razão de estar com tanto ódio de mim!

Em segundos a resposta veio para minha pergunta muda sobre o que se tratava o telefonema que ela deu.

Apollo me ligou. Era com ele que ela estava falando, não com algum dos "aliados" ou qualquer coisa parecida.

Mais uma vez, Zoé estava certa. Minha pouca fé nela podia machucá-la. Alguém precisava me parar antes que minha falta de confiança provocasse algo pior!

— O que você fez com minha irmã? — Foi a primeira coisa que ouvi assim que atendi a chamada.

Aquela irmandade da minha esposa com os outros quatro homens da família era quase assustadora. Parecia que a qualquer momento, ela poderia estalar os

PERIGOSAS ACHERON

dedos e eu seria espancado.

— Nada. Bom... Fisicamente eu não fiz nada.— Uma péssima resposta.

— Eu devo ficar aliviado porque você não bateu na minha irmã quando é a sua obrigação protegê-la?— Apollo gritou um palavrão — Onde ela está agora? Por que você a fez chorar, Nikos? Zoé nunca chora! — Passei a mão pelo cabelo nervoso com a perspectiva horrível das coisas que eu tinha feito com a minha mulher. Aquela que nesse mesmo dia, eu jurei amar e proteger.

— Nós discutimos por um assunto pessoal, Apollo. Já vamos nos entender novamente. — Isso era pensar positivo já que eu percebi que Zoé não facilitaria as coisas para mim. Não depois de ter

envolvido o irmão.

— Não me faça interferir no seu relacionamento, Nikos Vasalos. Ela tem cinco homens para protegê-la. Não vai sobrar muito de você se encostar um dedo nela ou transtorna-la psicologicamente. — Do outro lado, tudo emudeceu. Meu cunhado havia desligado para deixar implícita sua falta de simpatia e quebra de amizade.

Olhei para Zoé que enxugava o rosto com um guardanapo. Demorou segundos para ela se levantar e entrar no bar. Baguncei os cabelos ao perceber o quanto eu estava sendo afastado. Procurar por álcool não era do feitio dela. Frequentar bares também não.

Como homem, me preocupei. E se

lá dentro não fosse um ambiente familiar? E se algum cara tentasse alguma coisa contra ela? Aquela voz da desconfiança sussurrou: "e se ela tivesse um encontro de negócios com alguém lá dentro?".

Sacudi a cabeça mais uma vez, agora a irritação contra a minha pessoa era tão grande que eu poderia socar meu próprio rosto. Mudei de posição e fiquei diante do bar a observando.

Era um bar de família. Inclusive, aquele que parecia ser o *pappoús*^[11] me encarou do outro lado da rua. Na certa, estava achando que eu tinha má intenção com Zoé. Seu olhar atravessado dizia que, apesar de velho, ele entraria em uma briga para defender uma moça. Falando nela, vi que se sentou ao lado de duas mulheres e

pediu alguma coisa ao balconista.

Finalmente entendi do que ela tinha ido atrás. Foi buscar aquilo que eu não dei: conforto. No álcool e na conversa. E o entendimento disso doeu como um murro. Vi quando uma garrafa de *ouzo* foi servida, quando o *souvlaki* chegou e quando minha mãe entrou no bar depois de acenar para mim e se sentou ao lado da minha esposa.

O Theé mou^[12]! O que ela estava fazendo aqui?!

Meu impulso foi entrar lá também, me juntar a conversa e esclarecer de uma vez por todas que eu não tinha mais nada contra Zoé. Só para evitar o constrangimento que é ter minha *mitéra* envolvida em meus problemas.

Parece que mesmo depois do nosso laço ter sido oficialmente cortado por eu ter abandonado minha antiga vida, ela dava um jeito de aparecer.

Meu celular apitou mais uma vez e eu já estava ficando irritado com aquele aparelho. Dentro de mim, a vontade de jogá-lo na parede aumentava.

"Mitéra resolve. Beijos e abraços."

Não tardaria muito, mas um dia as mulheres conseguiriam me matar. Como ela estava sabendo dos meus problemas? E se ela estava envolvida, onde estava meu pai?

Mais uma notificação.

"É uma conversa de mulheres."

Não interrompa sua mãe. Ass: *Bampá*."

Comecei a procurá-lo por todos os lados. Parece que um homem ajudaria na minha morte também. Há quanto tempo ele não falava nada comigo? E como soube também?

Meus olhos vagaram até o fim da rua, onde ele estava de costas. Eu sabia que era ele. Não pela aparência, meu pai havia mudado muito nos últimos anos. Mas sim pela atitude. Aquela maneira de andar, de se vestir e até de disfarçar.

Eu não sabia porque ele e minha mãe haviam se envolvido no meu problema. Só entendi que estava satisfeito com essa intromissão e que, mesmo eu não sabendo o que realmente estava acontecendo, eles estavam me protegendo

de algo verdadeiramente grande.

O que eu podia fazer enquanto os dois agiam? Voltar para a suíte podia deixar Zoé com a impressão de que eu ainda me achava totalmente certo. Entrar no bar podia interromper algo importante para o nosso relacionamento. Ficar onde eu estava e aguardar a chance de fazer algo parecia a melhor das opções.

Cruzei os braços, me encostei na parede e esperei. Percebi que ainda estava sendo observado pelo *pappoús* e levantei a mão esquerda mostrando a aliança. Ele entendeu o recado e sorriu levantando um copo para mim em cumprimento. Devia ter compreendido que eu estava com problemas.

Como os maridos agem quando

estão errados? Com Hélène não era assim. Ela era tão calma e depois... Bom. Ela era diferente da Zoé explosiva que sabia palavrões em dezesseis idiomas. Não dava para comparar duas essências diferentes em uma mesma situação.

O que fazer para consertar o que eu tinha feito?

— Mime-a, seu grande idiota! —
Me assustei com a voz do meu pai enrouquecida pela velhice e perto demais sem que eu tivesse percebido sua aproximação — Aquela mulher livrou suas bolas de um jeito que você nunca vai conseguir compreender e você, burro do jeito que é, acreditou justo na pessoa que vai te apunhalar pelas costas. — Os olhos verdes dele faiscavam para mim, sua altura

ainda era comparável com a minha e as mãos pesadas de quem trabalhou a vida inteira em serviços pesados seguravam a gola da minha camisa.

— *Bampá...*

— *Bampá!* É tudo o que sabe dizer, Nikos? Criei um homem, não um covarde. Você pode ser cruel com todo mundo, mas as mulheres da sua família devem ser protegidas e tratadas com respeito. Você ouve até um ladrão quando ele te assalta, não vai ouvir sua esposa, infeliz? Tem momentos que eu paro para pensar como eu pude gerar um garoto tão imbecil! — Aquele era mesmo meu pai. O rosto enrugado era bem diferente do rosto da minha infância, mas ainda era o mesmo homem com seu jeito rude de corrigir e

amar.

Quase sorri enquanto ele me sacudia e xingava fazendo as pessoas nos olharem.

— Sua sorte é que a conversa com sua mãe será rápida! Ou eu aproveitaria esse meio tempo para dar a surra que você merecia. Sabe o que é esse desvio de caráter seu? Foram os tapas que eu dei e você conseguiu desviar! Se tivesse levado, não agiria assim! Ouça bem o que vou falar, Nikos: valorize essa mulher e a proteja até mesmo de você. Tem coisas grandes acontecendo. — Me soltou finalmente.

— Como soube o que fiz com ela?
— indaguei já sabendo a resposta.

— Interceptamos a ligação para o
PERIGOSAS ACHERON

irmão, obviamente. E estamos investigando aquele filho da puta do Giannis há um bom tempo. Quando percebemos o que ele podia fazer contra Zoé... Bom, não conseguimos interferir! Afinal de contas, meu filho desnaturado não apresentou a esposa para mim. Nem mesmo as minhas netas eu conheço. *Kolotripida!*^[13] Malaka!^[14]

— *Bampá*, as regras...

— Que se foda as regras! Eu sou o chefe, eu resolvo o que é certo e o que é errado! Quem disse que meu filho não pode falar comigo? *Na mou klaseis ta'rxdia!*^[15]

— Ele respirou fundo tentando se acalmar.

— Conquiste o perdão da sua mulher. Eu e sua mãe tentaremos resolver o resto.

Diferente de antes, ele pousou a mão no meu gosto dando dois pequenos

PERIGOSAS ACHERON

tapas. O olhar dizia tudo: ele ainda iria aparecer de novo.

Voltei para minha posição de guarda enquanto Herod Vasalos, meu pai, sumia mais uma vez.

Era possível essa noite se tornar mais estranha?

Zoé, depois de se levantar, caminhava em minha direção. Seria sempre assim? Quando ela olhasse para mim, eu ficaria tão hipnotizado que agiria feito um idiota? Seus olhos tão claros brilhavam de fúria controlada. Minha esposa queria me matar e aquilo me divertia ao mesmo tempo em que me satisfazia. Mesmo que fosse raiva, era melhor do que indiferença.

Ela se aproximou de mim, mas não deu indícios que me tocaria ou algo

PERIGOSAS ACHERON

parecido. Eu compreendi, teria que lutar pelo perdão dela.

— Quero ir para casa. Para Santorini. — murmurou enraivecida.

Mal sabia ela que qualquer coisa que me pedisse naquele instante, eu daria. Eu já estava como ela queria: ajoelhado aos seus pés.



*Crítica Pessoal ao Frappé: não foi
suficiente.*



εξοικείωση • Familiaridade

Eu nunca, em toda a minha vida, fiquei sem saber o que fazer. Quando saí do bar e resolvi seguir a tática que Juno havia me proposto, eu não pensei em planejar ou determinar um foco. Só queria sair dali, arranhar o rosto de Giannis e, se me restasse unhas, fazer o mesmo com o Nikos.

Porém, como tudo o que deve ser feito na vida, eu parei para pensar nas minhas próximas atitudes.

Antes disso, eu só pedi para voltar para casa. Pedi não, avisei qual era a minha vontade. Quando voltamos ao hotel, eu revisei nossas bagagens, guardei umas coisas que eu tinha tirado da mala, ainda na

expectativa da irritação de Nikos ser por algo superficial, e me preparei para dormir.

Decidi não contar a ele sobre a visita da mãe. Se a confiança dele já era pouca, eu não faria questão de lutar para parecer alguém merecedora dela. Sem citar o fato que a minha sogra poderia me ajudar em alguma emergência com Alanis e Isis. Então não, eu não entregaria minha carta na manga.

— A mulher com você no bar... —
Tarde demais.

— O que tem ela? — Eu já estava deitada, de costas para ele que permanecia com a luz do abajur acesa e sentado na cama.

— Era minha mãe.

Suspirei resignada. Parece que nada mesmo sairia do jeito que eu queria. Me levantei e sentei, ainda sem encará-lo de frente.

— Eu sei. Ela me deu um cartão.

O silêncio pairou entre nós dois, a desconfiança estava deitada entre nós ali naquela cama. Começamos um casamento do jeito mais errado da história e não me surpreendia se não fôssemos tão longe.

— Tem tempo que eu não tenho contato com ela, Zoé. — Murmurou e eu senti que seu rosto estava virado em minha direção — Eu já não sei o que fazer, mas duas pessoas me disseram para confiar em você. Sinceramente, não sei se devo fazer isso.

— Então não faça. Só não espere

que eu confie em você. — Apertei meus joelhos com as mãos tentando controlar meu nervosismo.

Novamente, não falamos nada. Apenas se ouvia nossas respirações no quarto até ele voltar a tentar puxar uma conversa.

— Você precisa entender meu lado... Se você não tivesse explicado, aqueles papéis eram provas consistentes. Mas você explicou, refutou cada um dos argumentos que eu poderia ter criado. Eu errei, eu sei. Só que eu sinto que você deveria ter me contado que pediu demissão, que tinha alguém me investigando, que trabalhava com aquilo, que Giannis...

— Eu estava com medo, Nikos!

— Olhei por cima do ombro — Eu não

sabia até onde aquele filho da puta tinha ido, mas eu já sabia de tudo. Sobre sua família, o seu passado. Eu sei que seus pais são agentes federais, sei que você era treinado na adolescência para seguir os passos deles. Eu sei que eles têm diversos inimigos que se souberem de você e das suas filhas, como da última vez, podem fazer ainda pior. Só que eu sou uma só, eu vou fazer o que julgar melhor. Se você sempre esperar o pior de mim e ouvir a primeira crítica ao meu respeito, eu não vou poder fazer muita coisa por você.

Limpei as lágrimas que começaram a cair.

Meus dedos tremiam levemente deixando evidente que meu estado de nervos estava ainda pior do que eu pensava.

— Eu não sou sua primeira esposa. Não vou colocar a gente em perigo por puro descuido. Só que eu preciso que você deixe a desconfiança de lado. Você nunca me contou toda a verdade, sabia disso? Isso só evidencia que estava esperando eu cometer um deslize ou testando se eu realmente era uma boa mulher com quem podia confidenciar os seus segredos. Eu tive que descobrir sozinha o que aconteceu no seu passado. Tive que ir atrás das informações que você decidiu não me dar. — Levantei e comecei a andar pelo quarto. — Isso me machucou, Nikos, de uma forma que eu nunca quis te machucar.

Em minha cabeça, todas as informações sobre os pais dele, a morte da

esposa, as ameaças e tudo mais, ficavam flutuando esperando a chance de serem usadas.

Ele me encarava com aqueles olhos verdes expressivos ainda mais destacados pela meia-luz. Aguardava eu dar uma brecha para ele começar a falar, para poder se explicar também.

Demorou um tempo infinito até que a palma de sua mão batesse contra o espaço vago do colchão ao seu lado. Um convite mudo para uma conversa longa como as outras que a gente gostava de ter depois de colocar as meninas na cama.

— Quando eu nasci, a minha mãe deu uma pausa na carreira. A gente nunca teve uma casa fixa. Claro, existiam as propriedades dos meus pais, mas a gente

nunca podia morar por muito tempo no mesmo lugar. Eu não tinha muitos amigos, estudava em casa e minhas companhias eram duas irmãs e um irmão mais novo. — Um suspiro — Você vai conhecê-los, eu não vou mais te afastar da parte real da minha vida. Quando eu decidi não seguir mais os passos do meu pai, ele não se decepcionou. De certa forma, eu sempre fui um cara que zelava por estabilidade. Eu queria ter uma casa, queria ter um emprego tranquilo, tempo para pescar, poder planejar uma viagem com meus filhos. Enfim. Mas como um agente, eu nunca teria tempo para isso. Não no segmento em que meus pais trabalhavam e que eu era treinado para participar.

Ele ajeitou uma mecha do meu

cabelo atrás da minha orelha, deslizando os dedos pelo meu queixo, pescoço, até parar na alça da camisola que eu vestia.

— Eu finalmente encontrei segurança. Tenho certeza que minha mãe entregou a você um cartão assinalado Juno Vasalos. Esse nome é algo pessoal. Você ser a *kyriá*^[16] Vasalos é aceitável, ela se apresentar assim não. Não há registros dos meus pais por aí. Se você pegar minha certidão, será a mesma de uma criança abandonada, sem passado. Esse era o preço que eu tinha que pagar para poder construir sozinho um futuro. O problema, *bonsón*^[17], é que existem pessoas interessadas em chegar até meus pais. Eu sou a vulnerabilidade deles. Quando pensei no que você podia ter feito, a minha

preocupação principal era você ter atraído uma pessoa em específico...

— Quem? — perguntei.

— Marcius Stefanos, representante grego de uma máfia que tem sido atrapalhada pelos meus pais há um bom tempo. — Respirei com pesar. Poderia ser esse homem por trás da encomenda com a Speak. Se Giannis soubesse que Nikos era filho dos agentes federais, poderia tentar fazer uma matéria "engrandecendo" meu marido, mas que na verdade estava expondo ele a um risco.

"Prepare a vitória"

Pude ouvir a voz de Juno me aconselhando. Era engraçado perceber como uma mãe agia para proteger os seus.

Ergui a cabeça deixando que a paranóia do perigo me atingisse. E se Alanis e Isis estivessem em perigo agora mesmo?

— Nós precisamos ir para casa. — murmurei amedrontada. — Precisamos ficar com as meninas, afastar Giannis e a Speak.

— Zoé, a primeira coisa que vamos fazer será seguir tudo o que você planejar. Quanto a Giannis, tão logo a gente se encontre, ele ganhará um soco para aprender a nunca mais colocar alguém contra a própria esposa. E, eu sei que você não me perdoou totalmente, mas quero que saiba que vou consertar o que eu fiz. Assim como você consertou o que fez.

A concordância com a cabeça foi

a última forma de comunicação que eu lhe dirigi. Nos segundos seguintes, eu me deitei pronta para dormir, mas passei a noite em claro.

As teorias destrutivas não me deixavam em paz e eu só poderia respirar aliviada quando chegassem em casa e visse que tudo estava na mais perfeita ordem.

A viagem de volta para Santorini foi tão longa quanto minhas preocupações permitiram. Ainda naquela manhã, acordamos bem cedo para pegar a primeira aeronave. Meu nervosismo era tanto que o voo me provocava enjoos mais fortes do que quando fomos para Mykonos.

Dessa vez, Nikos estava ao meu lado. Atencioso e protetor. Tentava de todas as formas se redimir da lua-de-mel

interrompida.

Eu sabia que devia perdoá-lo, mas o meu lado dominante que gostava de fazer as pessoas pagarem pelo o que cometeu não facilitaria para ele. E eu me divertia com isso. Enquanto eu preparasse sua vitória, ele prepararia todos os mimos que eu merecia.

O sol despontava no céu e eu observava tudo à minha volta de dentro da aeronave. De vez em quando conferia o celular, mas a falta de sinal não trazia nenhuma novidade além da foto de Alanis e Isis adormecidas lado a lado depois de um dia repleto de brincadeiras com meus pais.

Eu estava com tanta saudade das duas, precisava abraçar aqueles corpinhos

pequenos e sentir aquele cheirinho de bebê para ser confortada. Finalmente confortada. Juntar todos os caquinhos que ainda estavam fora do lugar e ficar pronta para a mais nova batalha que apareceu na minha frente.

Eu sabia que Giannis tentaria ser covarde, sabia que ele jogaria sujo. Não entendi a estratégia por trás na hora de me fazer brigar com Nikos, mas isso precisaria de atenção dobrada.

O fato é que sozinha eu não conseguiria lutar contra aquele filho da puta, mas com os aliados certos...

Como diz o ditado: os inimigos dos meus inimigos são meus amigos.

Ele devia achar que eu daria uma de Madame Bovary, confessaria meus
PERIGOSAS ACHERON

crimes e me mataria. Bom, ele não me conhecia. Eu não escrevo cartas, escrevo sentenças. E a dele estava assinada.

Era de destruidor que ele queria brincar? Tudo bem, eu ensinaria como se quebra estruturas.

Ninguém coloca minhas crianças em risco.

Ao longe, consegui ver Santorini brilhar contra o céu. As igrejas de telhado azul, as casas brancas e o pequeno aeroporto onde ficaríamos.

— Estamos chegando...

— Sim. Eu percebi. — o cortei tão automaticamente que uma pontada de remorso cruzou meu coração.

Alguns minutos se passaram até a

gente poder descer. No saguão, meu pai estava com Isis no colo enquanto uma Alanis saltitante segurava a mão da minha mãe. Não demorou nada para ela se soltar e vir correndo em nossa direção.

— Mamãe! — Aquela palavra saindo da boca daquela coisinha pequena assinalava tudo. Eu tinha um novo papel para exercer. E, como uma boa mãe, eu afastaria os monstros dos pesadelos das minhas filhas.



Receita de Crème Brûlée

- Cinco gemas, protegidas como sua família deveria ser.
- Três quartos de uma xícara de açúcar, para adoçar até a mais brava das criaturas
- 100 ml de leite integral, sem filtrar, como uma conversa com gente que tem intimidade com você
- 350 ml de creme de leite fresco, parecido com os dias em que você se sente no seu lugar ideal
- Uma colher e meia de essência de baunilha, para perfumar o ambiente da reunião familiar
- Açúcar granulado para caramelizar tudo o que vai acontecer.

Bata na batedeira as gemas com o açúcar, em velocidade alta, até obter um creme bem claro, parecido com uma conversa que começa mal,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas termina em risadas.

**Junte o creme de leite, o leite
e a baunilha, sem bater,
misture bem, e deixe
descansar por alguns
minutos, como aquele tempo
que a gente precisa tirar
longe dos nossos familiares
para não se envolver em
discussões.**

**Retire a espuma que se
formar e distribua em seis
refratários. Leve ao forno pré
aquecido, em banho-maria,
por cerca de quarenta
minutos ou até firmar,
perceba a similaridade
daquilo com sua situação
atual.**

**Deixe esfriar e leve à
geladeira por seis horas, vai
esfriar como quando sua
esposa diz um sonoro não
depois de você tentar investir
em algo mais. Polvilhe açúcar
sobre toda a superfície e
caramelize com um maçarico
culinário até formar uma**

PERIGOSAS ACHERON

**casca. Depois use a mesma
tática na sua relação, você vai
precisar.**



εκδίκηση • Vingança

Não existe um homem que possa ser mais cruel com você do que seu sogro.

Depois de ter passado aquela euforia inicial da nossa chegada, Isis se acomodou no meu colo como a garotinha folgada que era enquanto Alanis e Christina, minha sogra, monopolizavam a atenção de Zoé.

— *Bampá...* — Olhei para a garotinha no meu colo. O tempo estava passando rápido, Isis já estava crescendo, mas, infelizmente, ainda não sabia usar seu charme como a irmã mais velha fazia para me livrar de situações constrangedoras. — Zouzou está indo... — Minha esposa seguia pelo saguão sem nem me encarar uma segunda vez.

Enquanto isso, Aurelius fixava em mim os olhos azuis, idênticos aos que minha esposa tinha herdado. Eu sabia o que viria a seguir.

— Apollo me ligou ontem de noite.

Estava plantada a discórdia. Segurei a respiração pensando muito bem antes de responder.

O lado ruim de uma família muito próxima é que um problema nunca é de um só se algum outro membro fica sabendo.

Zoé contou para Apollo que contou para Aurelius que provavelmente convocou todo o exército Malipiero formado pelos outros filhos, noras, netos, avós e quem mais estivesse disposto a interferir.

Um caso familiar sempre parecia uma festa para todos os gregos, ou uma batalha épica. Depende do ponto de vista.

— Ele também me ligou. Eu e ela...

— É um problema de casal. Não quero saber os detalhes, quero a solução.
— Pigarreei enquanto Isis repetia "solução" quantas vezes pudesse para tirar gosto da nova palavra aprendida.

— Zoé é um pouco difícil, o senhor sabe. — Tentei fazer parecer uma piada enquanto andava lado a lado daquele homem que ainda tinha o cenho franzido.

— Isso não me importa, eu não coloquei uma arma na sua cabeça para você ir até a minha porta para pedi-la em casamento. Fez porque quis. Casamento

tem os lados ruins e os bons, ou você aprende a lidar com eles ou viverá com uma esposa irritada. Isso se tiver uma esposa daqui um tempo. Conhecendo minha menina do jeito que conheço, acho melhor te avisar que ela não tem amor nenhum às causas perdidas.

— Que engraçado! — Isis comentou entre risos batendo palmas. Essa garota tinha alguma coisa contra o próprio pai. Não era possível.

— Não será tão engraçado quando a mamãe for embora, Isis... — sussurrei para ela.

— Já foi — Apontou para Zoé ainda andando muito adiante. — Ah, barba! — Aqueles mini-dedinhos puxaram os pelos do meu rosto me lembrando do quão

malvada o pinguinho de gente que eu chamava de filha podia ser.

— Muito bem, pequena Isis! —
Meu sogro elogiou e apressou o passo para ajudar a minha mulher a organizar as malas no carro de bagagens. Olhei para a criatura sorridente no meu colo.

— Você podia ser leal ao seu *bampá* uma vez na vida!

— Eu sou. Leal, leal, leal. Que engraçado! — Novas palmas batidas e risadas dadas.

A levei rapidamente para o meu carro nos esperava.

Todos se acomodaram e eu pude dirigir em silêncio.

Não demorou muito até meu

restaurante aparecer depois de algumas ruas atravessadas. Zoé estava ao meu lado sentada na parte da frente, mas não falava comigo. Isis e Alanis apertadas entre os avós e o mesmo clima dramático e pesado nos rodeando desde o avião.

Eu soube exatamente como Zoé se sentiu no caminho para Mykonos.

As portas foram abertas me dando poucos segundos sozinho. Eu ainda teria que caminhar muito para reconquistar tudo o que perdi por ter confiado em Giannis.

Resolvi sair também pegando as malas para levar para dentro.

Como eu sabia, o circo estava armado. Apollo, Leo, Giorgios e Theo estavam sentados em posições estratégicas na sala de estar enquanto Marina, a esposa

PERIGOSAS ACHERON

de Apollo, e os seus filhos preparavam alguma coisa na cozinha.

— *Kaló apógevma!*^[18] — Alanis entrou gritando e correu para o colo do tio mais novo. — Faz aquele negócio da moeda de novo?

Theo tirou uma moeda do bolso e fez truque de desaparecer e aparecer atrás da orelha para delírio da loira.

— A melhor parte é que a moeda fica comigo no final! — Um euro mais rica, ela saiu saltitante em direção à cozinha.

Muitos pares de olhos azuis me fitavam friamente. Zoé passou por mim soltando uma risadinha e seguindo todas as mulheres da família que resolveram me

deixar sozinho. Inclusive Isis, a traidora principal, que passou orgulhosa no colo da avó dando um tchauzinho animado.

Eu sabia o quanto iria sofrer com aquela ali quando chegasse na adolescência.

— Aparentemente, vocês chegaram mais cedo da lua-de-mel... — Leo começou. Parecia ser sempre ele quem dava a largada para os outros começarem a falar o que queriam.

— Cedo até demais. — Giorgios continuou se levantando da poltrona...

— O que aconteceu exatamente? — Era quase impossível ignorar o sarcasmo na voz de Theo, mas fiz isso. Fiz por Zoé que observava tudo atentamente da cozinha esperando um deslize meu para ter

certeza quando desistisse de tudo.

— Um problema conjugal, erro meu. Já vamos nos acertar. Com o tempo e a conversa certa... — Ela até tentou disfarçar o meio sorriso, mas eu já tinha o visto. E estava disposto a continuar cultivando outros ainda mais espontâneos que aquele.

A tarde passou devagar e custou até todos irem embora.

Parece que quando todos os parentes chegam, não querem mais nos deixar. Só foram depois de muita piada jogada para cima de mim envolvendo a lua-de-mel que acabou rápido demais. Definitivamente, meu sogro e meus cunhados não eram meus amigos.

Ao contrário da minha sogra que
PERIGOSAS ACHERON

antes de sair, pousou a mão no meu rosto e murmurou:

— Aquela ali precisa de doce. Trate-a bem que logo vai te perdoar. Eu estarei aqui para te ajudar.

Agora, no fim da noite, eu coloquei Isis em seu berço enquanto Alanis e Zoé viviam aquele momento das duas regado a leite, biscoitos e conversas.

Ajeitei o cobertor em cima da mais nova. As bochechas coradas denunciavam que o dia tinha sido divertido para ela. Apoiei os braços na grade para observá-la enquanto dormia. Das duas, era a mais parecida comigo.

A personalidade descontraída, a cor dos olhos e cabelos, o interesse pela culinária. Eu já sabia com quem eu teria

PERIGOSAS ACHERON

que ter cuidado com proximidade de fogão e panelas de óleo quente.

Passei as pontas dos dedos no rostinho redondo. Ela ainda era tão nova quando Heléne se foi e era tão apegada a Zoé. Eu devia ter avaliado melhor minhas atitudes antes de ter colocado minha relação com minha esposa em risco.

— Boa noite, *kóri mou*^[19].

Desliguei as luzes deixando apenas o abajur de unicórnios aceso.

Desci as escadas devagar pegando ainda no ar o final da conversa das duas.

— E você me promete que nunca vai embora?

— Florzinha, eu vou ficar aqui para sempre. Junto de você, da sua irmã e

do papai. — Suspirei aliviado ao perceber que não fui excluído da lista. — Mas me prometa mais uma vez que vai tomar cuidado com o tio Giannis.

— Prometo sim! Mas e você? O que vai fazer?

— Vou fazer uma surpresa para ele... — Alanis riu abafando a boca com a mão. Observar as duas conversando me fazia lembrar todos os porquês de ter pedido aquela mulher em casamento.

Mais tarde depois de colocar a última garotinha na cama, eu e ela caminhamos até nosso quarto. Zoé na frente, eu atrás observando seus músculos tensos, os cabelos presos em um coque e o pescoço bonito aparecendo.

Ela ainda demorou bons minutos

dentro do banheiro enquanto eu, que já havia tomado banho, apenas troquei a roupa e me deitei na cama, olhando para o teto com os braços cruzados atrás da cabeça.

Eu entendia o que ela estava fazendo. A mágoa já não era na mesma intensidade de antes, mas, como toda mulher, ela queria passar por aquela fase em que eu deveria me redimir a mimando de todas as formas possíveis.

E, claro, eu seria torturado até satisfazer suas expectativas. A camisola, o perfume, o cabelo jogado para o lado e até o jeito de deitar dedurava que o jogo dela já tinha começado.

Pobre de mim. E que filho da puta burro que eu fui. A essa hora, era para

gente estar mostrando para Mykonos como se faz uma lua-de-mel em grande estilo, alugando barco, transando em alto mar e tudo o mais.

Mas eu deixei de lado todo o treinamento que já tive na vida para ouvir um infeliz que só queria minha cabeça para entregar aos lobos. Maldito Giannis. Toda porrada do mundo seria pouco para ele.

Me virei para Zoé, passando as costas dos dedos pela coluna até onde a camisola desnudava. Senti quando sua respiração se tornou mais ofegante e me aproximei ainda mais.

— Nem tente.

E, claro, a vingança viria a galope. Ri e beijei sua nuca antes de apertá-la em um abraço e afundar meu rosto entre seus

PERIGOSAS ACHERON

cabelos cheirosos.

— Judia de mim. Eu mereço.



**Crítica Pessoal ao Crème Brûlée: não foi
doce o suficiente.**



έκπληξη • Surpresa

O melhor de estar em casa era saber que todo nosso cotidiano não seria tão alterado quanto nossa relação. Era uma segunda, dia ideal para garantir algum dinheiro dos poucos turistas naquela temporada. Nikos abriria o restaurante e eu ficaria com as meninas, como sempre. Da varanda da casa, construída acima do estabelecimento, eu conseguia ver quem chegava e quem saía.

O horário de levar Alanis na escola chegou e eu segui carregando Isis no colo e de mãos dadas com a loirinha até o portão do colégio onde, como sempre, ela me deu um beijo na bochecha e correu para a fila de alunos da sua turma. Do lado de fora, eu acenava.

Ela havia crescido tanto desde que a vi pela primeira vez. As marcas na porta do quarto dela mostravam regularmente os centímetros que ia ganhando. Quanto a pequena no meu colo, ainda tinha muito o que se desenvolver, mas já estava bem diferente também.

— Zouzou, peixe! — gritou apontando para a faixa de água que aparecia entre as vielas da calçada em que eu andava.

Diferente da irmã, ela não me chamava *mitéra*. Minha teoria era que ela não sabia que podia me chamar assim.

Isis ainda era bem pequenininha quando a mãe morreu, nem sabia falar. Custaria tempo até ela entender que eu também podia cuidar dela como Hélène

fazia, mas eu também estava sendo compreensiva. Afinal, uma mãe não é alguém substituível.

— Não, Isis. Aquele é o mar! — Parei em uma parte onde dava para ver melhor as ondas — Olha, a gente pode nadar ali, pode pescar, pode andar com um barco.

— Tem água! — exclamou animada.

— Sim, tem muita água! Mas hoje está frio, então o melhor é ir para casa, certo?

— Certo! — Ela acenou efusivamente com a cabeça fazendo seu capuz descer. Arrumei melhor seu casaquinho e continuei caminhando.

Não demorou muito até a gente voltar para o aconchego da casa quentinha. Deixei a pequena sentada no tapete da sala com alguns brinquedos e peguei meu notebook tentando entender como Giannis teve acesso às fotos que estavam guardadas ali. Comecei a procurar registros desenfreadamente. Ele havia apagado todo o histórico de navegação, até minhas contas logadas haviam sumido como se o navegador estivesse resetado.

Voltei a estaca zero sem ter como saber por onde buscar.

Juno Vasalos.

O nome brilhou em minha cabeça como se tivesse luzes neons apontando o caminho. Se eu tentasse contato com ela pelo meu celular... Não. Provavelmente ele

estava hackeado ou grampeado. Precisava ter cuidado.

Certo, eu poderia lidar com isso mais tarde.

Lista de coisas a fazer: arrumar um novo celular, um novo chip, falar com minha sogra e começar os planos mortais contra Giannis.

As horas se passavam entre meus afazeres e eu ainda não conseguia sossegar a vontade de ser imprudente e arrumar uma briga regada à xingamentos contra aquele infeliz. Mas a paciência e a prudência são as armas dos justos. Nada mais digno do que criar algo condizente com o que ele merecia.

Fogo e pólvora. Que ele continuasse alimentando a fogueira entre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu e Nikos, a inquisição contra mim podia ter começado, mas eu também o faria queimar.

Eu nunca conheci alguém tão sem escrúpulos quanto o maldito que trabalhava na mesma empresa que eu. Obviamente, não era só o meu desafeto que ele tinha nutrido.

Pensando nisso, talvez eu devesse criar outra lista...

Olhei para Isis ainda brincando com seus ursos de pelúcia, me levantei e fui até o quarto rapidamente para pegar um bloco de anotações e uma caneta. Computadores poderiam ser invadidos, mas, quando bem escondidos e em um mundo moderno, era difícil que pensassem em procurar alguns papéis.

PERIGOSAS ACHERON

Me sentei no chão, perto da pequena, usando a mesa de centro como apoio. Eu precisaria de mais informações, é claro. Mas como *persona non grata* nos jornais e revistas, dificilmente conseguiria ajuda. Isso, claro, se minha sogra não fosse quem fosse.

Giannis não perdia mesmo por esperar...

— Ok. Lista de pessoas que odeiam Giannis. Quem? — As informações pareciam fluir mais rápido quando faladas em voz alta. — Número um...

— Eeeeeeeu! — Isis cantarolou levantando os bracinhos.

— Acho que você ainda é muito pequena para se encaixar aqui e participar de uma vingança. — Ela riu repetindo

PERIGOSAS ACHERON

vingança diversas vezes para o urso maior, seu favorito. Era assim toda vez que uma palavra nova aparecia em seu vocabulário.

Voltando à lista...

— Eu.

Número um: Zoé Malipiero. Não, Malipiero não. Risquei o sobrenome. Vasalos. Número dois... Lara Anastos!

Como esquecer daquela que trabalhava comigo e tanto falava mal de Giannis? Anotei o nome da moça pensando em como ela podia me ajudar com algumas informações internas.

Bom, eu ainda sabia usar meu dom de fazer as pessoas falarem tudo o que elas queriam esconder. Não seria diferente dessa vez. O bem da família em primeiro

lugar, mesmo que algumas lealdades tivessem que ser colocadas à prova.

Nomes de pessoas que ele prejudicou vieram à minha mente e assim seguiu até Nikos subir as escadas e colocar a cabeça coberta por uma bandana para dentro pela frecha da porta.

— Tem alguém aqui com fome?
— perguntou.

— Eeeeeeeeu! — Novamente, a monstrinha queria ser o centro das atenções.

— Certo, trouxe o almoço. Daqui a pouco vou buscar Alanis na escola. O movimento está fraco lá embaixo. — Isis se jogou no meu colo pronta para ser alimentada.

— Alguma novidade? —
Perguntei depois de beijar o topo da cabecinha cheirosa.

— Na verdade, sim. — Ele conferiu se a porta estava fechada, se aproximou e deixou as porções embaladas em cima da mesa de centro perto dos meus papéis, para logo se sentar comigo no chão — Giannis me mandou uma mensagem, ele acha que eu e você estamos brigados e vem me fazer uma visita hoje de noite. Qual seu plano?

Ele me ganhou no *giouvetsi*^[20] que trouxe para o almoço e levou meu coração de brinde naquela atitude em que esperava me ouvir para seguir com o que quisesse fazer.

Eu ainda não tinha entendido onde

Giannis queria chegar colocando Nikos a par do que eu tinha "feito", bem entre aspas porque eu não tinha feito nada daquilo que fui acusada, mas teria que tomar cuidado com o que ele poderia tentar tirar da situação.

— Porque você não age como se ainda não tivesse me confrontado? — Nikos franziu o cenho.

— Mas nós voltamos da lua-de-mel muito mais cedo... — Seu tom de voz ao falar isso era coberto de remorso. Ele estava claramente constrangido pelo o que tinha feito. Ainda mais depois de ontem e todo aquele confronto da minha família.

Eu realmente sentia pena dele, afinal aquilo que aconteceu no dia anterior não era certo. Meu pai e meus irmãos não

deviam se meter em nossos problemas conjugais.

Infelizmente Apollo chamou todos eles sem meu consentimento. Não que eu não tenha me divertido com a situação, mas vendo por outra perspectiva, eu não queria que ela se repetisse.

— Arrumamos uma desculpa. O tempo ruim, saudade das meninas, eu estava passando mal... Não sei. Mas podemos tentar usar isso a nosso favor. Ele ficará confuso porque espera encontrar alguém que quer descontar suas frustrações e desabafar. E então vai nos encontrar em um ambiente familiar saudável, com as meninas felizes, eu extremamente carinhosa e você aparentemente satisfeito.

— Eu estarei satisfeito de verdade.

— Senti minhas bochechas esquentarem com o olhar determinante que ele me deu. Aquela química não tinha acabado?

— Certo. Eu vou preparar todo o cenário. Acha uma boa ideia?

Nikos sorriu e se aproximou para me dar um beijo carinhoso na bochecha.

— Tudo o que vem de você é bom. — Isis deu uma risadinha e se mexeu em meu colo. — Você também quer um beijo? — Ela foi assaltada do meu colo enquanto o pai se levantava jogando-a para o ar e beijando sua bochecha repetidas vezes.

Me levantei, peguei o almoço e fui para a cozinha distribuir tudo nos nossos pratos.

Ele desceu depois de vir se despedir e deixar Isis na sua cadeirinha. Prometeu voltar com Alanis logo e me ajudar a planejar tudo para a noite.

O furacão loiro chegou depois da irmã ter terminado de comer e estar descansando na frente da TV. Agora era hora dela almoçar e contar tudo o que tinha aprontado na escola. A conversa duraria horas e eu tinha que ir relembrando que ela estava almoçando e precisava continuar antes que a comida esfriasse.

— Sabe o que é, Zouzou? É que eu gosto muito de falar com você. Aí eu acho que se eu parar, alguém vai começar a falar outra coisa e você não vai mais me ouvir. — Passei a mão por seus cabelos bagunçados pelo vento e sorri.

Meu coração transbordava de amor com as duas.

— Entendo, mas não tem ninguém aqui que possa falar. Pode conversar devagar que eu vou ouvir tudo. — A tática funcionou e logo eu sabia tudo o que tinha acontecido em aula e o prato estava limpo.

Cuidar das pequenas era gratificante e fazia o tempo passar rápido. O horário que Nikos fecharia o restaurante chegou e assim a gente começou a organizar tudo o que era necessário para uma reunião de amigos. Banho tomado, confere. Petiscos, confere. *Mastika*^[21], confere. Clima pesado, confere. Vontade de matar alguém, confere.

Tudo estava pronto, agora era só esperar.

Passei a mão pela saia do vestido de mangas cumpridas e olhei para Alanis deitada toda espalhada na minha cama. Ela não gostava de Giannis, assim como Isis nunca permitia que ele a pegasse no colo. Parecia que as duas sentiam a índole ruim dele.

Então porque foram tão receptivas comigo logo na primeira vez que nos vimos?

Sorri. Talvez eu já não fosse tão ruim assim naquele tempo.

— Não vai se levantar? — perguntei enquanto colocava um par de brincos.

— Vou. — Ela franziu o cenho do mesmo jeito que o pai fazia e ficou olhando para o teto — É hoje que você vai fazer PERIGOSAS ACHERON

uma surpresa para o tio Giannis? — Alanis falava da nossa conversa da noite anterior.

— Também. Será uma surpresa repetidas vezes...

— Mamãe, promete que não vai acontecer nada de ruim? — Fitei seu rostinho preocupado e me aproximei. — Eu estou com um negócio ruim aqui... — Sua mãozinha encostou no peito.

— Eu prometo que vou fazer de tudo para as coisas darem certo, pequena. Não fica assim. — A abracei apertando aquele corpinho contra meu peito e aspirando seu cheiro de criança. — Vai ficar tudo bem. Eu estou aqui...

A campainha tocou me chamando para minha posição naquele pequeno espetáculo. Alanis suspirou e desceu as

PERIGOSAS ACHERON

escadas com cuidado como eu havia instruído e foi para a sala brincar com a irmã.

— Nikos, meu amigo, como você está? — A voz potente e cínica de Giannis preencheu o ambiente. Eu esperava ainda no segundo andar, sem ser vista. — O que aconteceu na lua-de-mel depois do que eu te mostrei? Fiquei surpreso você ter se casado...

— Eu não a confrontei, Giannis. Zoé deve ter seus motivos e quando se sentir à vontade vai me contar a verdade.

— E por que chegaram mais cedo? — Nikos se embolou na desculpa, não sabia o que falar. Precisava ser algo convincente o suficiente.

Desci as escadas, aquele era meu
PERIGOSAS ACHERON

momento. Uma mentira a mais não prejudicaria ninguém. Não se fosse para proteger a família.

— Boa noite, Giannis. — Ele me encarou um pouco atordoado. Parei ao lado de Nikos que passou um braço por minha cintura. — Nós voltamos mais cedo porque eu passei mal durante toda a viagem e estadia. Mas não é nada muito assustador para alguém no meu estado. — Por sorte, meu marido parecia entender o que eu estava fazendo e sorriu anuindo com a cabeça.

— No seu estado?

— Sim! Reunimos minha família ontem para dar a notícia. Eu estou grávida!



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Receita de Salada Grega

- *Três tomates grandes, a maçã do amor dos italianos*
- *Dois pepinos fatiados, sem gosto como a vida sem essa mulher.*
- *Cento e cinquenta gramas de queijo feta, esfarelado como quase aconteceu com seu relacionamento*
 - *Um pouco de azeitonas pretas, amargas como quando vocês dois estão brigados*
- *Uma cebola roxa cortada em fatias finas, ácida como as palavras que ela sabe dizer quando está brava*
- *Quatro colheres de sopa de azeite, o tempero ideal para qualquer receita ou relação grega*
 - *Sal, pimenta do reino, orégano e desejo a gosto*

Numa saladeira rasa, faça a mistura dos tomates, pepinos e azeitonas. Tempere com sal,

*deixe descansar e beije sua
esposa por ela ser tão
maravilhosa. Molhe a salada
com azeite e adicione o
orégano e a pimenta ao seu
gosto. Adicione a azeitona,
beije-a mais uma vez, coloque
o queijo feta e sirva com pão
fresco. Termine a refeição e
leve sua mulher para o quarto.
Lá vocês misturam outras
coisas e usam um novo
tempero...*



φιλία • Amizade

Minha esposa era realmente brilhante.

Eu demorei apenas um ínfimo tempo para perceber o que ela estava fazendo e, assim que descobri, só consegui sorrir com o quão esperta aquela mente era.

Era a própria dona da mentira dedilhando sua teia em volta de Giannis e armando o que podia contra ele.

Meus pais se sentiram orgulhosos de como ela dava tudo de si por uma missão. Zoé devia ter nascido filha dos dois e eu... Não. Era para ser exatamente como aconteceu, assim eu pude conhecê-la.

Ela desceu radiante pelas escadas, usando um dos vestidos que eu já conhecia

e, que por algum motivo desconhecido, me lembrava uma roupa de batalha. O batom vermelho que já era sua marca registrada, e que eu adorava borrar, junto com o cabelo trançado que só podia significar guerra. Zoé não havia mentido quando disse que prepararia o cenário. Até o figurino foi planejado.

As meninas estavam na sala e Alanis, que não gostava de Giannis, franzia o cenho nos observando enquanto ajudava a irmã com os brinquedos. Esperava o momento em que teria que cumprimentar aquele homem, transitando entre ser educada ou fazer o que quisesse. Minhas garotas tinham dado todos os indícios e eu não observei.

Minha mãe estava certa quando

batia em minha cabeça e me chamava de estúpido. Juno Vasalos, agente 36, a dona da razão.

Olhei para o lado, para minha esposa. Lembrei do meu pai dizendo para confiar nela e da minha mãe intercedendo por nossa relação. Passei meu braço por sua cintura e a puxei para perto. A esperteza brilhou naqueles olhos quando ela me encarou sorridente.

— Eu estou grávida! — A vontade de rir foi tão grande que custou até que eu recuperasse o total controle da minha razão.

— Exatamente isso que eu iria te falar. — falei para Giannis. — Nossa família ganhará mais um membro muito em breve.

— E... O... Bom... — Três palavras incompletas. Foi tudo o que ela fez o homem emitir pelos próximos dois minutos com sua ideia mirabolante.

Minha mais do que querida esposa...

Um suspiro foi ouvido da parte de Giannis, como se ele finalmente tivesse se recuperado da notícia inesperada.

Acho que a partir desse momento, eu deveria ter medo de quando Zoé decidisse fazer uma surpresa.

— Meus parabéns! Uma ótima novidade. As meninas já sabem disso? — Alanis levantou a cabeça pela simples menção dele ir até elas.

Ao meu lado, senti quando minha

esposa ficou tensa querendo colocar a loira debaixo do braço e partir escada a cima. Mas ela sabia que precisava manter a aparência e, mais do que isso, não colocar a mentira em risco.

— Sim, já sabem. — respondi. — Inclusive, gostaram da notícia. Uma criança é sempre uma benção! Não é verdade? — Ele apenas sorriu acenando positivamente com a cabeça.

— É claro. Você está certo. — Senti a coluna de Zoé ficar ainda mais ereta sob minha mão. Algo estava acontecendo no ar. Algo que ela não tinha interpretado como uma coisa boa.

A vontade que eu tive de abrir a porta, mandar Giannis embora e cuidar das minhas garotas estava quase passando dos

limites. Mas eu sabia que não podia botar tudo a perder.

E se algo tivesse dado errado, nós dois devíamos sentar com total paciência e conversar sobre uma solução. Isso era o ideal a se fazer.

— Vou verificar se está tudo certo na cozinha. — Zoé se separou de mim e foi até as duas que estavam na sala. — Vem Alanis, vou dar algo para você comer, florzinha.

Isis ergueu os braços para ser pega no colo e eu só consegui ver as três de longe atrás da ilha da cozinha.

Toda vez que um espaço era aberto entre elas e o homem diante de mim, eu sentia um alívio descomunal. Era como se eu tivesse certeza que a segurança estava

PERIGOSAS ACHERON

em volta delas e que tudo ficaria bem se ele estivesse distante.

— Você não a questionou sobre o que fez? Nikos, vai deixar essa mulher ter um filho seu? — Franzi o cenho.

— O que está sugerindo que eu faça? É do meu filho que você está falando, Giannis. No útero dela ou de qualquer outra mulher, tem meu sangue e minha proteção.

— Era estranho como eu me sentia defensivo por uma criança que nem existia, mas de certa forma, aquele detalhe só contribuía para reafirmar a personalidade não confiável dele. Minha Zoé estava certa novamente. Parecia rotineiro para ela.

— Fica calmo, só estava sugerindo uma meditação sobre sua atual situação, amigo. — Dei um meio sorriso

para não alimentar mais daquela conversa subversiva. Com um gesto o convidei para me seguir enquanto seguia para a cozinha.

Alanis se encolheu assim que ele pousou a mão em sua cabeça. Não queria mesmo cumprimentá-lo e depois de hoje eu evitaria ao máximo expor minhas filhas à presença desse homem.

— Olá, meninas! — As duas não responderam, só sorriram constrangidas e encararam Zoé esperando coordenadas para o que fariam em seguida.

Se ela dissesse sim, as garotas morderiam a canela dele. Eu tinha certeza disso.

— *Antío!*^[22] — Isis falou baixinho como se expusesse um pouco dos

sentimentos com muita vergonha.

Tão pequena, mas já tão esperta, queria que Giannis fosse embora assim como o restante da família e era a única que podia falar isso sem ser julgada como mal-educada.

Alanis deu a volta na ilha, parou ao meu lado e abraçou minha perna. Ao ver que estava sozinha ao lado de Zoé, a mais nova se equilibrou nos dois pés e andou o mais rápido que conseguia para ficar abraçada a minha esposa.

Procuravam proteção. Levantei a loirinha que agarrou meu pescoço e enlaçou as perninhas em mim quase me tirando o ar. Por que elas tinham tanto medo de Giannis? Aquilo já estava muito preocupante.

O alívio e a chance de esclarecer algumas coisas só chegou depois que ele se foi. Pelo menos para mim.

Zoé parecia estar cada vez mais em alerta. Saber que sua reação poderia ser fruto do meu comportamento inicial na hora de contar toda a verdade, me deixava preocupado e com remorso.

Alanis e Isis adormeceram no sofá com as cabeças pousadas em cada perna dela e sendo constantemente acariciadas com caminhos sendo feitos em seus cabelos.

Ela equilibrou as duas meninas no colo e deu a desculpa que subiria para colocá-las na cama. Foi o suficiente para Giannis querer ir embora. Ainda correram alguns minutos antes de eu conseguir ir

atrás dela.

Subi as escadas correndo para verificar se elas estavam bem. Quando cheguei no quarto das meninas, havia um lençol erguido entre o berço e a cama. O edredom estava no chão e as três deitadas com os pés para fora.

Eu conseguia ver os dedos balançando. Todas as unhas pintadas de vermelho. Mais um dos rituais, sempre que Zoé pintava a unha elas queriam pintar da mesma cor.

— Ainda bem que ele foi embora... O papai já disse que não é para gente falar coisas importantes com estranhos e ele vive perguntando. Eu não falo nada!

— Eeeeeeeu também! — Zoé riu

com as duas. Parecia uma piada interna.

— Ele tenta fazer mais alguma coisa além disso? — perguntou.

— Não. Só de vez em quando que ele não brinca legal. — a última parte foi quase sussurrada.

— O que não é brincar legal, Alanis?

— Ah, mamãe, é quando ele fica assustando a gente e mandando embora bem bravo quando a gente chega perto e o papai não está. Eu não gosto dele, não gosto mesmo. Eu adorei fingir que estava dormindo para ele ir embora de uma vez. — Garotas espertas!

Agora estava tudo explicado sobre a rejeição das duas e o medo. Giannis era

podre. Quando tudo isso acabar, eu não vou poupar porrada na cara dele.

— Quando ele aparecer de novo, pode correr para perto de mim. A mamãe te protege. — Vi quando as duas se debruçaram em cima dela ganhando abraços e beijos. Aquele tipo de união feminina ainda estava muito além da minha compreensão.

— Tem espaço na cabana das meninas para um homem?

— Não! Menino não entra! — Zoé gritou lá de dentro de fazendo rir.

Eu me deitei no chão do lado de fora vendo as três me mandarem tchau.

— Por favor...

— Não! — Isis e Alanis gritaram

juntas dando gargalhadas em seguida.

— Nem se eu trazer um pouquinho de chocolate? — As pequenas olharam para a mãe como se tivessem repensando a própria decisão. Zoé me deu um sorriso, aquele sorriso que me fez repensar tudo quando a vi pela primeira vez.

— Um pouquinho de chocolate e um pouquinho de *mastika*. Pode ser? — Concordei, me levantei do chão e fui buscar as duas coisas.

Lá debaixo consegui ouvir quando as três passaram correndo para o outro quarto correndo. Equilibrando a garrafa, dois copos e a barra de chocolate, subi novamente as escadas.

Parei na porta do nosso quarto,
PERIGOSAS ACHERON

fechada. Risadinhas do lado de dentro denunciavam que estavam as três esperando.

— Posso entrar? — perguntei.

— Qual a senha? — Sorri.

— O papai é lindo.

— Não! — Isis gritou do outro lado.

— Que convencido! — Zoé completou e eu ri alto.

— Uma dica... — pedi e as três sussurraram discutindo se dariam ou não.

— A comida favorita de tooooooda Grécia!

— *Moussaka!*^[23] — A porta foi aberta por minha esposa enquanto as duas

corriam para a cama e começavam a pular sobre o colchão.

— Acertou!

Ficamos mais de duas horas brincando com as pequenas, explicando que não havia bebê nenhum na barriga de Zoé, o que era mentira, porque não deviam falar "filho da puta", o que era perigo, quantos filhos nós dois pretendíamos ter, que não havia como decidir se seria um menino ou uma menina e que já era hora de dormir.

Quando as duas adormeceram, dessa vez de verdade, carregamos para suas respectivas camas, cobrimos e voltamos para o nosso quarto.

Os olhos da minha esposa brilhavam para mim. Não demorou dois

PERIGOSAS ACHERON

minutos depois da porta fechada para que ela me beijasse. Era isso, eu estava praticamente perdoado. Pelo menos se não fizesse nenhuma besteira durante os próximos meses, estaria *completamente* perdoado.

O beijo de Zoé sempre foi bom. Era quando ela se entregava e pedia para você fazer o mesmo. Com os olhos fechados, aquela cintura contra as mãos e a boca para ser usada como objeto de divertimento, eu e ela fazíamos valer a pena isso que chamavam de reconciliação.

Eu só precisei levantá-la para ter as pernas enlaçadas em minha cintura e um gemido de prazer. A cama nunca pareceu tão longe. Zoé nunca pareceu tão próxima.

— Não é bom que as grávidas

fiquem andando muito por aí. — Ela riu.

— Nikos, eu amo você. — Parei e admirei o seu rosto e o som daquelas palavras. Não era mais o sentimento sendo jogado em minha cara ou comparado. Em toda sua generosidade, minha esposa estava entregando seu coração outra vez.

E eu jamais trairia essa confiança. Não de novo.

— Eu também amo você... — Afastei seus cabelos do rosto e ela sorriu para mim. Desci as mãos para a barra do vestido levantando aos poucos e me encaixando. Acariciei suas pernas. Zoé era toda linda, mas aquelas duas peças que enlaçavam minha cintura com tanto ardor eram minhas partes favorita nela. — Me desculpe por tudo.

Se aquilo não fosse minha redenção, eu gostaria que me explicassem melhor o significado da palavra.

— Grávidas perdoam com facilidade. — Ela sussurrou.

— E sentem muito desejo. — completei.

— Ainda mais desejo pelos seus respectivos maridos.

A beijei de novo aproveitando sua distração para tirar minha própria calça.

Com as mãos livres, puxei sua calcinha para baixo e me separei dela por pouquíssimo tempo para terminar a remoção da peça. Voltei acariciando toda a extensão da sua perna até chegar novamente à borda do vestido.

Beijei seu pescoço enquanto ela me abraçava pelos ombros mais ofegante do que anteriormente.

Posicionei meu pênis e empurrei gradativamente até a base.

— Eu amo tanto você. — Ela murmurou pela última vez. A partir dali, Zoé só gemeu.

Muito mais tarde, quando a gente já não ouvia nenhum ruído na casa, ela voltou a falar comigo. No mesmo tom que usava antes para me confidenciar as coisas ou apenas planejar o futuro. Ela estava abrindo as portas, me trazendo de volta para seu convívio.

As pontas dos dedos circulavam meu peito enquanto Zoé olhava para mim.

Eu havia puxado um edredom sobre a gente

devido o frio que logo chegou depois de toda a quentura que nós dois promovemos naquele quarto.

— Vou comprar um celular novo.

— Franzi o cenho para um assunto tão distinto — É que... Eu estava pensando e acho que não devo demorar muito para agir. Preciso de algumas informações que não consigo sozinha, então alguém precisaria buscá-las para mim. A sua mãe me deu os contatos dela...

— E você vai pedir ajuda. Entendo. — O celular novo deveria ser para evitar alguma clonagem.

— Vou arrumar um chip também. Talvez eu deva pensar em um novo laptop. — Ela ficou em silêncio. — É que... Eu estou sem dinheiro. Eu tinha uma reserva

que criei enquanto trabalhava, mas acabou. Acho que deveria começar a investir em coisas novas, preciso trabalhar...

Beije sua testa sorrindo.

— Tudo o que é meu, é seu. Usa o cartão. Quanto ao trabalho, porque não trabalha comigo? Preciso de um rosto bonito para eu olhar quando a cozinha fica muito estressante. — Ela acariciou meu rosto e sorriu.

— Fico agradecida por sua proposta, mas vou pensar no que fazer. Quanto ao dinheiro, obrigada também. Eu só não queria sair gastando por ter medo de você estar precisando.

— Minha Zouzou é muito precavida, não é verdade?

— E a partir de hoje, serei muito mais.



*Crítica Pessoal à Salada Grega: precisaria
repetir para me satisfazer.*



σπίτι • Início

Que todos saiam debaixo, Zoé Malipiero, agora Vasalos, dona de si, casada com o melhor chefe de cozinha da região, madrastra de duas garotas lindas, formada em jornalismo com honra pela Universidade Aristotélica e linda para caramba estava de volta!

Por questão de precaução e por saber que Nikos sempre fazia aquilo, tirei uma quantia de euros significativa do banco depois de deixar Alanis na escola. Equilibrei Isis no colo e entrei em um táxi indo para um dos centros comerciais.

Eu não sei por qual motivo, mas comprar novos eletrônicos sempre dava uma emoção dentro do meu peito como se eu fosse uma criança que ganhou muito

PERIGOSAS ACHERON

dinheiro do pai e foi largada dentro de uma loja de doces. Eu teria um celular novo!

Claro, por outros motivos, mas novo!

Isis soltava várias exclamações com os celulares coloridos e literalmente gritou quando eu desbloqueei um e ela apareceu na câmera frontal. Era um dos melhores e quase caro o suficiente para me fazer desistir. Mas, tinha tudo o que eu precisava e até o que eu não precisava. Era perfeito. Meu objetivo de vida era trabalhar em algo rentável o suficiente para eu comprar um daqueles de seis em seis meses.

Infelizmente, meu dom é cuidar da vida dos outros e do meu marido é o de cozinhar. As pessoas querem comer mais

do que querem fofocar... Bem que eu podia unir o útil ao agradável.

Olhei para a garotinha no meu colo com os olhos arregalados.

— Isis! Eu acho que tive uma ideia!

— Eba! — comemorou mesmo não entendendo do que eu estava falando. Ela tinha disso, ficava feliz quando os outros estavam felizes, chorava quando alguém estava triste e queria gastar dinheiro quando a gente saía para comprar qualquer coisa.

Um tomate equivalia a uma pelúcia da Peppa Pig na concepção dela.

— Eu vou conseguir ganhar dinheiro, vou fazer o que gosto e ainda vou

poder ficar pertinho do seu pai e de vocês. Agora eu estou feliz! Igual a um pepino-do-mar! — lembrei da comparação que Nikos fez quando a gente estava assistindo um documentário sobre seres marítimos. Só ele mesmo para fazer piada com como aquele bicho anda...

Opa! Tinha algo acontecendo aqui... Parece que depois da noite de reconciliação, um certo homem de olhos verdes que sabia cozinhar qualquer coisa (menos bolo) estava habitando minha mente nas últimas horas e não queria dar tchau.

O que um homem que sabe o que faz na cama consegue fazer com a nossa cabeça, não é mesmo?

Muito errado ficar relembrando

essas coisas no meio de uma loja com uma criança no colo.

Uma vendedora chegou perto de mim e brincou com Isis que já estava toda sorridente com a atenção que recebia de qualquer um que passava pela gente.

Gentilmente, a moça se ofereceu para fechar minha compra e eu fiz todas aquelas burocracias que envolvem comprar um celular. Agora era hora de segurar bem a bolsa, entrar em um táxi e voltar para casa.

Eu já estava saltitante querendo mostrar minha nova aquisição para o mundo, mas sabia que aquilo ali teria que ser guardado em segredo.

A caixinha do chip também estava com o telefone e eu me sentia uma Bond

PERIGOSAS ACHERON

Girl participando de uma super operação envolvendo todos os tipos de bugigangas e cuidados que eu não sabia que podia ter.

Eu seria uma Bond Girl maravilhosa.

Todas as mulheres mereciam ser uma Bond Girl por um dia, só para sentir esse poder que está exalando pelas minhas veias e me fazendo pensar no quanto eu ficaria linda em um macacão de couro que as Panteras usavam.

Ok, hora de parar de fantasiar.

O táxi dobrou mais uma esquina e eu desci em frente ao restaurante.

O carro de Nikos com o logotipo do restaurante estava estacionado, sinal de que ele já tinha voltado na hora de buscar

Alanis. Conferi o horário no meu relógio de pulso antes de passar pelas portas duplas e senti o cheiro de todas as especiais que meu marido e sua equipe usavam nos pratos que preparavam.

Olhei à minha volta. Eu adorava como aquele ambiente parecia acolhedor. As mesas eram distribuídas em tamanhos distintos criando algo parecido com salas de jantar independentes. A ala das crianças ficava para a parte de trás onde pelas janelas apareciam uma parte da natureza típica de Santorini. A cozinha ficava ao lado esquerdo com todas aquelas coisas industriais.

Raramente eu entrava lá e sempre que fazia isso me surpreendia em como se parecia com a minha visão do inferno.

Gente gritando, um calor escaldante mesmo no frio, um barulho ensurdecedor e o próprio diabo, que eu chamava de marido, comandando os outros diabinhos. *Leviathan* é o termo que se usa para quando um pior comanda os menores. Era isso que ele fazia.

Fui atrás da Alanis que já esperava usando alguns dos lápis de cor sob os olhos atentos de Kira, a responsável pelas crianças que chegavam e não queriam ficar com os pais. Eu sabia que Nikos mandou construir aquela parte mais para as filhas do que para os clientes, mas a gente nunca deixava as duas saberem disso ou as *leviathanzinhas* mostrariam de que matéria eram feitas.

— Olá, obrigada por ficar com

ela. — sorri para a moça loira.

— Por nada, ela é um amor. —
Claro, isso porque ela não precisava lidar com a birra quando a gente dizia que ela não podia pegar o rótulo de alguma embalagem do mercado. Em oitenta por cento do tempo, ela era um amor.

— Mamãe, papai disse que quer falar com você... — passou o recado enquanto pegava minha mão e seguia comigo até o salão do restaurante.

Coloquei ela sentada em uma das mesas e Isis pediu para ficar no chão perto da irmã, jurando de dedinho que não faria bagunça.

Andei até a porta da cozinha, abri um dos lados e coloquei a cabeça para dentro. Toda a equipe, de quase sete

PERIGOSAS ACHERON

peessoas, trabalhava pouco graças ao movimento mais lento do mês. Nikos estava gratinando alguma coisa quando percebeu que eu observava. Passou a função para alguém, sorriu para mim e veio em minha direção.

— Olá, esposa.

— Olá, marido.

Era a primeira vez que a gente se chamava assim depois de oficialmente casados. Com os acontecimentos, a gente não teve como criar gosto pela palavra até que nos sentimos totalmente a vontade com aquilo.

— Soube que queria falar comigo.

— Sim, eu queria sim.

Ele passou pela porta e seguiu

comigo para a mesma mesa onde as meninas discutiam porque a mais nova queria puxar todos os guardanapos e Alanis havia deixado que ela só usasse um.

Briga encerrada, podíamos conversar.

— Tive a impressão de ver alguém observando eu e Alanis de dentro de um carro. — A pequena já não ouvia nada, estava embarcando em mais uma discussão seríssima com a irmã. — Acho que devemos contatar meus pais o mais rápido possível.

— Eu comprei o celular e tenho um chip novo. Agora só preciso pensar em como vou cadastrar esse número sem usar meu nome. — Nikos sorriu como se já soubesse da solução.

— Vou te passar uma forma, assim que eu subir. Vamos falar com minha mãe ainda hoje. Vai descobrir que ela é mais grega do que parece.

(...)

Mais grega do que parece? Aquilo era um eufemismo perto do que ela realmente era. Se a gente abrisse o dicionário e procurasse o significado da palavra, tinha uma foto de Juno Vasalos ao lado estampando o sentido denotativo.

Falava sobre tudo. O tempo, como o filho havia crescido, que precisava ver as netas, que me ajudaria sim e qual era minha conta no banco. Se eu achava que sabia tirar informações das pessoas, aprendi que ainda era uma novata enquanto passava todos os meus registros por telefone para

aquela mulher tagarela.

Alanis e Isis nos observavam enquanto eu e Nikos anotávamos todas as informações que ela ia nos passando. Giannis tinha registros de diversas pessoas em seu computador, Juno clonou todos os arquivos que ele guardava e prometeu arrumar uma forma de enviá-los na íntegra.

Ao final da conversa, eu já sabia mais do que o suficiente para começar a contatar as pessoas ideais que ajudariam na destruição dele. Como Juno havia feito, todos os registros sobre Nikos sumiram da memória do notebook e qualquer outro aparelho eletrônico dele. Ainda naquela noite, o mesmo aconteceria com os computadores da Speak.

Eu esperava que não houvessem

arquivos impressos sobre esse caso ou, como minha sogra mesmo disse, a missão seria cada vez mais delicada. Precisava ter certeza de que tudo sumiria.

A minha mente me alertava que era hora de cobrar algumas dívidas para uma certa pessoa.

Se o gerente de arquivamento ainda fosse o mesmo cara que tinha um caso com Lara, então eu estaria no caminho certo para livrar meu marido de tudo de ruim que aquelas pessoas poderiam causar.

Eu prepararia a vitória dele, assim como Juno havia me orientado. Aí então, nunca mais ele duvidaria da minha palavra e teria plena certeza de que eu estava lutando ao seu lado.

O dia seguinte chegou tão rápido
PERIGOSAS ACHERON

quanto o anterior terminou.

As meninas dormiram em nossa cama devido ao frio e porque estavam manhosas.

O máximo de carinho que eu e Nikos conseguimos trocar foi um beijinho de boa noite e um cafuné no cabelo até que eu peguei no sono.

Agora era hora de preparar Alanis para a escola, fazer o café da manhã e planejar melhor o que eu podia fazer contra Giannis. Ele já estava enfraquecido sem as informações, tudo havia sido confirmado por Juno pela mensagem que me enviou enquanto eu escovava os dentes de Isis.

O certo a se fazer era esperar que ele mostrasse sinais de desespero.

A campainha tocou depois de eu terminar de pentear o cabelo da loira enquanto Nikos terminava de dar o desjejum para Isis.

Olhei para ele querendo saber se esperava alguém, mas era para mim. Na verdade, era uma encomenda para mim no nome de ninguém.

Agente 36 não tinha um nome, eu sabia.

Voltei para a cozinha com a caixa de papelão e coloquei sobre a ilha.

— Sua mãe é mágica. — comentei com Nikos enquanto abria o meu presente. Lá dentro tinha um notebook e um post-it.

"Senha 2710"

— Há! O seu aniversário! — Abri

o laptop e coloquei os dígitos desbloqueando o sistema;

Em pastas separadas, com os nomes de cada pessoa e tudo o que podia incriminar Giannis, estava o material de todos os prejudicados por meu ex-colega de equipe.

Juno havia feito o serviço completo. Eu estava com a faca e o queijo na mão.

Era hora de cortar.



Receita de Koulourakia

- Uma xícara de manteiga amolecida, como seu coração quando suas filhas pedem desculpas
- Cento e cinquenta gramas de açúcar, doce como sua esposa quando elogia sua comida
- Dois ovos, para unir tudo como os jantares em família
- Meia colher de extrato de baunilha e amêndoa, para você gravar o cheiro do ambiente nesses momentos de união
- Meia xícara de açúcar de confeiteiro, ideal para polvilhar por cima de todas essas lembranças.

Em uma tigela, bata a manteiga, o açúcar e os ovos até formar um creme base

**ideal, coloque o extrato de
baunilha e de amêndoa.**

**Coloque a farinha, misture
bem até formar uma massa.**

**Você precisará usar as mãos
como sua mulher tem feito
com seus ombros depois
desses dias cansativos.**

**Modele a massa no formato
que quiser, lembre-se que a
filha mais velha sempre
escolherá unicórnios, então
não ofereça essa opção para
ela. Evite que a filha mais
nova tenha acesso aos
pedaços da massa, tire-a da
cozinha. Pincele um ovo
batido por cima de cada
pedaço e leve ao forno por
dez minutos.**

**Sirva os biscoitos com um
copo de leite. As mulheres da
sua vida preferem assim.**

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

ενωμένοι • Unidos

Minha mãe era realmente um ser perigoso. Como pode uma mulher que já devia estar aposentada, continuar fazendo todo tipo de intromissão investigativa que pudesse? Certo, era por um bem maior, mas mesmo que não fosse, ela se divertiria fazendo o que estava fazendo tranquilamente.

Juno Vasalos tinha disso: desconhecia os limites e achava que tudo podia fazer parte de uma grande brincadeira. Foi assim que ela equilibrou a criação de quatro filhos, um emprego perigoso e um marido como meu pai. Sempre que a gente precisava se mudar, ela fazia parecer que uma família de coelhos estava mudando de toca.

Eu também tinha o que agradecer sobre isso. Graças ao fato da minha mãe ser tão criativa, eu demorei muito para me sentir deslocado ou insatisfeito e nunca me senti como se estivesse sozinho no mundo. Era bom ter pais assim.

A todo momento, Zoé recebia uma novidade. Começando pela rede de internet da nossa casa que foi configurada por Juno para ser isolada e irrastrável. Em seguida, as novas informações que ela enviava para o notebook e o celular novo. Depois, o dinheiro que apareceu na conta da minha esposa. Por um momento, minha mãe fez tanta parte do vocabulário da minha mulher que eu quase fiquei com ciúmes.

Só quase mesmo, afinal de contas, ainda era eu quem recebia beijos e abraços

quando a euforia era demais para ela conseguir formular uma frase.

Observando o quanto ela digitava efusivamente sentada na banquetta da ilha na nossa cozinha, eu não percebi quando Isis quis chamar minha atenção e começou a choramingar de tanta frustração por eu estar alheio demais à sua existência.

— Desculpa, filha. O papai está aqui... — Ela me mostrou novamente todos os seus ursos de pelúcia.

Sempre, depois da hora do almoço, eu subia e ficava durante uma hora com as meninas. Alanis tirava sua soneca da tarde, mas Isis estava especialmente agitada essa tarde.

— Eu sei, você já me contou o nome deles. Agora vem aqui para a gente

PERIGOSAS ACHERON

brincar de outra coisa. — Me levantei com cuidado para não pisar em nenhum dos sagrados ursinhos e provocar a terceira guerra mundial iniciada por um bebê de quase dois anos. Levantei meu projeto de criança autoritária no colo e a levei para perto da minha esposa. — Olá, a senhora poderia nos dar um pouco de atenção?

Zoé nos olhou e estampou um sorriso no rosto antes de abaixar devagar a tampa do notebook.

— Sim, senhor.

— Preciso que você fique por alguns instantes com esse monstrinho aqui no meu colo. Eu tenho que descer para falar com uma pessoa. — Ela concordou e estendeu os braços para uma Isis que já estava jogada em sua direção.

Era esse o preço que se pagava por ser um pai bom: sua filha preferia ficar no colo de todo mundo menos no seu.

— Pode deixar comigo. Se for uma moça muito bonita, converse com ela de olhos fechados. — Sorri para seu fingimento e a beijei antes de descer.

Zoé tinha disso, de fazer a gente pensar nas coisas mais inúteis enquanto o céu desmoronava em nossas cabeças. Era um jeito de dizer que estaria ali para fingir que nada estava acontecendo e me conceder um pouco de paz mesmo no meio da maior tormenta das nossas vidas.

E, depois da turbulência, a tranquilidade começa a ser superestimada. É bom ter alguém que a oferece para você.

Atravessei as portas duplas do
PERIGOSAS ACHERON

meu restaurante encontrando um homem magro sentado ao bar. Algumas mesas estavam ocupadas por pessoas que terminavam suas refeições tardias. Mas ainda assim o cara no bar parecia o estereótipo do que eu tinha que encontrar.

Zoé iria gostar de saber que eu não precisaria fechar os olhos. Era só um homem, magro, alto, com o rosto parecido com um rato ou um esquilo e um sorriso amarelado de fumante.

— *Kaló apógevma!* —
cumprimentei me aproximando.

— Você deve ser Nikos?

— Eu mesmo.

Eu não gostava de investidores, depois de um tempo eles mudavam

totalmente a identidade de um restaurante e eu perderia aos poucos meu espaço para o que eles decidissem. Seria escravo do meu próprio negócio se cedesse às propostas deles.

Por isso considerava reuniões como essas uma perda de tempo.

O *Diamoni*^[24] não foi fundado para ser um restaurante da moda, com algum estilo elegante ou cinco estrelas. Era para ser uma casa, onde as pessoas se sentissem à vontade de conversarem umas com as outras abertamente e deixar as regras de etiqueta do lado de fora.

— Qual o seu nome? — perguntei antes que ele começasse a dialogar sobre todas as qualidades da sua proposta.

— Konstantinos Marantinis. —

Ergui as sobrancelhas acenando positivamente com a cabeça.

Os minutos seguintes foram gastos com ele apresentando cada uma das nuances que seu investimento poderia oferecer.

Mudanças que eu não aprovei, propostas que não me interessavam e ideias que iriam ao contrário de tudo o que eu planejava para meu restaurante.

O tempo passou devagar enquanto a ladainha improdutiva se alongava. Parece que quanto mais a gente não quer ouvir, mais a pessoa quer falar. Custou uma boa porcentagem da minha paciência me manter educado com aquele homem.

Subi a escada voltando para casa

agradecendo mentalmente por não ser um dos dias em que a gente abria de noite.

Zoé, Alanis e Isis dançavam alguma música no tapete da sala me fazendo ficar de fora observando a sintonia daquelas três. Até mesmo a mais nova parecia entender o que estava acontecendo e ensaiava alguns passinhos.

Era Katy Perry, Zoé adorava a Katy Perry tanto quanto Alanis queria ter o cabelo azul igual a peruca que a mulher usava. Isis gostava mesmo era dos cliques coloridos. Elas ainda dançaram bastante antes de perceberem que eu assistia tudo.

Em momentos raros, minha esposa corava. E ela corou. Aquelas bochechas avermelhadas fizeram meu dia valer a pena. De vez em quando, Zoé

parecia ser intocável demais. Quando ela mostrava atitudes como as dos reles mortais, era uma vitória.

— Papai! — Dois mini-seres correram em minha direção prontas para o ataque surpresa.

Eu adorava a recepção dessas duas. As joguei para o alto fazendo cócegas em suas barrigas e distribuindo beijos saudosos de quem esperou as últimas horas passarem com afinco.

— Boa noite... — A voz fraca da minha mulher denunciava que ela ainda estava um pouquinho constrangida de ter sido pega no flagra. Beijeí sua bochecha enquanto Alanis se pendurava nas minhas costas e Isis usava meu braço de balanço.

Parecia imagem de comercial de
PERIGOSAS ACHERON

margarina.

Mas não, era só a minha família e sua total habilidade de ser unida.

— Como foi a reunião?

— Péssima. — Ela riu pegando minha filha mais velha com síndrome de macaquinho a colocando no chão evitando um hematoma na cabeça seguido de drama infantil.

— Aquele homem... — Eu sabia que estava bom demais para ser verdade. — Dei uma olhadinha aqui da varanda quando ele saiu. Nikos, eu já o vi na Speak. Não como funcionário, mas como um dos homens que participavam das coisas grandes.

— O que isso significa? — Por

que parecia algo como "não é bom, esteja preparado para a resposta"?

— Que ele pode ter feito uma encomenda ou ter recebido a encomenda. Quando alguém subia até o décimo terceiro andar, ou tinha muita influência ou era a influência.

Como se tivesse esperando aquela conversa ser iniciada, a campainha tocou. Nós dois nos olhamos em um sinal mudo de alerta. Até mesmo as meninas ficaram quietas e a música parou.

Era perigoso esse tipo de sentimento. Eu já não estava cem por cento seguro de que minha mãe tinha nos livrado dos problemas momentâneos que a Speak e Giannis podiam ter causado.

Andei até a porta que minutos
PERIGOSAS ACHERON

antes eu tinha fechado. Pela madeira, nenhum ruído externo passava.

Demorei propositalmente ao girar a maçaneta depois de destrancar e um rosto que há tempos eu não via, surgiu.

— *Geia sas*^[25], irmãozão! —
Ainda com a irreverência infantil, os olhos verdes da minha família, o sorriso grande demais para um rosto tão pequeno e os cabelos tão grandes quanto da última vez, Nikola Vasalos, minha irmãzinha estava parada diante de mim com uma mala, uma mochila e aquela maldita malinha de mão com estampa de gatos que ela ainda carregava para baixo e para cima.

— O que você está fazendo aqui?
— Ela ergueu um dedo pedindo que eu esperasse, abriu a malinha e tirou de lá uma

carteira com distintivo para que eu lesse. — Serviço de Proteção a Testemunha? Justo você? Nick, você não consegue cuidar nem de um cachorro.

— Mas tenho ótima percepção de quando tem alguma coisa errada. — Fui empurrado e ela passou como um furacão cheio de bolsas e respostas afiadas. — Onde está meu abraço e beijinho de boas vindas? Tenho certeza que não foi essa educação que a mamãe te deu.

Suspirei antes de abraçá-la e beijar sua testa. Se dona Juno fez algo bem, essa coisa foi passar os genes autoritários para todas as mulheres da família.

Nikola e Nereida, as gêmeas, sabiam fazer o que quisessem com todos a sua volta. O pior, elas conseguiam

convencer as pessoas de que respeitar as ordens delas era sempre a melhor saída.

Para mim e Nikolau restou apenas a obediência rude do nosso pai. Era o preço a se pagar por nascer um homem Vasalos.

— Vocês duas devem ser Alanis e Isis. — A pequena se escondeu atrás de Zoé que ainda não tinha entendido muito bem o que acontecia.

— Eu sou Alanis! — Muito mais espontânea e disposta a interagir com estranhos do que a irmã, ela foi se chegando para perto de Nikola querendo explorar tudo o que a criatura nova no ambiente podia representar. — Bolsinha legal.

— Olha, Nikos, ela gosta da minha malinha!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Misericórdia... Já bastam os rótulos.

— O que tem aí dentro? —
Porque minha filha tinha que ser tão interessada nas coisas?

— Minha coleção mais rara. —
Abrindo a maldita ela mostrou as diversas tampinhas que carregava — Uma de cada bebida diferente que eu ingeri nessa vida.

— Eu tenho uma coleção de rótulos! — Eu já podia ver o trabalho que eu e Zoé teríamos catando todos os cadernos onde ela guardava as embalagens.
— Você quer ver?

— Claro. Só um instante...

Nikola caminhou até minha esposa que sorria amigavelmente.

PERIGOSAS ACHERON

— Você deve ser minha cunhada.

— Zoé murmurou.

— E você deve ser a minha. —

Sem esperar mais alguma reação de Zoé, ela a enlaçou em um abraço no melhor estilo Juno e apertou.

Mulheres demais para pouco eu. Precisava de ajuda. Mas de quem? Se eu chamasse a família Malipiero, alimentaria o esquadrão anti-Nikos. Era melhor permanecer em silêncio e não invocar.

Agora as quatro, Isis desistiu da timidez e já estava no colo da tia, estavam sentadas no chão da sala observando todas as coisas que Nikola tirava da mala.

— Esse é um presente do *pappous* Herod para vocês. — Ela tirou duas caixinhas compridas e mostrou para as

PERIGOSAS ACHERON

meninas que estavam confusas com a apresentação daquele novo parente. — Um dia vocês vão conhecê-lo.

Duas correntinhas prateadas com um pingente vermelho. De longe pareciam apenas pulseirinhas feitas para braços pequenos, mas eu sabia o que era aquilo.

Os rastreadores das minhas irmãs gêmeas acabavam de virar um presente do vovô coruja para suas netas em perigo.

A mensagem era clara: minha família estava naquilo comigo. Eu querendo ou não.



***Crítica Pessoal a Koulourakia: apareceu
muita gente para provar.***



αδελφοί • Irmãos

Existe um segredo na irmandade que rege todo o relacionamento entre irmãos: depois de algum tempo, nós precisamos de uma folga. Ser a mais nova de cinco filhos passava essa mensagem para mim.

Quando mais jovem, eu agradecia por ter meu próprio quarto e conseguir fechar a porta deixando os outros quatro para o lado de fora e respirar em paz.

E não, eu não estou falando isso graças à Nikola. Minha cunhada era um raio de sol depois dessa tempestade que tinha se formado sobre minha vida. As garotas amavam a tia. Nikos não assumia, mas estava mais do que satisfeito.

E Theo também estava aqui...
Sim, aquele que não estava na equação,
mas que bateu à minha porta pela manhã
com mala e cuia pronto para integrar no
clube dos desesperados, também conhecido
como minha residência.

— O que você está fazendo aqui?

— Ah! Olá, florzinha grega.
Como vai? Eu? Estou ótimo. Obrigado por
se preocupar. Aprecio seu zelo de irmã
mais nova. O quarto de hóspedes está
vazio? Espero que sim. Onde estão minhas
meninas? — Alanis surgiu correndo
enquanto ele passava por mim me
ignorando. Foi uma profusão de loiros
diante de mim. — Mercenária! Que
saudades de você!

— Tio, faz o truque da moeda! —

Mais um euro para o cofre da minha garota.
Era sempre assim.

Theo deixou os óculos escuros em cima da mesinha que a gente colocava tudo o que tinha que ficar na porta de casa. Era assim. Ele não sabia chegar e respeitar o espaço alheio.

Theo chegava e deixava bem claro que chegou.

— O quarto de hóspedes está ocupado. Theo, por que não me avisou que estava vindo? — Passei a mão pelo cabelo. Ele era o mais irresponsável dos cinco, o único que ainda não tinha crescido totalmente. Vivia como um playboy e se orgulhava disso.

Olhei para o lado observando enquanto Nikos chegava com Isis no colo

PERIGOSAS ACHERON

enquanto Nikola o seguia brincando com a sobrinha. Eu consegui captar o momento exato em que os dois se viram.

— Eu posso dividir o quarto... —
Pigarreei dando um empurrão em seu braço pela sua indiscrição.

— Essa é... — Comecei, mas fui interrompida por minha cunhada que passou para diante do meu marido e olhou desconfiadamente para meu irmão enquanto colocava as mãos dentro dos bolsos da jaqueta vermelha de couro.

— Nikola. Sou irmã de Nikos.

— Theo. Sou irmã de Zoé. —
Sorriu daquele jeito que eu sabia que ele fazia para seduzir. Fui para o lado de Nikos pegando uma Alanis que já estava desviando do tio muito desligado com a

existência dela.

— Veio para o almoço? — Theo piscou com a pergunta desinteressada de Nikola. Estava surpreso. Não era todo dia que uma moça não caía no charme dos olhos azuis piscadores e da lábia galanteadora.

Nikos passou o braço por meus ombros também assistindo o desenrolar da cena.

— Não. Vim para passar uns dias.
— Rolei os olhos enquanto ele desistia da investida e se aproximava carregando a mala anteriormente jogada no chão.

— Isso tem algo a ver com o *bampá*?

— Não. Tem a ver com uma ex-

namorada que não para de estragar os meus esquemas. — Ele olhou para Nikola mais uma vez. — Aqui ela não fará isso. — Depois de fazer cara de cachorro que caiu do caminhão de mudança, me perguntou: — Posso ficar aqui?

— Você deveria ter perguntado isso antes de vir para cá. Vai dormir na sala por tempo indeterminado e tente não destruir meu sofá. Ou vai se lembrar do que eu fazia se você não trancasse a porta do quarto depois de me irritar. — Caminhei até a sala de estar pensando em como acomodá-lo.

Após Nikola chegar, nós organizamos o quarto de hóspedes para ela e contamos que nos próximos dias daria para dividir uma casa com três adultos e

duas crianças.

Fora que, seguindo as últimas ocorrências, era meio difícil ter mais alguém que não podia saber do que estava acontecendo.

Se Theo ficasse por muito tempo, eu ativaria a super mamãe Christina e o tiraria daqui à moda antiga: sob tapas.

Não demorou muito para meu irmão demonstrar sua personalidade. Esparramado no tapete tirando a soneca da tarde com Isis e Alanis como a criança grande que era.

Nikola o observava da ilha da cozinha enquanto secava a louça que eu lavava.

— Ele é sempre assim? —

perguntou. Olhei por sobre meu ombro para a cena da sala e para minha cunhada. Sorri. Parece que ela não estava tão imune ao charme de Theo quanto deixou parecer inicialmente.

— Desde sempre. É dois anos mais velho que eu, mas a idade mental é quinze anos mais nova. — Ela sorriu.

— Parece Nikolau. A diferença é que ele é mais novo que eu e Nereida. Acho que minha família não tem muita coisa diferente da sua. São quatro irmãos, uma mãe mandona, um pai protetor e mudanças constantes. Acho que o principal detalhe é que no almoço de domingo conversamos sobre investigações. Vocês devem conversar sobre outras coisas. — Neguei com a cabeça.

— Graças ao meu último emprego, a conversa era quase a mesma. — Ela terminou de secar os pratos.

— Meu pai tem uma ideia arriscada sobre o que fazer. — Me sentei ao seu lado para ouvir. — Criar disfarces sólidos. Vir para uma visita, se mostrar para o tal Giannis e, enquanto isso, pegar tudo o que é possível para indiciá-lo por invasão de privacidade, exposição e qualquer outra coisa que o senhor Herod queira usar.

Olhando para Nikola, eu conseguia ver semelhanças com Juno. Pensei se todas as coisas que eu não conseguia captar da mãe eram do pai.

Eu não fazia ideia de como era o meu sogro. Apenas sabia que ele tinha dado

rastreadores para as meninas da forma mais delicada possível. Alanis não tirava o dela do pulso nem para tomar banho.

Eu e Nick começamos a conversar sobre todas as amenidades que podíamos. Algo bem perto do que duas mulheres fariam se não tivessem nada a mais para fazer. Era interessante, eu nunca tive uma irmã, mas sentia uma ligação com ela que parecia vir de décadas.

Quando Theo já estava acordado e cuidando das sobrinhas, porque não ficaria na minha casa sem fazer nada, obviamente, Nikos fechou o restaurante, Nikola ajudava Alanis a colar novos rótulos nos cadernos e eu estava sentada assistindo qualquer baboseira que passava na televisão, a campainha tocou.

Nikola, sem pensar duas vezes, se levantou e foi atender. Assim que a porta se abriu, consegui ouvir a voz de Giannis. Alanis se inclinou para debaixo da asa do tio enquanto Isis correu para as pernas do pai pedindo colo.

— Boa noite! — cumprimentou sob o olhar analítico da minha cunhada. Sem responder e se sentando ao lado de Theo deixando Alanis entre os dois, ela puxou o próprio celular do bolso e por algum motivo isso me chamou a atenção.

— Boa noite. — respondi me levantando enquanto Nikos deixava Isis no colo da irmã.

— Passei para saber se está tudo bem. Faz alguns dias que não vejo vocês.
— Se inclinou para passar a mão na cabeça

da loira. — Olá, Alanis. Isis.

Sentado de onde estava e, conscientemente, se aproximando mais de Nikola, Theo o cumprimentou e se apresentou.

— E você é? — interpretando um interesse genuíno, Giannis perguntou para minha cunhada que estava concentrada demais na tela do próprio smartphone.

— Nikola. Irmã de Nikos. É a segunda vez que falo essa frase hoje. — O cara sentiu a acidez na fala dela porque não perguntou mais nada. Mas eu conhecia Giannis e sabia que ele estava anotando essa informação mentalmente para conseguir manipulá-la depois.

A conversa seguiu de maneira cordial e fria, até o constrangimento pelos

PERIGOSAS ACHERON

comentários sarcásticos de um Theo muito satisfeito e uma Nikola muito antipática fazerem o filho da puta mór se afastar, se despedir e ir embora. Parecia que a noite estava infrutífera para ele.

Assim que voltamos para a sala depois da porta ser fechada e eu e Nikos trocamos um hi-five, meu marido colocou a mão na cintura, olhou nos olhos da irmã e perguntou:

— Muito bem, o que você e a mamãe aprontaram? — Theo tinha ido colocar Isis na cama, por isso podíamos falar abertamente uns com os outros.

— Nada demais. Digamos que eu tenho uma ferramenta no celular que ligada com o celular da mamãe, também conhecida como parte da chefia, pode ter

acesso à outros celulares, grampear e clonar algumas informações. — Ela deu de ombros e sorriu angelicalmente — Talvez eu tenha usado isso e nesse momento esteja com alguns arquivos analisáveis no meu aparelho.

Pisquei. Essa garota era real? Melhor, a família do meu marido era realmente assim?

Depois de achar que Giannis poderia ser um inimigo à altura, eu finalmente descobria que com as ferramentas certas ele não passava de uma formiguinha em um caminho onde podia ser facilmente pisado e descartado.

Parece que alguém teria um grande impacto no próprio ego quando descobrisse o quão pequeno e frágil era seu

pedestal.

— Vou analisar antes de dormir. Ah, preciso informar que o telefone de todos estão grampeados, inclusive o do seu irmão. Medida de segurança que eu preciso relatar e confirmar para os meus chefes. Desculpe por isso. — Ela se levantou. — Também preciso avisar que todos vocês serão rastreados de maneira sutil para a própria segurança.

Depois de se espreguiçar como uma criança sonolenta, ela encarou o irmão e passou a seguinte informação:

— Papai está vindo. Se prepare para uma intervenção Vasalos. — Nikola se virou nos deixando sozinhos. Olhei para Nikos analisando suas reações.

— Isso significa que...

— Que gradativamente todos eles vão aparecer. Em grande estilo, com muito alarde, para demonstrarem que não têm medo de serem vistos.

Pela primeira vez, Nikos parecia falar sobre isso com tranquilidade e uma expectativa bondosa. E se ele estava bem, eu estava bem. Enlacei minha mão na sua e apoiei minha cabeça em seu ombro.

— Vamos nos preparar para recebê-los.



Receita de Ovos Mexidos

- Três colheres de Leite, limitadas. Diferente do número de convidados.
- Três ovos, poucos para o batalhão de gente que está te visitando nos últimos dias.
- Uma colher e meia de manteiga, para não deixar que grude demais como sua mãe quando pode te mimar.
- Sal e pimenta a gosto, mas a gosto de cada um. Pode se tratar de uma família, mas eles são diferentes uns dos outros.

Coloque os ovos em uma tigela, acrescente o gelo e tempere. Faça seu cunhado ajudar nessa parte para que ele fique longe da sua irmã. Bata com um fouet até ficar espumosos, como as ondas de Santorini que estão parecendo convidativas visto o último número de visitantes. Derreta a

**manteiga em uma frigideira,
coloque os ovos e mexa com
uma colher de pau até que
esteja tudo cozido. Peça para
sua filha mais velha ajudar a
organizar a mesa. Não deixe
sua irmã fazer essa receita,
ela sempre consegue que
parte do prato não fique
macio o suficiente.**



καταγωγή • Ancestralidade

Existem algumas coisas sobre meu pai que ninguém nunca foi capaz de imitar.

A primeira é a total capacidade de xingar qualquer coisa que o irritasse e, acredite, é bem fácil fazer isso.

A segunda é o seu pavio extremamente curto com tudo, menos com minha mãe e, conseqüentemente, seus filhos. Quer dizer... Na maioria das vezes ele é bem paciente comigo e meus irmãos, mas existem exceções.

A terceira, e não menos importante, é a entrada triunfal.

Pela manhã, quando fui despertado pelo barulho de um helicóptero, me levantei com cuidado para não acordar

PERIGOSAS ACHERON

uma muito adormecida Zoé e fui para a janela.

Decidi subir até o terraço e consegui ver a aeronave pousando um tanto longe, passando por toda a região até chegar em uma área reservada que as pessoas mais ricas tinham suas casas.

Ok que podia ser qualquer pessoa, mas só Herod tinha colhões de mandar colocar um "Vasalos" em letras garrafais pretas num helicóptero branco e ficar sobrevoando por aí.

Tirando isso, a piscada de luz também podia significar reconhecimento. Meu pai entrou em cena e só sairia depois de vencer.

Como eu ainda não sabia o próximo passo dele, resolvi descer. Dei

PERIGOSAS ACHERON

meia-volta e levei um susto com Nikola dando tchauzinho infantil para o nosso pai.

Ela sempre fazia esse tipo de coisa quando ele voltava de uma operação. Dos quatro, era a mais alegre e espontânea. Minha mãe sempre disse que o raio-de-luz da família era ela. Eu era a união, Nereida o controle e Nikolau a rebeldia.

Equipe perfeita de deixar qualquer um com os cabelos em pé.

— Quando foi que você chegou aqui, fedorenta? — Ela riu e se aproximou batendo a mão aberta na minha em cumprimento.

— Pouco depois de você. — Deu de ombros e se apoiou na mureta ao meu lado. — Vocês têm uma vista bonita daqui.

Parece que conseguiu o lar que sempre

PERIGOSAS ACHERON

sonhou. — Olhei em volta para tudo o que Nick via.

Uma família, uma casa, um pouco mais de tranquilidade do que tivemos durante toda a nossa infância. Era o que ela sonhava também.

— É uma pena que isso tudo esteja em risco. — Passei o braço por seus ombros como fazia quando ela era uma menina e me confidenciava seus medos. — Já que *bampá* está vindo, vamos fazer um café-da-manhã para receber todo mundo.

Descemos lado a lado chegando à cozinha muito mais rápido do que o comum. Nick sempre ficava eufórica com a família reunida e eu sabia o quanto isso significava para todos nós.

— Bom dia... — Zoé sussurrou

perto de mim beijando meu pescoço como sempre fazia. Carregava uma Alanis muito sonolenta e parcialmente vestida para a escola. Theo estava com Isis no colo que choramingava sobre qualquer coisa.

A campainha tocou, o que parecia ter se tornado algo comum nos últimos dias. Minha esposa me encarou perguntando com os olhos se eu esperava alguém. Sorri para ela e fui atender.

Meu pai, de óculos escuros, a mesma expressão rabugenta e vestido do jeito mais casual que conseguia, aguardava ser chamado para entrar.

— Bom dia, pai.

— Bom dia, meu filho. — Seu abraço caloroso veio em seguida. Ainda era o mesmo Herod de sempre. Turrão até onde

PERIGOSAS ACHERON

podia, amoroso com quem considerava merecedor. — Espero que tenha resolvido as coisas com sua esposa. As ilhas da Grécia só tem espaço para um casal brigado por vez. Eu e sua mãe viemos preencher a vaga em Santorini.

O acompanhei até a cozinha onde ocorria a reunião de família.

— O que isso significa exatamente? — Ele deu um sorriso sardônico.

— Ela não sabe que eu vim. — Então além de ter um casal brigado, Santorini receberia o início de uma grande guerra.

Na cozinha, o exército já estava escalado e produzindo todo o alimento necessário para o general, que acabava de

PERIGOSAS ACHERON

chegar, ter energia suficiente para lidar com o ataque do inimigo.

Meu pai parou por alguns instantes observando todas aquelas pessoas. Zoé e Theo dividiam a função de colocar os alimentos na mesa, enquanto Alanis ajudava a arrumar a louça, Nick preparava ovos mexidos no fogão e Isis batucava a tampa da cadeira de alimentação.

Todos os dias, eu tentava pensar no que podia significar para o meu pai rever a sua família. As suas missões eram sempre coisas tão arriscadas que eu interpretava suas reações no retorno como alívio.

Mas não. Naquele momento quase infindável, meu pai estava orgulhoso.

Alanis foi a primeira a perceber

PERIGOSAS ACHERON

nossa presença deixando lentamente o último garfo sobre a mesa. Os olhos azuis que ela herdou da própria mãe brilhavam espertos para o avô.

As cores dela podiam até ser do lado materno, mas eu reconhecia aquela personalidade das mulheres Vasalos mesmo sob um cabelo loiro e retinas azuladas.

— *Kaliméra*^[26], *prinkípissa!*^[27]
Você deve ser Alanis? — Ela acenou positivamente e se aproximou. Pouco a pouco, a minha cozinha quase tão infernal quanto a do restaurante, foi ficando silenciosa. — Eu sou seu *pappoús*. Já ouviu falar de mim?

— Das pulseiras! — Ergueu o braço mostrando o pingente vermelho. — E

das histórias do *bampá*...

— Seu pai conta histórias sobre mim? — Com o peito estufado de orgulho, ele se agachou diante da neta

— Sim, sobre homens maus e homens bons e *giagiá*^[28] gritando com você! — Meu pai abriu os braços.

— Então sou eu mesmo! — Seguindo a linha das reações dos últimos dias, minha filha abraçou o avô sorrindo.

Zoé olhava tudo enquanto tirava Isis da sua cadeira e se aproximava. Eu percebi que, devido os últimos acontecimentos, ela estava se tornando um pouco esquivada e desconfiada.

Foi exatamente esses dois sentimentos que ela demonstrou quando

parou diante do meu pai, maravilhado com a neta mais velha no colo.

— Você deve ser Isis! — Como sempre, a pequena deu as costas e agarrou o pescoço de Zoé escondendo o rosto. — Não muito simpática com pessoas desconhecidas. Tudo bem, acho que posso contornar isso com... — Do bolso do paletó, ele tirou dois pirulitos entregando um para Alanis e contornando Zoé enquanto estendia o outro para Isis.

Não demorou muito para o doce oferecer a simpatia esquecida inicialmente. Logo, Herod equilibrava as duas no colo.

— E você é Zoé... — Ele se aproximou da minha esposa para sussurrar alto o suficiente para que eu conseguisse ouvir: — Eu estava em Mykonos, dei os

tapas que seu marido merecia. Não espero que me agradeça por isso, mas se precisar de alguém para corrigi-lo agressivamente, pode me chamar. — Zoé sorriu.

Pronto, meu pai já era o mais novo proprietário de um pedaço do seu coração.

— Agradeço por isso, ajudou bastante no processo de reconciliação. — Piscou brincalhona — O senhor é...

— Senhor está no céu, menina. Me chame de você ou, se sentir vontade, de *bampá*. — Alguém tocou a campainha mais uma vez e a reação imediata do meu pai foi entregar as netas para mim. — *Skatá!*^[29] Achei que teria mais tempo! — Procurando pela cozinha, ele focou em Theo. — Você! Pare de fingir que está fazendo alguma coisa além de paquerar

minha filha e vá atender a porta. — Virando para minha irmã, agora estarrecida, completou as ordens. — Nick, invente qualquer mentira para ter me chamado até aqui antes do horário combinado. Nikos, me devolva Isis, bebês bonitinhos impedem uma mulher enfurecida de se tornar viúva pelas próprias mãos. Alanis, seja uma boa netinha e use todo seu charme em sua *giagiá*.

Com Isis no colo, ele se posicionou atrás do balcão.

Ao contrário do que todos imaginavam, minha mãe entrou pacificamente na minha casa. Como sempre fazia, me puxou para baixo e plantou um beijo em minha testa.

— Olá, filhotinho. *Mitéra* quase

morreu de tanta saudade. — Acariciando o rosto de Alanis ela sorriu para minha filha — Você deve ser minha neta. Que linda você é!

A loirinha sorriu e pediu para descer do meu colo.

— *Pappoús* pediu para eu usar meu charme em você. Como faz isso? — Com o olhar inquisidor, Juno encarou meu pai que sorria desconcertado segurando Isis bem diante de si como um escudo.

Eu não deveria concordar com aquele tipo de coisa, mas Herod não se importaria com minha opinião, passaria por cima disso e continuaria usando a neta, que estava mais do que satisfeita com toda a atenção que recebia.

— Seu avô fala demais por não ter

nada a dizer, *koúkla*^[30]. — Ela me olhou por sobre o ombro — Aquela é Isis, Nikos?

— Sim, *mitéra*. Tem um ano e onze meses. — Se aproximando de um marido muito temeroso, minha mãe pegou a neta do colo dele e beijou a bochecha gordinha.

Incrivelmente, Isis não a rejeitou.

— Eu acho que não estou entendendo muito bem... — Theo se manifestou e recebeu um olhar enviesado do meu pai. — Você são os pais de Nikos? Por que não vieram para o casamento?

— Sim. Ocorreram algumas complicações no nosso trabalho. — Juno explicou — Mas agora estamos aqui...

— Vocês não conhecem as

meninas?

— Grandes complicações no nosso trabalho. Sabe como é? Por muito tempo. É o que acontece quando você mexe com o perigo. — Passando o recado, meu pai se aproximou de Nick e passou o braço pelos ombros dela. — Mas agora estamos aqui. Observando tudo de perto.

Rindo para mim, Zoé olhava a cena um pouco afastada. Como se percebesse isso, Alanis percorreu toda a cozinha até parar perto dela. A ligação das duas era tão intensa que quase ultrapassava a relação que Heléne tinha com a filha mais velha.

Era estranho perceber que em menos de duas semanas de casados, Zoé tinha feito coisas e aproximado pessoas que

Heléne e seu medo sempre me ajudava a afastar.

— Parece que essa é uma reunião de família. — Theo resmungou se sentando à mesa de café até então abandonada. — Eu sou irmão de Zoé, me chamo Theo. Ninguém perguntou, mas acho importante avisar.

— Ninguém se importa. — Herod rosnou para ele.

— Ei, não fale assim com o rapaz só porque ele achou nossa menina bonita! — Minha mãe defendeu e Nick bufou.

— Mãe! Pai! — reclamou como uma adolescente.

A ignorando e com o espírito casamenteiro ativado, Juno se sentou ao

lado do meu cunhado e começou a se servir.

— Você trabalha com o quê?

— Sou piloto de avião. — Zoé rolou os olhos com a resposta do irmão.

— Mentira. Ele fez o curso e todo o treinamento. Trabalha vendendo os carros esportivos que meu pai comercializa e, de vez em quando, faz alguns serviços com o helicóptero de um amigo. — Olhando debochadamente para minha esposa, Theo respondeu.

— Na verdade, eu acabei de ser contratado por uma companhia aérea. Por essa você não esperava. — Os dois, de maneira bem infantil, apontaram a língua um para o outro.

Me sentei à mesa e coloquei Alanis no colo. Minha mãe logo começaria a trabalhar na missão desencalhar Nikola e eu queria ver de perto. Zoé passou a mão por cima da minha. Parecia satisfeita com todas aquelas pessoas ali.

— Nick sabe pilotar! Que coincidência! — Meu pai pigarreou incomodado com a euforia da minha mãe.

— Falando em pilotar... — A velocidade do meu pai para mudar de assunto fez Nikola rir satisfeita. — Como chegou tão rápido, querida? Pensei que viria muito depois de mim.

— O combinado era vir juntos, Herod, mas como eu o flagrei planejando uma chegada antes de mim, fui atrás dos meus próprios contatos. Vim de helicóptero

até uma ilha vizinha, peguei uma lancha e aportei em Oia antes de você. Como sempre, eu estou dois passos à sua frente.

— Theo soltou uma exclamação admirada.

— Falando em contatos... Zoé, minha querida, é hora de começar a organizar o nosso ataque. Vou ensinar a você como usar o desespero do seu inimigo ao seu favor.



*Crítica Pessoal aos Ovos Mexidos: não
rendeu.*



αντιποίνων • Retaliação

É explícito que minha mãe me ensinou muitas coisas. Desde como me portar em uma mesa ou até a fazer todas as receitas que ela acumulava dentro de um caderno decorado, mesmo que eu não me saísse bem em minha delas. Mas, o principal ensinamento, era a comemoração de todas as vezes em que nossa família se reunia por completo.

Com todos aqueles rostos na minha cozinha, eu tinha certeza que a noite seria animada, mesmo que a gente só estivesse tomando o café. Minha alma festeira que só precisava de um motivo para colocar música alta, fazer drinks e dançar, já estava acordada e pronta.

Hoje era dia de abrir o restaurante
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para a noite e a gente sempre promovia coisas para o público mais jovem. Logo, a festa já estava garantida.

— Precisamos quebrar pratos para afastar os maus espíritos... — Herod comentou, ainda com a pequena Isis no colo.

Eu ri enquanto lavava o último prato. Ele e Juno estavam sentados enquanto Nikos terminava de vestir Alanis para a escola e Theo e Nick me ajudavam a secar e guardar a louça.

— Você é mesmo um velho supersticioso. — Meu sogro encarou a própria esposa com o cenho franzido.

— Eu não fico jogando sua idade ao vento!

PERIGOSAS ACHERON

— Nem ouse! Eu não falei sua idade! — Sorrindo vitorioso, ele passou Isis para a outra perna.

Nick me cutucou com o cotovelo e riu para mim percebendo que eu observava a interação dos dois. Ela era um contraste interessante na cozinha. Enquanto a mãe e o pai usavam roupas claras, Nikola ostentava uma jaqueta vermelha, calças azuis e coturno preto. Parecia uma adolescente rebelde.

Theo estava logo atrás dela e jogava olhadelas interessadas. Queria fisgar a sereia, mas não percebia que era ele quem estava caindo na rede.

Otário, eu estaria vendo tudo de perto para depois tirar o máximo de sarro possível.

— Eles são sempre assim. Até durante o trabalho. — Eu conseguia perceber o código nas palavras utilizadas perto do meu irmão.

Mesmo sendo da minha família, ainda não era de seu conhecimento que estava no meio de agentes federais.

E, podia ser eu querendo ver romance onde não existia, mas Nick estava um pouco incomodada por ter que manter segredo.

— Acho que não me surpreendo. — respondi. — Eu e Nikos fazemos a mesma coisa sempre que possível. Implicar é o que faz o relacionamento ser interessante.

— Concordo. — Minha sogra continuou, fazendo saber que ouvia a

PERIGOSAS ACHERON

conversa. — Esse ridículo que eu chamo de marido faz tudo ser melhor. Claro, na maioria das vezes.

— É sempre, pode falar para eles.
— Obviamente, Nikos não tinha herdado a prepotência do pai.

E, falando nele, meu marido apareceu na cozinha nos minutos seguintes com uma Alanis uniformizada e com o cabelo penteado do jeito que o pai tentava pentear.

Eu sempre admirava o esforço de Nikos em ser o pai exemplar para as meninas. Era ele quem contava histórias, quem sabia o nome de todos os desenhos e que assistia vídeos no YouTube para se manter atualizado nos penteados infantis. Enfim, podia ser seu papel de pai, mas ele

se dedicava tanto que me emocionava.

— Hora da escola! — A loira informou balançando os braços para cima em comemoração.

Herod e Juno se levantaram, ele carregando Isis, e se agacharam diante dela. Pareciam lidar com o ser mais divino da terra.

Eu realmente sentia uma dor no meu coração. Os dois demoraram tanto tempo para ter aquele tipo de interação com as netas, era o preço que pagavam para proteger a família.

Às vezes se afastar também é uma prova de amor.

— Eu nunca vi uma estudante tão linda! — Juno elogiou apertando a

bochecha de Alanis que instantaneamente ficou rosada.

— Ela dizia a mesma coisa para mim. — Nick comentou atrás de mim.

Surpreendentemente, Theo observava tudo em silêncio como se fosse apenas um telespectador sem opinião. Anormal para alguém tão sincero ao ponto de ser inconveniente.

Sorri para minha cunhada que podia virar essa patente duas vezes se caísse no charme do meu irmão tanto quanto ele estava caído no dela. Uma cunhada ao quadrado? Seria possível?

— Nikos, deixe nós dois levarmos Alanis à escola. Me dê o endereço que eu coloco no GPS e levo ela lá. — Sorrindo como uma criança grande, Herod pedia. —

Por favor.

— Certo, acho que Zoé também vai preferir assim. — E o que eu mais amava no meu marido é que em qualquer circunstância que parecia que ele estava tomando minha frente, ele dava um jeitinho de se redimir e mostrar que meu lugar era meu e não havia interesse de me remover dele.

— Tudo bem por mim. Acho que Alanis vai gostar de mudar um pouco a rotina.

— Eu vou adorar! — comemorou.

— Ótimo! — Juno pegou Isis do colo do marido e caminhou em minha direção me entregando a garotinha, bem quieta graças a preguiça da manhã que a acompanhava todos os dias. Um beijo na

bochecha da bebê foi o suficiente para despedida. — Voltamos logo!

Nikos levou os três à porta resolvendo os pormenores.

Voltei a encarar os outros dois integrantes que continuaram ali em suas posições parecendo desconfortáveis com os novos membros do clube dos desesperados.

Eu tinha duas opções: constrangê-los para me divertir ou mudar de assunto. Pensando bem, a segunda opção podia alimentar o relacionamento que despontava entre os dois e isso me parecia atrativo. Nick e Theo combinavam e, assim como Juno e minha mãe, eu adorava interpretar o papel de cupido.

Então, que Afrodite nos ajudasse.

— Mais tarde nós vamos abrir o restaurante também. Nosso serviço noturno é bem animado! — Os olhos de Nick brilharam enquanto Isis batia palminhas animada com o que eu estava falando, mesmo sem entender nada.

— Tem tempo que eu não faço nada de especial à noite.

— Sério? — Theo se interessou e eu sorri de lado. Surgiu a deixa, não é irmão?

Os dois começaram a conversar sobre suas rotinas noturnas e eu saí discretamente com Isis no colo. Era hora de deixar os pombinhos montarem um ninho.

Subi até o quarto das meninas para dar banho na pequena. A todo momento, ela procurava alguma coisa para fazer.

Estava começando a ficar agitada, sinal que já era hora de começar sua rotina.

De banho tomado, vestida e perfumada, Isis ficou na sala até o horário de almoço brincando com seus ursinhos.

Nick e Theo se juntaram a ela tão logo puderam. Ambos tios babões.

Fui para a cozinha mais uma vez só para verificar se tudo estava em seu devido lugar e acabei encontrando Nikos sentado em uma das banquetas e bebericando uma xícara de café.

— Ainda não foi trabalhar? — Me aproximei. Seu braço passou por minha cintura e ele afundou o rosto entre meus seios respirando fundo. Passei os dedos por seu cabelo reconhecendo o sinal de cansaço e preocupação.

É claro que com os pais por perto as investigações contra Giannis e a Speak seriam mais aprofundadas, porém, ainda assim, a tensão que aquele novo estado significava para ele era mais do que compreensiva.

Depois de tudo o que ele já passou e o que aconteceu com Heléne, Nikos tinha todo o direito de se portar daquele jeito.

Era também por isso que eu me recriminava um pouco pela minha postura na nossa lua-de-mel. Ele havia me magoado, eu estava entristecida, mas a realidade de Nikos e toda a sua história justificavam a sua atitude pelo menos um pouco.

— Vai ficar tudo bem, meu amor.
Agora nós temos proteção... — Erguendo a

cabeça repentinamente, Nikos me encarou com aqueles olhos tão verdes e marcantes como se acreditasse em tudo o que eu fosse falar daquele momento em diante. — Giannis não é nada comparado ao seu pai, a Speak é só uma pedra no sapato. Eles não vão mais atingir você.

Duas horas depois, aquilo se confirmou.

A Speak realmente não atingiria Nikos porque eu era o novo alvo.

Juno havia voltado junto com Herod depois de ter feito algumas investigações discretas. Um novo sistema da revista havia passado despercebido ou foi camuflado e agora já estava tudo em uma só matéria publicada em destaque. As edições estavam sendo vendidas por aí e

tivemos acesso online.

"De jornalista investigativa à esposa dedicada. Conheça Zoé Vasalos, a mulher por trás do codinome Vênus!"

Não era só uma retaliação, era minha cabeça sendo dada como prêmio para todos aqueles que eu tinha prejudicado no passado. Minha sogra colocou a mão em meu ombro, talvez entendendo o que eu estava sentindo.

Raiva borbulhava dentro de mim fazendo aquela mulher vingativa que eu gostava de guardar em meu peito se sentir satisfeita e pronta para entrar em cena.

— Nós temos que fazer alguma coisa. Tomar uma nova atitude ou qualquer coisa que seja um contra-ataque do tamanho necessário. Você sabe quem são PERIGOSAS ACHERON

os outros rostos por trás dos outros nomes, Zoé. Faça com que essas pessoas tenham medo de você. — Juno me aconselhava enquanto Herod gritava ordens ao telefone.

Nikos não sabia de nada, estava no restaurante para o horário do almoço. Nikola e Theo saíram para dar uma volta e Isis tinha ido com eles.

Eu ainda lia, incrédula, a nova notícia em destaque no site.

Um estalo na minha mente me fez descer até as últimas linhas procurando os detalhes da reportagem. Os responsáveis pela notícia eram os donos do codinome Zeus e Áries.

Áries era Giannis. Zeus era um dos meus superiores.

E eu sabia o nome dele.

O problema de tomar uma atitude como aquela, é que eles se colocavam em risco. Provavelmente pensavam que eu estava fazendo algum tipo de hacker leve e queriam me amedrontar.

Ou tinham algum aliado igualmente forte aos meus. O que poderia ser algo ainda pior.

Nikos falou sobre um mafioso, mas eu sabia lá no fundo que as investigações movidas pelos meus sogros não tinham só um foco. Marcius Stefanos podia ser uma das pedras no caminho e poderiam existir pedras maiores.

Eu estava ficando tão neurótica e preocupada que não sabia como solucionar aquilo. Custou segundos até eu perceber

PERIGOSAS ACHERON

que Juno já estava usando seu notebook e munida de diversos aparelhos desconhecidos para mim.

Herod deixou de gritar ao telefone e se aproximou, parecia saber o que a esposa estava fazendo.

— O que vai fazer? — Juno sorriu e continuou digitando sem se preocupar em responder. — Pronto. Agora ninguém segura essa mulher. — Dando a volta na ilha da cozinha, meu sogro se sentou ao meu lado. — Não fique preocupada, vamos resolver isso.

— Eu não imaginava que eles fariam algo assim. Pensei que se concentrariam em Nikos. — Ele sorriu para mim.

— Zoé, existe algo sobre gente
PERIGOSAS ACHERON

sem caráter que você precisa aprender: eles atacam qualquer um que vêm pela frente só para conseguir se beneficiar. Você se tornou o alvo porque incomodou, atrapalhou um objetivo deles e ainda recebeu ajuda de terceiros para danificar todo o sistema de armazenamento de arquivos que eles possuem.

Aquilo sobre mau-caratismo me atingiu. Quantas vezes eu tinha interpretado o papel de Giannis?

— Não se martirize pelos seus erros do passado. Pelo o que sabemos das suas reportagens, nada era tão descomunal como isso. Há diferença entre uma fofoca sobre uma cirurgia plástica e uma exposição de uma família responsável pela investigação de criminosos perigosos à

níveis federais. Claro, você atingiu alguém de forma negativa, mas nunca colocou ninguém em perigo. — Ele estendeu a mão e segurou a minha me confortando. — Pelo contrário, quando percebeu o que podia acontecer com meu filho, você o protegeu. Isso é demonstração de caráter. Assumir erros e se corrigir é uma demonstração de caráter. Errado é perceber o que está fazendo e seguir a mesma trilha.

Suspirei reconfortada pelas palavras dele. Herod era mesmo um pai, daqueles que sabiam tranquilizar os filhos quando necessário e corrigir também. Além de ter uma personalidade maravilhosa que nos fazia amá-lo cada vez mais.

— Vamos fazer o seguinte: essa mulher com quem eu casei deve estar

aprontando alguma coisa. Provavelmente, deve fazer a Speak fechar as portas ainda hoje, então se tranquilize e vá falar com Nikos.

— Obrigada, vou fazer isso.

Saí da cozinha vendo ele se aproximar da esposa mais uma vez tentando descobrir o que ela fazia. Sorri ao imaginar se ao chegar na idade deles, Nikos e eu teríamos uma relação parecida.

Vi nossa sala bagunçada, o hall de entrada cheio de quinquilharias e descí as escadas de pedra.

Como se tornou comum naqueles dias, observei todas as pessoas da rua antes de entrar no restaurante. Os rostos repetidos de alguns clientes não me assustavam, mas o homem com rosto de

PERIGOSAS ACHERON

rato no bar fez explodir na minha cabeça a memória de que ele tinha visitado a Speak e subido até os últimos andares.

— *Bonsón?* — Nikos me chamou às minhas costas. — O que houve?

Toda vez que ele me chamava por um apelido carinhoso, principalmente de bombom, algo dentro de mim crescia e atingia níveis extremos de auto-segurança. Era sempre reconfortante saber que o homem que eu amava fazia isso de volta.

— Eu... Preciso falar com você.
— Ele tirou a bandana vermelha da cabeça, uma das mais de quarenta que colecionava. Seus olhos varreram todo o meu rosto como se procurando alguma pista do que eu ia dizer.

Nos últimos dias, Nikos e eu
PERIGOSAS ACHERON

definhamos de um jeito além do que podia ser visto. Não era como se nossa aparência tivesse se alterado completamente, mas nossos olhos já estavam sob olheiras e nossas preocupações tomavam conta de todos os lugares que frequentávamos.

— Vamos ao escritório.

A sala de Nikos quase não era usada, era ali que ficavam todas as coisas que não queríamos em casa ou no restaurante. Uma camada fina de poeira cobria todos os móveis de madeira caramelo. Nada era especialmente decorado, parecia só mais um quarto sem uso. Não é atoa que ficava escondido atrás dos banheiros e o acesso era só um corredor estreito.

— Pode falar. — Aquele

assombro na voz era só um dos detalhes que entregavam o quanto ele estava preocupado.

— A Speak publicou uma reportagem sobre mim.

Aquela simples frase parecia abrir as portas do inferno diante de Nikos. Ele se jogou em uma cadeira, enquanto me encarava aturdido.

— Ao que parece, resolveram que me expor era mais interessante do que expor você, ou mais vantajoso. — Me sentei na cadeira de frente para ele. — Sua mãe está dando o jeito dela, fazendo alguma coisa que eu ainda não sei o que é. Parece segura de que pode resolver isso para mim e seu pai concorda com ela.

— Então o melhor a se fazer é

PERIGOSAS ACHERON

aguardar. — Ele passou as mãos pelo cabelo e se aproximou de mim chegando à ponta do próprio assento e se inclinando para frente. — Você tem certeza de que não sabe quem tentou encomendar a minha exposição?

— Tenho. Na verdade, eu tenho desconfianças, mas nada que possa ser concreto. O que eu posso fazer é pedir para que investiguem...

— Algum nome?

— Aquele homem que veio fazer uma proposta para você. Qual o nome dele? Como se apresentou?

Nikos franziu o cenho unindo as sobrancelhas grossas e escuras. Procurava a informação na própria mente.

— Konstantinos. Konstantinos Marantinis.

Anotei a resposta em um dos papéis abandonados por ali.

Mais um trabalho para minha sogra, eu sabia.

Me levantei, pronta para ficar mais perto de Nikos. Apoiei uma das mãos em seu ombro e a outra eu usei para contornar sua nuca. Colei minha testa na dele em um sinal de cumplicidade.

— Eu nunca vou conseguir definir o tamanho do remorso que eu sinto por ter feito parte disso, mesmo que por pouco tempo. Eu ainda não sei como, mas vou tirar nós dois dessa.

Saí do escritório e voltei para

casa.

A noite chegou quase tão rápido quanto os problemas. Juno havia excluído a reportagem da Speak, tirado o site do ar por três horas (por pura vontade de se vingar) e conseguiu mais provas do que o necessário para instaurar um inquérito contra a revista.

Pelo visto, a agência federal levava muito a sério a privacidade dos seus funcionários e parentes. Herod tinha sangue nos olhos e só sossegaria depois de extinguir aquelas pessoas da face da Terra.

— Muito bem, tome isso. — Nick, minha cunhadinha que parecia ter a habilidade de fazer qualquer noite ser inesquecível, escorregou uma taça de drink para mim.

— O que é "isso"?! — Ela sorriu

com toda a perspicácia que era claramente herdada da mãe.

— A porta do paraíso para uma noite inesquecível. Grenadine, *ouzo*, curaçau azul e suco de limão. Gelinho e hortelã para disfarçar o nível de álcool. Conhecido por Greek Lover.

Cheirei o conteúdo do copo e a encarei duvidosa.

— Só com o aroma eu já estou tonta.

— Então bebe para ver o resto dos resultados.

Theo se aproximou e sentou ao meu lado. Herod, ao ver que ele estava perto demais da filha, se sentou do meu outro lado. A gente estava usando o bar

para promover alguns drinks do nosso cardápio e usar isso como desculpa para beber e esquecer os problemas. Enfim, meu sogro bebia e protegia os seus, aparentemente não sabia relaxar.

Arrastei meu copo em sua direção.

— O que é isso?

— Um drink que Nick sabe fazer. Relaxe um pouco, hoje a noite é para desestressar. — Senti um abraço por meus ombros e ergui a cabeça. Era Juno.

— Você também deve relaxar. Esses músculos tensos entregam como está seu emocional. Vamos, Zouzou, minha Nick fará mais um para você e aí começaremos a noite com o pé direito. Pode ser? — Aparentemente, Ísis já tinha contaminado a avó com seu vocabulário.

Seguindo sua orientação, peguei mais um drink com Nikola e bebi. No meio da conversa fácil com todos aqueles rostos novos, foi fácil esquecer um pouco dos problemas.

Herod, o homem da casa, começou a puxar a filha para o meio do espaço destinado à dança. Me virei em meu lugar para contemplar os dois envolvidos no meio daquela interação.

Senti saudade do meu pai, ele fazia a mesma coisa comigo sempre que estávamos no mesmo ambiente.

Aurelius, o homem que sabia sempre o que devia fazer. Meu coração apertava ao saber que agora não existia proteção suficiente debaixo dos braços dele ou dos meus irmãos. Era aquele momento

que o mal voltava para a gente e ficava ao nosso encargo afastá-lo outra vez.

— Dança comigo? — Nikos apareceu diante de mim, já sem uniforme de chef, com uma das suas camisas sociais que eu gostava tanto. As mangas dobradas, com a calça de um jeans escuro e a correntinha de ouro que eu tinha dado de presente em seu aniversário montavam um conjunto perfeito e casual.

Meu marido era realmente lindo e sexy.

— Se eu tropeçar, você vai rir de mim? — A mesma pergunta que eu fiz no nosso primeiro encontro parecia ser a resposta ideal naquele momento.

— Sempre que possível.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

*Receita de Mousse de
Limão*

- *Uma lata de leite condensado, doce e viciante como sua esposa.*
- *Uma caixa de creme de leite gelado, firme como os seios dela.*
- *Suco de um limão, ácido como quando vocês são interrompidos.*

Bata os três ingredientes no liquidificador até ficar homogêneo como os corpos de vocês dois quando estão com muita vontade. Coloque a mistura em uma forma e leve à geladeira, enquanto espera a mousse ficar firme, passe o tempo no quarto com sua esposa. Vocês não vão nem perceber que as horas passaram.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ηρεμία • Calmaria

Sempre que surgia a oportunidade de dançar com Zoé, eu me lembrava de uma situação que definiu todo o nosso relacionamento: no nosso primeiro encontro, eu tive que levar Isis e Alanis.

Nada mais natural para um pai que não tinha com quem deixar as filhas. Enfim, quando estamos nessa situação, nós ficamos esperando a outra pessoa pular fora.

Afinal de contas, duas crianças, mesmo que sendo ligadas a você apenas no papel de cônjuge de um dos pais, são responsabilidades expressivas.

Mas Zoé desde o primeiro dia me provou que estava na minha vida para fazer

a diferença. Quando me viu chegar com uma bebê no colo e de mão dada com uma garotinha que batia no meio da minha coxa, ela se levantou da cadeira onde me esperava e caminhou rapidamente em minha direção.

— Uau... Eu não sabia que hoje era dia de pacote completo. — Eu ri para sua brincadeira e a vi se agachar diante de mim e ficar com o rosto paralelo ao de Alanis. — Nós duas já nos conhecemos.

— Você é a moça dos sapatos altos do restaurante! — A loira se aproximou amigavelmente. — Não caiu, não é? Ou caiu, ficou com medo e agora vai usar para sempre esses sapatos baixinhos? — Zoé olhou para baixo, para os pés calçados com sapatilhas, e sorriu.

— Não, prometo usar sapatos altos de novo. É que hoje é um dia em que vamos andar muito. — Oferecendo uma das mãos, ela continuou: — Você se importa de me fazer companhia? Sua irmãzinha deve ser pesada e o papai provavelmente vai precisar das duas mãos.

— Feito, colega! — Com a mãozinha estendida, ela se uniu com aquela que seria a terceira parte perfeita para o clube das mulheres que um dia me matariam.

Isis não fazia muita coisa nessa época além de babar e dar risadinhas, por isso a primeira interação dela com Zoé foi um beijo molhado na bochecha e uma risada para lá de escandalosa quando minha futura esposa fez cócegas nela.

Parecia um quadro admirável de três mulheres da mesma família. Muito semelhante com a imagem que eu tinha da minha mãe com minhas irmãs.

Seguindo nossa programação, usamos algumas das escadas de Oia para chegar a um restaurante famoso pelos petiscos de frutos do mar. Ideal para dois adultos se conhecerem se não tivessem duas crianças a tiracolo.

Depois de uma quantidade considerável de degraus descidos, o cansaço já pegava Alanis e Isis já pesava em meu colo.

Mas o restaurante estava bem diante de mim. E parecia mais animado que nunca.

— É esse aí? — Alanis indagou e

eu fiz que sim com a cabeça — Até que enfim!

— Filha, olha o respeito... — murmurei constrangido enquanto Zoé começava a rir da espontaneidade da pequena.

— Desculpa. Mas agora podemos entrar, papai? — Isis balbuciou alguma coisa estendendo os bracinhos para o restaurante. Olhei para Zoé que começou a andar em direção a porta. A segui em silêncio.

Seus olhos refletiam com encanto a primeira impressão do lugar. Vendo da atual perspectiva, depois daquele momento, quando ela se virou para mim, Zoé deixou a profissão de lado.

Uma música animada tocava

PERIGOSAS ACHERON

enquanto casais preenchiam a pista de dança. Quase a mesma coisa que agora.

— Quer dançar? — convidei depois de acomodar Alanis e Isis em uma mesa. Nessa época eu já tinha um restaurante e isso criava um elo de amizade interessante com outros chefes como eu. Uma garçonete se propôs a cuidar das duas meninas para que eu e Zoé aproveitássemos a dança.

— Se eu tropeçar, você vai rir de mim?

Já não era um encontro de quase dois anos atrás. Era agora, era Zoé um tanto bêbada sorrindo para mim enquanto aceitava um convite meu. A segurei junto ao peito para manter seu escasso equilíbrio.

— Sempre que possível. — A
PERIGOSAS ACHERON

resposta pareceu satisfazer.

Vi quando meu pai deixou Nikola de lado e se dedicou à minha mãe. Tive vontade de pedir Zoé para me prometer que teríamos um relacionamento duradouro como o deles, tive vontade de fazer muitas outras coisas. Tive vontade, mas não fiz.

O principal problema de se estar vivendo um momento bom é que perdemos chances de melhorá-lo, de fazer valer a pena para quando um momento ruim chegar você conseguir se consolar. Infelizmente, é um erro que eu também cometo.

Eu estava satisfeito com a cabeça dela encostada em meu ombro enquanto a gente dançava uma das músicas que minha mãe insistiu em colocar. Algo da década de

oitenta que eu não sabia identificar.

— Sabe de uma coisa? — A voz da minha esposa me tirou daquele devaneio em que eu tentava identificar tudo a minha volta. Seu rosto levantado e os olhos azuis brilhando para mim era a obra de arte que precisava ser admirada. Nada mais importava quando Zoé olhava para mim.

— O que?

— Preciso falar com você em particular. — O sorriso que ela deu no final da frase já pontuava do que se tratava o assunto.

Sua mão puxou a minha enquanto seu andar cambaleante formava um caminho até a cozinha. As portas duplas foram empurradas, por puro costume olhei em volta e as pessoas estavam distraídas

demais para se importar com um casal recém-casado sem lua-de-mel escapando para ter uma rapidinha.

Naquele horário, a cozinha já estava fechada e o caminho não tinha interrupções. Alanis e Isis estavam sob a vigilância da moça responsável pela sala das crianças que no dia de hoje tinha mais integrantes.

— Vem aqui comigo... — Ela abriu a porta da despensa. Zoé era o próprio mal caminho, o vestido já tinha as mangas abaixadas expondo o sutiã de renda. O cabelo se soltava aos poucos do penteado e os olhos demarcados com alguma maquiagem escura pareciam esfomeados demais.

E eu era a própria comida.

Me aproximei a empurrando contra o refrigerador. O aço gelado contra aquele corpo quente fez com que ela arqueasse. Segurei seu queixo enquanto a beijava.

Zoé tinha disso de se entregar para cada novidade. Senti suas pernas enlaçando minha cintura enquanto ela se pendurava em mim. A levantei ainda mais ficando paralelo aos seios. Com o nariz afastei o tecido e beijei um dos mamilos.

A ouvi arfar, era o melhor som que aquela mulher sabia fazer além de gemer. Sua pele se arrepiou, meu pau começou a dar sinal de vida dentro da calça já apertada.

Uma de suas mãos deslizou para dentro da minha camisa, a outra tirava os

botões de suas casas. Ela era tão atrevida quanto eu, queria espaço, poder tocar. Zoé gostava do domínio e não demoraria a procurar uma forma de dominar as rédeas da situação.

Enquanto isso, eu puxei a barra de seu vestido procurando caminho por sua barriga até o seio que até então eu não tinha dado atenção.

Os cabelos escuros se soltaram completamente, agora eram uma cortina sobre os ombros de Zoé atrapalhando um pouco minha inspeção. Ela riu quando eu praguejei depois de quase perder o equilíbrio. Seu rosto iluminado e corado expressava puro êxtase.

Deslizei para o chão, ela ainda em meu colo. Agora sentado, Zoé tinha o

domínio. Solto os pés enlaçados em minhas costas e ajoelhou sobre mim, empurrou meus ombros e me incentivou a ficar deitado.

Segurei uma mecha de seu cabelo entre meus dedos apreciando a maciez. Ela era tão linda. Mais linda do que qualquer mulher que eu tivesse conhecido em toda minha vida. Estava inclinada com o rosto próximo ao meu.

Mesmo com a calcinha, eu conseguia sentir o seu estado contra meu pênis coberto pela calça. Baixou as mãos, abriu o botão e o zíper.

— É isso o que você quer, não é? Me ver como refém? — perguntei rindo sentindo seu toque.

— Não é como se você uma

PERIGOSAS ACHERON

vítima, você gosta do que eu faço. — Se aproximando mais uma vez, Zoé me beijou.

Demorou pouquíssimo tempo até que eu conseguisse espaço para me encaixar e meter de uma só vez. O beijo parou enquanto ela abria a boca como se fosse gritar.

— Você também gosta, não é? — Segurei seus cabelos em uma mão e levantei meu corpo para conseguir me movimentar melhor. A outra mão servia de apoio contra o chão.

Zoé fechou bem os olhos apreciando as sensações. Desisti de procurar equilíbrio e a abracei. Sentí-la contra mim era tudo o que eu precisava.

Afundi o rosto em seu pescoço procurando seu cheiro, por um momento

PERIGOSAS ACHERON

achei importante voltar a identificar tudo a minha volta, todos os detalhes que mais tarde poderiam servir de alguma memória, mas Zoé começou a me cavalgar usando todos os movimentos e contrações que sabia que me enlouquecia.

E Zoé dedicada a fazer minha noite a melhor de todas era muito mais importante do que qualquer mau pensamento que quisesse se apossar de mim.

— Meu amor, você vai me matar.
— murmurei em seu ouvido.

— Se for de prazer, eu não me arrependerei.

E não se arrependeu. Nem depois de satisfeita. O chão da cozinha parecia confortável para ela, com o vestido

PERIGOSAS ACHERON

desajeitado e meu braço como travesseiro.

— Sabe de uma coisa? Parece que nós dois não seremos pais caretas que transam em determinado dia da semana. — Eu ri. — É sério! Olha só que radical, estamos em um dia de trabalho, com o restaurante cheio de pessoas e fugimos para a dispensa só para conseguir transar. Isso é quase viver a vida de pais perigosamente.

— Um segundo, mocinha. — Me virei para admirá-la melhor. — Eu não fugi para a dispensa, fui sequestrado.

— Ah, é? Parece que você gostou do sequestro.

— Não pode provar isso. — Ela ergueu as sobrancelhas, deixou de me encarar e olhou para o teto.

— "Zoé, você é tão gostosa!" —
Sua tentativa de imitar minha voz me fez
rir alto. — Isso é prova o suficiente?

Eu iria responder, até tentei
formular uma réplica, mas o barulho da
porta da cozinha abrindo abruptamente me
fez me levantar rápido. Zoé começou a
arrumar a própria roupa e se levantou
também ficando ao meu lado.

Ela quem abriu a dispensa e
seguiu em direção às vozes alteradas dos
meus pais.

— O que está acontecendo? —
Minha mãe a olhou.

— Querida, é só que...

— O maldito Giannis fugiu!
Sumiu daqui da ilha, foi para sabe-se Deus

aonde. — Encarei Zoé sem entender onde meu pai queria chegar. Aparentemente, ela também não entendia.

Minha mãe caminhava de um lado para o outro, visivelmente alterada.

— E como isso nos afeta?

— Na verdade, isso não nos afeta. Ele foi embora, mas Marcius chegou acompanhado de uma das suas mulheres. — Meu pai respondeu se sentando em uma das banquetas que deixávamos ali para alguma emergência.

— Então ele sabe de nós? — a voz da minha esposa era tão amedrontada que pela primeira vez eu encontrei alguma semelhança entre ela e Hélène.

— Eu ainda não sei, estou

pesquisando sobre isso. — Preocupado ele esfregou a testa. — De qualquer forma, tomem cuidado.

Olhei para Zoé mais uma vez, lágrimas caíam dos seus olhos enquanto ela as limpava discretamente.

Novamente a semelhança. Assim como Hélène, minha atual esposa tinha medo do que podia acontecer.



**Crítica pessoal à mousse de limão:
gostaria de repetir.**



κωδική ονομασία • Codinome

A minha principal memória de infância está ligada com a minha interação constante com meu pai. Todas as noites ele me colocava para dormir, mas em uma especial ele contou uma história. A mais importante de todas as histórias de dormir: a origem do meu nome.

Segundo ele, quando mamãe engravidou de mim, era esperado após quatro meninos que eu seguisse a mesma linha de sexo. Mas não. Custou até o oitavo mês de gestação para descobrirem que eu era uma menina. E, quando isso aconteceu, ele foi completamente pego de surpresa.

Disse que meus avós sugeriram Diana como meu nome, mas aquilo não havia tocado o seu coração. Ele sabia que

PERIGOSAS ACHERON

eu não deveria ser chamada assim. Por acaso, em um dos dias de missa, o padre falou sobre Eva, a primeira mulher. Pareceu se encaixar com perfeição.

Lembrando do judaísmo do meu avô, uma variante era tudo o que ele precisava: Zoé. A primeira mulher para os judeus gregos. Eu, a primeira menina depois de tantos homens.

Precisei lembrar dessa história antes de tentar dormir. Era minha forma de recordar quem eu era de verdade, mesmo com os erros e tudo o que estava acontecendo.

Eu ainda era a Zoé, a surpresa, a primeira depois de quatro, a que se formou com honras, a esposa de Nikos e mãe adotiva de duas garotinhas lindas. Como o

meu sogro havia falado, eu havia decidido mudar. Mas será que já não era tarde demais?

Tudo em minha cabeça me sussurrava que Nikos estava melhor sem mim. Antes de me conhecer, ele não teria acesso à esse perigo. E, mesmo que não fosse eu a pessoa enviada pela Speak, ao menos me restaria a consciência tranquila de não ter prejudicado alguém como ele.

Porém, eu também não conseguiria resolver. Se ao menos eu soubesse quem era a pessoa que tinha encomendado a destruição de Nikos...

Observei que meu marido já dormia e fiz um carinho em seu rosto. Ele estava preocupado comigo, custou a pegar no sono porque queria que eu desabafasse e

eu não conseguia.

Eu o amava tanto e sentia tanto...

Decidi me levantar da cama porque o sono resolveu fugir. Eu era mais produtiva acordada, então ajudaria a fazer o que quer que fosse necessário para reparar tudo o que eu tinha causado.

O notebook trazido por minha sogra estava em cima da cômoda do quarto, seria fácil pegá-lo. Caminhei com passos lentos até ele e fui para a sala de estar. Infelizmente, esqueci do "pequeno" detalhe de um metro e noventa que eu chamava de irmão que dormia no meu sofá.

— Peste ruim. — resmunguei.

— Eu ouvi isso. — Sua voz me respondeu da semi-escuridão que era o

centro da sala.

— É bom que tenha ouvido. —
Contornei o cômodo e fui para a cozinha.
Me sentei nas banquetas que serviam para a ilha e abri o notebook. Ouvi passos arrastados típicos de Theo e suspirei.

Assim seria difícil.

— O que foi? — perguntei ríspida.

— Eu estou sem sono. —
respondeu se sentando ao meu lado.

— Vai contar carneirinhos. —
Enrolei antes de digitar a senha de desbloqueio rapidamente.

— Nossa, mas nem parece a mulher que fugiu com o marido para cozinha para ir transar. — Encarei meu

irmão. Mas não era possível que eu tinha que ter um encosto desses como parente. — Que foi? Eu já sou crescidinho. Sei o que acontece com duas pessoas que sentem tesão.

— Olha, deixa minha intimidade fora da sua cabeça e para de insinuar que mulher tem que ficar calma porque transa. Ou eu vou começar a te questionar porque que suas ex-namoradas são tão raivosas. Ou você não transava com elas, garanhão? — Ele bufou.

— Isso não te diz respeito...

— Ah, e minha vida sexual te diz? Vai beijar um bode. — Voltei a atenção para o notebook.

Por gloriosos momentos, a cozinha ficou completamente em silêncio.

Mas tudo o que é bom, dura terrivelmente pouco.

— Está acontecendo alguma coisa realmente séria?

— O que? Por quê? — Theo olhou para o notebook que eu fechei rapidamente e olhou para mim. — Não! Está tudo cem por cento em ordem, na maior normalidade.

— Seus sogros não vieram para o casamento, nem a sua cunhada. Agora todos estão aqui e falam em código como se eu fosse um idiota que não consegue perceber que existe um assunto que não pode ser falado na minha frente.

— Theo... Está tudo bem. — afirmei colocando minha mão sobre a sua.

— Então posso ligar para Apollo e dizer que me preocupei a toa? — Franz o cenho.

— Você falou com Apollo?! — Ele ergueu as mãos em sinal de defesa.

— Coisa de irmão mais velho! Eu vejo um monte de gente entrando e saindo da sua casa, você mais preocupada do que nunca depois de voltar da lua-de-mel mais cedo e não contar o motivo para mim. Ok, Apollo sabe, mas eu sou o Theo e não entendi porque a minha irmã que parecia tão feliz entrando em um avião depois de casar agora está aqui com uma ruga no meio da testa de tanto estresse. — Coloquei o dedo entre as sobrancelhas quase me sentindo ofendida.

— Theo, você não deve enfiar a

família nisso sem antes me consultar! Eu entendo que esteja preocupado e que inicialmente eu tenha entrado em contato com vocês, mas eu estou casada agora e existem certas coisas que eu preciso resolver sozinha. Agradeço pelo cuidado, entendo que ache estranho, mas antes de chamar todo o exército Malipiero, me pergunte! — Theo deu de ombros e saiu da cozinha me deixando sozinha.

Olhei para onde ele estava anteriormente sentado ainda perplexa. Infelizmente, esse tipo de atitude foi algo que eu deixei que acontecesse...

Voltei a abrir o notebook tentando ignorar a cena de agora a pouco. Com meus irmãos eu conseguia me resolver depois, mas agora eu tinha coisas mais importantes

para fazer.

Ao olhar para todos os arquivos diante de mim, eu tive certeza que em pelo menos um deles estaria o que eu precisava.

O relógio da cozinha apontava para as duas da manhã. Meus sogros tinham ido para a casa que alugaram, isso à meia-noite. As meninas caíram no sono na sala das crianças e nós carregamos ambas para cima.

Bom, agora elas repousavam, Nikos repousava e Theo fingia que repousava.

E eu preparava a vitória.

Continuei garimpando todos os documentos que encontrava e nada me dava algo sólido o suficiente. Cheguei aos

arquivos iniciais contra Nikos, logo na encomenda.

"Nikos Vasalos. Serviço de Vênus. Pedido de Bocuse."

Bocuse?

Meus olhos ardiam. Será que eu tinha lido certo? Alguém tinha sido tão descuidado de deixar um sobrenome? Não era possível.

Pesquisei em outros arquivos, o mesmo sobrenome apareceu outras vezes. Com certeza era um codinome.

Seis da manhã eu descobri que se tratava de um sobrenome de um chefe de cozinha renomado, alguém que não teria interesse nenhum no meu marido. Seria possível ser uma ironia contra Nikos?

Por que alguém iria querer destruir meu marido?

Pensei por um instante em todos os motivos que fariam Nikos ser o alvo de alguém. Começando pela família terminando pelo ponto privilegiado em que seu restaurante se encontrava.

Existia uma única pessoa que podia me ajudar a recolher essa informação com precisão. Lara. Minha amiga de trabalho de quem eu sabia segredos que poderiam acabar com sua carreira e reputação.

O relógio já apontava para seis da manhã quando pensei em pegar o celular. Porém, a campainha tocou.

Olhei para a camisola que eu vestia, procurei em volta alguma coisa que

PERIGOSAS ACHERON

eu pudesse usar para me cobrir melhor e não encontrei. Então Nikola apareceu carregando Isis que choramingava.

— Precisa de alguma ajuda? — perguntou. Sorri para ela estendo os braços para pegar a bebê.

— Atende a porta para mim?

— Claro.

Theo estava deitado e roncando no sofá. Era o que acontecia sempre que dormia tão tarde. Suspirei levando Isis comigo para o quarto onde Nikos dormia sozinho.

Busquei o robe e o vesti rapidamente enquanto a bebê estava sobre a cama observando o pai adormecido.

Ela o cutucou, mas ele não

acordava de jeito nenhum. Sorri de maneira travessa pensando no que podia fazer.

— Isis, beija o papai assim. —
Beije a bochecha dele.

Ela se aproximou beijando também bem devagar ainda criando coragem.

— De novo, florzinha. —
incentivei. Mais uma vez ela o beijou. —
Rápido.

Dei repetidos beijos em Nikos e ela fez a mesma coisa enquanto ria.

— Ótimo jeito de ser despertado pelas minhas garotas. — Enquanto se virava de bruços, ele me abraçou e puxou Isis para baixo de si. Era um abraço de urso matutino. — Bom dia, mulheres da minha

vida.

— Diaaaa — A pequena exclamou encantada com a brincadeira.

— Bom dia, meu amor! — Beijeio na boca rapidamente. — Temos visita, não sei quem é...

Ele olhou para mim interrogando o que eu acabava de dizer. Isis estendeu a mãozinha para pegar sua barba e ele ainda refletia o que aquela informação podia significar.

— Então... Podemos ir recebê-los?

— Acho que sim.

Com a bebê no colo, lado a lado, descemos as escadas prontos para receber quem quer que tivesse batido à nossa porta naquela hora da manhã.

Bem, eles não estavam brincando quando falaram de gêmeas na família. Lado a lado, Nikola e Nereida estavam paradas no meio da sala e eu só conseguia diferenciá-las porque Nick usava seu pijama e Nereida estava de blazer, calça social e óculos. Ok, uma era rebelde e a outra nerd? No Pique De Nova York bem na minha sala?

— Olá... — E essa voz alá Nikola, mas cinco tons mais baixo e controlado? Meu Deus, era iguais e diferentes ao mesmo tempo.

— Você deve ser Nereida! — Me aproximei e a abracei. Ela correspondeu com segundos de atraso. — Eu sou Zoé...

— Muito prazer. Espero não incomodar. — Deu um sorriso tímido e um

passo para trás.

Meu irmão estava boquiaberto sentado no sofá. Olhava para as duas sem entender ainda o que estava acontecendo. Devia ter acordado no susto e se deparado com o alvo do seu flerte duplicado.

Mais ao canto, quase escondido pelo conglomerado de pessoas, uma réplica mais nova de Nikos estava de braços cruzados observando tudo em silêncio.

Aquele deveria ser o irmão mais novo.

Me aproximei com um sorriso amistoso que aos poucos ele retribuiu.

— Você é Nikolau, certo? — Ele acenou positivamente com a cabeça enquanto apertava a mão que eu estendia.

— Eu sou Zoé!

— Prazer em conhecê-la! — De repente, ele me puxou para um abraço. Tudo bem, ter sua própria personalidade aparentemente era coisa de Vasalos.

Nikos se aproximou com Isis no colo.

— Essa é a sobrinha mais nova de vocês.

Nereida demorou dois segundos para se derreter e a pequena demorou o mesmo tempo para corresponder ao amor à primeira vista. Logo, as duas estavam abraçadas e conversando como era possível quando um bebê faz parte disso.

Passos na escada me fez perceber uma Alanis sonolenta confusa com os dois

novos visitantes. De cenho franzido e mão na cintura, ela parou diante de Nikola e se pronunciou:

— Como assim tem duas de você?

— Nikola riu e a pegou no colo.

— Se chama gêmea, Alanis. Ela e eu nascemos iguais porque nascemos juntas. — Ela parou para pensar antes de responder.

— Isso deve ter doído...

— Eu era pequenininha, não lembro.

— Eu estou falando pela vovó. — Todos da sala riram. — Olá, eu sou Alanis!

— Olá, Alanis! Eu sou Nereida!
— A tia acenou para ela ainda com a bebê no colo.

— E eu sou Nikolau. Seu tio.

— Uh, papai, tem dois de você também. — Ela levantou as sobrancelhas loiras enquanto examinava o tio. — Você sabe fazer o truque da moeda?

Ele olhou sem entender para mim e Nikos.

— A mágica de tirar moeda de trás da orelha. — expliquei.

— Sei sim!

— Ótimo! Mais euros! Desse jeito meu porquinho vai quebrar de tão cheio!

Era engraçado perceber que Alanis se sentia segura o suficiente para avaliar a própria família e julgá-los abertamente.

Observando todos aqueles olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

verdes sobre mim, eu não tinha certeza se também possuía tal liberdade.



PERIGOSAS ACHERON

Receita de Tzatziki

- Duzentos e cinquenta gramas de iogurte grego, tradicional como sua família.
- Dois dentes de alho, como os temperos que dão gosto às reuniões
- Duas colheres de azeite de oliva, para perfumar tudo e dar um gosto bom como quando sua esposa se mete em suas receitas
- Uma colher de chá de vinagre de vinho branco, ácido como quando um deles estão em perigo
- Uma pitada de sal, para dar um gosto e sem excesso para não aumentar sua pressão como as preocupações fazem
- Dois pepinos, sem gosto como seria sua vida sem eles

Rale os pepinos sem as cascas e as sementes, deixe-os sobre um pano de prato para perderem o excesso de água e

PERIGOSAS NACIONAIS

**minguarem como acontece
quando você imagina que
algum membro da sua
família está em risco. Pique o
endro e o alho. Misture os
ingredientes com iogurte
grego, acrescente o azeite e
bata tudo com uma colher
enquanto desconta a raiva
que sente das pessoas que
insistem em te colocar como
alvo do perigo. Acrescente sal
e vinagre, depois leve a
geladeira. Enquanto
descansa, abraça cada um
dos seus familiares. Você
nunca sabe quando algo pode
acontecer.**



PERIGOSAS ACHERON

εμπιστοσύνη • Confiança

Existia algo sobre a lealdade entre as mulheres que custaria tempo e muito trabalho para ser ensinado aos homens. Inicialmente, confiança não é algo que elas entregam a qualquer um. Se um homem é precavido, existe uma mulher mil vezes mais precavida que ele. Depois, quando essa confiança é oferecida, cria-se a amizade. E daqui em diante nada que não seja extremamente firme e impactante vai fazer com que elas abandonem uma a outra. Isso se chama lealdade.

Lealdade é quando você coloca seus interesses pessoais, conceitos éticos e determinações de lado por uma relação. Nem sempre ser leal é ser uma pessoa boa, mas ser leal é algo bom e admirável.

Minhas irmãs, minha mãe e minha esposa estavam sentadas juntas na sala de estar. Era perigoso ter tantas mulheres juntas, mas eu tinha meu irmão, meu pai e meu cunhado como aliados.

Seja lá o que os homens querem falar, nunca é tão interessante quanto o que elas estejam conversando. Por isso estávamos os quatro em silêncio as observando discutir sobre o cotidiano delas e comparando o que faziam no dia-a-dia.

Monótono, mas atrativo.

— Eu trabalho com coisas mais interessantes que isso. — o murmúrio veio do meu pai e eu o encarei com perplexidade fingida.

— Mais interessante que o último episódio da série favorita das quatro?

Duvido.

Como sempre, quem estava mais em silêncio era Nereida. Ainda não confiava em Zoé abertamente. Dos quatro filhos da senhora Juno, ela era a mais fechada. Se possível, estava sempre com os dois pés atrás

Enquanto eu, Nikola e Nikolau parecíamos três tempestades dentro de casa, Nereida era dia nublado que ameaça chover e derrama sereno.

Faltava muito para que minha esposa cativasse minha irmã e a culpa não era de nenhuma das duas, só da discrepância de personalidades. Enquanto Zoé era uma explosão de espontaneidade e tagarelice, minha irmã era silêncio e metodismo.

Era ela quem tinha mais dificuldade de mudar sua rotina, de visitar novos lugares ou de conhecer novas pessoas. E, para ser justo, estas três coisas estavam acontecendo ao mesmo tempo.

— A gente não veio para continuar a ajudar? — Nikolau questionou pela primeira vez. Ao que parecia, também recebeu o aviso do meu pai sobre Theo.

— Sim. Porém, elas precisam colocar o assunto em dia e firmar a amizade. Esse tipo de coisa é importante, filho.

Pelo menos para Nereida.

A hora passava, eu já estava atrasado para ir trabalhar. De alguma forma, Zoé percebeu isso e pausou a conversa.

Alanis já estava na escola, gentilmente entregue pelo muito prestativo tio Theo. Isis, admirada com tantas pessoas que podiam lhe dar atenção, estava sentada no colo da mais recém chegada adoradora: Nereida.

— *Agapité*^[31]... Você não vai descer? — Parecia que as palavras da minha esposa tinham acabado de tocar a consciência de cada homem por ali.

Nikolau foi buscar a própria mala, Theo foi mexer no próprio celular, meu pai foi procurar o próprio computador e eu lembrei que tinha uma família para sustentar.

— Vou sim, *bonsón*. Já estou indo. — Me aproximei de onde ela estava sentada, beijei sua testa, acariciei a cabeça

de Isis e me despedi com beijos nas bochechas das minhas irmãs e mãe.

Parecia que mesmo com o mundo caindo em nossas cabeças, nossas responsabilidades nunca sumiam.

Desci as escadas rapidamente, entrei na cozinha cumprimentando rapidamente todos os funcionários que ficavam por ali.

— Desculpem o atraso. — Kiara ergueu as sobrancelhas enquanto parava de picar alguns legumes.

— Não é como se chegar atrasado por uma vez fosse o fim do mundo, chefe. — Sorri para ela.

— Vai tirar vantagem disso, não é?

— Sempre que puder. — Kiara voltou ao seu trabalho enquanto eu separava as receitas do dia e preparava as carnes.

Cozinhar funcionava como uma terapia para mim. No meu restaurante, todos os cozinheiros tinham carta branca para xingar sempre que quisessem e eu fazia isso muito bem.

O fato é que a gastronomia estava terminantemente ligada ao meu preparo mental, minha forma de expressão e meu jeito de aliviar os problemas. Então, logo que comecei a produzir as carnes e tudo o que ficava ao meu encargo, eu pude respirar um pouco e extravasar toda aquela adrenalina que estava armazenando.

Eu sabia que o tempo estava

passando, mas isso não me preocupava. Os pedidos estavam chegando, eu estava trabalhando e cozinhar era tudo o que me importava.

— Pedido especial! — Cocei a testa sabendo o significado daquilo. Apresentação de chefe, justo a parte que eu odiava. Podiam me colocar para preparar refeição para o demônio, eu faria de bom agrado. O problema era ter que servir o prato para ele.

A mesma coisa acontecia por aqui. Eu gostava e sempre gostei de servir como bastidores, sem precisar aparecer.

Interagir com o público era a pior parte de se ter um estabelecimento popular.

Olhei para o folheto do pedido.

Gemista^[32] com recheio especial.

Claro, o prato mais amado do público com as especiarias da casa. Respirei fundo e gritei o que pediam. Em poucos instantes, o prato foi colocado à minha frente. Era hora de eu organizá-lo como o cliente pedia.

Algumas ervas, o molho criado por mim, queijo feta e tudo estava pronto. Era só levar a bandeja.

Dois garçons abriram as portas da cozinha para mim. Por um longo momento pensei na identificação da mesa onde seria entregue a comida. Consegui ouvir alguns aplausos antes da minha mente travar e eu identificar quem estava ali.

Marcus e a esposa que me olhava

com expectativa.

Por um segundo, tudo o que consegui pensar foi em Zoé e Isis juntas com toda a minha família acima da cabeça daquele homem. Tudo o que ele procurava para poder colocar os serviços em dia sem mais complicações.

Cada passo de aproximação ecoava em minha cabeça como um estampido semelhante ao barulho de tiros. A aproximação com a morte era inevitável para alguém como eu, mas tê-la em sentido literal sentada diante de mim fazia com que tudo o que eu já tinha experimentado envolvendo luto ou perda parecesse história de criança.

— *Kaló apógevma!* — fiz a saudação com o máximo de tranquilidade

que conseguia demonstrar. — *Gemista* à moda da casa como foi pedido.

A mulher pegou um dos tomates e colocou no próprio prato.

— *Grazie*^[33]! — falou para mim em italiano. Era uma das esposas dele.

— Minha mulher não sabe falar grego, sinto muito. — Marcius se desculpou. A voz amistosa nada se parecia com o que eu esperava dele. — O senhor é?

— Nikos Vasalos. — Ergui o queixo.

— Vasalos? Sobrenome interessante. — Ele pensou por alguns instantes enquanto observava sua senhora degustando com evidente apreço a receita que eu tinha preparado. — Sabe o que mais

aproxima os gregos e os italianos, Nikos?

— A culinária, senhor.

— Os negócios também. Se minha esposa gostou, estou satisfeito. A palavra que o senhor não entendeu significa "obrigada", só precisa repeti-la. — Parecia evidente que aquele homem era do tipo que tentava amedrontar qualquer um que aparecesse em sua frente.

— *Grazie, signora. Bon appetite!*

[\[34\]](#) — Eu fiz um leve cumprimento com a cabeça para ele e me retirei.

Theos mou! Minha família!

— Ziro, assumo meu lugar por um instante! — Passar pelo salão sem ser percebido foi uma tarefa difícil, mas assim que cheguei à escadaria que levava à nossa

casa, subi os degraus de dois em dois em evidente desespero.

Não bati antes de entrar, apenas virei a maçaneta. Na sala de estar, meus irmãos e Theo conversavam sobre qualquer amenidade. Zoé não estava por ali, nem meus pais.

— Onde eles foram? — Nikola me encarou de cenho franzido assim que ouviu minha pergunta.

— Quem? — devolveu se levantando e vindo em minha direção.

— Nossos pais e minha esposa!

— Foram buscar Alanis na escola. O que aconteceu? — Balancei a cabeça e fui para a cozinha. Abri a geladeira com brutalidade, peguei uma garrafa de água e

bati a porta. Alanis, Isis e Zoé estavam ali, sorrindo para mim, em uma das fotos que eu tirei delas recentemente. A fotografia, presa com imãs de joaninha, parecia debochar da minha cara.

Eu estava realmente paranóico e elas não chegavam.

Me sentei em uma das banquetas e olhei para um papel abandonado ali por minha esposa. "Ligar para Lara". Quem diabos era Lara?

Onde estava Zoé? E as minhas filhas?

Minha cabeça quase explodia e eu me sentia tão culpado quanto preocupado. Se eu nunca tivesse resolvido largar a vida de investigador, se nunca tivesse desistido de ser um agente federal, nesse momento

PERIGOSAS NACIONAIS

ninguém estaria em perigo. Heléne não teria morrido!

O tapa na cara veio certo. Eu também não teria Alanis ou Isis, nem o restaurante e nenhum dos momentos de felicidade que tive. E correria o risco, sendo infeliz, em uma profissão que eu não queria exercer, vivendo uma vida que não me satisfazia.

O que eu tinha aprendido com os meus pais durante toda a minha vida? Independente do risco que significava ter alguma coisa, eu deveria realizar o que planejava e lutar com tudo de mim para que o que eu conquistasse fosse preservado.

A voz melodiosa da minha esposa surgiu de repente enquanto ela abria a porta principal para uma animada Alanis passar.

PERIGOSAS ACHERON

Isis estava segura em seu colo, minha mãe ao seu lado e meu pai escoltava todas as quatro.

Todos nós corríamos riscos, o que importava era o que fazer para proteger as pessoas que amávamos das coisas ruins que acontecem em todo o mundo.

— Nikos! — Zoé exclamou assim que me viu e eu não tinha palavras para expressar o quanto estava aliviado por ela estar ali.

— *Bampá!* — Agarrando minhas pernas, minha filha me encarava com aqueles olhos azuis tão espertos. — Senti saudades!

— Eu também, bonita. Vem cá...
— A levantei do chão e a abracei encaixando sua cabeça em meu ombro e

PERIGOSAS NACIONAIS

fechando os olhos sentindo seu peso em meu colo. Eu me culparia muito mais se nunca tivesse a chance de protegê-la por puro medo da dificuldade que seria viver a vida que vivo.

A mão de Zoé pousou em meu braço. Abri os olhos para observá-la me encarar preocupada. Eu amava tanto aquela mulher, era como se fosse intrínseco ao meu ser que por um momento da minha vida eu tivesse que tê-la como esposa.

Isis sorria para mim. Até a pestinha sem lealdade ao pai tinha um pedaço do meu coração.

Lembrei do que tinha percebido mais cedo, sobre a confiança e lealdade das mulheres. Sobre ambas as coisas serem um elo além do entendimento dos homens.

PERIGOSAS ACHERON

Lá estava minha filha mais nova totalmente confiante e leal à sua madrasta.

— O que houve, meu amor? — me perguntou com voz suave.

— Marcius Stefanos veio ao restaurante acompanhado da esposa. — Ela arregalou os olhos instintivamente abraçando Isis. — Aparentemente, só vieram à passeio, mas eu entrei em pânico. Na minha cabeça só passava que ele podia estar me distraindo enquanto os homens dele matavam vocês. Meu Deus...

— *Bampá...* — Esqueci que Alanis estava no meu colo e ela me encarou com preocupação. — A gente vai morrer como a mamãe?

— Não, filha. Não. — A abracei novamente sentindo pela primeira vez

PERIGOSAS ACHERON

como a morte de Hélène tinha afetado minha pequena. — Por que não sobe com sua tia e troca de roupa? — Ela concordou com a cabeça e Nikola, que se aproximou aos poucos, a pegou no colo. Isis foi com Nereida.

Restaram somente Nikolau, Theo e meus pais.

— Rapazes, vão dar uma volta. — Meu pai ordenou ao meu irmão e meu cunhado. Nikolau já era obediente por natureza, mas Theo não ter protestado me surpreendeu. Seu olhar era de advertência, de quem sabia que estava acontecendo alguma coisa e que estava preocupado.

Depois que os dois saíram, minha mãe se aproximou de mim.

— Querido, a Speak está

PERIGOSAS ACHERON

oficialmente sob investigação federal. Tudo vai correr bem, você vai ver. — Ela acariciou meus cabelos como fazia quando eu ainda era um menino.

— A revista está desativada por tempo indeterminado. Licenças foram caçadas, notas de repúdio emitidas... Estou fazendo o que posso e vou dar tudo de mim para manter você e sua família em segurança. — O encarei firmemente sabendo que ele esperava aquela atitude de mim.

— Pai, o que for necessário, eu quero fazer. Só não deixe que nada aconteça com elas.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Crítica Pessoal ao Tzatziki: estava com
um gosto preocupante.*



απόγνωση • Desespero

Theo estava sentado ao meu lado. Eu não sabia direito como definir o que tinha acontecido nos últimos instantes, mas pela primeira vez eu senti o gosto do desespero de Nikos só com a possibilidade de perigo contra eu e as meninas. Foi como presenciar uma cena angustiante onde você é espectadora dos medos de uma pessoa que você ama se concretizando diante de si.

Eu não estava acostumada com a vulnerabilidade dos homens. Meus irmãos quando chateados ou aflitos se trancavam em seus quartos. Meu avô nunca se mostrou menos do que totalmente sob controle. E meu pai...

Bom, era daí que vinha a falta de costume. O que faz a filha mais nova

PERIGOSAS ACHERON

quando vê seu *bampá* chorando pela primeira vez?

Era a pergunta que eu não tinha a resposta agora, não tive antes e aparentemente nunca apareceria.

A Grécia passou e passa por momentos de desespero financeiro. Meu pai, um vendedor de carros esportivos, passou a ser o principal afetado por isso. Quando o dinheiro está curto, ainda mais quando vivemos em meio à crise, nós procuramos poupar tudo o que pudermos. As pessoas em geral começaram a fazer isso.

Então os carros novos eram vistos como futilidade, dispensáveis e pouco atrativos.

Eu tinha contado parte dessa

PERIGOSAS ACHERON

história, mas vamos a fundo. Vamos fazer do pânico o desabafo e deixar vazar essa torrente que eu acumulo no peito e finjo que não pesa e nem dói.

Quando se tem dezesseis anos, poucas coisas realmente são importantes. O relacionamento familiar, a vida escolar e tudo o que essas duas coisas envolvem, certamente vem no topo do ranking de relevâncias na vida de uma adolescente.

Como todas as garotas da minha classe, eu tinha limitações, não podia andar até tarde da noite e estava completamente vetado fazer o uso das economias da família sem pedir autorização para meus avôs ou meus pais. Machista? Sim. Eu só entenderia isso depois.

Entretanto, um jeito de eu

conseguir alguns trocados além da pequena mesada que eu e meus irmãos ganhávamos (isso não contando com Apollo e Leo, os mais velhos que já trabalhavam) era recolher informações das meninas que Theo gostava com a recompensa de dois euros ou quatro dependendo da qualidade do material.

Cinco se eu conseguisse marcar um encontro.

Ele me apontava o alvo, eu descobria coisas sobre a moça, se o nível de interesse fosse alto, criava uma amizade e dava uma de cupido.

Em um dos dias, com todas as anotações no meu bloquinho enquanto batia à porta do quarto do meu irmão, meu pai cruzou o corredor. Aquilo era difícil de

acontecer já que um andar era reservado para os dormitórios dos filhos e o quarto dele com mamãe e dos meus avós ficavam no piso de baixo. No térreo era a cozinha, a sala e todos os cômodos sociais.

Uma típica casa grega. E *bampá* estava justo na nossa área. Olhei para ele e dei um sorriso amarelo. Não tinha certeza se aquilo que eu estava fazendo era totalmente certo, mas na minha cabeça jovem, tudo valia a pena para conseguir um dinheiro extra para comprar algumas quinquilharias que depois iam parar abandonadas de baixo da minha cama.

De certo, aquilo era bem mais inofensivo do que o que começou a acontecer uns anos depois.

Me olhando desconfiado, meu pai

parou diante de mim e me observou por segundos antes de se pronunciar.

— O que você está escondendo aí? — Sem perceber, eu tinha colocado o bloco atrás das costas como se fosse algo realmente horrível e incriminador. — Zoé?

Pela falta de resposta, ele assumiu aquele tom de advertência que só os pais têm. Era o suficiente para eu erguer a mão e entregar a prova do meu delito para ele.

No exato instante, Theo destrancou a porta e vagou os olhos de mim para o papai e do papai para mim.

— Ferrados? — Eram perguntas demais para mim que era tão certinha e não tinha costume de ser pega fazendo besteiras.

— No meu escritório, os dois.

De alguma forma distorcida, a ordem não me fez ter medo. Parecia só uma conversa onde ele falaria sobre valores éticos, confiança e tudo o que a sociedade julgava importante.

Meu irmão e eu não o seguimos imediatamente. Ainda entramos em um acordo de não dizer nada que pudesse incriminar ou comprometer o outro.

— Por que você entregou? Por que parece ser tão errado? Acho que... Bom... É só coisa de jovem. Não é isso que *pappous* fala quando a gente faz alguma besteira? — Theo discutia com ele mesmo antes de tentar montar algum argumento comigo.

— Eu lá vou saber?! Você é o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais velho! — Comecei a caminhar em direção as escadas rápido o suficiente para pegar o grito do papai no ápice.

— Se eu for aí buscar os dois, então teremos problemas! —
Apressadamente, desci os degraus.

Se Theo quisesse apanhar ou ficar de castigo, então faria isso sozinho.

Atravessando a sala de estar, parando para beijar a careca do meu avô e abraçar a minha avó, eu sabia que não teria nenhuma reprimenda para mim.

Afinal de contas, eu só fazia o que fazia por negócios. Quem se beneficiava era meu irmão. Dava para usar esse argumento, dava para conseguir convencer papai com isso.

PERIGOSAS ACHERON

Abri a porta do escritório um pouquinho temerosa de estar completamente enganada.

Respirei fundo e andei até as cadeiras diante da escrivaninha. Segundos depois, Theo entrou no cômodo como um furacão.

— O que exatamente é isso aqui?
— indagou.

Olhei para meu irmão, em seguida para o bloco colocado diante de nós como um objeto de investigação.

— É meu bloco de anotações, *bampá*. Só isso... — Dei um sorriso firme imitando os que minha mãe dava a ele e o fazia se calar. O único detalhe esquecido e muito importante é que eu não era minha mãe.

— E o que é isso que está escrito aqui? — Puxando o caderno com a ponta dos dedos, papai colocou os óculos de leitura e começou a ler em voz alta tudo o que eu tinha escrito.

O nome da moça, endereço, o que ela gostava de comer, sua cor favorita, flor favorita, filmes favoritos, o que odiava, o que amava, o local do encontro... Enfim. Daquela vez eu merecia os cinco euros.

— Zoé, você está ajudando seu irmão a fazer *coisas erradas* com outras moças? — Coisas Erradas era o nosso código para se referir a abusos de qualquer nível, por isso eu arregalei os olhos ao perceber onde a mente dele o estava levando.

— Não! *Bampá*, pelo amor de

Deus, nunca! É só... — Olhei para Theo com rabo de olho — uma moça que Theo gostaria de namorar. Ele não sabia como poderia fazer isso e me pagou para que eu o fizesse.

Me encarando por cima das lentes da armação, meu pai estreitou as vistas e se virou para meu irmão.

— É a primeira vez que isso acontece? — Em silêncio, meu irmão mais velho negou com a cabeça. — Certo. Theo, se eu descobrir qualquer coisa menor que seja que você tenha praticado com outras garotas e que não seria certo de fazerem o mesmo com sua irmã, antes de te entregar à polícia, eu aplicarei uma correção digna de um homem. Nós temos três mulheres em casa, pense nelas antes de fazer qualquer

coisa contra as mulheres lá de fora. Agora saia daqui.

Ele não precisou falar duas vezes. Tão logo se levantou, Theo saiu como um foguete batendo a porta do escritório e me deixando sozinha. Sem nem dar uma palavrinha de consolo.

Será que eu realmente estava mais errada do que ele?

— *Bampá*, escute! Eu não fazia isso todo mês! E Theo pede permissão aos pais delas antes de sair, eu juro! Eu o acompanho quando faz isso! Por favor, não me deixe de castigo e nem me tire o meu... As minhas... — Abaixei a cabeça.

— As suas? — Suspirei e ergui o queixo.

— As minhas economias! Existem coisas que uma garota precisa fazer quando quer um sapato novo! — Depois de terminar minha explosão, ele demorou segundos antes de soltar uma sonora gargalhada.

Respirei aliviada e me ajeitei na cadeira.

— Eu não estou encrencada? — Meu pai abanou a cabeça e se recuperou do ataque de risos.

Do outro lado da mesa, ele me encarava com o ar de alegria se misturando ao de pesar. Seus olhos, tão iguais aos meus, me avaliando enquanto eu sorria timidamente para ele.

Independente de tudo o que acontecesse, eu sabia que tinha alguém em

PERIGOSAS ACHERON

quem confiar.

De repente, seus olhos banharam de lágrimas e ele abaixou a cabeça sem conseguir reprimir os próprios sentimentos. Não era um pai bravo ou feliz, era um homem em desespero.

Me levantei da minha cadeira assim que ouvi seus soluços e me ajoelhei diante dele segurando sua mão.

— *Bampá?* — Parecendo ouvir minha voz depois de um bom tempo, ele focou em mim com as lágrimas caindo pelo rosto. Os nós de seus dedos afagaram minha bochecha.

— Eu daria tudo, Zoé, se isso significasse menos medo e mais conforto para todos vocês. — Um suspiro pesaroso saiu de sua boca. — Eu gostaria que você

nunca precisasse estudar as moças que seu irmão se interessa para conseguir um sapato. Gostaria de lhe dar todos os sapatos do mundo, todas as roupas e coisas que quisesse. Gostaria de não ter que me desesperar pela nossa situação econômica...

— O que isso significa? — Ele me afastou com uma das mãos e abriu uma gaveta. De lá, saiu um caderno de capa gasta. Papai o abriu e me mostrou.

— Não são anotações como as suas. Eu não mostro isso nem a sua mãe, mas preciso que entenda o que eu vou lhe pedir. — Folheeí algumas páginas onde estavam descritos preços e coisas como comida, gastos de energia, impostos... — Essas são nossas dívidas, Zoé. Estou beirando à falência com o meu negócio. As

peessoas não comporam, eu hipotequei a casa, vendi alguns bens pessoais e nada adianta. Eu não consigo vender os carros, filha, entende o que isso significa?

— Que não estamos ganhando dinheiro. — Ele assentiu. — Mas... Aquele homem que concorre com o senhor... Ele expandiu a própria loja.

— Meu doce, seu pai pode ser um ótimo vendedor, mas é um péssimo administrador em situações extremas. Eu não faço a mínima ideia do que esses homens estão fazendo para sobreviver. — Passei a ponta do dedo sobre o valor total escrito a lápis. Milheiros e mais milheiros de euros.

— E por que está falando isso para mim? Eu só tenho dezesseis anos, não

sei administrar nada. — Era meu jeito de fazer com que ele se sentisse à vontade e continuasse a falar.

— Você acha que consegue conversar com esses homens e descobrir o que está acontecendo? — Franzì o cenho. — Só conversar, minha filha. — Olhei para o valor mais uma vez e assenti.

— Mas... Apollo vai comigo?

— Todos seus irmãos vão se for necessário. — Ele segurou meu rosto entre as mãos. — Em outra circunstância, eu nunca pediria isso a você e lhe passaria um sermão de doer as orelhas. Mas eu estou desesperado...

Poucos dias depois, cheguei com a notícia, entregue pelo filho mais velho de um dos vendedores que continuavam a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prosperar. Parecia uma solução simples, mas envolvia pormenores que sem um bom diálogo, eu nunca conseguiria formular um plano como aquele.

Os homens agora compravam lotes de carros em leilões por preços baixos. Em parceria com os bancos, os vendiam por preço ainda menor e financiado atraindo as atenções dos compradores desesperados.

Com isso em mãos, meu pai se organizou, com muito esforço vendeu dois carros por preços abaixo do mercado, usou todo o capital para investir em um lote de carros usados e revendeu o suficiente para quitar as dívidas, aumentar nossas mesadas e comprar três pares de sapatos novos para mim, para mamãe e até para vovó.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não precisei fazer aquele serviço outra vez, mas um ano depois estava estudando jornalismo e depois de alguns meses de matrícula, consegui estágio na Speak graças a algum contato do meu irmão mais velho.

Os sapatos me faziam lembrar de que alguns limites poderiam ser atravessados quando a vida da nossa família estava em risco. Seja pelo desespero financeiro ou pelo desespero da segurança.

Nossa família, pelo bem ou pelo mal, estava em primeiro lugar. Entre os nossos e os deles, os deles.

Olhei para Theo, bem diferente do juvenzinho que me contratava para conseguir namorar e encarei novamente o

celular entre minhas mãos. Limpei algumas lágrimas teimosas e comecei a digitar o número que eu precisava chamar.

Coloquei o telefone na orelha e esperei ser atendida.

— Alô? — Lara atendeu depois da quarta chamada.

— Você sabe quem está falando e sabe os segredos que eu guardo para você. Se não quer que eles vão parar nos ouvidos certos, é melhor me ajudar.



Receita de Molho de Tomate

- Duas cebolas, de fazer chorar
como a situação atual
- Um quilo de tomates italianos
maduros, quase como você se
sente em relação ao que está
acontecendo
- Quatro dentes de alho, para
temperar até o mais acre dos
desgostos
- Folhas de manjerição e
salsinha, com o cheiro fresco
parecido com os cabelos da sua
esposa
- Sal e pimenta a gosto, para
incrementar isso que você
chama de vida

**Corte os tomates e as cebolas
em quatro partes, cortes
rápidos que você gostaria de
fazer em uma pessoa.
Coloque os dois em um
liquidificador e acrescente os
dentes de alho. Depois
adicione as folhas de ervas e**

**bata. Ficará da cor do sangue
que marca parte da sua
história. Transfira o
conteúdo para uma panela e
deixe em fogo baixo, mexa de
em quando. Faça isso por
trinta minutos. Deve ficar
quente como o inferno que
espera seus inimigos.
Tempere com sal e pimenta,
coloque o molho em potes
depois de esfriar.**



εμπιστοσύνη • Confidência

Ela estava na varanda. E quando eu digo "ela", você sabe a quem estou me referindo. Um metro e setenta de mulher, os olhos mais bonitos que eu já tinha visto, aqueles cabelos enormes e macios, mas tudo o que mais importava era o estado sentimental dela naquele momento.

Eu sabia uma coisa ou duas sobre leitura corporal, e ombros caídos significavam muitas coisas, mas a principal delas era desilusão. Saber que minha esposa estava daquele jeito era de fazer qualquer um arrancar os cabelos e jogar coisas na parede.

Porém, eu era seu marido, o cara que a tinha deixado naquele estado de nervos e o responsável por fazê-la acreditar

PERIGOSAS ACHERON

que nada tinha a dimensão que eu tinha dado inicialmente.

Meu dever era ser sua segurança, tentar afastar os problemas com uma mão e protegê-la com a outra.

Virei de costas, ignorando toda a conversa que ela estava tendo pelo celular com a ex-amiga de trabalho. Meus pais sabiam do plano dela e aprovavam, eu me sentia culpado ao ver que ela não queria estar fazendo aquilo.

Mas, como meu pai havia dito com toda a sua sabedoria: "a opinião do marido não importa perto da determinação da esposa". Se Zoé queria resolver tudo, ela resolveria, eu concordando ou não.

E, como minha mãe havia dito, era melhor que eu apoiasse minha esposa ou

PERIGOSAS ACHERON

aquela pequena ação teria um efeito corrosivo na minha relação já balançada.

Olhei para a escada de onde vinha os ruídos de conversa entre minhas irmãs e minhas filhas. Alanis ria alto com alguma brincadeira e eu conseguia ouvir os gritos eufóricos de Isis. Nikola e Nereida falavam empolgadas e os passos rápidos me faziam ter uma noção de que elas corriam por todo o andar superior.

Minha mãe colocou a mão em meu ombro chamando minha atenção. Seus olhos verdes me avaliavam como as mães gostavam de fazer e suas feições demonstravam uma suavidade tranquilizante.

— Preocupado? — Pousei minha mão sobre a dela. Não importava o quanto

os filhos cresciam, era sempre ela quem nos acalentava em qualquer situação.

— Acho que é a coisa que eu mais sei ficar, *mitéra*.

— Nikos, vem aqui. — Ela me puxou pelo braço até o sofá da sala. — Ouça atentamente o que eu vou te falar. — Com as pontas dos dedos, minha mãe ajeitou meus cabelos para trás das orelhas e eu me senti um menino. — Quando eu descobri que estava esperando você, fui surpreendida por três sentimentos. O primeiro e mais forte foi o amor, ele subjugou o medo que veio logo depois e aliviou a preocupação que resolveu acompanhar o segundo.

Um suspiro pontuou a pausa.

— O que acontece, meu bem, é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ser atingido por sentimentos conflitantes quando se tem alguém que amamos em perigo é absurdamente normal. A única coisa que você deve fazer é ponderar suas atitudes. Nesse momento, tudo o que você fizer poderá ter um valor decisivo. Eu acredito que após isso tudo, seu casamento será uma das coisas que você gostaria de manter. Então, tome conta de sua esposa.

Olhei para a varanda mais uma vez onde a citada desligava a ligação e voltava a fitar o horizonte.

A primeira vez que eu vi Zoé, meu mundo ficou em silêncio. O que é absolutamente estranho para alguém acostumado com os ritos da cozinha, o barulho das filhas e todo ruído que

PERIGOSAS ACHERON

identifique a bagunça que é a minha vida. Mas foi só colocar meus olhos sobre ela que tudo ficou quieto, respeitando o momento, me passando a mensagem que independente do que acontecesse, aquela mulher era o fruto da minha calma.

Foi estranho ficar tão enraivecido no meu casamento, mas mais estranho ainda foi não ter ponderado como minha mãe sugeriu.

Ela compreendia o meu desespero, eu também compreendia o meu nervosismo naquele dia em especial. Depois de tudo o que aconteceu ter alguém em quem eu confiava me colocando em risco era um golpe baixo. Mas, ainda assim, ela era minha futura esposa e Giannis era só um amigo. Eu deveria ter sido, ao menos, mais

cordial.

E, mesmo com esse erro grave, Zoé estava ali por mim, fazendo coisas que não a agradavam, passando por momentos ruins e segurando tudo o que pudesse na tentativa de reparar o que achava que tinha feito.

Depois da lua de mel catastrófica, eu nem me preocupei em tranquilizá-la sobre isso. Mais um erro para a saga de todos os que eu cometi num curto espaço de tempo.

— Sabe por que todos vocês tem N no início do nome? — minha mãe chamou-me de volta da minha introspecção. — Porque assim eu podia usar o código Morse com segurança quando quisesse pedir informações sobre

vocês ao agente que estivesse responsável pelos cuidados da minha família. Eu gostaria de colocar o nome de cada um de um deus grego para combinar com o meu. Você seria Zeus, Nikola seria Vênus, Nereida seria Athena e Nikolau seria Poseidon. Cresceriam me odiando pelo péssimo gosto e sendo zoados por toda a vida escolar, mas teriam os nomes que sempre sonhei.

Eu ri imaginando a situação de um Zeus passando raiva na classe

— Entretanto, se para ter os quatro junto de mim, eu tinha que abrir mão daquela minha vontade, então eu faria isso.

Sorri em compreensão.

— Entendi o que quis dizer. —

Fitei seu rosto mais envelhecido do que eu conhecia de anos atrás. Ela tinha feito muito para nos manter juntos.

— Abra mão das suas convicções para ter quem você ama por perto. Isso é muito mais importante do que demonstrar só preocupação e desespero. — Acariciando entre as minhas sobrancelhas, ela me deu um sorriso confortador, se levantou e foi se juntar ao meu pai na cozinha.

Nikolau usava o quarto de hóspedes ocupado por Nikola para descansar. Isso significava que agora eu estava sozinho na sala aguardando minha esposa entrar com meu cunhado para que eu pudesse consolá-la.

De certa forma, minha relação

com Zoé era muito diferente da minha relação com Heléne. Mais intensa, mais profunda e mais recíproca.

Enquanto minha atual esposa tinha aquela força de vontade de lutar ao meu lado por qualquer que fosse o objetivo, Heléne se retraía e se afastava a cada obstáculo atravessado.

Nosso início de relacionamento podia ter sido ótimo, mas não durou como um mar de rosas que era esperado, então ela se desagradou. Porém, já estava grávida de Alanis e em sua mente aquilo significava ser tarde demais para desistir. O restaurante crescia cada dia mais, assim como a distância entre nós dois.

De longe, meus pais investiam e cuidavam da minha pequena família.

Porém, minha esposa estava cada vez mais insatisfeita, distante e triste.

Alanis nasceu e o fluxo do meu trabalho estava normalizado, porém Heléne nunca mais foi a mesma. O que me chateava é que eu não a enganei para se casar comigo, esclareci tudo o que acontecia em minha família, todo o perigo que a gente corria e mesmo assim ela insistia em criar planos mirabolantes com exposição, viagens, mídia... Tudo o que eu mais procurava evitar.

Aos poucos Heléne se mostrava aérea, distante até da própria filha. Então, como por um milagre, ela melhorou a atitude comigo e mudou da água para o vinho.

Se mostrava feliz, não criava mais

nada que não pudesse ser encaixado no nosso cotidiano, até mostrava mais interesse pela nossa filha. E eu estava satisfeito, eu demonstrava que estava satisfeito.

Alanis completou quatro anos e a gente fez uma festinha para comemorar chamando alguns conhecidos e crianças que moravam perto. A loirinha era realmente idêntica à mãe e estava radiante com tudo a sua volta. Com os balões, os doces... O bolo que foi feito por mim (e eu tinha a convicção de que nunca mais faria bolo nenhum depois daquele dia), mais a multidão de opções feitas pelos meus ajudantes da cozinha.

Havia um homem. Era tudo o que eu conseguia falar sobre o que aconteceu.

Não era grego, era espanhol. Um viajante por quem minha esposa estava apaixonada. O motivo de ela estar tão feliz era o caso que mantinha com ele.

E eu descobri no aniversário da minha filha, assim como ela revelou que estava grávida de três meses e que o filho podia não ser meu. Com total indiferença, nem um pinga de sentimentalismo.

O amante inclusive estava na festa e Alanis quase ouviu tudo. Você pode imaginar como ficaria sua cabeça ao pensar que a mãe podia estar grávida de uma criança que não era do papai?

Mas era. Isis era completamente minha, em todas as cores, no sangue, no jeito, nos traços. Era uma Vasalos dos pés à cabeça e Heléne não podia estar mais

infeliz com isso.

Acontece que o Espanhol era alguém com alguma fama, um herdeiro ou qualquer coisa parecida, e os dois foram fotografados juntos em diversos momentos. Porém, ela ainda carregava meu sobrenome e isso apareceu nos jornais.

Gallardo Vincenzo era um homem que meu pai perseguiu e vocês precisam dessa informação para entender o que aconteceu com minha primeira esposa.

Se ele era perseguido, sabia quem estava à sua caça. De alguma forma, esse homem descobriu que o sobrenome que meu pai usava no dia-a-dia era Vasalos. Só foi preciso unir um mais um em sua cabeça distorcida pela maldade e drogas que consumia. Se Hélène tinha Vasalos, ela

podia ser filha de Herod. Mas não era.

Em seu desespero, minha primeira mulher abandonou Isis e Alanis dentro de casa em um dos dias que eu estava trabalhando. Levou uma mala pequena para se encontrar com o amante que a aguardava em sua lancha e os dois fugiriam.

Gallardo tinha um atirador de elite. Dois tiros, um na cabeça de cada um. O espanhol e Heléne. Mortos em retaliação pelo prejuízo que as investigações do meu pai estavam dando.

Os agentes federais não chegaram a tempo de livrar minha esposa de um homicídio, porém conseguiram prender todos os envolvidos, inclusive Vincenzo.

Alanis tinha só quatro anos e meio, Isis tinha recém completos dois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meses. Foram sete meses com a infidelidade de Hélène causando tormento em cima de nossas cabeças.

Meus pais conseguiram limpar tudo, afastar o perigo mais uma vez. Porém, o trauma não tinha como ser empurrado para debaixo do tapete.

A única coisa que eu me lembro da minha primeira esposa falar para mim, justificando suas atitudes, foi:

— Ele me dá a liberdade que você me tira.

Senti uma mão na minha e quando olhei para cima não era mais Hélène quem me atormentava com aquelas lembranças. Era Zoé de olhos úmidos e me encarando temerosa.

PERIGOSAS ACHERON

Theo não estava ali, ninguém estava. Só nós dois.

Aos poucos, minha esposa se aproximou apoiando a cabeça em meu ombro e tremendo levemente enquanto chorava baixinho para ninguém escutar.

Passei o braço por seus ombros e a puxei para mais perto enquanto beijava seus cabelos. Ela me completava tão bem, parecia uma parte perfeita para mim.

— Eu sinto muito, Nikos. Se ao menos eu conseguisse fazer com que essas coisas se afastassem definitivamente. Eu estou com tanto medo. Por mim, por você, por sua família e pelas meninas. — Ela afundou o rosto contra meu pescoço e chorou um pouco mais forte.

— Acho que nada nunca será tão

PERIGOSAS ACHERON

assustador quanto a perspectiva de perder alguém que a gente ama, Zouzou. Mas estamos juntos nisso. — Puxei seu queixo com delicadeza, erguendo sua cabeça e mirando em seus olhos bonitos. — Na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, até que a morte nos separe.

— Até depois dela se for necessário. — Completou e me puxou para um beijo.

Demoramos tempo o suficiente para ficarmos completamente alheios ao nosso redor. Parecia que aquele toque era a porta de entrada para a enxurrada de sentimentos que eu e ela guardamos por tempo demais.

Era necessário o desabafo para abrir as portas para a tranquilidade. Antes

de se encher uma jarra, acabamos com o líquido que há dentro dela. Não existia forma de ser racional se tudo o que tinha dentro de nós dois era desespero e angústia.

Agora vazios, podíamos pensar. Eu e ela, juntos outra vez, mais unidos do que antes, atravessando definitivamente a barreira que minhas atitudes na lua de mel tinham criado.

— Eu falei com Lara, Nikos. Ela tem até meio-dia de amanhã para entregar a informação que eu preciso. Ou a esposa do amante dela saberá que o marido tem outra e que só está com ela por interesse em sua posição social. Eu sei que não aprova o que estou fazendo...

— Eu não tenho que aprovar nada, *bonsón*. — Passei os nós dos dedos por seu

rosto. — Se acha que terá resultado e meus pais concordam, é suficiente. Só fale comigo se estiver sentindo qualquer coisa ruim. Eu sou seu marido, estou aqui para te ouvir.



*Crítica Pessoal ao molho de tomate:
nunca pareceu tão doce.*



ανάκαμψη • Reviravolta

Por que uns óculos escuros deixam a gente possessa de um espírito superior? Parece que é só colocar aquelas lentes diante dos olhos que o mundo tem a obrigação de se curvar aos nossos pés.

Eu estava sentada no restaurante, com Isis no meu colo e o notebook diante de mim. Olhava pelas janelas principais observando o movimento fraco nas ruas. A Grécia tinha a habilidade de esfriar o bastante quando queria. Isso justificava o casaco longo preto que eu estava usando.

E não, nenhum dos dois objetos citados anteriormente significam que eu estava me sentindo uma detetive de renome com um cartão de visita que somem os meus dados assim que eles são utilizados.

Não. Só estava com frio e com os olhos irritados.

Dei uma olhada para baixo onde Isis estava acomodada usando um casaco também longo para seu tamanho e seus óculos escuros em formato de corações. Com certeza nós duas estávamos reagindo ao frio e aos olhos ardendo.

Uma porção de batatas foi colocada à minha frente com um copo cheio de coca-cola. Nikos me encarava com um olhar risonho.

— Não acha que está levando sua nova patente à sério demais? — Se referia ao meu distintivo temporário de colaboradora das investigações federais. Ergui as sobrancelhas descartando a hipótese de ter me vestido assim e

escolhido essas roupas para Isis só porque tinha recebido um emblemazinho besta que me fazia ter acesso a nível federal aos arquivos capturados na Speak.

— Eu não tenho autorização para falar sobre minha função com o senhor. — Segurei o riso tentando soar séria. Nikos se agachou colocando o rosto próximo ao meu.

— Uh, eu adoro mulheres misteriosas... — A bebê encarou o pai erguendo as sobrancelhas também.

— Uuuuuuuh, misteriosas. — repetiu sussurrando fazendo meu marido rir. Discretamente, a pequena alcançou as batatinhas e começou a sugar uma delas deixando de dar importância ao que eu e Nikos falamos a seguir.

— Está segura de que ela enviará o que você precisa?

— Se não enviar, eu consigo de outro jeito. — O olhei depois de refletir por alguns segundos. Ele ainda me fitava, ainda tentava rir e naqueles olhos verdes que eu gostava tanto de admirar estava uma chama que eu conhecia muito bem.

Deus me perdoasse por... Por nada. Desejar meu marido não era errado.

— Se não tivéssemos companhia, eu mostraria o quanto eu gosto de uma mulher poderosa. — Dei um sorriso de canto.

— Isis não ficará no meu colo o dia inteiro. Pode marcar o horário em que vai me mostrar, senhor... — Abaixando-se mais um pouco, Nikos capturou meus

PERIGOSAS ACHERON

lábios de um jeito gentil, romântico e doce.

Era como se aquele beijo compartilhasse tudo o que nós dois estávamos significando um para o outro durante aquele dia e a noite anterior. Havia o fogo característico do nosso relacionamento, mas de certa forma, o carinho, a gentileza e a doçura pareciam ter sido renovadas.

Eu ainda tinha muito o que aprender sobre um casamento, ainda mais sobre essa coisa que chamam de união. Por certo que ainda não tinha trilhado metade do caminho, mas, com o meu marido, toda distância era ínfima, toda dificuldade era descartada e todo obstáculo era ultrapassável. Nikos deixou de segurar as rédeas que, inicialmente, eu achei que ele

portaria.

Porém, se de alguma forma minha liberdade estava limitada para algumas coisas por motivos de segurança, de outra ele estava me dando asas e apresentando um novo céu.

Eu poderia trilhar essa estrada de auto-reconhecimento sozinha, aprendendo aos poucos o que corrigir em minha personalidade e o que deixar apodrecer no pé de frutos plantados no passado. Eu sabia que aquelas coisas aconteciam por consequência das minhas escolhas, mas eu também precisava me perdoar.

Conviver com um peso nas costas e não fazer nada para consertar os meus erros não era o meu objetivo de vida nos próximos vinte e cinco anos. Proteger

minha família, realizar alguns sonhos e aprender com cada decisão errada que eu havia tomado ou tomaria eram meus novos alvos.

E Nikos estava ali para segurar minha mão, me balançar pelos ombros e até gritar comigo caso por algum momento eu resolvesse ser minha própria carrasca.

Quando ele se afastou, deixou aquela áurea de amor que parecia me envolver cada vez mais.

— Meu Deus, eu tenho todas as horas do dia disponíveis para você.

Nós dois rimos. Isis murmurou alguma coisa no meu colo com o rostinho bem erguido para mim e para o pai.

Gradativamente, Nikos teve que

nos deixar de lado e voltar para o trabalho. Voltei a encarar a tela do notebook e comi algumas das batatinhas. Temperadas e com o molho tzatziki que era o meu favorito, além da Coca-Cola bem gelada.

Obviamente, me apaixonei por esse homem porque ele é extremamente bonito, mas eu o amei porque ele me tratou da melhor forma possível, com todo o cuidado e como se eu fosse uma joia preciosa.

E fez isso até nas pequenas coisas.

— Zouzou, olha... — uma notificação no canto do laptop era apontada pelo dedinho engordurado da pequena.

— Obrigada, meu amor. — Beijei seus cabelos com cheirinho de bebê e abri a nova mensagem. Um e-mail de Lara estava

PERIGOSAS ACHERON

na tela.

"Bom dia,

Segue em anexo tudo o que eu consegui sobre o caso solicitado. Aparentemente não há um nome ou alguma pista concreta, porém achei números de conta, transações, mensagens trocadas e tudo o mais.

Me perdoe se não for o suficiente, mas fiz o que podia.

Grata pela compreensão."

Lara não assinou ou deu qualquer indicação de que era mesmo ela por trás de tudo. De qualquer forma, mais de quarenta arquivos estavam em anexo. Eu sabia que teria que garimpar para achar as informações que eu precisava.

Não sabia se era seguro fazer aquele tipo de coisa por ali, em um lugar que cada vez tinha mais gente, então fechei o notebook e me concentrei em observar o meu redor.

Cada pessoa que passava, cada gota de chuva solitária que de vez em quando escapava das nuvens até formar uma verdadeira tempestade.

O restaurante e a nossa casa ficavam em uma área de fácil acesso com automóveis, ainda não eram as ruazinhas estreitas de Santorini. Talvez fosse aquilo que chamasse a atenção dos fregueses.

Ajeitei Isis no meu colo enquanto colocava um pouco de suco, que uma garçonete deixou ali, em seu copo de bico.

Quando eu conheci Isis

definitivamente, ela estava com dez meses. Agora faltava um mês inteiro para o seu aniversário de dois anos. Ela não me chamava de mãe, apesar de saber fazer a referência. Quando o pai perguntava ou a irmã onde estava *mitéra*, Isis apontava para mim, mas nunca me chamou desse jeito.

Era estranho, mas eu acho que conseguia entender. Heléne morreu quando ela ainda tinha dois meses, então ela realmente nunca chamou ninguém de mãe. Para Isis, ter uma pessoa que cuidava e a amava era o suficiente para ela retribuir integralmente. Independente de como essa pessoa deveria ser denominada.

Passei as pontas dos dedos por seus cabelos tão lisinhos e escuros. Eu a amava como se fosse minha e me sentia

terrivelmente mal pela mãe dela não ter sentido a mesma coisa.

Eu não julgava Hélène, só sabia a versão de uma pessoa sobre o que aconteceu e, mesmo assim, uma versão distorcida sem os detalhes mais importantes como a vida dos meus sogros e o envolvimento disso em tudo o que aconteceu. Me reservava no direito de não ser juíza da primeira esposa do meu marido, mas repudiava tudo o que ela tinha feito.

— Quero. — Isis estendeu as mãozinhas para o copo que eu oferecia e começou a beber tranquila em meu colo balançando as perninhas e olhando a chuva cair.

Era a imagem da tranquilidade.

Olhei para a mesma direção que ela, bem no momento em que um carro preto parou próximo ao meio fio. Um homem saiu pelo lado do carona, abriu um guarda-chuva e caminhou até a porta traseira do carro.

De lá, saíram duas pessoas.

Primeiro uma mulher muito bem vestida e com um olhar amigável. Em seguida um homem alto, com um rosto sombrio e vestido de preto dos pés à cabeça. Ele apoiou uma das mãos nas costas da moça e caminhou segurando o guarda-chuva com a outra deixando o funcionário se molhar sem nenhum remorso.

A porta do restaurante foi aberta pela mulher e os dois caminharam

displícitamente para dentro. Isto é, se ignorássemos o fato do homem ter olhado para todos os lados do restaurante rastreando cada pessoa, cada detalhe e cada informação.

Minhas batatinhas pararam no meio do caminho quando aqueles olhos focaram em mim. Um sorriso seco, que não transmitia nenhum pingô de alegria, foi oferecido enquanto ele fazia um leve gesto com os dedos na testa em sinal de cumprimento.

No mesmo instante, os olhos da moça focaram em Isis no meu colo fazendo com que ela os arregalasse extremamente. Passo após passo, se aproximou e parou diante de mim ainda olhando para a pequena.

— *Che bel bambina!*^[35] — Isis ergueu as sobrancelhas — *Ciao, piccola.*^[36] — A mão com unhas pintadas de vermelho se estendeu para a bebê e fez um carinho em sua bochecha gordinha.

— Paris, meu bem, vamos nos sentar. — A voz rouca do homem atrapalhou aquela interação que quase parecia invasiva se não tivesse tanta familiaridade envolvida. Era como se aquela senhora conseguisse reconhecer em Isis alguma pessoa... Nikos? — Desculpe-me, jovem, ela é encantada com crianças.

— *Lei assomiglia a mia sorella*^[37]... — De certa forma, pela primeira vez eu o vi sorrir enternecido.

— *Capisco, il mio fiore.*^[38] — Se

voltando para mim, ele continuou em grego — Desculpe-me novamente.

Os dois se sentaram em uma das mesas destinadas aos casais e foram atendidos rapidamente. Eu sabia de quem se tratava, sabia exatamente de quem se tratava.

Porém, não senti o pânico de Nikos.

Pelo contrário, com a mulher falando, parecia até que... Não. Impossível que Marcius Stefanos pudesse ser alguém minimamente bom. Ele era investigado por meus sogros.

Que Isis parecesse com a irmã da esposa dele não dava credibilidade alguma ao fato dele não querer nos atacar ou matar. Não.

Virando o pescoço discretamente, os olhei com a proteção dos óculos escuros. A mulher ainda encarava Isis como se tivesse sob o efeito de hipnose. E, agora quem estava hipnotizada era eu.

Aqueles cabelos loiros e olhos azuis me lembravam outro serzinho diminuto. Alanis. E Alanis lembrava muito outra pessoa...

Heléne.

Soltei as batatinhas dentro do prato, levantei Isis no colo e peguei o notebook, estava pronta para ir para casa.

Deixei um recado com um dos garçons e saí pela porta da frente subindo rapidamente as escadas, com o máximo de equilíbrio que eu conseguia. Por sorte, a chuva tinha estiado e eu podia continuar

PERIGOSAS ACHERON

sem me molhar demais.

Girei a maçaneta e entrei.

Pela primeira vez durante aquela semana, minha sala estava totalmente vazia. Nem os irmãos de Nikos que haviam saído para levar Alanis para passear, nem Theo que tinha ido como um cachorrinho atrás de Nikola, nem meus sogros que estavam trabalhando mesmo em um sábado chuvoso.

Ninguém. Só eu, a bebê, o silêncio e o notebook com algumas respostas que eu estava precisando.

Eu não sabia se esperava que fosse Marcius por trás de tudo, nem se torcia por isso. Mas em minha cabeça, era melhor um diabo conhecido do que um desconhecido.

Se não fosse ele, quem? E se fosse outro, por quê?

Baixei todos os arquivos de uma vez, ansiosa pelos conteúdos de todos eles. Era hora do ponto de interrogação deixar de existir no centro da minha cabeça.

Abri o programa que Juno havia instalado para mim e rastreei o número da conta que fazia os pagamentos para a Speak.

Não era possível. Podia ser um laranja, não? Tinha que ser.



Receita de Estrogonofe

- Uma caixa de creme de leite,
a textura ideal para criar o
creme perfeito como a
estabilidade
- Meio quilo de carne, para
você pensar que pode acabar
picadinho em breve
- Duas cebolas grandes, aquele
ingrediente que quase ninguém
gosta
- Três cogumelos picados, para
misturar as nacionalidades e
você saber que não está
sozinho no mundo
- Duas colheres de coalhada e
uma colher de mostarda, já que
é preciso o gosto azedo para
lembrar as coisas boas da vida.
- Duas colheres de manteiga,
para criar a consistência.
- Sal, endro e páprica a gosto,
para temperar todos esses
sentimentos controversos
dentro de ti.
- Um fio de óleo, para não
deixar nada grudar no seu

interior.

Corte a carne em tiras finas e ignore o sangue. Você vai ter que aprender a fazer isso daqui para frente. Tempere com sal e reserve. Em uma frigideira grande, coloque o óleo e a manteiga, depois espere ficar quente como o inferno. Corte a cebola em fatias e refogue até ela ficar dourada. Acrescente os cogumelos e refogue-os também. Nesse meio tempo, procure esquecer suas preocupações com morte ou coisas do tipo. Essa é a porra de uma receita, não um enterro.

Sele as tiras de carne, não precisa cozinhá-las completamente como o seu cérebro com tanta teoria que você cria. Adicione o creme de leite, a mostarda e a coalhada. Tampe a frigideira, deixe cozinhar e tire uns quinze minutos para verificar

**se todo mundo da sua família
segue vivo e respirando.**

**Finalize com sal, páprica e
endro picadinho. Meu Deus,
eu não consigo parar de criar
referências com uma possível
morte!**



ομοιότητα • Semelhança

Já perceberam que antes da tempestade se formar, tudo fica em uma calmaria assustadora? Foi exatamente isso que pensei assim que vi Marcius e não vi Zoé. As esposas têm um jeito estranho de lidar com algumas coisas. Principalmente com o perigo.

Vejamos o que uma pessoa normal faria em uma situação depois do seu marido ter entrado em pânico graças a presença de um homem: mostraria que está em segurança, ficaria no lugar onde foi vista por ele pela última vez e não fugiria correndo deixando um recado rápido com seu funcionário.

Eu estava completamente em paz com a perspectiva de que minhas meninas

estavam sentadas ali fora enquanto eu cozinhou lá dentro. Parecia claro em minha cabeça que pelo menos durante esse dia, minha esposa não seria o motivo do meu desespero.

Mas não. Zoé realmente tinha que me deixar igual um idiota parado na porta da cozinha encarando o mafioso e sua esposa sentados em uma mesa do meu restaurante.

Acho que percebendo que meus olhos estavam sobre ele, Marcius me encarou dando um sorriso cordial extremamente frio e erguendo as sobrancelhas me questionando a observação.

Nem eu sabia porque estava perdendo meu tempo ali. Onde estava a

maldita da minha esposa? Aquilo sim exigia uma resposta imediata.

Respirei fundo e segui porta a fora. Abandonar o expediente na metade do dia não podia se tornar um costume e muito menos algo que deveria ser repassado para meus funcionários, entretanto eu tinha coisas mais importantes para fazer do que ganhar dinheiro.

Era impossível que eu infartasse ainda tão novo, mas minha esposa estava trabalhando firmemente para isso.

Subi as escadas rapidamente e destranquei a porta em uma velocidade que foi uma surpresa não ter quebrado a fechadura. Cruzei o hall dando de cara com uma Zoé olhando chocada para a tela do notebook e sussurrando todos os palavrões

em todos os idiomas que conseguia lembrar. Não era bem um sussurro, mas ela devia achar que era e observando seu estado de espírito, o melhor a se fazer era concordar com cada palavra dela.

Era assim quando estava irritada e surpresa ao mesmo tempo. Pior, quando estava contrariada. E minha esposa contrariada era um inimigo que ninguém gostaria de ter. Muito menos eu, me deixe bem longe e fora disso.

— O que houve? — Ela me encarou com os olhos arregalados. Por um momento, eu pensei que minha mulher estava em surto ou algo parecido.

Averigui ao redor se tudo estava em ordem.

Isis brincava sentada no tapete da

PERIGOSAS ACHERON

sala um pouco atrás dela e estava segura. Parecia importante verificar aquele tipo de coisa, afinal, o perigo podia estar em qualquer parte.

— Não é Marcus. — Me aproximei me sentando ao seu lado no chão. Ok. Não é Marcus não é um jeito muito legal de tranquilizar um homem.

— O que quer dizer com isso?

— Que não é Marcus quem nós devemos temer. — Ela virou o rosto em minha direção, ignorando pela primeira vez o aparelho aberto sobre a mesa. — Pelo menos é o que parece.

Estava pálida, um tanto histérica e muito parecida comigo no dia anterior. Ajeitei seus cabelos para trás das orelhas.

Ela era linda vestida de mulher poderosa e

ainda mais linda vestida de minha esposa. Mas o momento não deixava que eu demonstrasse o quanto sua aparência me afetava naquele instante.

Deslizei a ponta dos meus dedos para as bochechas dela que recuperavam a cor e tentei absorver com o toque um pouco do sentimento ruim que ela estava guardando no peito.

— Ou é um laranja, ou é realmente alguém sem caráter, ou o que a esposa dele disse não faz sentido algum. — Franzi o cenho. Agora a esposa que não estava falando coisa com sentido era a minha.

— A esposa dele falou com você?
— Ela acenou positivamente.

— Na verdade, foi algo
PERIGOSAS ACHERON

involuntário. Ela viu Isis em meu colo, se aproximou encantada e disse algo em italiano. Disse que Isis se parecia com sua irmã. Então eu a observei e ela se parece com Alanis. Ela se parece muito com a Alanis, como você não percebeu? Não foi essa esposa que ele trouxe ao restaurante ontem?

Deus abençoasse as mulheres pela sensibilidade observatória que elas possuíam. E amaldiçoasse Marcius Stefanos por me deixar tão nervoso ao ponto de parecer um idiota perto da genialidade da minha mulher.

— Qual sua teoria? — Zoé deu de ombros. Agora estava completamente recuperada do choque inicial.

— Ainda não tive tempo de criar

alguma. Mas o que você sabe sobre a família de Hélène? Onde eles estão? — Analisei sua pergunta e puxei na memória as informações que eu tinha sobre os parentes maternos das minhas filhas.

Eles não aprovavam meu casamento com Hélène, não apareceram na cerimônia em Santorini, mandaram presentes para Alanis e Isis, sem muita proximidade, respectivamente quando cada uma nasceu e, a única vez que os vi, pareciam totalmente indiferentes e longe de mim e das minhas filhas. Isso foi no velório da minha primeira esposa. Eles nem ao menos se deram o trabalho de interagir com as netas.

Então essa era uma boa pergunta. O que eu sabia sobre a família de Hélène?

— Se Isis se parece com a irmã da esposa de Marcius e se a esposa de Marcius se parece com Alanis...

A memória começou a se formar em minha cabeça. Era como se Zoé pudesse invocar as lembranças.

— Existe alguma possibilidade delas serem da mesma família. — Aquilo fazia sentido.

Uma reunião em que eu não parecia participar, mesmo que fosse minha esposa quem estivesse sendo enterrada. Era isso que eu conseguia recordar aos poucos.

— Alanis, Isis, Heléne e aquela mulher. — Analisando, eram quatro criaturas parecidas. Por mais que Isis tivesse minhas cores... Ela também tinha a cor de outra pessoa.

O sol contra os cabelos loiros de todos os parentes de Heléne. De costas estavam aqueles que eu consegui definir como seus pais. Um homem loiro, uma moça morena que também era o único ponto escuro no meio daquela família tão clara.

— Heléne pode ter sido cunhada de Marcius.

Ao lado da moça morena, uma loira. As duas aparentavam ser as irmãs da falecida. Mas agora...

A moça loira realmente se parecia com a atual esposa de Stefanos. Na verdade, era fisicamente a mesma pessoa.

Seria uma coincidência hilária, se a família da minha primeira esposa não fosse formada por italianos.

A pergunta que Marcius fez de repente ganhou todo o sentido. O que une os gregos e os italianos?

Os negócios.

Mas que negócios?

— Elas são irmãs, não é?

Encarei Zoé que me fitava preocupada. Era estranho perceber que confiei tanto na minha primeira esposa sem ao menos procurar descobrir quem era ela de verdade.

Contei todos os detalhes da minha vida e infância, perguntei se ela queria fazer parte daquilo e ela disse que sim. Eu dei o direito de escolha para a pessoa que menos merecia.

E Zoé, a mulher que eu não dei

PERIGOSAS NACIONAIS

uma palavra sobre minha família antes de casar, aquela que eu acusei e magoei no dia do nosso casamento, estava ali ao meu lado e preocupada comigo.

As aparências enganam. Cordeiros às vezes são mais perigosos que os lobos. Um cordeiro covarde coloca o bando em perigo, um lobo arrependido protege os companheiros.

Justo Zoé, justo a loba... Uma mão invisível bateu na minha cara deixando a marca do arrependimento e o gosto da maldade em minha boca. Justo a menos confiável me ofereceu lealdade e a que eu mais confiei me apunhalou pelas costas.

Eu não sei que teoria Zoé estava criando em sua cabeça, mas para mim o inferno já estava batendo à porta. Era tarde

PERIGOSAS ACHERON

demais.

Se Stefanos estava no jogo, se minha ex-cunhada era esposa dele, então minha cabeça já era prêmio há tempos. Eu que era um idiota achando que tinha segurança em alguma parte da minha vida.

E, admirando os olhos azuis de Zoé, eu percebi que ela não tinha culpa nenhuma sobre isso. Nada mais podia estar sobre ela. Nenhuma culpa ou acusação.

As circunstâncias eram erradas, ela até podia ser apontada por terceiros como uma das culpadas por ter deixado o teto desmoronar sobre nossas cabeças, porém eu sabia que não era bem assim. Ela se enfiou embaixo dos escombros, foi isso. Já estava tudo fodido mesmo antes dela aparecer.

Eu não tive medo, não entrei em pânico e nem em desespero. Já não tinha necessidade de ficar desse jeito.

Abracei minha esposa pois precisava daquilo. A morte já era praticamente uma certeza, então era melhor aproveitar o final daquilo com quem amava.

Zoé era feita do mesmo material retorcido que eu. Dava para nós dois completarmos o jeito torto um do outro.

— Nikos, o que você lembrou? —
Aquela voz melodiosa transmitia tanto alívio que eu não queria nem responder. Mas era minha obrigação como marido tranquilizá-la...

— Fodeu tudo, Zoé. Fodeu tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

*Crítica Pessoal ao Estrogonofe: estava um
pouco exagerado.*



υπερβολή • Exagero

Deve ser uma sensação maravilhosa ter um marido capaz de te tranquilizar nas situações mais adversas. Infelizmente, eu nunca vou saber disso porque casei com um homem mais estourado e desesperado que eu.

Nikos era a imagem e semelhança de uma pessoa resignada com a possibilidade de morrer. Parecia até que estava esperando a família chegar para avisar a data e o local do próprio velório.

Enquanto isso, eu guardava todas as minhas teorias e perspectivas sobre o que estava acontecendo.

Eu não achava que Marcius era um inimigo. Bom, tecnicamente era um inimigo da civilização em geral, mas não

PERIGOSAS ACHERON

era um cara que queria arrancar nossas tripas.

Ou era um homem muito frio e burro porque ninguém do seu nível iria assassinar pessoalmente uma família de agentes federais. Alarde e mais perseguição não era bem o que a mafiosos dos filmes ficavam correndo atrás, disso eu sabia.

Me sentei no meu sofá, agora todo amassado graças às noites de sono do meu irmão. Olhar a janela uma hora se tornaria um vício, mas, mesmo em meio ao inverno, o Sol brilhava timidamente entre as nuvens dando novos tons ao azul da minha sala.

Observar aquilo me fez perceber que até entre as coisas mais difíceis, existe um fio de esperança a ser agarrado.

O meu fio era formado pela
PERIGOSAS ACHERON

possibilidade de um pouquinho de humanidade dentro do coração de Stefanos.

Eu não sou muito inclinada à orações, mas isso nunca foi pedir demais, estou certa, Deus?

Okay. E sim, eu estava me recusando a comprar um caixão, entrar e mandar me enterrarem. Nunca fui mulher de entregar o jogo antes de dar tudo de mim pela partida. Mesmo que eu precisasse me sujar ou deixar mais uma vez os valores éticos de lado.

Eu não caía antes de uma boa briga e me recusava a dar um veredito calmamente como Nikos estava fazendo.

Parte de mim entendia seus sentimentos, mas a outra parte se enraiveceu. Ele não podia entregar tudo de

PERIGOSAS ACHERON

mão beijada e com tanta complacência!

O observei sentado no sofá com Isis no colo olhando para o nada. Só de ter aquelas menininhas, eu já teria motivação o suficiente para sair socando a cara de qualquer um que ousasse colocar em perigo a vida de qualquer uma das duas.

Sendo sincera, se ele tinha desistido, então era hora de eu fazer alguma coisa extrema.

Olhei meu cachecol e bolsa pendurados perto da entrada de casa. Demorou meio segundo para que eu me levantasse. Um, dois, três e eu estava batendo a porta saindo de casa.

Não tinha um plano. Emergências não deixam tempo para se criar qualquer um, então seguiria meus instintos.

Por mim, por Alanis e Isis e pelo homem que eu amava tanto, mas não tinha um pingo de motivação para lutar.

Lembrei de quando um fiador do meu pai veio cobrar uma dívida e só encontrou minha mãe. O homem fez uma ameaça velada contra a vida do meu progenitor e ela apenas respondeu:

— Eu tenho uma coleção invejável de facas afiadas.

Ser sucinta na hora de proteger a família estava na genética. Ser extremamente baixa na hora de livrar o mal ao nosso redor foi algo que eu aprendi com o tempo.

Facas podiam não fazer parte do meu arsenal, mas motivação era algo que nunca havia me faltado.

Cheguei à calçada bem a tempo de ver Marcius e a esposa saindo do restaurante.

— Vocês! — o homem me olhou empurrando com delicadeza a esposa em direção ao carro.

Tanta frieza podia ser intimidante, mas não significava nada perto do que eu precisava fazer. O encarei de volta com toda firmeza que eu conseguia demonstrar.

— Preciso falar com sua esposa.
— Ele ergueu as sobrancelhas. A moça loira se encolhia atrás da porta do carro deixando aparente apenas os próprios olhos muito azuis. Não parecia submissa, apenas avaliadora.

Parecia medir se uma aproximação como aquela era algo bom ou

PERIGOSAS ACHERON

não, como se não entendesse o que eu estava falando.

— Ela não fala grego. — Franzí a sobancelha. Meu assunto não era com ele, me virei para ela decidida a ignorar o homem.

— Fala inglês? — perguntei no idioma.

— Sim, fluentemente. — Acenei positivamente e dei mais um passo em sua direção.

— Nós duas precisamos conversar. — Aos poucos, ela saiu de trás da porta do carro e se aproximou.

Marcius parecia desconcertado, temeroso e sem saber o que fazer. Era estranho perceber que um homem da máfia

não era páreo para duas mulheres que queriam respostas. Na verdade, nem o próprio Diabo era páreo para duas mulheres determinadas a fazer qualquer coisa.

— Onde podemos falar? —
questionei e a mulher apontou para dentro do carro. — Qual o seu nome?

— Paris. Pode me chamar de Paris. — Passei por Stefanos e entrei no veículo. Decidi deixar a insegurança e o medo para trás. Eu estava apenas limpando a bagunça que causei.

O cheiro de couro e coisas caras me envolveu tão rapidamente que de repente tudo ao meu redor parecia exalar dinheiro.

Paris se sentou ao meu lado e fechou a porta. Marcius ficou do lado de

PERIGOSAS ACHERON

fora e não estava muito satisfeito com aquilo.

— Você disse que a menina em meu colo se parecia com sua irmã. Que irmã? E por que você é tão parecida com alguém que eu conheço?

Ela sorriu.

— Você não a conheceu. Hélène morreu bem antes de você pisar em Santorini. — Ergui as sobrancelhas. Não haveriam meias palavras ou verdades podadas por aqui.

— Correto. Mas isso não responde porque você se parece com ela. — Pensei por um momento e continuei — E Isis não se parecia com sua irmã. Isis é a imagem e semelhança do meu marido.

— Em cores sim, e nós ficamos muito satisfeitos com isso. — O nós me incomodou. Parecia algo coletivo demais quando eu estava esperando apenas Marcius e ela — Porém eu tenho mais dois irmãos. Um rapaz e uma moça. Tróia é morena como a menininha e quando pequena era exatamente uma Isis de olhos pincelados, bochechas gordinhas e sobrancelhas espertas. Quanto a Hélène, minha irmã e eu éramos muito parecidas. — Me recostei no assento. Então eram irmãs mesmo, isso respondia parte das perguntas.

Ela sorria como se esperasse que eu seguisse o questionário. Paris sabia que eu era jornalista, por isso estava se portando como uma entrevistada. Eu sentia

isso.

— Qual o motivo do interesse repentino no restaurante do meu marido?

— Paris fez uma expressão desdenhosa.

— Repentino? Nós protegemos essa espelunca desde que Heléne fugiu de casa e se casou grávida às escondidas. — Pensei em defender o estabelecimento, mas não era o momento ideal para colocar a vida do meu esposo abaixo da sua honra. Eu ainda estava pisando em ovos por ali. — Nikos e as meninas fazem parte da família, mesmo eles não sabendo disso.

Ele estava mesmo vendo as coisas sob a perspectiva errada. Marcius e Paris não eram inimigos, como imaginei. Mas também não podiam ser considerados como amigos.

— Então... Não foram vocês que fizeram a encomenda da Speak? — Mais uma vez, a moça sorriu.

— Essa era uma resposta que eu vim buscar de você, *cara mia*^[39]. Segundo nossas investigações, você trabalhava na Speak quando começou a se envolver com Nikos. Não a afastamos porque logo em seguida você pediu demissão e, por ser funcionária de lá, nos forneceu diversos acessos. Agradecemos por isso. — Não achava que eu pudesse me sentir lisonjeada por aquilo. — Porém, quem encomendou a queda do meu ex-cunhado nunca foi uma das informações que conseguimos atingir. Quando saiu a reportagem sobre você na revista, percebemos que era hora de tentar uma abordagem mais ativa.

Equilibrei os pontos positivos e negativos de entregar à mulher aquela informação que eu tinha conseguido ainda naquele dia.

— Eu consegui um nome. Mas ainda está sob investigação e não o darei a você. Não agora. — franzi o cenho.

— Tudo bem, negociamos isso depois. — A menção de uma negociação me incomodou. Parecia sujo ter que vender qualquer coisa em uma momento desesperador como aquele.

— Vocês sabem mais o que sobre Nikos? — Tentei ser sucinta na hora de descobrir se meus sogros e cunhados também haviam sido descobertos.

— Fala sobre a família de agentes federais? Querida, nós sabíamos disso antes

PERIGOSAS ACHERON

mesmo de Heléne se envolver com ele. Não parece suspeito uma garota da máfia italiana fugir justo para os braços de um homem com o passado de Nikos? Ela também sabia. Sabia exatamente de quem precisava se aproximar para irritar nossos pais, desfazer seu noivado com um *capo* e se proteger da fúria da máfia.

Então eu não era culpada de trazer Marcius até Nikos! Na verdade, se pararmos para pensar, a única que colocou os outros em perigo foi a própria Heléne. E a própria irmã dela confessou isso!

— Então... O que exatamente vocês querem aqui? — Paris se aproximou, como se fosse uma amiga querendo me contar alguma confidência.

— Queremos negociar a proteção

da família Vasalos diretamente com eles. Podemos protegê-los se nos protegerem. — Encarei seus olhos azuis tão claros quanto os meus.

Analisei o que ela tinha acabado de me falar e sorri com tristeza ao perceber que não tinha consolo nenhum em nenhuma parte.

Era lobo comendo lobo e eu era solitária demais para lutar contra a matilha.

— Nós abrimos o restaurante à noite de quinta a domingo. Venha nos visitar, eu vou falar com meu marido. Uma decisão como essa não cabe só a mim.

Fui em direção à maçaneta do carro, mas senti sua mão em meu braço.

— Zoé, eu gostaria de conhecer

minhas sobrinhas. — Sorri friamente para ela.

— Isso já é algo que você não merece. — Desci do veículo pelo lado da rua, não olhei para Marcius ou seus seguranças, apenas coloquei as mãos nos bolsos e caminhei devagar até às escadas que levavam para minha casa.

Subi degrau por degrau me sentindo contaminada pelo mesmo sentimento de desalento de Nikos.

Quando cheguei diante da porta, ela foi escancarada por meu marido bravo demais com a filha no colo.

Putá merda, era só o que me faltava.

— O que você tem na cabeça,

PERIGOSAS NACIONAIS

Zoé?! — Rolei os olhos e passei por ele esbarrando em seu ombro no caminho. Pendurei a bolsa e o cachecol mais uma vez em seus respectivos lugares. — Eu digo que estamos fodidos e você vai falar justo com quem representa o perigo?

Dei às costas a ele e retirei meus sapatos antes de caminhar em direção ao sofá e me jogar de qualquer jeito em um dos lugares.

Olhei para o teto respirando fundo tentando colocar ordem nos meus sentimentos antes de enfrentar o meu marido.

— Eu estou falando com você! — O grito de Nikos fez Isis começar a chorar e de repente aquilo funcionou como um alerta em minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

A pequena estendia a mãozinha para mim e apertava os olhinhos fazendo as lágrimas começarem a cair.

A tirei do colo do pai, coloquei sua cabecinha no vão do meu pescoço e comecei a acalenta-la enquanto, sem perceber, eu começava a chorar também.

Percebendo o que tinha feito, Nikos se afastou e foi para a cozinha.

— Está tudo bem, *agapité*. —
passei a mão em suas costas enquanto ela suspirava controlando o próprio choro.

Coloquei a pequena sentada no tapete e distribuí seus ursinhos pelo chão.

Fui atrás do meu marido.

— O que você fez, Zoé? — me aproximei de onde ele estava sentado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mostrei minha coleção de facas
afiadas para eles, mas eles têm armas de
fogo.

PERIGOSAS ACHERON

Receita de Chantilly

- 250ml de Creme de Leite fresco, bem gelado que é para lembrar o frio que seria sua vida caso não tivesse uma mulher como a sua para esquentar sua cama
- Duas colheres de açúcar, para adoçar do mesmo jeito que ela faz com os seus dias.

Bata o creme de leite e o açúcar até que comece a formar ondas. É tipo o que você faz com a paciência da sua esposa como se quisesse que tudo desse errado. Por isso, fique de olho no ponto, não queremos o fim desse casamento e nem um chantilly que não esteja firme.

Bata mais devagar até formar ondas mais firmes, use uma colher para saber se chegou ao ponto ideal. Se o chantilly não cair depois de tão provocado, você vai conseguir determinação o suficiente para

PERIGOSAS NACIONAIS

enfrentar qualquer coisa
mesmo que tenha apanhado o
bastante nos últimos dias.
Fique firme, esse é o segredo
do creme e o da vida.



PERIGOSAS ACHERON

προσκαλέστε • Convidar

Amar durante um período de medo é como balançar em uma corda bamba temendo cair e ao mesmo tempo não querer sair daquela instabilidade.

O amor, quando aflorado em um tempo de caos, parece ter gosto de desespero. É bruto, selvagem e impiedoso. Não há sentido em ser leveza quando tudo à sua volta é ventania.

Amar Zoé por esses dias me fez entender que por mais selvagem que estivessem os ventos lá fora, a tempestade que nós dois éramos capazes de causar poderia envergonhar qualquer nuvem negra de aparecer.

— Bonsón, se não quiser ficar

viúva ainda hoje, é melhor explicar direito o que quer dizer com isso. — Zoé me deu um sorriso sardônico tão logo eu acabei de falar.

Parecia claro para mim que independente do meu temperamento durante um momento como aquele, minha esposa sempre teria total habilidade de me deixar desconcertado, constrangido e me sentindo alguém inferior. Afinal de contas, enquanto eu era ataque de histerias, resiliência com a perspectiva de morte e todos os outros sentimentos que vocês já acompanharam durante essas páginas, Zoé era autocontrole, determinação e perseverança.

Envergava e não quebrava, mas caso quebrasse sabia se regenerar. Era uma

peculiaridade feminina que eu nunca teria competência para reproduzir.

— Promete que não gritará pelas próximas horas, certo?

Prelúdio de catástrofe, momentos antes da desgraça acontecer.

Ela discursou por bons minutos tudo o que tinha conversado com aquela que eu acabava de descobrir ser minha cunhada, contou como Marcius queria negociar, como Hélène me manipulou desde o início com seus planos e como Paris queria conhecer as sobrinhas, a que se parecia com a irmã falecida e a que se parecia com Tróia. Essa família devia ter algum gosto peculiar por tragédias gregas.

— Zouzou, chamar essa gente para uma reunião com minha família é

PERIGOSAS ACHERON

colocar a carreira de todos eles em risco. Eu não sei se tenho direito de fazer isso. — Ela se sentou ao meu lado, torcendo as mãos, parecendo desconfortável pela primeira vez durante todos aqueles dias.

— Não podemos deixá-los escolher? Eu sei que se vistos no mesmo ambiente que eles é esperado que Marcius esteja algemado, mas e se seus pais tiverem interesse no que ele tem para falar?

Abaixei a cabeça entre as mãos sentindo minha esposa acariciar meu ombro buscando confortar a mim.

Parecia que para cada problema resolvido, existiam cinco esperando solução. Não é a toa que eu ando tão tenso ao ponto de gritar com minha mulher antes de ouvir o que ela tem a dizer.

— Vem comigo. — Zoé convidou. No caminho, pegou Isis no chão, já sonolenta, e a levou para seu quarto tirando suas roupas pesadas e a colocando no berço.

Assim que a pequena fechou os olhos e ressonou, minha esposa me encarou.

Os olhos azuis faiscando, mas não era de ódio. Não, eu sabia bem o que era aquilo. A porta com enfeites cor-de-rosa se fechou bem atrás dela. Parecia a sinalização perfeita de que Zoé não queria fazer nada que tivesse algum toque de inocência.

Suas unhas afiadas roçaram minha nuca tão logo ela colocou as mãos em meu pescoço.

— Você está tão tenso, marido. —
Enlacei sua cintura e a pressionei contra o meu corpo.

— Acha que é o momento certo, esposa? Com esse caos todo acontecendo, a gente vai fechar a porta e deixar os problemas em um canto enquanto transa?

— Nikos, tem hora que parece que você não me conhece. Eu só não misturo tempestades, enquanto essa fica aqui fora, eu faço outra lá dentro. Vem se molhar na chuva comigo.

Quando ela se deitou na cama e me chamou com as mãos, eu sabia que não me importaria com o que os outros fariam em uma situação como aquela. Zoé e eu não éramos sinônimos de qualquer outro casal. Não tinha o mesmo significado,

sentido ou até a mesma intensidade.

Apoiei meus cotovelos no espaço do colchão perto dos seus ombros e me inclinei em direção a sua cabeça.

— Toda vez que eu olho para você desse ângulo, eu entendo tudo. Diz para mim que vale a pena ter paciência comigo enquanto eu aprendo a lidar com esse teu jeito, Zoé. Me alivia dessa angústia. — Ela se ergueu levemente, aproximando a boca da minha.

— Vale a pena ter paciência sempre que o assunto é você, Nikos. — Passando a língua pelos meus lábios, minha esposa repetia o convite. Levantei suas pernas e as encaixei no meu quadril. Seus cabelos ficaram bonitos quando enchi a mão com eles para ter acesso livre ao seu

pescoço. Sensível, longo e bonito. Como a gente tem tempo de apreciar o pescoço de uma mulher quando tudo nela parece o encaixe perfeito de uma obra prima?

Deslizei meu nariz por ali até encontrar sua clavícula. Usei a língua naquela linha aparente e ouvi o gemido que minha esposa soltou enquanto apertava meus cabelos entre os dedos.

Eu queria me desculpar por ter gritado com ela, por ter feito minha filha chorar ou não ter a escutado antes de agredi-la verbalmente. Queria, mas não fiz porque estava ocupado demais demonstrando com a boca o quanto eu me arrependia daquilo tudo.

Por baixo do casaco comprido de mulher misteriosa, tinha um vestido de

botões típico da mulher da minha vida. Não importava quantas fantasias minha esposa usava, o melhor era quando ela era apenas minha Zoé.

Agora sem o vestido, admirei o conjunto de calcinha e sutiã todo em renda preta. A mulher queria me entortar e conseguiu.

A partir dali, eu sabia que teria que voltar muito mais tarde para o meu trabalho.

Puxar o zíper das suas botas de cano longo foi uma tarefa fácil perto da minha tentativa de ter o total controle com a visão da minha esposa estendida na cama totalmente a vontade.

Zoé enfiou os polegares pelas laterais da calcinha e a desceu sem me

PERIGOSAS ACHERON

esperar. Gostava de dar início a festa sozinha, eu sempre soube disso.

Ela levantou as pálpebras parecendo me encarar como a amante que tinha se transformado ali naquela cama.

O fecho do sutiã era na frente e, acredite em mim quando eu digo, não tem nada de mais interessante quanto isso. Quando a peça abre por ali, o show começa de pedaço a pedaço. Minha esposa se aproveitava da minha total atenção e abria as cortinas lentamente.

Seu riso leve pontuou o quanto gostava de fazer aquele tipo de tortura.

Eu encostei minha cabeça em sua barriga admirando enquanto ela finalmente desistia de fazer segredo e jogava o sutiã para fora do próprio corpo.

— Marido, é sua hora de me surpreender. — Me coloquei de pé me livrando rapidamente das minhas roupas sem dizer nada enquanto Zoé apenas ria. — Homens não sabem mesmo tirar vantagem do próprio corpo, não é?

De joelhos fincados no colchão, ela me chamou para perto e me fez ficar de costas. Aos poucos, suas mãos me guiaram para ficar sentado. Aquela boca bonita foi para meu pescoço enquanto a mão talentosa foi direto para meu pau.

— Relaxe, Nikos, me deixa cuidar de você.

(...)

Na cozinha de casa, horas depois, os dois de cabelo molhado e cara de satisfeitos. Se a gente queria disfarçar o que

PERIGOSAS ACHERON

tinha feito, então era melhor mudar a estratégia.

Meus pais, juntos com todos os etc de filhos e participação especial de Alanis e meu cunhado, cruzaram a porta principal logo depois que eu liguei para o restaurante e pedi para um assistente fechar tudo.

Na mesa diante de mim estavam as chaves do estabelecimento e os ingredientes do jantar que eu preparava tão sorridente que nem parecia que tinha uma ameaça de morte nas costas com direito a negociação com mafioso e possível abalo à carreira dos meus pais.

O que um carinho de esposa pode fazer com nossa tensão, não é mesmo?

Jantar português. Quando eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cozinhava bacalhau, lembrava de uma fase da minha vida que toda preocupação que eu tinha era onde poderia deixar minha mochila que tinha toda a minha vida.

Logo que saí da casa dos meus pais e desisti do agenciamento federativo, resolvi pegar todo o dinheiro que meus pais guardavam para mim e viajar pelo mundo aprendendo um pouco da culinária de cada lugar que eu visitava. Itália, Espanha, Turquia, Rússia, Brasil, Estados Unidos, Japão, Austrália. A lista era imensa.

Em Portugal eu fiquei por meses. O clima lembrava uma grande família, com um monte de primos e tios que faziam piadas de duplo sentido, se sentavam à mesa no domingo e comiam pratos regados a azeite e batatas.

PERIGOSAS ACHERON

Batatas, couve, bacalhau e ovos. Azeite para molhar tudo. Independente da ameaça velada que pairava sobre nossas cabeças, o clima de Portugal se repetia. Era a variedade de parentes, as piadas e a mesma comida.

A única diferença é que uma hora aquilo poderia acabar. Mas, como a lição que minha esposa me ensinou naquele dia, era hora de coordenar as tempestades.

Se a ameaça viria, ao menos encontraria gente organizada na hora de enfrentá-la.

— *Bampá*, Marcius Stefanos quer marcar uma reunião. — Falei depois de colocar mais azeite nas batatas.

Sentado em uma das banquetas da ilha da minha cozinha com Isis no colo,
PERIGOSAS ACHERON

meu pai levantou as sobrancelhas e um canto de sua boca se ergueu.

— Eu já esperava por algo assim.

— Franzì o cenho com sua resposta.

— E seu trabalho?

— Esse é o segredo de ser o chefe, Nikos. Você cobra o respeito pelas regras, mas de vez em quando tem a liberdade de quebrá-las.



*Crítica pessoal ao Chantilly: quase que
faltou doçura.*



απειλή • Ameaça

A habilidade que eu sempre admirei em minha mãe e minha avó, era a total capacidade de fazer com que seus maridos se arrependessem amargamente de tratá-las mal.

Quando vi Nikos enfurecido abrindo a porta da nossa casa depois de eu ter ido conversar com Marcius e Paris, parecia que eu nunca teria esse talento.

Quem imaginaria que tudo o que eu queria para minha vida era a consideração palpável de um único homem?

Porém, eu também tinha que reconhecer a intensidade de tudo aquilo na cabeça de Nikos. Nunca nenhum dos

homens com quem convivi teve que lidar com uma situação como aquela.

Me ver dialogando com aqueles que eram gatilhos para seus nervos era de fazer qualquer um gritar. Eu podia compreender isso.

Nos dias seguintes, uma calma estranha pairou pela nossa casa. Toda nossa rotina, até então tumultuada pela chegada repentina de todos os problemas, parentes e mafiosos que vocês já conhecem, de repente entrou em função estática e passou a seguir horários que eram religiosamente seguidos.

E isso não foi bom. Foi a primeira vez que senti que independente do que acontecesse, eu e Nikos teríamos que ser bem criativos para não deixar o dia-a-dia

consumir nosso casamento tanto quanto o desespero queria fazer.

Como resposta para minha prece por novidades, um empregado de Paris e Marcius ligou para o restaurante reservando uma mesa noturna.

Sentada diante da penteadeira e escovando meu cabelo, eu tentava entender o que o mafioso sentia por outras pessoas. Eu quase vi afeto em sua relação com Paris, mas eu sabia que ela não era a única esposa. Na verdade, nem sabia se era uma das oficiais. Pelo o que diziam, ele tinha uma esposa legítima em cada país que um dia morou. E outras duas reservas.

Pousei a escova antes que a deixasse cair depois da ideia que estava surgindo em minha cabeça. Claro que eu

precisaria da ajuda dos meus sogros, mais uma vez, mas até mesmo eles se sentiriam gratos por aquilo, caso nunca tenham pensado nessa chance antes.

A poligamia é crime em alguns países. Se não conseguiam pegar Marcius pelos seus envolvimento com a organização criminosa italiana, então que esperassem o outro pé fora da margem. E, caso comprovado, aquilo valia como moeda de troca para a possível negociação que aconteceria mais tarde.

Meu celular tocou me tirando do meu devaneio. O visor anunciava um número desconhecido e eu quase tive medo de atender. Porém, a curiosidade sempre subjugou qualquer temor da minha parte.

Encostei o aparelho no ouvido e

suspirei:

— Alô?

— Me encontre em um dos becos na esquina da sua casa em dez minutos. Não avise a ninguém e não se atrase. —
Falando no diabo...

Marcus desligou tão rápido que não me deu tempo de responder.

Alanis estava na escola, Nikos no restaurante e Ísis estava com Nikola e Theo passeando por aí. Nereida e Nikolau eram duas sombras constantes que eu não conhecia, mas sentia a presença que nesse exato instante não estavam aqui.

Depois de alguns dias, os dois deixaram aquele ar de desconfiança para cima de mim de lado e eu correspondi. A

gente ainda não tinha conversado ou algo do tipo, mas não nos tratamos com frieza ou hostilidade.

Parecia importante listar todos os hóspedes que estavam na minha casa, só para saber de quantas pessoas eu teria que desviar caso aparecessem na minha frente.

Tudo isso porque um homem gostou de brincar de Deus e agora estava fazendo o papel de gerente de morte para testar diferentes formas de levar cada membro da família Vasalos à morte.

Deixei o cabelo solto, peguei um casaco e saí do quarto sendo atingida pelo silêncio da minha casa. Desci as escadas até a sala vendo todas as coisas que demarcavam uma personalidade por ali.

Tampinhas de garrafa sobre o

PERIGOSAS ACHERON

tampo da cozinha, ursinhos de pelúcia em uma caixa, os vidros de tempero especial guardados em cima da geladeira com os rótulos soltos por uma Alanis que queria ampliar a própria coleção e o caderno aberto em cima da mesa de centro com todos os outros rótulos que ela havia conseguido pegar.

Aquele era meu lar e eu precisava reafirmar isso antes de sair porque não sabia em qual estado voltaria.

Abri a porta de casa e contei os degraus até chegar à calçada. No lado debaixo da rua passavam apenas algumas pessoas. Eu descii a ladeira ainda com pensamentos martelando minha cabeça. Talvez eu devesse ter ligado para alguém... Mas ele foi taxativo nessa parte.

Desde que descobri o nome na conta, algumas medidas foram tomadas. Alanis e Ísis já não ficavam tanto no restaurante, eu não saía muito, quase sempre estava acompanhada de um dos meus cunhados ou sogros.

Enfim, de qualquer forma não era como se a ameaça tivesse sido ignorada por aqueles dias. Ela apenas não era uma das nossas prioridades.

Entretanto, ninguém contou ao Nikos o nome por trás da conta. Isso porque a impulsividade do meu marido por esses dias estava extrema e ele poderia colocar as investigações dos meus sogros a perder.

Olhei para o beco onde um homem de terno e engravatado fingia que

não era uma anormalidade em uma rua com pessoas vestidas de forma simples. Rolei os olhos ao perceber o quão despreocupado com o sigilo Marcius era.

Passei pelo brutamontes sem falar nada e segui até o final da viela que dava para uma espécie de varanda com vista para o mar que circulava toda a ilha. Ao longe eu conseguia avistar a ilha adjacente. Por não ser alta temporada, tinham poucos barcos de turismo na baía. E ninguém podia me ver ali.

Marcius estava sentado diante de uma mesa com alguns aperitivos. Se não fosse o Diabo em figura de gente, ele até seria bonito. O queixo marcante, os olhos claros, os cabelo e a barba negros.

Era muito italiano para o meu

gosto extremamente grego, mas ainda assim era algo que me faria olhar duas vezes até descobrir sua índole.

Isso na minha época de solteira. Para mim, Nikos irradiava algo que nenhum outro homem conseguiria transmitir. Isso pode ser um dos efeitos colaterais do amor, mas eu adoro essa sensação.

Me sentei na cadeira de frente para ele e encarei seus olhos quando eles se fixaram em meu rosto.

— O que vossa alteza deseja? — ele riu.

— Costumam me chamar de majestade, mas vou relevar o erro. Como vai Zoé?

— Tirando as ameaças de morte que vem de todos os lados, vou muito bem, obrigada. Não vou devolver a pergunta porque você não deve conviver muito bem com tudo o que faz. — Marcius se inclinou para a mesa e cruzou os braços.

— E o que eu faço?

— Temos um problema de amnésia por aqui? Você é bem novo para ter Alzheimer. — Rolei os olhos — Anda logo e vai direto ao assunto, a vida da minha família pode estar nas suas mãos, mas eu não tenho seu tempo. — Solto um muxoxo.

— Pensei que estivesse desempregada, assim teria tempo de sobra. — Dei de ombros.

— Com duas crianças pequenas?

Tempo livre é uma raridade. — De repente a vontade de usar minha habilidade de recolher informações passou a me atingir de forma preocupante.

— Sei como é... — Me aproximei, era hora de entrar em cena.

— Interage com crianças pequenas? — Seu olhar se demorou nos meus olhos antes dele responder.

— Em qualquer canto que eu vá, tenho filhos.

— Espalhou a sementinha pelos quatro ventos, Marcius? Não conhece algo chamado preservativos? — Seu riso quase me assustou.

— Conheço e prefiro não usar. Deixe que a metade da população mundial

tenha meu DNA... Tenho várias crianças.
— Perguntar quantas delas era ser estúpida, então pensei em instantes antes de seguir aquele lado da conversa.

— Prefere os meninos ou as meninas?

— Um bom pai não tem preferência entre os filhos. — Marcius pegou algumas uvas e ergueu bem as sobrancelhas. — Eu não sou um bom pai. Minha esposa italiana teve quatro meninos e uma única menina. Como sua família, Zoé, veja só que coincidência. — o feitiço estava se virando contra o feiticeiro, ele sabia o que eu estava fazendo. — O nome da pequena é Maria. Bíblico como o seu nome, seu pai contou para um amigo meu que quando pegou você no colo pela

primeira vez, sentiu que era a mulher que mudaria tudo a sua volta. Sua mãe serviu café para esse meu amigo e ele viu seu avós em duas cadeiras de balanço na varanda. Apollo é um cara turrão, não é? Os filhos dele são crianças educadas graças a mãe. Giorgios é bem quieto e observador, gosta de trabalhar com seu pai. Leo já é um espírito aventureiro, serve de companhia para seu irmão mais novo, o Theo que está hospedado na sua casa. Enfim, uma enorme família, não é, Zoé?

Fiquei em silêncio e, pela primeira vez durante todos aqueles dias, eu senti medo de Marcius. Parecia que uma sombra opressora havia pairado sobre minha cabeça e me empurrado contra a cadeira. A sombra era a maldade do homem diante de

mim.

— Dois podem jogar esse jogo. Vamos lá, Zoé, é a sua vez.

— Pare de falar meu nome como se tivesse qualquer intimidade comigo. Você pode ser um porco imundo que acabou de fazer uma ameaça velada contra toda a minha família, mas eu sei que não ganha nada com a morte deles. Assim como não ganha nada com a morte da família do meu marido. Só alarde. Você parece um daqueles cães de apartamento que gostam muito de latir, enchem nossos ouvidos com aquele barulho estridente e irritante, mas temem qualquer pisão mais forte no chão ao seu lado. Se sente tanta necessidade de reafirmar o poder de eliminação que tem contra meus familiares

é porque de certa forma precisa de algo que nós temos ou não pode eliminá-los. Qual o seu jogo com os meus sogros, Marcius? O que quer com eles? — Me levantei irritada espalmando as mãos na mesa e fazendo os talheres pularem.

— Essa é a sua jogada?

— Essa é a minha certeza. Por que me chamou aqui? O que você quer? — Marcius sorriu.

— Ofereço cinco milhões de euros pela sua paz, da sua família e das duas pirralhas que você tanto gosta. Em troca, toda a família Vasalos é minha.



*Receita de Suco de
Maracujá*

- 2 Maracujás, grandes para render bastante já que você precisa acalmar muitas pessoas.
- 1 litro de água, tanto para diluir quanto para hidratar já que alguém perdeu bastante líquido chorando
- Açúcar a gosto, de preferência bastante que é para amenizar os ânimos ao máximo.

Bater todos os ingredientes no liquidificador como se picotasse os problemas de quem vai tomar essa maravilha. Sirva com gelo em um copo alto e admire sua esposa respirando fundo antes de começar a ter contar tudo o que aconteceu.



θάρος • Coragem

A gente percebe o desmoronamento emocional de quem amamos tão rápido quanto qualquer outro.

Então como marido era fácil perceber o desespero da minha esposa.

Zoé abriu a porta da cozinha, me olhou, depois observou à minha volta e respirou fundo três vezes. Foi o suficiente para eu saber que aqueles olhos arregalados significavam alguma coisa.

Ela nunca passava daquela porta durante o expediente, nunca fazia mais do que colocar a cabeça por uma fresta e me chamar. Então aquela entrada intempestiva só podia significar algo péssimo.

— Nikos? Nikos, eu preciso de

você. — A porta da cozinha se abriu outra vez para dar espaço a uma Juno acolhedora que eu conhecia muito bem.

— Meu bem, o que houve? — Enquanto minha esposa se encolhia entre os braços da minha mãe, eu olhava em volta me certificando de que aquilo era suficiente para mais uma vez eu abandonar o expediente e ir atrás dela.

O problema foi que um olhar me incomodou.

Kiara, uma das assistentes, encarava a cena diante de si como se assistisse uma coisa rotineira com um fundo cômico. Minha mulher tendo uma crise de desespero não era motivo de riso.

Ao perceber que estava sendo observada, seu rosto empalideceu e ela se

PERIGOSAS ACHERON

virou para o outro lado.

Algo dentro de mim pulsava querendo satisfações e brigas, mas o choro mais alto de Zoé fez com que eu esquecesse de tudo e fosse acudi-la.

Demorou alguns minutos até a gente conseguir sair discretamente do restaurante e subir as escadas para nossa casa. Com a porta bem fechada, tudo o que pudesse nos atingir parecia ínfimo, minha esposa tinha segurança para falar o que estava a assustando.

— Marcius... — O nome do mafioso parecia não descer na minha garganta. E apesar de Zoé ter afirmado anteriormente que ele não representava o perigo, agora parecia que até ela duvidava disso.

Delicadamente, eu a fiz sentar no sofá enquanto minha mãe trazia um copo de água da cozinha.

— *Bonsón*, diga para mim: o que Marcius fez? — Sua mão pousou em minha face assim que me ajoelhei diante dela.

— Oh, Nikos, estamos ferrados.
— Ela suspirou e enxugou as próprias lágrimas com a mesma mão que havia me tocado — Ele ligou diretamente para meu celular. O novo celular. Pediu que eu o encontrasse em um dos becos aqui na rua. Ao chegar lá, um dos capangas dele guardava a entrada e ele me esperava. Marcius propôs que eu fugisse com as meninas e minha família em troca de cinco milhões de euros e entregar todos vocês...

— E o que você falou? — Seus

olhos amedrontados focaram mais uma vez em mim.

— Eu dei um tapa na cara dele e corri de lá! — Mesmo assustada, aquela ainda era minha Zouzou. Não sorri por respeito, mas meu coração inflou de orgulho. — Eles vêm de noite para o restaurante, marido. O que a gente vai fazer?

— Primeiro a gente se acalma, esposa. Depois a gente arma o ataque.

Mais tarde, dentro do quarto que eu dividia com Zoé, fiquei sentado na cama a observando se movendo de um lado para o outro arrumando detalhes para se distrair do nervosismo aparente.

O vestido vermelho segurava a parte da frente com uma alça fina por trás

PERIGOSAS ACHERON

do pescoço. As costas era um caminho nu até o meio da coluna. Eu nunca sabia definir bem como as roupas da minha esposa eram exatamente. Mas aquela ali era só provocação e discórdia.

— Pode me ajudar com os brincos? — Era a terceira vez que eu me levantava por um pedido seu. Primeiro o zíper, depois a pulseira e agora os brincos. Não era como se Zoé precisasse de mim, ela só me queria por perto. Eu me sentia bem por saber que em meio a tantos problemas, a gente encontrava conforto um no outro.

— Como está se sentindo? — Ela sorriu.

— Juro que estou bem.

— Quem jura mente.

— Então já sabe a verdade... —
Ouvindo sua resposta definitiva, eu segurei em seus ombros e a fiz me encarar.

— Zoé, eu não a culpo por nada que tenha acontecido e não quero que você faça a mesma coisa. Nós dois erramos e acertamos em níveis que nos igualaram como humanos porque é isso que somos. Não quero que você se martirize pelo o que outras pessoas querem fazer conosco. Quanto ao Marcius, querida, lembre-se que cães maus morrem dolorosamente.

— Não sei se vou esperar tanto tempo... — Seu celular tocou em cima da penteadeira, era um alerta de mensagens. Ela suspirou e pegou para verificar, depois me encarou como se quisesse matar alguém. — Toda vez que esse homem

PERIGOSAS NACIONAIS

dirige a palavra a mim, sobe uma vontade de jogar tudo para o alto e resolver no soco.

— Com esses bracinhos? Marcius é bem maior que você.

— Eu duvido que ele tenha um marido grandalhão como o meu para comprar qualquer briga que arrume. — Zoé se aproximou abandonando o aparelho — Já viu o meu esposo sovando massas?

— Já, acredito que ele seja muito bom nisso.

— Ele é muito bom em muitas coisas, principalmente com as mãos. — Assim que minha esposa colocou os braços em volta do meu pescoço, a porta se abriu e Alanis entrou. — Sem chance de eu provar o quanto ele é bom, tem criança no recinto.

PERIGOSAS ACHERON

A loira parou diante de nós com o cenho franzido e os bracinhos cruzados.

— Posso saber o que vocês estão fazendo? — Zoé riu e se abaixou ficando da altura da pequena.

— Namorando. Quando você crescer e arrumar uma pessoa que ama muito, vai fazer a mesma coisa. — Abaixei junto com ela e completei:

— É melhor não fazer isso, filha. Pelo bem do coração do seu pai, nunca faça isso. — Alanis riu

— Então namorar é uma coisa ruim, *bampá*?

Zoé me encarou com aquela cara de "não limita minha criança" e eu tive que deixar de lado o medo de Alanis crescer

rápido, arrumar alguém e deixar de colecionar rótulos.

— Não, não é. O papai estava brincando. Você vai namorar futuramente, bem futuramente, muito futuramente mesmo. Por enquanto, se preocupe em fazer coisas de criança. — Ela sorriu para mim e se aproximou para que eu a pegasse no colo.

— Então tudo bem eu ter roubado os rótulos de tudo o que tinha na dispensa do restaurante? — Fechei os olhos com força sabendo que teria mais trabalho essa semana com etiquetagem.

— Não tanto, mas perdoável.

Um pigarro chamou nossa atenção para Zoé que já estava na porta do quarto.

— Prontos? — Me levantei carregando a pequena e acenei positivamente com a cabeça. Minha esposa pegou Ísis no caminho e lado a lado nós descemos para a festa noturna.

Era de lei que as meninas cansariam dali uma ou duas horas, nesse meio tempo as duas curtiriam todos os eventos.

Tão logo chegamos, Zoé se aproximou de Theos e o abraçou. Era estranho sentir que ela se aproximava de todos como se sentisse necessidade de sua presença e ao mesmo tempo precisasse se despedir.

Não, não era possível que isso estivesse acontecendo. Ela não estava nos abandonando, certo?

Então...

— Nikos Vasalos! Finalmente estou visitando seu restaurante no período noturno. Me disseram que você serve os melhores aperitivos de toda Santorini. — Marcius enlaçava o braço de Paris que olhava constrangida para tudo enquanto ele sorria como se eu fosse um dos seus amigos. — Veja, querida, suas sobrinhas estão aqui.

Se a esposa dele não falava grego, então a última frase não era bem um recado para ela. O mafioso falava comigo.

Pior do que isso, ele estava me intimidando.

Eu estava pronto para responder quando minha esposa passou na minha frente, colocou as mãos na cintura e

PERIGOSAS ACHERON

mostrou a leoa que ela verdadeiramente é.

— Eu fui bem clara com você, Paris, só irá ver as meninas quando eu achar que você merece. — Em um inglês perfeito, Zoé passou o recado.

— Não é a mãe delas! Não pode falar assim comigo! — a outra retrucou.

— Sim, eu posso, eu sou e eu vou. Sua irmã não sabia nada sobre manter a integridade da família, mas eu sei. Vocês dois não vão chegar aqui ditando as regras de um jogo idiota que é muito fácil de ser virado. Se não quer sair com uma alga nos braços, Marcius, é melhor começar a respeitar a minha casa. E se você não quiser sair daqui com menos fios de cabelo do que entrou, Paris, é melhor calar sua maldita boca e fazer exatamente o que eu

mando e acho certo.

Um silêncio pairou sobre nossas cabeças. Como se todos prestassem atenção no que minha esposa ditava em um inglês fluente. A música sumiu, as outras pessoas também. De repente era como se só existissem nós quatro dentro do restaurante.

— Zoé, será que eu devo lembrar a você que não está em posição de fazer ameaças por aqui? — Marcius voltou a falar em grego e sussurrava como se quisesse pesar suas palavras.

— Qual o seu plano, Marcius? Matar uma família de federais não será nada benéfico para os seus negócios. Qual o sentido do blefe? Um teste? Tem tanto medo de ser preso que acha que intimidar a mim, ao meu marido e a nossa família será

suficiente?

— Você não estava tão corajosa hoje mais cedo! — falou entredentes me fazendo ver sua verdadeira face e o que Zoé teve que enfrentar sozinha ainda nesse dia.

— Eu não estava totalmente ciente do que eu tinha em mãos para enfrentar você. Não sabe com quem está lidando, Marcius. Não sou uma das suas esposas idiotas que acenam positivamente para tudo o que você faz. Sou Zoé Malipiero, esposa de Nikos Vasalos, mãe de duas garotinhas e você mexeu com a pessoa errada.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Crítica Pessoal ao Suco de Maracujá: não
serviu de nada.*



αντεπίθεση • Contra-ataque

Não hoje e não com as minhas filhas. Se Marcius quer brincar terá que achar outro alvo.

Eu cansei! Cansei dessa brincadeira de gato e rato, de ter que fugir sempre que uma ameaça aparece. Eu quero resolver de uma vez, tirar esses homens da nossa vida e poder viver em paz.

Assim que eu vi o casal Bonnie e Clyde cruzando a porta bem atrás de Nikos, todo o meu sangue ferveu e subiu e me fez deixar de pensar com racionalidade.

— Pode fazer o jogo sujo de vocês com quem quiser, mas eu cansei e não aceito mais participar. A partir de agora são as nossas regras ou eu juro por Deus que eu

mesma coloco você atrás das grades, Marcius. E não me importa qual retaliação você está preparando graças ao que estou falando agora, o fogo do inferno vem à tona se tocar em qualquer um dos meus.

— Ninguém nunca ousou falar assim comigo. — Exclamou entredentes. A face branca ganhando tons de vermelho graças ao ódio iminente.

— Para tudo há uma primeira vez! — Em dois passos rápidos, Marcius estava diante de mim tentando segurar meu pescoço enquanto Nikos o impedia se colocando na minha frente. — O pé fora da margem, meu sogro pode dar voz de prisão para você imediatamente se quiser. Percebe como é fácil te desestabilizar?

Não me surpreende que ele seja só

um homem da máfia itinerante. Quem iria querer uma pessoa instável em um cargo de confiança?

A maioria dos homens temperamentais são colocadas em missões de perigo nas organizações criminosas, eu lembro de ter lido sobre isso em alguma entrevista com um investigador ou membro.

Precisou de tempo até que eu recuperasse minha sanidade depois de Marcius ter ameaçado minha família explicitamente. O medo é alguém com inabilidade de ser gentil, que gosta de se aproveitar das suas falhas, que se alimenta dos cantos obscuros de sua existência e que te deixa incapaz de raciocinar com clareza.

Naquele instante, logo depois dele

ter proposto a troca, minha mão subiu e desceu com tanta rapidez que eu só senti a ardência do impacto na palma segundos depois.

O rosto branco do mafioso ficou com ranhuras vermelhas, capangas começaram a sair de todos os lados vindo em minha direção e só se detiveram com um gesto vindo daquele que eu tinha atingido.

Naquele pequeno momento, cresceu em meu peito a necessidade de subjugar Marcius, colocá-lo em seu devido lugar e nunca mais deixar que crescesse suas garras para cima de todas as pessoas que eu sempre amei.

— Não se atreva nunca mais a propor algo como isso. — Em passos

rápidos, aproveitei os soldados aturdidos e escapei daquele beco.

No caminho até o restaurante, toda legião de hipóteses malignas começaram a me seguir. Quando cheguei à porta da cozinha, o peso do tapa, a afronta e o verdadeiro interesse de Marcius pesou nas minhas costas como uma tonelada de culpa.

Fiz o que nunca ousei fazer e invadi o inferno particular do meu marido.

Aquele ligeiro flash se esvaiu da minha cabeça assim que senti o gosto na língua de ter colocado Paris e Marcius em seus lugares.

Um pequeno par de braços circulou minha perna e quando olhei para baixo, Alanis me encarava como se eu houvesse saído de um filme de super-

PERIGOSAS ACHERON

heróis. Só quem já viu esse olhar sabe o poder que isso tem no próprio ego.

Se aquela garotinha tinha fé em mim, eu estava no caminho certo.

— Estão na minha casa e no restaurante do meu marido. A hierarquia aqui dentro funciona de um jeito bem diferente. — Me abaixei para recolher a loirinha do chão e me afastei sem encarar os olhos dos meus parentes, irmão ou marido. Nada mais me importava naquele instante além das duas garotinhas.

O caminho para a área externa do restaurante nunca pareceu tão exaustivo. Como se compreendendo o que acontecia, Alanis permanecia quieta.

O ar gelado próprio do inverno nos atingiu em cheio e eu quase me

PERIGOSAS ACHERON

arrependi de ter levado uma criança para aquele frio.

Por minutos, fiquei em completo silêncio com o rosto afundado entre os cabelos de Alanis.

— Você está triste, mamãe? —
Suspirei.

— Não, meu passarinho.

— E com raiva?

— Com raiva eu estou um pouquinho.

— Não precisa, sabe? Essas coisas logo passam. — Ri ao perceber que ela me acalmava exatamente do jeito que eu fazia quando era ela quem estava espumando contra os outros.

— Sei e agradeço muito por me

lembrar disso. — Se apoiando no guarda-corpo depois de eu colocá-la sentada, Alanis mexeu na pulseira de pingente vermelho que nunca mais saiu do seu braço desde que ganhou. Aos pouquinhos, ela empurrou o fecho e a segurou aberta entre os dedos.

— Toma. Fica um pouquinho com ela. Quando eu tô triste, mexo nela.

Segurei a pulseirinha e a beijei em sinal de gratidão.

— Prometo que te devolvo em breve. — Ela sorriu e se esticou para beijar minha bochecha.

Uma sombra no canto da grande varanda, que tinha algumas mesas distribuídas, acabou chamando minha atenção enquanto meu rosto estava virado

PERIGOSAS ACHERON

para receber o beijo da loira. Devagar, coloquei Alanis de volta no chão e acariciei o topo da sua cabeça.

— Querida, por que você não volta lá para dentro? Preciso fazer uma coisa aqui. — Ela ainda demorou alguns segundos me encarando sabendo que aquilo se tratava de algo adulto demais para sua presença.

Passo após passo, eu verifiquei se Alanis já estava lá dentro quando resolvi me aproximar. Mais uma corrente de ar gelado bateu contra o meu rosto e trouxe o cheiro acre da fumaça do cigarro que a pessoa fumava.

Aos poucos, consegui distinguir a silhueta de Kiara debruçada contra o parapeito. Respirei fundo sabendo que

aquela noite estava bem longe de acabar.

Apenas uma pessoa sabia o nome que eu descobri. Minha sogra estava averiguando bem todas as provas antes de tomar uma iniciativa. Qualquer passo em falso poderia corresponder a uma virada brusca de pé que nos levaria direto para o chão.

E não há nada pior do que bater com a cara no meio-fio quando tudo o que você mais precisa é defender o que mais ama.

— Boa noite, Kiara. — Ela soprou mais da fumaça fedida que o vento fez o favor de trazer até a mim.

— Boa noite, senhora.

Alguma coisa soou com duplo

sentido durante aquela pequena frase. Talvez o jeito que ela arranhou o nome por qual me chamou ou o fato dela ter sorrido com escárnio assim que se virou completamente para mim.

Então tudo fez sentido e de repente não era mais sobre andar, cair ou ter cuidado.

Era sobrevivência.

— Está tudo bem? — perguntei recuando aos pouquinhos sem deixar transparecer que realmente estava fazendo aquilo.

— Sim, Zoé. Está tudo plenamente bem. Eu soube que até para você as coisas estão bem. Afinal, é um ótimo jeito de viver quando se enfrenta um mafioso, ou quando se descobre o nome de PERIGOSAS ACHERON

quem pagou a destruição social e financeira do seu marido. Como você está?

O ar faltou e momentaneamente todos os meus órgãos se comprimiam forçados para dentro pelo nervosismo que começou a tomar conta de todo o meu corpo.

— Estou bem. — sussurrei dando mais três passos para trás enquanto Kiara avançava lentamente.

A pouca iluminação da área externa era própria para criar um ar romântico para os casais que visitavam o restaurante, agora ela ajudava a aumentar meu pânico.

Mais dois passos e eu colidi com alguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Kiara, não é hora de ficar conversando. — De todas as vozes, naquele dia aquela era a última que eu esperava ouvir.

Me virei devagar sabendo o que encontraria.

Giannis me encarava, cruzando os braços e sorrindo de lado.

— Surpresa, Zoé. Achou que nunca mais veria minha cara, certo? Grande engano.

Eu até abri a boca para retrucar, mas uma dor forte na minha nuca fez com que eu desmoronasse.

A partir daquele momento, tudo era escuridão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Receita de Copo de Leite Gelado

- Um copo de leite

**Abra a geladeira da sua casa,
pegue a garrafa de leite e
despeje em um copo. Não tem
gosto. Exatamente como a
sua vida sem a sua esposa.**



απουσία • Ausência

O silêncio incomodou por alguns segundos antes das pessoas voltarem a fazer o que estavam fazendo. Marcius e Paris se afastaram, foram sentar em sua mesa reservada mesmo que ele estivesse puto com tudo a sua volta.

Os garçons continuaram distribuindo os petiscos e eu vi Kiara atravessar o salão. Meu pai entrou na minha frente bem nessa hora me impedindo de saber para onde ela estava indo.

— Viu só? Sangue quente, defensora. Como sua mãe. Sabe como eu a conheci? — Sim, eu sabia. Mas ele continuaria falando, independente da minha resposta. — Ela estava andando pela mesma rua de Atenas que eu. A caminho

da mesma missão que eu participava. Sabe o que ela fez quando eu tomei a dianteira? Me xingou dizendo que aquele serviço era dela e que eu deveria cuidar da minha vida. E aí ela se acalmou, eu a chamei para tomar um drinque e três meses depois ela estava ameaçando quebrar um vaso de vidro na minha cabeça se eu não assumisse que a amava.

Eu ri baixo enquanto meu pai passava um braço sobre meus ombros de forma amistosa.

— Sangue quente. É o melhor sangue para misturar com o seu. Sei disso, tenho quatro exemplos. — Ele apontou Nick que bebia algo alcoólico em um copo de plástico, Nikolau que controlava a minha irmã, Nereida que encarava Ísis no

colo de Theo e depois bateu o dedo no meio do meu peito. — Minha família. Quando se tem uma esposa com o sangue tão quente, nunca se está em perigo.

— Sério? E elas também nunca estão? — Meu pai pensou por alguns instantes antes de responder:

— Bem, quase sempre estão. É por isso que você também precisa ter sangue quente. Um cobre o ponto cego do outro e ninguém morre. — Minha mãe chegou assim que ele terminou de falar passando os braços pelos seus ombros.

— O que meus meninos estão conversando? — Sorri para ela.

— Sobre como você ameaçou quebrar a cabeça dele com um vaso só porque ele nunca tinha dito que te amava.

Isso três meses depois de se conhecerem.
— desdenhei plantando a discórdia.

— Falou o homem que está sob constante ameaça e que se casou um ano depois de conhecer uma mulher. Pior, fez isso duas vezes. — Juno inclinou a cabeça revidando a cutucada no próprio ego.

— Um ano não é a mesma coisa que três meses. — justifiquei.

— Casamento não é a mesma coisa que um "Eu te amo". — Ela se afastou rindo.

Meu pai a admirou enquanto andava até os meus irmãos. Me perguntei se aí chegar na sua idade eu teria esse mesmo olhar quando na hora de vigiar Zoé.

— Sangue quente. Graças ao bom

Deus ela tem isso de sobra. — Desperto do devaneio, ele colocou a mão no meu ombro. — Junte a corja, vamos começar a reunião.

Indo atrás da minha mãe, Herod me deixou sozinho encarando Marcius que parecia transitar entre a pura irritação e a resiliência.

Minha família seguiu pelo corredor que levava até o escritório que quase sempre estava abandonado. Era o sinal ideal de que aquele era o momento de tirar o esparadrapo da ferida.

Theo ainda segurava minha filha menor enquanto mexia o líquido abandonado por minha irmã em cima da mesa que eles dividiam. Ísis tentou pegar a bebida e ele afastou o copo rindo, com o

movimento captou o meu olhar e fez um leve aceno de cumprimento.

Voltei a encarar Marcius e estava pronto para dar um sinal quando Alanis se apoiou em minha perna e ficou encarando a mesma direção que eu.

— O que está fazendo aí com cara de bobo, *bampá*? — A ergui no colo ameaçando morder sua barriga e tirando altas risadas de sua boca.

— Cara de bobo?

— Cara de bobinho. — Olhando para ela ali, deitada no meu colo, lembrei de uma época em que essa mesma coisinha não tinha nem cabelo e nem dentes. Essas crianças crescem tão rápido...

Um dia desses ela estava babando,

agora está zoando minha cara.

— Onde está sua mãe? —
Apontou lá para fora me respondendo e franziu o cenho assim que virou a cabeça naquela direção.

— Ela estava bem ali pertinho quase agora. — Olhei por todos os vãos que as janelas e portas nos permitiam ver e não havia sinal de Zoé.

Se o tom de voz preocupado de Alanis podia emitir sentimentos, então eu estava banhado pelo mesmo receio.

— Filha, por que você não vai lá para a mesa do tio Theo fazer companhia para ele? O papai precisa resolver umas coisas.

Antes de ir, ela ainda ficou parada

por alguns segundos encarando a porta aberta da varanda. Era o protótipo de um adulto, aquela pequena passou por tanta coisa que amadurecia mais rápido do que as outras crianças.

Algo na minha mente sussurrava que mais um acontecimento iria colaborar para esse crescimento prematuro. Quase me arrependi de tê-la colocado no chão. Se eu pudesse afastar todo o perigo dela e da sua irmã, eu faria sem pensar duas vezes.

— É assunto de adulto, não é? Mamãe também pediu para ficar sozinha por isso. — Fitei a pequena por alguns segundos tentando dar sentido àquelas palavras. Alanis se afastou indo se sentar o lado de Theo.

Algo no meu peito começou a

apertar como se eu tivesse sufocando com a possibilidade mais terrível de ter que lidar com uma despedida de Zoé.

Andei em passos ligeiros até a varanda. Foi rápido perceber que ela estava vazia. Apertei os pulsos sentindo o sangue começar a subir e meus dedos gelarem.

Onde estava Zoé?

Voltei para o restaurante e em todo canto que eu olhava parecia mais densa a sensação dela não estar ali.

Marcus me encarou e então todo o peso do que Zoé havia feito contra ele apareceu em meus ombros.

Não era possível.

Ceguei ao lado dele tão rapidamente que seus olhos se arregalaram

em confusão.

— Onde ela está? — Marcius virou o rosto para o lado jogando o garfo contra o prato.

— Ela quem? — grunhiu.

— Minha esposa! O que você fez com ela? — Ele riu com desdém praguejando baixo no seu próprio idioma.

— Eu não sei onde está a maldita da sua mulher. Depois do que aconteceu aqui hoje, eu espero que ela esteja morta. — Eu avancei e o peguei pelo pescoço.

Paris se levantou imediatamente tentando tirar seu marido das minhas mãos. A cada tentativa eu o apertava mais.

— Se tiver acontecido qualquer coisa com ela, eu juro que mato você. — O

joguei da cadeira direto no chão o vendo puxar o ar. — Agora vá para o escritório, estou indo ver onde minha mulher está. O recado foi dado, Marcius. A brincadeira de gato e rato acabou.

Me afastei indo direto para a porta do restaurante.

Olhei para todos os lados e nenhum sinal de Zoé. Subi a escadaria para nossa casa, abri a porta e tudo o que eu conseguia ouvir eram os ruídos comuns de uma residência vazia.

Era eu, minha respiração e o desespero.

Revirei todos os cômodos, cada canto. Desci e subi a rua, entrei em becos, em outros restaurantes, em bares e nada.

Zoé não estava em lugar nenhum.



**Crítica Pessoal ao copo de leite gelado:
me deixou com tanto frio...**



άγνωστο • Incógnita

Eu não tenho memórias constantes e nítidas da minha infância que tenham algum significado especial. Com exceção de uma que me persegue sempre que eu passo por noites ruins.

Toda vez que meus irmãos me chateavam, eu fugia para o quarto dos meus pais, deitava encolhida bem no meio da cama e chorava de soluçar até pegar no sono.

A cama dos meus pais era a representação perfeita da proteção que os dois significavam para mim. Ela era o meu refúgio e era em cima dela, entre travesseiros e lençóis macios, que eu tinha o sono mais passivo e profundo, como se fosse necessário aquilo para me tranquilizar

PERIGOSAS ACHERON

depois de um desgaste tão grande.

Abrir os olhos nesse exato momento custou tanto quanto custava quando eu despertava da minha choradeira.

Por segundos eu tive a impressão que estava dormindo lá naquela cama, mas era apenas meu cérebro confuso alimentando meu inconsciente, relaxando meus sentidos e tentando de todas as formas postergar uma crise de pânico.

Aquela não era a cama dos meus pais, tampouco eu estava segura.

Firmei uma mão sobre a superfície em que eu estava e me levantei. A luz estava apagada, mas o ar me dizia que aquele era um quarto normal, sem qualquer resquício de sujeira ou abandono. Seja lá qual for o propósito de Giannis e Kiara,

PERIGOSAS ACHERON

não era me matar imediatamente.

Puxei o ar com um pouco mais de dificuldade, senti o cheiro de madeira e verniz que com certeza estava vindo dos móveis e finalmente deixei de tentar identificar onde estava.

Minha atenção agora estava voltada para a dor intensa na minha nuca bem onde eu tinha sofrido o impacto que me fez desmaiar. Passei a ponta dos dedos por cima da área atingida e senti a protuberância formada.

Por debaixo da porta entrava uma faixa de luz que eu usei para tentar ver se os mesmos dedos que tocaram a área machucada estavam sujos de sangue. Limpos e eu quase chorei de alívio ao perceber.

Passei a mão por toda a superfície à minha volta sabendo que estava no chão. As pontas dos dedos roçaram em um móvel que em segundos eu descobri ser um armário.

Ao tentar me apoiar em uma das gavetas, sem querer eu a puxei fazendo com que abrisse com um barulho alto.

Do lado de fora do quarto, passos ecoaram, a porta foi destrancada e aberta me fazendo ficar cega por alguns instantes graças a claridade excessiva.

— Então já acordou, Zoé? — A voz de Giannis me fez identificá-lo mais rápido do que minha visão.

Pensei em não responder, só me encolher em um canto e esperar aquilo tudo passar.

Mas é de conhecimento geral que eu não faço o tipo donzela em perigo que espera ser resgatada, nem nunca farei. Não há uma só célula em mim que fique feliz baixando a cabeça para os outros.

— Não, Giannis. Eu ainda estou dormindo.

Rolei os olhos conseguindo levantar de uma vez. Bem que Alanis me alertou no nosso primeiro encontro que saltos podem ser assassinos.

— Sai da minha frente, estou indo para casa e é melhor não se meter no meu caminho se não quiser que eu ensine a você como ratos são tratados no restaurante do meu marido. — Uma risada surgiu de trás de Giannis.

— Bem que eu percebi que você é
PERIGOSAS ACHERON

uma pessoa espirituosa, Zoé. — E é claro que para se juntar a trupe dos desgraçados, o homem com cara de rato surgiu no corredor e acendeu o interruptor de luz do quarto.

Konstantinos Marantinis.

Hora dos fantasmas deixados de escanteio finalmente colocarem a cara a tapa e mostrar porque estavam espreitando por tanto tempo.

Foi naquele exato instante que eu percebi que não deveria ter subestimado nenhuma pessoa que mostrou-se como oponente durante todas aquelas semanas.

— Mais um elemento surpresa para a noite, querida. Eu sei que de alguma forma você desconfiava de mim, as mulheres entregam facilmente com os

PERIGOSAS ACHERON

olhos o que pensam. — Arqueei a coluna.
— Mas acredito que você não saiba exatamente quem eu sou.

— Não, eu não sei. — cuspi grosseiramente indo para o corredor, passando por Giannis e parando diante daquele interlocutor. — Se quer saber, eu realmente desconfiei de você. Agora me deixe ir.

— Zoé, acho que você não está entendendo o que está acontecendo por aqui. — Prendi a respiração não querendo realmente entender. — É um sequestro. Foi fácil entrar no restaurante do seu marido sem ser visto. Kiara é uma boa ferramenta quando quer ajudar. Portas de emergência também. As pessoas não costumam olhar duas vezes quando tem um rapaz apessoado

como Giannis sentado ao lado de uma mulher bonita que dorme em seu ombro num banco de praça até que um carro para e os dois entram. Foi um plano perfeito, que não levanta suspeitas e em um horário que ajudou muito. Vou agradecer seu marido por abrir o restaurante de noite, foi de grande ajuda.

Kiara apareceu no corredor também e me olhou tão friamente que eu senti que independente que qual fosse a guerra, eu já havia perdido.

— Pai, por favor, a gente precisa sair da ilha ainda hoje. — De repente o frio do desespero começou a preencher o meu corpo e todas as informações que poderiam me deixar com mais medo atropelavam uma a outra em minha cabeça.

O noticiário avisando sobre o mau tempo comum naquela época do ano, o mar especialmente revolto, o fato de que eles não pegariam um avião porque provavelmente meu marido e seus pais já estavam atentos ao meu desaparecimento... Tudo se encaixou perfeitamente e desceu sobre mim como um balde de água gelada. Gelo e medo, era tudo o que eu era e sentia.

— Eu não entendo... — murmurei encarando o velho decrepito — O que Nikos poderia significar para você?!

— Nada. Não é ele quem eu quero. Nunca foi sobre um chefe de cozinha, sempre foi sobre o mafioso que o protegeria. Sabe o que falta para Marcius ser destituído do cargo? Mais uma falha de proteção. Eu vou provocar essa falha, Zoé.

Você vai me ajudar, querida. — olhei para ele com mais firmeza do que realmente sentia.

— Isso não faz sentido! — esbravejei.

— Faz! Você verá o quanto faz!



***Receita de Chá de
Camomila***

- Flores de Camomila,
cheirosas como sua esposa.
- Água fervente, queima como
sua raiva.

**Coloque as flores de
camomila dentro de um
recipiente e despeje a água
fervente fazendo uma infusão
durante três minutos. Use
esse tempo para listar tudo o
que te fez passar raiva nas
últimas horas. Tome o chá
para se acalmar e pensar com
clareza.**



μητέρα • Mãe

O maior perigo da ausência não mora na saudade, mora na cobrança. Parece que minhas filhas ainda não haviam aprendido que algumas perguntas machucam mais quando são feitas do que quando ficam sem respostas.

Meu caminho em direção ao escritório onde estava minha família foi ladeado por emoções confusas e o vazio profundo.

De alguma forma, Theo percebeu o que acontecia. Chutei que Alanis havia deixado escapar alguma coisa.

Ele me chamava às minhas costas e eu o ignorava continuando minha caminhada. Ouvi Alanis me chamar, Ísis

dar um grito injuriada por ser ignorada, mas prossegui.

Aquele instante de silêncio e total desamparo pelo iminente desaparecimento da minha esposa, fez com que eu começasse a analisar toda a trajetória desde a nossa lua-de-mel até o dia de hoje.

Cada detalhe que foi curiosamente alarmado e cada um que foi ignorado. Quem, quando e onde? As três perguntas que qualquer um faria logo após eu contar o que tinha acabado de saber.

A maçaneta girando foi como abrir minha mente para o sentimento do que realmente tinha acontecido.

— Zoé sumiu. — declarei tão logo entrei no meu próprio escritório.

Marcius e Paris estavam sentados em um dos sofás, meus irmãos em um canto oposto a eles e meus pais atrás da mesa.

Theo chegou junto comigo.

— O que? Quando? — Eu o encarei por cima do meu ombro. Quem o visse transtornado e apavorado com a perspectiva do que estava acontecendo nem conseguia acreditar que ele era o irmão que mais perturbava minha esposa.

— Minutos atrás. Alanis estava com ela na varanda, então entrou e agora Zoé não estava mais lá, nem no restaurante ou na nossa casa. Nem sinal nos estabelecimentos da rua ou becos. Ela não está em nenhuma parte. — expliquei e nesse exato instante meu pai saiu de trás da

mesa chamando Nikolau para perto.

— Chame os homens que estão espalhados por aqui. Vamos fazer mais uma ronda para procurar minha nora. — Ele se virou para Marcius. — Inclua sua ajuda nisso.

Marcius deu de ombros e se levantou estendendo a mão para a esposa.

— Isso não me interessa. Sua esposa morrer ou viver não é da minha conta. É por outra coisa que estou aqui. — Ele respondeu e falou claramente com o meu pai: — Minha relação com sua família envolve um não pisar no pé do outro. É assim que funciona. Vocês continuam procurando meios de me prender, eu continuo protegendo o filho de vocês que se envolveu com minha cunhada e teve

duas filhas com ela. Fim da história, esposas novas não estão inclusas.

Alanis entrou definitivamente no escritório e apertou a minha calça me fazendo olhar para alguma coisa sem ter vontade de socar.

— Cadê a mamãe? — O que eu disse sobre perguntas que machucam mais ao serem feitas do que quando ficam sem respostas?

— Eu não...

— Ela não é sua mãe! — Paris falou em grego, carregado demais para minha filha entender imediatamente.

Mas ela entendeu. E se eu era capaz de querer socar algo quando estava com raiva, então Alanis era capaz de fazer

a mesma coisa. O rosto se avermelhou tanto que o nariz pequeno e franzido parecia um tomate.

— Ela é minha mãe, *mágissa*! Ela é toda minha mãe! — Eu a peguei no colo quando vi Paris se chocar com a resposta tão entusiasmada e calorosa que minha filha deu.

Ísis choramingou no colo de Theo e eu também a acolhi.

Ali nos meus braços estavam as duas criaturas que sintetizava todas as últimas decisões que eu e Zoé tomamos.

— Ela é minha mãe, minha mãe, minha mãe! — Alanis repetiu com o rosto afundado em meu pescoço como um desabafo após sentir tudo o que estava acontecendo em sua volta.

— *Mitéra mou! Mitéra mou!*

Minha mãe! — Ísis seguiu o coro da irmã, agora sabendo como denominar Zoé. Ambas cansadas, sem entender o que acontecia. Todos meus músculos retesaram ao ouvir minha filha mais nova fazendo a declaração que eu sabia que Zoé queria ouvir, mas nunca impusera para que não ferisse os sentimentos da mais nova.

Ela adoraria ter visto aquilo, as duas filhotinhas protegendo seu posto e não deixando que ninguém ousasse questionar seu espaço na vida delas.

Eu as apertei ainda mais contra o peito.

— Marcius, a decisão que você tomar agora decidirá seu próprio futuro. O pedido é simples, forneça seus homens para

nos ajudar. — Marcius riu desdenhosamente. Nos meus ouvidos, as garotas ainda sussurravam o que Zoé era para elas como se me ajudassem a ter forças para ir a frente com a decisão que eu tomaria naquele instante. As apertei um pouco mais sentindo necessidade de protegê-las daquela decisão. — Caso você diga não, sua sentença estará assinada. Eu não estou blefando.

— Não. — mais um levantar de ombros. — Tente o que você quiser.

Ele passou pela porta sendo seguido por Paris que ainda encarava as meninas como se ambas tivessem enfiado uma faca no meio do seu peito.

— Não olhe para elas, acaba aqui qualquer direito que você teria como tia. —

falei em grego, de modo carregado, rude e extensivo. O marido dela que traduzisse caso tivesse alguma dificuldade.

Os dois sumiram pelo corredor enquanto uma nuvem de fumaça se formava sobre minha cabeça. Eu era incapaz de pensar claramente sabendo o que acontecia.

Minha mãe entrou no meu campo de visão e pegou Ísis do meu colo.

— Vamos levar essas duas criaturinhas lá para cima. Seu pai vai mobilizar mais uma ronda antes de a gente declarar que Zoé é realmente uma desaparecida.

A segui, não sem antes olhar para Theo e sentir vontade de me desculpar por tudo o que sua irmã estava passando.

Ele balançou a cabeça negativamente como se entendesse o que eu estava sentindo e dissesse que a culpa não era minha.

Mas era. Ninguém poderia dizer que não.

Coloquei Zoé no olho do furacão sem explicar como a tempestade havia se formado e que horas pararia.

Subir as escadas para casa e saber que ela não estaria ali doeu, ainda mais com Alanis me encarando com medo e cheia de preocupação.

— Escuta, eu vou trazer sua mãe de volta. Não precisa ficar com medo. — Ela acenou com a cabeça cansada demais para brigar e perceptiva aos meus sentimentos ao ponto de não magoá-los

ainda mais.

— Ela não vai ficar com medo também. Pelo menos está com minha pulseira. Eu não fico nem com medo e nem com raiva quando estou com ela. — Foi minha vez de olhar para Alanis cheio de dúvidas.

— A pulseira do pingente vermelho?

— É, *bampá*. Só tenho ela, lembra? Já pode comprar mais, se quiser.



*Crítica Pessoal ao chá de camomila: não
fez o efeito esperado.*



ιστορία • História

Estávamos os quatro sentados na sala de estar da pequena casa. Minhas mãos estavam estupidamente paradas em cima do meu colo e eu as encarava querendo relembrar com cuidado cada palavra que tinha sido dita até aquele momento.

Primeiro Konstantinos apareceu, depois me explicou entre metáforas todos os seus planos. Kiara veio falar com ele e o chamou de pai.

Mas Kiara não era uma funcionária nova do meu marido. Na verdade, quando eu cheguei ela já estava ali. Então, seja qual for o perigo, ele surgiu bem antes de eu vir para Santorini.

Levantei os olhos observando

Giannis sentado ao meu lado no sofá. Ele olhava firmemente para frente como se não quisesse me ver ou se temesse minha presença. O que era ridículo, afinal de contas era eu quem devia ter medo de qualquer um por aqui.

Virei a cabeça na direção de Kiara e ela encarava o teto. Konstantinos passava a unha no encosto do sofá. E Giannis também passava como o costume de Alanis, Juno e Nikos de cruzar as mãos por cima da mesa...

Então tudo se encaixou.

— Ele é seu pai? — A cabeça de Giannis virou tão rápido como se minha pergunta fosse uma sirene alta e impertinente.

— O que?

— Konstantinos é seu pai? — O silêncio mais uma vez preencheu a sala. — Kiara é filha dele, isso eu entendo. Porém você se parece com ele. Os olhos, as manias... — Me virei para Konstantinos. — Os dois são seus filhos?

— Garotinha, acho que esse não é um momento para conversas. Estou aguardando uma liberação.

— Eu sei, entendi na primeira vez que você falou. Uma liberação portuária que um dos seus capangas vai dar. Ok. Mas os dois são seus filhos? — Se por mais uma vez eu conseguisse usar minhas habilidades, seria o suficiente. — Porque se formos analisar, Giannis derrubou alguns homens importantes com suas denúncias e manchetes na revista. Todos eles com

alguma ligação à máfia se analisarmos de outro ângulo. O que me leva a crer que ele seja seu filho, trabalhe como um ajudante nesse sentido e faça serviços para você. Porque quando eu te vi na Speak foi bem antes de Nikos ser definido como alvo. Na verdade, eu te vi muitas vezes por lá...

— Giannis é o meu filho. —
suspirei com a declaração.

— Ouça, Zoé, não precisa saber de tudo o que vai acontecer aqui. Deixe de fazer perguntas. — Giannis estava sendo quase complacente. Kiara rolou os olhos e se encostou no sofá. — Fique quieta.

— Por que não trabalha diretamente na máfia com o seu pai? O que há de errado?

Ele cerrou os olhos com força e
PERIGOSAS ACHERON

suspirou antes de me explicar entredentes.

— Eu sou um bastardo, Zoé. Não era nem para ser visto ao lado dele, essa é a única forma de contato que nós temos.

— E ela? — Apontei Kiara. — Também é bastarda?

— Eu não sou bastarda coisíssima nenhuma. Agora cala a sua boca. — Prendi a respiração.

O velho ainda me encarava do outro lado da sala, se inclinando sobre o próprio corpo para me ver mais de perto. As íris tinham o mesmo tom turquesa que Giannis carregava por aí. Não eram os mesmos olhos da filha.

Na verdade, Kiara era uma criatura de cores estranhas. Olhos escuros

demais e cabelo tão loiro que quase chegava ao branco. A pele era manchada por sardas e o nariz era pequeno e avermelhado. Bem, o formato do rosto e da boca eram idênticos aos do seu pai, mas todo o resto não os identificavam.

— Se não é bastarda, por que trabalhava no restaurante do meu marido sem nenhuma proteção? — Ela abriu a boca para me responder rispidamente, mas se segurou quando Konstantinos fez um sinal com a mão.

— Porque o objetivo da Família é maior do que a segurança de todos nós.

— E o que isso significa exatamente? — Ele levantou o braço observando o próprio relógio antes de me responder.

— Ouça, Zoé, vou contar uma pequena história para você. Preste bem atenção.

Como se eu já não estivesse prestando o suficiente.

— Marcius é um garoto um pouco importante para a máfia italiana. Alguém que corresponde a um status, vamos dizer assim. Não tem nenhum grande posto, nem é o principal no nosso negócio. — Segurei a respiração. — Sou um descendente direto de gregos, foi assim que minha filha, meu filho e todos do meu sangue foram ensinados a falar tanto o grego quanto o italiano. Sempre achei importante repassar essas origens. Quando Kiara já estava crescida, era esperado que Marcius se casasse com ela. Ao contrário disso, ele se

casou com Paris. Ela é a esposa oficial.

De repente se encaixou o que Marcius falou sobre sua esposa italiana ter tido quatro filhos e uma menina. Era de Paris que ele falava, não entregava nada mais do que queria que eu ouvisse.

— A família Costanzo, de Paris, corresponde a um concorrente forte o suficiente para me deixar preocupado. Meus planos sempre envolveram a Grécia. Origens, família e meu sangue. Eu poderia muito bem ter expandido o negócio para cá com o apoio da família de Marcius e essa aliança. Eu tentei de outras formas, mas o homem tinha minado todas as minhas chances. É isso o que acontece quando se toma a honra de sua filha sem se casar com ela.

Kiara se levantou e saiu da sala.

— Então eu precisava ferir seus negócios como ele havia ferido os meus. Quando se domina um país, você é responsável pela segurança de todos os membros dos seus negócios que ali estão. Heléne, Alanis, Ísis, Nikos e até mesmo você. Então cada morto corresponde a uma falha. Foi por isso que eu mandei matar Heléne e Giuseppe, seu amante. Vicente Gallardo não era mais do que uma peça que eu trouxe até aqui para ser culpado. Entretanto foram duas falhas ao mesmo tempo e não foi o suficiente. Tudo bem, eu poderia tentar novamente. Então eu tentei, fiz diversas vezes e tudo mais. Nada. Precisei tomar medidas drásticas, Zoé...

Senti minha garganta fechar

sabendo que tudo ia mal e que eu não sairia bem daquilo.

— Primeiro pensei em matar Nikos, criar todo o alarde possível em cima da morte de um filho de agente federal ligado à máfia. Um escândalo, vários veículos de imprensa e questionamentos. Mas não deu tempo, então pensei em fazer o escândalo a suas custas. Vênus, a mulher que trabalhava destruindo pessoas graças a uma revista de fofoca. Também trabalhava às custas da máfia que encomendava a destruição de todas aquelas que tiveram suas vidas expostas na revista. A mesma mulher casada com um filho de agentes federais que também tem envolvimento com a máfia e inclusive foi casado com uma herdeira. A mesma que havia

aparecido em uma revista tempos atrás...
Muito mais escandaloso. Imagine Zoé?
Quanto sensacionalismo você acha que
cabe na sua morte?

Olhei para Giannis que tinha
abaixado a cabeça do meu lado. Ele sabia
como acabava, por isso pediu que eu não
perguntasse nada.

— E depois de contar tudo isso,
vou ser bem clichê, mas eu preciso te
matar.

Neste exato instante, como se
esperasse o fim da conversa, seu celular
tocou. Enfiei minhas mãos no bolso do
vestido sentindo ali a última esperança que
restava.

Entre meus dedos, eu senti a
pulseira de pingente vermelho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um rastreador perfeitamente
disfarçado.



PERIGOSAS ACHERON

Receita de Salmoura

- Água morna, sem a intensidade extrema de nenhuma das duas temperaturas. Como se combinasse exatamente com seus sentimentos e essa sensação de incompletude.
- Sal grosso, só um punhado para salgar e tentar dar algum gosto para seu dia.
- Folhas de alecrim e louro, tentando mais uma vez mudar o jeito insosso que sua vida aparentemente ficou desde o desaparecimento da sua esposa.
- Três dentes de alho, aqui você percebe que toda tentativa de tempero é inútil.

Junte todos os ingredientes e coloque em uma panela até ferver. Lembre-se que a água evapora assim como sua paciência então não cozinhe por muito tempo. Separe um ramo de alecrim para você

PERIGOSAS NACIONAIS

**regar a carne que a salmoura
vai temperar. E separe um
soco inglês para quando você
encontrar quem sumiu com
sua esposa.**



PERIGOSAS ACHERON

σύνδεση • Ligação

Há quem levante a voz para amaldiçoar a existência dos próprios filhos. Essas pessoas certamente ignoram tudo o que uma criança pode significar na própria vida.

Alanis, com toda a simplicidade do mundo, ofereceu ajuda à própria mãe e nem sabia disso. Com tranquilidade me contou sobre como havia dado a pulseira para que Zoé se sentisse melhor e me olhava como se aquilo fosse a coisa mais corriqueira do mundo.

— Espero que ela me devolva, pai. Gosto muito da mamãe, mas também gosto da minha pulseirinha.

Entendi que ainda era cedo e

PERIGOSAS NACIONAIS

recente para ela e Ísis entenderem a intensidade do desaparecimento de Zoé. É claro que as crianças não sabem dizer imediatamente que uma pessoa sumiu, nem mesmo a polícia é capaz de tal coisa.

Quando eu as cobri com seus cobertores cor-de-rosa e desliguei as luzes do quarto, eu soube que pela manhã elas já iriam sentir falta da minha esposa, então era uma corrida contra o tempo até tudo à minha volta ser o caos resultado do seu desaparecimento.

Voltei para a sala mais Agente Federal do que um dia fui Chefe. Não era minha profissão dos sonhos, mas quando algo emergencial bate à sua porta dessa maneira, não existe a chance de ignorar suas origens.

PERIGOSAS ACHERON

Filho de peixe, peixinho é. Assim como minha mãe sabia reconhecer quando os sentimentos dos seus filhos estavam abalados, ela entendia completa e abertamente quando tomamos uma decisão importante.

— Mãe, prepara os computadores. Alanis deixou sua pulseira com Zoé. — Não custou mais do que segundos para Juno entender o sentido das minhas palavras.

Uma mala no canto da minha sala não chamava tanto a atenção devido ao número absurdo de visitantes nos últimos dias. Entretanto, a perceptível familiaridade da minha mãe com aquele objeto quase me assustou.

Eu disse quase, afinal de contas,

minha parceira de equipe ainda era a Agente 36. Destravando o sistema de senha que a mala tinha, ela a abriu em cima da mesa e retirou de lá todos os objetos que eu já conhecia muito bem.

Como planejado anteriormente, eu nunca perdi meus trâmites de entrada. Se precisasse agir como o antigo Agente 78, eu agiria.

Um federal é um federal, sempre será um e nada vai mudar isso totalmente. É genético, eu nasci assim e só negava minha origem.

Eu e minha mãe começamos a digitar freneticamente. Aquela não era especificamente minha área, eu era mais da ação como meu pai, porém sabia como lidar com todas as ferramentas necessárias.

Códigos, senhas e logins, de repente parecia fácil e seguro recuperar minha esposa.

Carregamos o mapa, abrimos a localização e uma casa perto da enseada de Oia foi apontada como endereço físico da pulseira.

Deixei que o alívio pousasse em meus ombros como um cobertor. Minha mãe apoiou uma mão em meu braço e deu um meio sorriso.

Com alarde, meu pai e irmãos chegaram junto de Theo que parecia a sombra de alguém e não o cunhado que eu conhecia.

Ele se sentou na cadeira ao meu lado e eu senti vontade de explicar detalhadamente tudo o que acontecia.

— Eu devo ligar para o meu pai e chamar meus irmãos ou espero?

— Theo, seguindo as medidas de segurança no meio de um sequestro, quando menos alarde, melhor. — Nikola se sentava ao lado dele e segurava em sua mão para explicar — Avisar sua família é importante, mas enquanto a gente não sabe exatamente o que está acontecendo, é melhor preservar a vida da sua irmã.

A expressão do meu cunhado não foi a que todos nós esperávamos. Não.

Theo fechou a cara e se aprumou na cadeira, dessa vez me encarando com tanta seriedade que eu tive certeza absoluta que quando Zoé voltasse (o otimismo é uma coisa engraçada) encontraria um irmão mais velho no sentido literal e também no

figurativo da palavra.

— O que eu posso fazer para ajudar? Entendam que eu estou um pouco às cegas por aqui. — Suspirei olhando para meu pai que tinha as mãos nos bolsos, as sobancelhas erguidas e os ombros baixos como se estivesse cansado.

— Theo, infelizmente suas mãos estão atadas por tempo indeterminado assim como as nossas. Não há nada que possa fazer para nos ajudar e também não há nada que possamos deixar você fazer sem colocá-lo em risco. Nós não sabemos a intensidade real do que está acontecendo. Gostaria de aliviar suas preocupações, mas preciso que entenda que eu também estou em uma situação difícil por aqui. — Ele balançou a cabeça positivamente com as

minhas palavras.

Meu cunhado se levantou do seu lugar e respirou fundo.

— Vocês não deviam ter deixado uma catástrofe acontecer para depois me alertar sobre a insegurança que os cercava. Se tivessem me dito que Zoé corria perigo, eu teria ficado mais atento à cada segundo, não a deixaria sozinha e chamaria minha família em peso para manter os olhos nela. Eu me sinto impotente diante de tudo isso e queria ter feito qualquer coisa que ao menos aliviasse o remorso que eu estou sentindo por não conseguir proteger minha irmã.

Engoli em seco entendendo cada sentimento por trás das palavras dele. Eu sabia exatamente onde tinha falhado e isso

não seria diferente com Theo.

Mas o mais controverso foi observar que ele, tanto quanto qualquer um ali, tinha total apreço e consideração por Zoé ao ponto de se machucar com a simples ideia dela estar em perigo.

Nikola tentou segui-lo quando ele subiu as escadas, mas Theo pediu para ficar sozinho. Foi como ver minha irmã ganhando um tapa. Três passos para trás, a face envergonhada, os olhos cheios de lágrimas e a rapidez que ela escapou para a varanda denunciava que aquela situação estava a atingindo mais do que demonstrava.

— É algo difícil de se enfrentar...

Nikos, nós temos que ir até aquela casa. —

Minha mãe declarou se aproximando de

mim.

— Vou chamar alguns homens e preparar a batida. — Meu pai declarou.

Segundos depois de nós fazermos menção em se mover, o telefone residencial tocou.



*Crítica Pessoal a Salmoura: não regou o
suficiente para ajudar a amolecer o
coração de pedra de algumas pessoas.*



μήνυμα• Recado

Eu fui preparada para muitas coisas durante toda a minha vida, exceto para ficar com uma arma apontada para a minha cabeça. A ponta do cano gelado estava encostada bem na minha têmpora e eu sentia que a morte estava sentada ao meu lado tentando pegar a minha mão.

Konstantinos explicou que não queria pedir um resgate. O esquema era me matar, jogar a culpa em qualquer um e minha morte pesar nas costas de Marcius.

O pior é que o imbecil do mafioso com síndrome de dono de harém, nem devia se dar conta de que o que estavam fazendo aqui era por ele.

Giannis e Kiara estavam sentados

do outro lado da sala olhando para mim. A ameaça pairava no ar, eu só decidia que hora queria morrer. Ali dentro, no mar, no pier. Enfim, era minha única decisão.

O telefone estava grudado em minha orelha e a ligação chamou três vezes antes de ser atendida por Nikos.

Meu coração palpitou de forma inevitável, parecia que ele queria sair pela minha boca e flutuar por aí até encontrar meu marido e ficar em segurança.

— Nikos? — O suspiro de alívio que ele deu do outro lado me fez me mexer minimamente, mas o suficiente para Konstantinos pressionar mais a arma contra a minha cabeça.

— Zoé? Você está bem? Eu estou indo te buscar. Por favor, fique onde... —

Eu tive que interrompê-lo para poder falar o que previamente treinei. Mas Deus é testemunha que depois de tudo o que eu tinha passado naquela noite, tudo o que eu mais queria era continuar ouvindo meu marido falar e falar e me dizer sobre tudo o que quisesse.

Eu só o queria ali comigo.

— Avise ao Marcius que eu aceitei o que ele sugeriu e que precisei embarcar antes em uma viagem. Não vou levar as meninas comigo, elas são um bônus que deixo de presente para ele. Como uma pulseirinha de brinde perto de todas as joias que ofereci. E não importa o quanto me rastreie Nikos, eu não vou voltar. — Meu marido segurou a respiração por alguns segundos antes de responder

com voz firme:

— Querida, por favor me deixe conversar melhor com você. A gente pode sair dessa juntos.

— É difícil encontrar uma solução quando se tem que viver o tempo inteiro como se tivesse uma arma apontada para sua cabeça. Não, Nikos, eu não quero conversar. Estou indo embora e não tente me alcançar. Nem pelo mar, pelo ar ou qualquer outro meio. Eu não faço mais parte da sua família.

Independente do que aconteceria depois daquele momento, eu sabia que tinha feito de tudo para que me salvassem. A ligação interrompida me fez erguer os olhos para encarar Konstantinos que guardava sua arma na cintura.

Kiara me olhava com o cenho franzido e Giannis deixou de me olhar por segundos.

— Mais alguns minutos e tudo estará pronto, Zoé. — O velho começou a falar e usou os dedos para firmar o meu queixo. — Você estará pronta para partir?

— Sua piadas só não são tão péssimas quanto o seu hálito de esgoto. Tire sua mão de mim, seu porco. — Konstantinos se afastou de mim rindo.

— É incrível como você não perde a pose mesmo em uma situação como essa.

— Só estou lidando com um verme, nada que eu não esteja acostumada. Tive que lidar com seu filho durante todo o tempo que trabalhei na Speak, já tenho doutorado em como menosprezar gente

odiosa.

Ele riu mais uma vez, parecia um idiota desesperado ou alguém com algum nível de insanidade. Jamais pensei em assassinos risonhos, exceto o Coringa, e de certa forma aquilo não me dava medo.

Konstantinos podia estar em desespero por alguma coisa e isso poderia ser pior para mim.

Aos pouquinhos, como se cedendo a uma vontade muda que se espalhava pelo meu corpo e me inclinasse a fazer o que minha mente pedia, eu fechei meus olhos e comecei uma prece em total silêncio.

Não era muito crédula e sabia que minha alma tinha falhado com os mandamentos mais do que era certo, então pedi perdão, ajuda e acalento porque tudo

PERIGOSAS ACHERON

em mim estava a um passo de ruir e eu não suportaria desmoronar diante daquelas pessoas que ririam de mim.

Encaminhei as palavras pela minha mente, não vi necessidade de colocá-las para fora da minha boca. Ouvi sempre dizer que os segredos mantidos entre Deus e eu estavam para sempre em segurança independente do dia e da hora que eles eram contados.

Então eu contei enumeradamente tudo o que me afligia e pedi que protegesse não só a mim, mas também às minhas filhas e ao meu marido e a todos aqueles que de certa forma eu amava.

Pedi misericórdia porque sabia que precisaria e continuei de olhos fechados quando o celular de Konstantinos

tocou. Continuei porque sabia que precisava pedir desculpas e pedir desculpas doía quando você está desesperada.

Ao fundo a conversa do velho quase atrapalhava o rumo dos meus pensamentos. Pensei em Alanis e Ísis e no quanto eu adoraria ver minhas garotinhas mais uma vez. Então abri os olhos e Giannis me encarava, agachado diante de mim.

Kiara ainda estava em seu lugar, mas ele parecia ter mudado. E eu não sentia medo dessa mudança.

Vi que Konstantinos estava afastado em um canto e Giannis olhou na mesma direção que eu. Então voltou a me encarar e deu um sorriso sem emoção apoiando uma mão em meu joelho.

— Vai ser rápido, Zoé. Não vai doer.

O velho desligou a chamada com um palavrão e se aproximou encarando Giannis como se ele fosse uma coisa insignificante. Meu ex-colega de trabalho voltou para seu lugar e não me olhou mais.

Ignorando aquela atitude, Konstantinos pousou a mão em meu ombro.

— Considere-se com sorte de eu ser um homem muito aplicado e prometer mundos e fundos para um piloto qualquer nos ajudar. Vamos partir imediatamente, Zoé.

Um clarão iluminou o céu seguido por um barulho alto. Uma tempestade estava por perto e saber disso só serviu para

PERIGOSAS ACHERON

me apavorar mais. Fechei meus olhos com força sendo guiada aos empurrões para fora da casa e ganhando gotas de chuva na cara para saber a intensidade do meu problema.

— Por favor, Deus, me proteja!



Receita de Limonada

Suiça

- Três limões cortados em cruz, o símbolo que se faz para afastar todas as coisas ruins.
- Um litro de água, é importante se hidratar depois de passar tanta raiva.
- Uma forma de gelo, sem comparação ao frio que você está passando de nervoso.
- Açúcar a gosto, doce como o alívio que você teve ao ouvir a voz dela.

Bata tudo no liquidificador até ficar homogêneo, beba gelado. Quebre o copo na parede para relaxar.



εχθροί • Inimigos

O telefone pesou uma tonelada na minha mão. Em instantes todas as preocupações que tinham se afastado voltaram correndo, pulando, gritando e fazendo de tudo para que eu me incomodasse com o fato delas estarem na mesma sala que eu.

Como uma criança birrenta que esperneia até conseguir o que quer e o que essa criança chata queria era minha sanidade.

Meu pai entrou no meu campo de visão enquanto todas as palavras de Zoé se uniam e formavam uma fila de informações com algum sentido em aberto que eu precisava desvendar.

— Era minha esposa. — avisei.

Nereida se aproximou tomando a dianteira. Justo a irmã que menos falava decidiu fazer as perguntas que ninguém queria fazer por ter medo das respostas.

— O que ela disse?

— Que aceita a proposta de Marcius, que está embarcando em uma viagem e que não quer mais viver comigo.

Minha irmã puxou uma cadeira e foi ali que eu entendi perfeitamente porque ela era a que trabalhava recolhendo informações e depoimentos.

— Nikos, o que ela disse *exatamente*?

Respirei fundo sabendo que estava agindo como um idiota desesperado por

levar as palavras da minha esposa ao pé da letra. Justo ela, uma jornalista, saberia o que falar quando estivesse em uma situação como aquela.

Pulseirinha de brinde era o localizador, ela achava que eu não sabia daquele detalhe e foi muito esperta na hora de camuflar aquela informação. Embarcar...

— O senhor já pediu cautela nos voos, pai?

— É claro, Nikos.

— Então os barcos. Eles estão a levando para os barcos.

— Eles quem, filho? — Minha mãe questionou me fazendo ganhar um balde de água gelada na cara ao perceber que eu não tinha a menor ideia de quem

teria sequestrado Zoé.

— Eu não sei exatamente, mas ela está com alguém. Não falaria comigo daquele jeito se não estivesse em perigo. Ela falou em códigos, eu sei que falou. — A mão de Nereida bateu contra o meu braço me tirando do princípio de ataque de pânico e me fazendo olhar para seus olhos tão verdes quanto os meus.

— Nikos, o que foi que Zoé disse?

— Primeiro falou que aceitava a proposta de Marcius que basicamente é uma troca entre a liberdade dela e de sua família pela morte de todos nós, em seguida disse que as meninas iriam ficar aqui porque não tinha interesse em levá-las. Só que ela usou as palavras "pulseirinha de brinde". Zoé não usaria metáforas a toa,

entende o que eu quero dizer? Quase sempre ela é bem clara no que quer falar. Na verdade, ela é sempre direta.

Nereida puxou um caderno abandonado por ali e começou a anotar em esquemas.

— Antes disso, falou que iria embarcar em uma viagem. Usou exatamente essa palavra quando poderia dizer que partiria. — Olhei pela janela. — Puta que pariu, olha esse tempo! Como assim embarcar?

— Pode ser um voo. — Nikolau avisou.

— Também pode ser um barco.

Meu pai puxou o próprio celular e fez uma ligação. Ele iria conferir os dois,

eu sabia.

— Continua, Nikos. O que mais ela falou?

Puxei mais uma vez as palavras da minha esposa ainda conseguindo ouvir sua respiração ofegante e a voz que falhava vez ou outra.

— Que era difícil ter que viver cada dia como se tivesse uma arma apontada para sua cabeça. Ela está em perigo, Nereida. Minha esposa pode morrer. Eu sei disso.

Peguei o notebook aberto que tinha a localização antiga da pulseira ativada e recarreguei a tela querendo saber onde Zoé estava agora.

— Ela disse que não importava o

quanto eu a rastreasse, ela não ia voltar. — Digitei novos comandos e esperei a tela carregar as novas informações. — Não é um sequestro, é um rapto. Eles querem matar Zoé. E se não é o filho da puta do Marcius, quem pode ser?

A localização apontou para o meio de uma rua como se a pulseira estivesse em movimento. Eles estavam levando minha esposa para outro lugar.

Me levantei decidido a acabar de uma vez com tudo aquilo

— Alguém pede para Nikola ficar de olho nas meninas, eu vou atrás da equipe de busca que está indo para os piers.

Eu nunca andei o caminho para a porta da minha casa tão rápido. Passos atrás de mim denunciavam que tinha alguém me

PERIGOSAS ACHERON

seguindo e eu sabia que era minha mãe.

Na calçada tinha um carro nos esperando, mas eu ignorei sabendo que tinha dedo de Marcius.

Na garagem lateral ao restaurante, todo veículo que tinha era o carro com o logotipo e uma moto que eu deixava ali para situações de emergência. Verifiquei o tanque e estava cheio, me preparei para subir nela quando minha mãe pegou o capacete pendurado em um suporte e me entregou junto com uma mochila.

— Coisas que um agente precisaria. Eu até iria atrás de você, Nikos, mas sei que vai conseguir. Logo chego lá, vou ir te enviando a localização da pulseira.

Concordei com a cabeça abrindo a mochila e encontrando um fone de ouvido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de ligação, um binóculos e uma arma com munição, além de outras coisas menores que não chamavam tanto a minha atenção naquele momento.

Prendi a arma no cinto, coloquei o fone e deixei o binóculos na bolsa colocando ela nas costas.

— Mãe, vai lá para cima e já faz a ligação. — Fechei a viseira do capacete. — E obrigado por tudo o que tem feito por mim e por minha família.

— Também é a minha família e ninguém abandona ninguém entre os Vasalos.

Dei partida com a moto a vendo sumir pelo retrovisor junto com meu restaurante fechado às pressas.

PERIGOSAS ACHERON

Fui em direção a Oia, as igrejas de telhado azul não chamavam tanto atenção de noite.

O primeiro endereço ficava em uma rua residencial pacata e não deixou sinal de Zoé. Naquele exato instante minha mãe fez a chamada e passou a localização de um píer próximo dali. Havia dois, mas aquele em específico era conhecido por ter barcos mais simples.

A passagem, para variar, estava fechada e um grande aviso alertava para manter a distância por segurança graças a tempestade que se aproximava.

Vi movimentação em um barco distante saindo do ancoradouro e tirei a mochila das costas pegando o binóculos.

As lentes embaçaram graças à

PERIGOSAS ACHERON

maresia e eu perdi segundos preciosos limpando para conseguir ver o que acontecia.

Não vi Zoé, mas vi Giannis e todos os socos que ele estava merecendo ganhar seriam dados ainda essa noite.



Crítica Pessoal à limonada: amargou.



θάλασσα • Mar

Giannis estava estranho, Konstantinos nervoso e Kiara era indiferente. Todas aquelas informações enumeradas em minha cabeça como partes flutuantes de um enredo pareciam não fazer sentido nenhum.

Eles usaram de inteligência, admirável porque eu sempre iria subestimar meus inimigos. É o que acontece quando arrogância está no seu sangue junto com leucócitos, plaquetas e hemácias.

Um barco com cabine para me esconder e não ficar aparente na hora de me matar. Claro, ninguém queria uma complicação.

O pobre do piloto morreria

também, tanto trabalho para convencê-lo e depois o coitado ficaria ao meu lado no barco com uma bala na cabeça. É isso que se ganha por ser inocente e deslumbrado.

Sentada no chão, sem amarras e encarando Giannis, eu pensei em todos os detalhes da minha vida e fiz mais um pedido simplório a Deus.

Que meu marido não fosse tão lerdinho e que entendesse que eu estava usando duplo sentido em todas as minhas palavras.

Nikos não era muito dado a entender o texto subentendido. Se eu não tirasse a calcinha e balançasse na frente do rosto dele, ele nunca entenderia que eu estava esperando convite para fazer uma visitinha básica ao seu quarto.

Não que eu tenha feito isso. Na verdade, eu lembro de ter falado "você vai tomar a iniciativa ou vai deixar isso por minha conta?". Mais direta impossível.

Então é compreensível o fato de eu pedir que ele entendesse o que eu realmente estava falando.

Suspirei entediada apoiando a mão no chão para me levantar.

— Eu acho que é melhor você ficar sentada. — Giannis alertou e eu ergui as sobrancelhas bem lá no alto com todo o deboche que há no meu corpo fazendo aquelas duas coisinhas peludas levantarem o bastante para o idiota entender que eu não estava nem aí para o que ele achava.

— Fazer o que, não é mesmo? Eu acho que estou melhor em pé. — E me

PERIGOSAS ACHERON

levantei.

Kiara se aproximou.

— Senta. — Rolei os olhos e ri da sua cara.

— Então vocês acham realmente que eu vou passar as últimas horas da minha vida sentadinha em um cantinho choramingando enquanto penso na possibilidade de vocês enfiarem uma bala na minha cabeça? Aparentemente vocês não me conhecem. — Andei para o outro lado da cabine percebendo o olhar alerta do piloto.

— Cala a boca. — Eu não sabia que vaca sibilava, mas foi isso que Kiara fez.

— Não calo e digo mais: Marcius

não estuprou você. Então se você transou com ele por livre e espontânea vontade, não pode culpá-lo pelo fracasso dos negócios do seu pai e muito menos agir como se algo que atinge outras mulheres tivesse acontecido com você. Não foi forçada, Kiara, lide com suas escolhas. — Ela cerrou os punhos.

— Eu fui ludibriada!

— Ah, ok. Aí você, como boa filha da máfia, abre as pernas para o primeiro que fala umas palavras bonitas no seu ouvido e ele é o único culpado de ter tirado sua virgindade? Pelo o que eu ouvi aqui, vocês deram o casamento como certo antes mesmo de Marcius pedir. Esperasse ao menos o anel no dedo.

— Se eu dissesse não...

— Se dissesse não, Marcius não faria nada. Sabe quantas esposas ele tem espalhadas por aí? Não iria forçar você, é do código de honra da máfia. Estupro tem punição e seu pai faria isso render bem mais do que você ter perdido sua virgindade por livre e espontânea vontade. O que eu vejo aqui são três patetas procurando coerência nos seus planos e não encontrando. — A mulher me deu as costas enquanto Giannis se aproximava cautelosamente.

De repente, parecia que não tinha importância falar tudo o que eu pensava. Afinal, eu morreria.

— Você também, Giannis. Um babaca que sabe tirar todo tipo de informação de todas as pessoas que quer e

é manipulado pelo próprio pai. Você foi uma pulada de cerca? Um caso antes do casamento? Filho de prostituta? Qual é sua historinha triste que justifica você ser o otário que é? — Ele encarou o pai.

Konstantinos estava mais perto do que eu esperava, mas minha raiva não pediria licença para atingi-lo também. No inferno, abrace o Diabo. Nada piora sua situação, acredite em mim.

— Ah, claro. Dois idiotas tiveram seus genes derivados de um idiota maior. É a lei da evolução. No caso da sua família, a cada geração vocês são mais imbecis ou isso é só coincidência?

— Eu achava que você era uma mulher inteligente, mas estou vendo que na verdade é bem estúpida. — Eu ri

desdenhosamente.

— Eu sou estúpida?! Ah! Você acredita que se me matar, Marcius será retirado do seu cargo de CEO da máfia na Grécia. Ok. O que te faz pensar que um velho decrepito que não foi capaz de proteger a "honra" da própria filha, que já deveria ter feito um bom casamento, será o cotado para substituir o jovem capo? Bom de raciocínio você não é. Olha quantas pistas deixou para trás: Speak, Giannis, Kiara, a visita à Nikos, a casa na enseada... Ou é muito burro ou muito descuidado. Lidando com a morte de uma nora de agentes federais, você acha mesmo que as investigações serão suaves?

O velho calou a boca assim como seus filhos também o fizeram. Os olhos

arregalados do piloto para mim denunciavam que ele tinha entendido tudo o que estava acontecendo ali. Meu ataque de histeria tinha denunciado e eu não me importava.

Só queria que meu marido tivesse entendido e queria ter tempo de ter dito tudo o que eu o achava de bom, cantar no ouvido dele cada detalhe que eu amava em sua pessoa.

E isso não aconteceria se ele não me entendesse.

Ainda de pé, encarei o mar. As ondas cada vez mais bravas respingavam dentro do barco enchendo um pouco do convés.

Nada era realmente aparente no lado de fora, tudo parecia um breu enorme

PERIGOSAS ACHERON

iluminado raramente pela luz de um relâmpago. Eu sabia que dar as costas para os três não era a coisa mais sensata a se fazer, mas meu coração sentia que eu devia ficar olhando o mar.

Talvez fosse minha obsessão por água salgada ou o quanto eu gostava de praias. Provavelmente meu subconsciente sabia que eu tinha que ficar encarando o que eu amava só para ter um alívio antes de me despedir desse mundo.

Entretanto, lá ao fundo, com a ajuda de um relâmpago seguido por um trovão ensurdecador, se iluminou algo parecido com três botes.

E eu sabia que eu estava encarando o que eu amava, porque meu interior gritava que meu marido estava em

PERIGOSAS NACIONAIS

um daqueles barcos.



PERIGOSAS ACHERON

***Receita de Molho de
Iogurte e Mostarda***

- Duas colheres de mostarda,
picante como a adrenalina
- Duas colheres de suco de
limão, ácido como decisões
difíceis
- Um copo de iogurte, a base de
tudo
- Um dente de alho, o que dá
gosto para a receita
- Sal e pimenta do reino a gosto,
para temperar tudo como a raiva
faz com gente descontrolada

**Em uma tigela, adicione todos
os ingredientes. Misture bem e
leve para a geladeira. Fácil e
rápido, como matar alguém.**



διάσωσης • Resgate

O desespero traz a tona todos aqueles sentimentos que a gente tenta esconder. Eu sabia que em pouco tempo eu estaria descontrolado, sanguinário e algo além do que o simples adjetivo "vingativo". Não trabalharia com o mesmo peso e a mesma medida, para mim as coisas não funcionavam desse jeito.

No meio da ligação, eu interrompi minha mãe para avisar que já sabia onde minha esposa estava e que precisava de reforços.

As ondas castigavam ainda mais a encosta da ilha e eu sentia os respingos do mar bem na minha cara. Agora sem capacete, só com o binóculos que embaçava absurdamente graças ao vento

forte e úmido, eu esperava por ordens porque não sabia exatamente o que fazer.

A vontade era se enfiar em outro barco, seguir todos eles e resgatar minha esposa. Só que não era um instinto inteligente, isso poderia colocar Zoé em perigo.

Entretanto, outra parte da minha cabeça gritava que ela estava em perigo de qualquer jeito. Sem pedido de resgate ficava óbvio que o interesse não era deixá-la sobreviver.

Eu só não entendia qual era a necessidade de matá-la? O que Giannis queria?

Um barulho de aproximação tirou minha atenção e qual não foi minha surpresa ao ver Marcius tomando frente da

PERIGOSAS ACHERON

comitiva que se encontrava meus irmãos e pais.

Sua face pálida alertava que algo acontecia além do que eu pensava.

— Não passou pela sua cabeça me dar o nome de Konstantinos Marantinis?

— Não passou pela sua que a gente não conversou civilizadamente desde que nos encontramos? — Ele bufou puxando o binóculo da minha mão e colocando diante dos olhos, amaldiçoando em seguida por ele estar impossível de ser usado. — O que tem o homem?

— Além de eu ter comido a filha dele e ter casado com Paris? Nada. Só que ele acredita que eu tomei seu lugar aqui na Grécia e tenta de todas as formas puxar o meu tapete. — Peguei o objeto que ele me

PERIGOSAS ACHERON

devolvia.

— E como minha esposa entra nessa história?

— Não faço ideia. Não sou psiquiatra para saber como funciona a cabeça desse desequilibrado. — Ele chamou um dos seguranças que deu um jeito de quebrar o cadeado do portão do cais. Nem precisamos empurrar, o vento fez favor de jogar a grade para o outro lado dando passagem livre para nós.

— E o que tem esse homem com o que está acontecendo agora?

— Ele estava na ilha, junto de Giannis. Meus homens investigaram por aí sobre o paradeiro da sua mulherzinha, Nikos. — Parecia que no fim de tudo ele não tinha realmente dado as costas para

PERIGOSAS ACHERON

Zoé. — Vou dizer uma coisa para você, depois que eu resgatá-la: é melhor cuidar bem dela. Raciocinando um pouco, Zoé daria uma boa esposa da máfia.

Minha mão se fechou pronto para dar um murro em sua cara, mas respirei fundo.

— Eu não estou brincando. Cuide da sua esposa, eu sou especialista em mulheres, sei como consolar uma infeliz depois que fica viúva.

Caminhamos lado a lado, fazendo força para não cair. Além disso, eu tinha que ignorar as provocações de Marcius.

Era melhor não cair na tentação de esmurrá-lo, não quando ele representava ajuda e acrescentava mais de quinze pessoas para partir em resgate da minha

PERIGOSAS ACHERON

mulher.

Eu prometi a Deus que quando a resgatasse contaria todos os detalhes da minha vida, sem segredos, sem nada. Eu passaria o resto da vida fazendo tudo do jeito que ela quisesse, era só me devolvê-la.

— Botes infláveis? — Ouvi meu pai perguntar e me concentrei nos homens de Marcius abrindo as embarcações.

— Tem alguma ideia melhor, mais discreta e que não precise de marinheiro? — Foi a primeira vez que vi meu pai se calar com facilidade depois de uma réplica.

Ele fez sinal para seus agentes se aproximarem e ajudarem.

Quatro botes foram montados e as pessoas foram distribuídas dentro deles.

Todos armados. Minha mãe parecia estar entre o sentimento da preocupação e da euforia. Eu sabia o quanto ela gostava de entrar em ação tanto quanto gostava da parte técnica de tudo o que envolvia aquele mundo.

Nikola estava mais séria do que o normal, parecia que salvar minha esposa ia além do fato dela ser sua cunhada. Talvez aquilo tivesse o dedo de Theo.

Nikolau e Nereida estavam no mesmo barco que eu e eu agradecia pelo meu irmão ser ótimo na mira enquanto minha irmã era a melhor na observação.

A missão de resgate começou mais como uma briga de egos entre Marcius e meu pai, mas em alguns instantes ficou claro que o objetivo

principal era reaver minha mulher.

— A missão é simples, chegar ao barco sem ser visto. — Herod começou a ditar.

Marcius olhou para os próprios homens e deu sua própria ordem:

— Matem todos, menos Zoé.

Minha mãe riu e passou por ele entrando em um dos botes.

— Marido, tenho que dar o braço a torcer: o plano dele parece bem melhor que o seu. — Meu pai também riu entrando no mesmo barco que ela.

— Coloque isso em um relatório depois e espere o resultado. — Todos foram para os barcos em que estavam destinados ignorando a troca de sarcasmo

entre meus pais.

Um dos homens do meu pai deu partida no motor, nosso bote sofreu com o mar revolto. Estava absurdamente frio, mas eu não conseguia tecer nenhuma lástima. Meus olhos estavam focados no barco onde Zoé era mantida. Não dava para distinguir muita coisa graças à distância e a falta de iluminação.

O bote custou a conseguir uma aproximação. Nós não podíamos contar muito com os binóculos, mas Nereida conseguiu ver minha esposa debruçada na janela da cabine.

Por costume, Nikolau pegou sua arma e criou mira.

— Tem alguém com ela, Nikos.

— Minha irmã avisou. — Um homem,
PERIGOSAS ACHERON

acho que é Giannis. — Ela tirou o binóculos do rosto e o limpou mais uma vez antes de voltar a olhar por ele. — Definitivamente é Giannis.

Dessa vez Nereida não tirou o binóculos para limpá-lo e sim para me encarar.

— Ele está apontando uma arma para a cabeça dela, Nikos.

Segurei a respiração olhando para a mesma direção que Nereida. As decisões se misturavam em minha cabeça e eu não sabia claramente o que fazer.

— Estou com ele na mira. — Nikolau avisou como se esperasse uma ordem minha ou uma decisão.

Nereida limpou as lentes mais

uma vez e me ofereceu seu binóculos.

Eu o peguei não entendendo direito o que ela esperava de mim. Então o coloquei diante das vistas e vi Zoé chorosa com uma arma encostada em sua cabeça. Tudo dentro de mim rugiu e gritou. Era minha mulher. Ninguém tinha o direito de machucá-la.

— Nikolau, atire. — pedi.

A ordem pairou no ar por alguns segundos, então o estampido do tiro se fez presente e eu consegui ver Giannis cair enquanto o vidro da cabine explodia.

Minutos depois dois rostos apareciam pelo mesmo lugar onde eu vi Zoé pela última vez.

Um era de Konstantinos e o outro

PERIGOSAS NACIONAIS

era de Kiara. Tarde demais eles perceberam que estavam cercados.

Era minha hora de ditar as regras do jogo.

PERIGOSAS ACHERON

**Crítica Pessoal ao Molho de Mostarda e
Iogurte: não deu para sentir o gosto.**



δειλία • Covardia

— Você sabe o que tem que fazer, Giannis. É só atirar.

Parecia que aquele dia ia ser um infindável segmento de vales e montanhas emocionais.

Depois de ver os botes vindo na direção do barco, eu fiquei em um silêncio mórbido. Não queria nem por um segundo deixar que o medo tomasse conta de mim ou que eles desconfiassem que tinha ajuda vindo ao meu encalço.

Olhei para o homem que tinha uma arma apontada para minha cabeça. Era considerado muita covardia esperar alguém dar às costas para você e aí matá-lo. Entretanto não era como se Giannis se

divertisse com aquilo.

Na verdade ele parecia avaliar se queria ou não me matar, como se aquela decisão fosse pesada demais para ser tomada por ele.

— Por que eu tenho que fazer isso se é interesse seu? — ele perguntou ao pai.

— Porque você me deve isso! Eu te aproximei quando não era seguro, te dei um cargo importante. Você me deve!

— Eu não pedi o cargo, eu pedi proximidade. — Foi como receber uma fígada de pena e ao mesmo tempo de esclarecimento.

Pobre Giannis, ele só queria ser filho de alguém.

— Ande logo e atire.

Ele continuou me encarando, os olhos tão firmes nos meus que era impossível que reparasse.

— Eu não quero...

Um estampido cruzou o silêncio, o vidro de proteção estourou e Giannis tirou a arma da minha cabeça.

Tudo ficou confuso de repente.

Eu estava caída, era a única coisa que tinha certeza. Sentia os cacos de vidro à minha volta e tinha medo de me mover e me furar com algum deles. Giannis tremia e eu sabia disso porque minha mão estava sobre suas costas.

Ele tremia e não era de frio.

Eu estava congelada, os olhos procurando algum ponto racional que me

tirasse daquele transe. Vi o piloto abaixado perto de mim e quis falar com ele.

Kiara e Konstantinos estavam inclinados sobre a mesma janela que eu via a aproximação dos botes e como um flash uma figura que eu captei antes de cair me fez dar um leve sorriso.

Nikos, eu vi Nikos. Tinha certeza disso.

Então Giannis parou de tremer e em meio a ventania eu ouvi mais um disparo. Os meus dois algozes se abaixaram e me encararam.

Tentei abrir a boca, falar alguma coisa, mas parecia que eu estava mergulhada, que o ar era denso e que tudo a minha volta me incentivava a dormir.

Encarei o teto da cabine sentindo o chão macio e extremamente confortável. Minhas pálpebras pesavam e o balançar do barco funcionava como os braços da minha mãe me ninando na infância.

Eu não conseguia ver as cores, era estranho. Tudo parecia desforme e os barulhos eram distantes. Parecia que o mar estava a léguas, que qualquer palavra dita era só um murmúrio.

Relutei para fechar os olhos porque em meio as imagens turvas alguém entrava no meu campo de visão.

E eu conhecia aqueles olhos, aquele rosto e queria tocá-lo.

Meu Nikos.

Eu daria tudo para encostar no

meu Nikos e eu poderia sonhar com aquilo.

Meus olhos se fecharam cedendo
à tentação.

Era um sonho?



Receita de Panqueca

- Uma xícara de Leite,
puríssimo como a confiança
- Dois ovos, o princípio da
existência e da inocência, se
poeticamente se pode dizer
- Quatro colheres de óleo, para
que nada ruim grude
- Uma colher de sal, para
definir o sabor e o que é
- Uma xícara e meia de farinha
de trigo, para unir e dar
consistência à todas as coisas

**Junte todos os ingredientes
líquidos no liquidificador e
bata, quando estiver
homogêneo adicione a
farinha aos poucos e volte a
bater. Com a ajuda de uma
concha, espalhe a mistura em
uma frigideira. Mexa a
frigideira para que a massa
abra, assim como você se
abriu na hora de uma
conversa importante.**

**Quando dourar um lado, vire
o outro. Sirva com o recheio**

PERIGOSAS NACIONAIS

**que quiser, de preferência
com amor.**



PERIGOSAS ACHERON

διαλόγου • Diálogo

Não sei se você já sentiu o cheiro do corredor de um hospital, mas não é nada agradável. É como se todo o pavor que você está sentindo fedesse.

Quando vi Giannis morto e Zoé fechar os olhos, pensei que algum disparo tinha sido feito sem que eu percebesse.

Mas não, e naquele momento no corredor eu sorri, minha esposa havia desmaiado. Justo ela, a mulher mais forte que eu conheço. Não queria nem pensar no nível do seu pânico para ter cedido ao desmaio tão rápido.

Devido a nossa chegada intempestiva no hospital, eu ainda esperava os médicos terminarem os exames principais sob a supervisão da minha mãe.

Zoé era vítima de um crime a nível federal, os procedimentos de segurança já eram meus velhos conhecidos.

Uma enfermeira parou bem na minha frente e me deu um sorriso de compreensão.

— Sua esposa está no quarto. —
Agradei e me levantei para segui-la. Ao entrar, vi Zoé quieta, de olhos fechados e ressonando. — O quadro dela é estável, deve receber alta amanhã.

— Eu vou ficar aqui ao lado dela.

— É o que esperamos. Por precaução, pedimos que ela não seja exposta a situações estressantes. É importante que Zoé descanse para se recuperar. Ela se deprimiu extremamente, sofreu uma crise de pânico e estava em um

transe por trauma. — Olhei mais uma vez para a enfermeira. — O senhor fez um bom trabalho, agente 78.

Um reconhecimento de uma antiga colega de trabalho, é claro. Os agentes estariam por todo canto, em todas as funções.

Ela deu as costas e me deixou no quarto com minha esposa adormecida.

Seus cabelos estavam penteados sobre os ombros, olheiras marcavam abaixo dos seus olhos e os cílios espessos ajudavam a escurecer aquela região. Usava a camisola hospitalar, tinha sensores de batimentos cardíacos presos ao corpo e parecia totalmente alheia a tudo o que causava dentro de mim.

Me ajustei sentado na maca

PERIGOSAS ACHERON

pegando seu pulso entre minha mão. Consegui sentir sua pulsação além de ouvir e sorri pela plena certeza de que ela estava viva.

Seus olhos se abriram, lembrei do quanto seu sono era leve e uma pitada de arrependimento me deixou quase sufocado com a possibilidade de algo ruim acontecer com sua saúde por minha culpa.

— Nikos? — Acaricieei seu rosto.

— Olá, *bonsón*. — Ela sorriu.

— Eu sabia que você estava nos botes. O que fez, querido? — Beijeii sua testa querendo senti-la mais do que qualquer coisa.

— Salvei minha princesa.

— Não é muito do seu feitio ser o

príncipe, marido. — Eu ri. — É o meu ogro, mas não faz mal ser assim. Eu o amo como ogro e ficaria entediada com você como príncipe.

— Realmente, também não posso tomar todos os méritos. O príncipe disso tudo é Alanis. — Zoé exclamou procurando algo em volta. — Bem, a pulseira está aqui. — Tirei do bolso o item que achei caído ao lado da minha esposa no barco.

— Ah, ela iria ficar tão brava se eu não devolvesse. — Girei a pulseira entre os dedos.

— Ela me disse que é a única que tem, ainda pediu mais. Temos uma mercenária para criar, Zoé. Quanto trabalho... — A segurei entre meus braços.

De repente a enxurrada de verdades que eu precisava contar, se alinharam em uma fileira de dominós. E a primeira caiu, empurrando a próxima. Abri o jogo.

— Eu sei fazer bolos. — Seus olhos azuis focaram em mim e ela franziu o cenho.

— Olha, eu estava esperando uma declaração de amor e me entristece saber que enquanto eu estava sequestrada você aprendeu uma nova receita. — Ri e beijei a ponta do seu nariz.

— Eu amo você e sei fazer bolos. Mas não aprendi essa noite. Fazer bolo foi a primeira coisa que aprendi a cozinhar. Era aniversário das minhas irmãs, uma babá carrancuda estava cuidando de nós,

PERIGOSAS NACIONAIS

nossos pais estavam em uma missão e as meninas estavam tristes porque não teriam comemoração. Eu fiz a mulher rabugenta me passar a receita entre seus acessos de mau-humor e eu mesmo produzi o bolo. Ficou grande, bonito e Nikola e Nereida pararam de chorar.

Ela me encarou com as sobrancelhas erguidas.

— Parei de fazer bolo no mesmo ano que Heléne morreu. Eu descobri no aniversário de Alanis que ela tinha um caso.

O sensor de batimentos apitou mais rápido.

— Vou parar de falar.

— Não, Nikos. É que eu entendi o

PERIGOSAS ACHERON

que está fazendo. Me contando toda a verdade... — Ela me abraçou também me deixando preocupado com o esforço que fazia. — Gosto disso, continue.

Pensei em negar, mas ela apoiava a cabeça no meu peito e havia fechado os olhos como se ouvisse uma história antes de dormir. Os batimentos se regularizaram e eu voltei à narrativa.

— Eu comecei a me preparar para seguir os passos do meu pai aos catorze anos. Preparo físico, mental, habilidades necessárias. Ele repassava para mim tudo o que eu precisaria fazer para ser aceito na corporação. Todo numeração de agente acompanha uma letra. Meu pai era o F-31 e minha mãe F-36. Eu virei aos dezoito anos o O-78. Por não ser especializado em nada,

eu era do operacional. Exerci a função até os vinte e dois, então me especializei na área de tecnologia como minha mãe, mas ainda assim era mais da área de execução do que de softwares.

Recordei os momentos pelos quais passei e continuei a conversa com um tom mais baixo sabendo que aquilo ainda me atingia.

— Aos vinte e quatro anos fui responsável por desfazer uma rede de pedofilia, detectar de onde os vídeos apareciam... Cerca de vinte e três homens foram presos, dezessete crianças identificadas. Todos os homens tinham envolvimento político e quase foram soltos. Meu pai conseguiu mais provas e foi impossível para qualquer juiz dar liberdade

para eles.

Zoé me olhou como se eu fosse um herói de desenho infantil personificado diante dela.

— Depois disso, do que vi e do que quase aconteceu, eu senti que aquela profissão não era para mim. Então peguei minha reserva financeira composta por todo dinheiro que eu ganhava, mas não tinha necessidade de gastar, viajei o mundo aprendendo culinária com quem mais sabia, escolhi entre as ilhas gregas e firmei um restaurante típico. Conheci Heléne passeando por aí, ela esbarrou em mim e tomou todas as iniciativas. Se acha Alanis determinada é porque não conheceu a mãe dela.

Senti seu incômodo porque ele

também me atingia. Era estranho falar da minha primeira mulher tendo Zoé entre meus braços, mas eu sabia que deveria abrir a torneira e deixar vazar. Aquilo era importante para nós dois. Era a principal crise do nosso casamento chegando ao fim e a gente estava enterrando os ressentimentos.

— Ela morreu fugindo da minha vida, eu já te disse isso. O amante estava em muitos momentos do meu cotidiano e eu não percebia. De alguma forma, eu perdi a ligação com Hélène e era como qualquer atitude que não envolvesse as meninas não fosse capaz de me atingir. Ela rejeitou Alanis e Ísis diversas vezes. Na minha presença ou não, já não se importava.

— Paris falou que ela já sabia que

você era filho de agentes federais, que se aproximou porque queria desafiar a própria família e não queria um casamento arranjado. — Suspirou e tocou minha bochecha me fazendo fechar os olhos em apreciação.

— Bem, parece que anos depois ela havia mudado sua cabeça. Se envolveu justo com o filho de um mafioso, foi por isso que morreu.

— Não.

— O que?

— Foi Konstantinos. Ele armou tudo. — Suspirei recebendo aquele novo golpe. — E você dizia que ele era alguém famoso, não filho de um mafioso

— Porque dizer que ele era filho

de um mafioso, abria mais brechas do que fechava. — Ela concordou e se calou voltando a deitar a cabeça no meu peito.

Listei mais uma vez as coisas que precisava falar e risquei alguns itens que eu já tinha dito. Agora era hora de falar definitivamente sobre minha família, Zoé merecia saber tudo por mim, até os mínimos detalhes.

— Eu sou fruto de uma gravidez inesperada, mas todos os meus três irmãos foram planejados. Meu pai realmente se chama Herod, mas seu sobrenome não é Vasalos. Isso foi criado depois que eu nasci. Você, senhora Vasalos, na verdade é senhora Kainourgiou. Ficou bonito, hein? Zoé Kainourgiou.

— Parece nome de comida. — Foi

minha vez de rir.

— Muito prazer, me chamo Nikos Kainourgios. — Estendi uma mão que ela prontamente rejeitou fazendo careta.

— *Christós!*^[40] Deixe isso quieto!
— passamos os segundos seguintes rindo até que ela se acalmou e eu continuei.

— Me mudei diversas vezes num curto espaço de tempo, nunca frequentei uma escola, meus irmãos mais novos fazem funções parecidas com a minha como agente federal. Eu visitei Santorini uma única vez antes de sediar aqui meu restaurante, foi em uma pequena férias de família. Agora...

A encarei firmemente para que ela entendesse. E minha Zoé entendeu. Era

hora dela ter a posse da palavra.

Se empertigando, ela deu início à sua história.

— Minha família passou por dificuldades financeiras por um bom período. Para conseguir comprar o que eu queria, eu investigava as meninas que Theo tinha interesse, fazia um relatório e o entregava. Ele me pagava alguns euros por cada serviço bem feito e eu guardava para comprar o que quisesse. — Zoé deu um sorriso como se recordasse algum detalhe — Meu pai descobriu o que eu fazia e também soube da facilidade que eu tinha de tirar informações dos outros.

Seus olhos vagaram pelo quarto enquanto ela organizava as palavras.

— De alguma forma, seus

PERIGOSAS ACHERON

concorrentes não estavam sucumbindo a crise, mas ele sim. Então eu fui responsável por tirar informações desses homens. Mas não pense que meu pai gostava de eu ter que fazer esse tipo de coisa. É até por isso que ele é tão protetor em relação a mim. Eu falei com caras que tinham o triplo da minha idade, agia até como se quisesse alguma coisa. Entretanto, Apollo estava sempre por perto. Depois de conseguir tudo o que precisava, entreguei ao meu pai e nós saímos gradativamente do buraco.

Ela parou um pouco para pensar antes de continuar.

— Um tempinho depois, Apollo apareceu com a proposta da Speak. Uma revista que oferecia estágio. Eu nasci e fui criada em Atenas, então não era tão difícil

para mim. Fazia faculdade e trabalhava. No início era mais fofoca voltada para adolescente, depois começou a ser algo mais sério. E essa noite eu descobri que na verdade eu trabalhava indiretamente para a máfia. Sou perigosíssima, cuidado comigo.

Zoé semicerrou os olhos me fazendo rir alto.

— Enfim, meu último serviço foi em uma ilha chamada Santorini, quando coloquei os pés ali já estava cansada de fazer o que fazia. Então entrei em um restaurante que tinha a minha próxima vítima e uma criaturinha loira falou comigo como se me conhecesse a diversas eras.

Se empertigando, Zoé se sentou melhor no próprio lugar.

— Eu até comecei alguns

PERIGOSAS ACHERON

relatórios, mas não conseguia esquecer todo o amor que eu vi em míseros minutos. Um homem com sua filha, esse mesmo homem comigo e também ele com um bebê. Algumas coisas sempre seriam sagradas para mim, então lembrei da minha família e como todos nós éramos atingidos caso algo acontecesse só com um. Pedi demissão e na mesma noite fui atendida por aquele homem em seu estabelecimento. Ele disse que tentou me ligar, mas que sempre que tentava as filhas estavam acordadas e a mais velha insistia que queria falar comigo.

Ela se sentou, definitivamente.

— Esse carinha me levou no primeiro encontro com duas crianças a tiracolo. E depois me levou para sua casa onde eu tive que ajudá-lo a colocar as duas

para dormir. Então ele me beijou, me ergueu no colo e me levou para a cama fazendo amor comigo como se eu fosse a criatura mais célebre do universo.

Eu coloquei seus cabelos para trás das orelhas e aproximei meu rosto ainda mais do seu.

— Tive tanto medo de perder você... — Beijeí sua bochecha. — Acho importante avisar que para mim você realmente é a criatura mais célebre do universo.

Desci os lábios para os dela e senti seu riso entre o beijo.

Minha Zoé estava a salvo, agora ninguém podia nos parar.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Crítica Pessoal às Panquecas: o recheio
estava mais do que especial.*



πληρωμή • Pagamento

— Se nós estamos aqui, quem está com as meninas? — era hora de fazer a pergunta pertinente.

Quando acordei naquele quarto, algumas coisas não estavam tão claras. Minha conversa com Nikos me distraiu de outras questões e eu só fui lembrar de todas elas pela manhã.

Eu receberia alta em breve, mas de alguma forma eu não quis dormir.

Pedimos que Isis e Alanis não fossem levadas até lá por questões de saúde. Hospital não é lugar de criança. Ok.

Mas se meus cunhados, minha sogra e meu sogro estavam ali, só restava uma única pessoa para ficar cuidando das

meninas...

— Vocês realmente acreditam que Theo é uma opção de babá? — indaguei terminando de colocar a jaqueta que Nikola trouxe para mim.

— Não, mas por falta de opção precisamos fingir que sim. — Eu ri do jeito sincero de Nikolau.

— Quando saímos de casa, ele estava montando um acampamento na sala de estar. — Nikola completou dando um pequeno sorriso e eu podia imaginar o quanto ele e Alanis estavam vibrando com aquilo enquanto Ísis estava em pleno tédio.

A vontade de ir para casa só aumentava quando eu me lembrava que dali a três dias nossa pequena faria aniversário. E se tudo aquilo que eu sentia

dentro de mim era determinação, meu marido iria voltar a fazer bolo. Ele quisesse ou não.

— O que aconteceu com Konstantinos e Kiara? — indaguei enquanto Nikos reunia suas coisas.

— Presos e Giannis morreu. — Minha sogra informou. Eu sabia que Giannis estava morto, mas meus sentimentos pareciam confusos a respeito daquilo.

Eu sentia pena por sua existência vazia, por ter procurado amor e não encontrado. Mas de certa forma sentia alívio por saber que ele nunca mais seria manipulado ao ponto de colocar alguém em perigo.

Quanto a Kiara e Konstantinos, a
PERIGOSAS ACHERON

prisão parecia uma penalidade pequena. Claro que ainda teriam os julgamentos, mas mesmo assim...

— E Marcius? — Aquele cretino jogou bem com o meu desespero.

— Solto. Depois de dizer que não ajudaria a te salvar, ele só voltou atrás de sua decisão porque estava metido no meio de tudo. — Meu marido explicou.

— Sinto um pouco de ressentimento no ar. — comentei caminhando para fora do quarto.

Mas quem entregou tudo foi meu sogro:

— Marcius disse que se Nikos não cuidasse bem de você, ele a levaria para ser uma das esposas dele. — Eu ri alto parando

no meio do corredor e tentando controlar o barulho que fazia.

— Como se eu fosse querer me casar com aquele traste!

— Obrigado pela consideração, da próxima vez deixo dispararem um tiro na sua cabeça.

Olhei para Marcius parado bem na minha frente e dei meu melhor sorriso debochado.

— Como se você fosse conseguir dormir depois de fazer isso. — Ele rolou os olhos e nos apressou com um gesto de mãos.

— Preciso resolver uma pendência antes de partir.

Nós entramos em carros

separados, Nikos ao meu lado me sorria e segurava minha mão com todo o carinho que tinha para oferecer.

Uma barreira invisível foi transpassada por nós dois. As pendências do nosso casamento estavam resolvidas e era hora de encaixar nossa rotina e viver plenamente bem.

Nunca foi tão gratificante olhar o restaurante do meu marido pela janela do carro. Saber que eu veria as meninas me deixava em um estado de ansiedade que não podia ser definido ou limitado.

Mas antes de subir as escadas, logo que desci do carro, meu sogro colocou a mão no meu ombro e pediu para conversar comigo no escritório do restaurante.

Eu o acompanhei e durou mais ou menos meia hora até tudo ficar claro entre nós dois.

A porta fechou finalizando o teor da conversa. Agora sim eu podia ver Alanis e Ísis. Meu sogro não falou mais nada enquanto subia a escada ao meu lado.

Não havia o que ser dito, essa era a verdade. Mas eu realmente não esperava por aquilo e menos ainda pela minha participação...

Abri a porta de casa como quem tira a tampa de uma caixa de presentes. No centro da sala, Theo e Nikola estavam sentados no chão com Ísis, Alanis e Paris.

Não me senti totalmente satisfeita com a presença da última, mas as minhas filhas a tratavam com muita cortesia. Evitei

PERIGOSAS ACHERON

o vexame e fiquei apenas observando.

Ísis me viu e abriu um sorriso enquanto fazia força para se levantar e corria em minha direção.

— *Mitéra mou!* — duas palavrinhas tão pequenas e dois braços do mesmo tamanho enlaçando minhas pernas. O conjunto perfeito para me fazer desmoronar ali mesmo.

Me ajoelhei e apertei aquele corpinho contra meu peito sentindo o cheiro de xampu infantil. Eu nem sabia o tanto que eu queria ser chamada assim por ela até que ela chamou.

Mitéra mou. O maior distintivo no mundo era meu. Tinha uma criança que me chamava assim.

Eu sentia muito por tudo o que quase causei para aquelas criaturinhas e amava tanto que parecia viver esmagada debaixo de todo esse sentimento.

— Minha filhinha. — Beije sua bochecha enquanto Alanis se aproximava e se encaixava no meu colo.

As duas riram quando as beijei repetidas vezes.

— Onde estava, mãe? Fiquei com medo. — Coloquei os cabelos loiros de Alanis para trás das orelhas e sorri vendo o bico de descontentamento que ela fazia.

— Participei de uma missão ultra secreta. Só vou contar para vocês, está bom? — Elas juntaram a cabeça fechando o acesso dos outros ao que a gente falava.

— Fui levada por três ladrões, mas o papai

me salvou com a ajuda da sua pulseira de espiã, Alanis. Aí os homens maus foram presos e eu voltei para casa para avisar vocês que estava tudo bem. Precisei de muita inteligência para fugir, mas como eu sou uma ótima agente, sobrevivi.

— Eles te machucaram? — A loira perguntou preocupada.

— Tentaram, mas o seu papai não deixou. Ele bateu neles, deu chute, me pegou no colo e saiu correndo. — Alanis arregalou os olhos e Ísis soltou uma exclamação. — Mas deu tudo certo. Agora eu estou aqui, não faço mais missões porque me aposentei.

Elas respiraram aliviadas e eu sorri.

— Ainda bem, o tio Theo não

PERIGOSAS ACHERON

sabe cuidar direito de criança. — A loira desabafou.

— O que ele fez?

— Chorou alto demais, até a Ísis reclamou.

— Chorou, chorou, chorou. Igual bebê. — Ísis explicou apontando para o meu irmão.

Eu ri alto do cenho franzido de Theo.

— Ele não é muito bom com crianças, pode deixar que não vão precisar mais ficar com ele.

Theo se agachou ao meu lado e me puxou para um abraço. Eu sabia que ele estaria apreensivo. Podia ser o mais desligado dos irmãos, mas também era

cuidadoso e zeloso com aquela intimidade que nós cinco sempre dividimos. De alguma forma senti falta dos meus outros três irmãos.

— Como você está? — perguntou.

— Bem.

Olhei mais uma vez para Paris e, sabendo do que aconteceria ali, falei para as meninas:

— Por que vocês não brincam mais um pouquinho com a nossa visitante e depois vão tomar um banho?

Elas concordaram e correram.

Nikos sorriu para mim da cozinha e eu fui para a varanda onde Marcius estava debruçado no parapeito.

— Eu sei que disse que não queria

Paris perto das meninas, mas acredito que eu merecia uma recompensa por ter ajudado a te salvar. — falou de costas para mim.

— Você se salvou, não fez nada por mim. Não convivo com você, mas acredito que é isso o que sempre faz: só toma uma atitude quando beneficiado.

— Não posso ser julgado por isso. Não sou um candidato a mártir. Sou um mafioso. — Dei de ombros parando ao seu lado.

— Exatamente. Mas não se preocupe, não estou chateada com a visita de Paris. Na última noite eu aprendi que independente do que me aconteça, eu sempre vou esperar que Alanis e Ísis estejam bem. Então, mesmo que eu não

suporte você e Paris, elas gostaram da tia e é bom ter um último momento com ela.

Ele franziu o cenho e finalmente se virou para mim.

— Último momento?

Dei de ombros e olhei para dentro vendo Nikos conduzir as meninas para o andar superior.

— Você achou mesmo que seria tão simples quanto aparenta, Marcius? A casa e o restaurante recebeu escutas em todas as partes. Declarações e mais declarações, provas e mais provas. Não é incrível que a família do meu marido ande livremente por Santorini? Meus sogros sabiam o que encontrar por aqui. Sabiam que abutres sempre aparecem quando tem ameaça de morte no ar.

Lá dentro, Paris recebia voz de prisão da parte da minha cunhada, Nikola.

— Zoé, pense nos meus filhos. —
O seu pedido quase me fez rir, mas não o fiz por respeito às crianças que eu não conhecia.

— Desculpe, Marcius, você não pensou nas minhas filhas quando se negou a prestar ajuda. Só fez isso depois de saber que a ameaça era contra você. O quanto pôde ameaçar, blefar e enervar, você fez. É hora de pagar.

A porta da varanda deslizou deixando meu sogro passar.

— Marcius Stefanos, você está preso por envolvimento direto com a máfia, porte ilegal de armas e participação no tráfico de drogas dentro da Grécia. Tem

PERIGOSAS ACHERON

todo direito de ficar calado e tudo o que disser poderá ser usado contra você nos tribunais.

Dei as costas assim que ouvi o barulho da algema sendo fechada.

Aquilo já não era mais um problema meu.



Receita de Bolo

- Três xícaras de farinha de trigo, para dar massa como um o corpo de um bebê em produção.
- Três ovos para dar liga ao resto da receita.
- Duas xícaras de açúcar, para adoçar como a risada de uma criança faz com até a mais rude das criaturas.
- Quatro colheres de margarina, para a unir tudo.
- Uma colher de chá de fermento em pó, para fazer crescer assim como os nove meses de uma gestação.

Primeiro batas as claras em neve e deixe reservadas. Em outro recipiente, misture a margarina, açúcar e as gemas até que vire uma massa homogênea. Sem deixar de bater, coloque o leite e a farinha aos poucos. Agora acrescente as claras em neve e o fermento.

PERIGOSAS NACIONAIS

**Unte uma forma, despeje a
massa, coloque para assar em
180°C por uns quarenta
minutos e está pronto o seu
filho...**

Quis dizer o bolo, é claro.



PERIGOSAS ACHERON

φούρνο • Forno

Eu sempre achei que recomeço era a prova incontestável de fracasso. Evidentemente, depois de uma sequência instável de catástrofes, era natural que eu procurasse outro lugar para viver com minha família.

Porém, com Zoé ao meu lado, as coisas assumiam significados diferentes. Por exemplo: agora recomeço, para mim, era a chance de juntar as experiências tiradas das decisões ruins e voltar a trilhar o caminho que escolheu.

Três caixas de papelão já haviam sido embaladas. Era isso que faziam das mudanças uma tragédia anunciada: a bagunça instalada a sua volta. Meus pais ajudavam separando o que deviam. Se

PERIGOSAS ACHERON

comportavam como se não fossem o casal por trás da Manchete escandalosa que avisava sobre a prisão de um casal de mafiosos.

Não. Eram só dois avós que ensinavam para as netas como se embalava copos para viagem.

Alanis voltou a usar sua pulseira vermelha tão longo essa foi devolvida. E Ísis aprendeu um palavrão com o avô. O que, para ela, tinha mais função do que um maldito troço no braço.

Toda a forma que meus pais usaram para arquitetar a prisão de Marcius não atingiu as duas de forma alguma.

Para elas, o casal da máfia só tinha ido embora mais cedo.

Fechei os olhos apoiando a cabeça no balcão da cozinha.

As coisas com Zoé recebiam um novo significado, eu já falei sobre isso. Um bolo que antes era algo que me lembrava de um momento ruim, agora era um desafio. Minha esposa não pediu, ela me informou que eu precisava fazer o bolo do aniversário de Ísis que era nesse mesmo dia.

Eu não havia nem separado os ingredientes.

Ressignificado: o que antes era desgosto, agora era medo.

Senti uma mão no meio das minhas costas e nem precisei levantar a cabeça para saber quem estava ali.

— Vamos fazer isso na cozinha do restaurante. — Ela declarou.

Outro ressignificado: a companhia do dia-a-dia podia se estender à necessidade de apoio.

Seu vestido florido flutuou quando passamos pelo restante da minha família e descemos as escadas. O restaurante estava fechado permanentemente. O preço a se pagar pela paz de espírito era esse: abrir mão.

Ela girou a chave e abriu a porta. O silêncio era tudo o que nos esperava ali dentro.

Os passos dela abriam caminho para o que eu deveria fazer. Pé ante pé ela me guiou até as portas duplas que eu já conhecia.

Encarar as bancadas vazias me deu um profundo desgosto. Me lembrei de Kiara ali dentro e suspirei.

É claro que a vizinhança faria fofoca atrás de fofoca. Foi assim na época de Hélène, por que não seria agora?

A mudança foi uma sugestão do meu pai. Havia em Creta uma base melhor de agentes que poderiam nos proteger. Ainda mais agora que Nikola decidiu ficar também.

Calmamente, minhas esposa passou por mim e começou a organizar tudo o que era necessário.

Me apoiei no balcão de trás a observando cantarolar como se aquilo fosse algo cotidiano. Não era. Durante todo esse trajeto, vocês nunca viram Zoé cozinhar.

Ela usava um daqueles vestidos que amarram atrás do pescoço e deixa as costas livres. Me aproximei devagar e joguei para o lado todo cabelo que pendia solto cobrindo o que a roupa revelava. Beije a curva do seu ombro e fechei os olhos sentindo seu cheiro de baunilha.

Lembrei imediatamente que o cheiro de Zoé foi a primeira coisa que marcou minha memória. Toquei o seu pescoço e deslizei os dedos até a base da sua coluna sentindo sua respiração mudar.

— Nikos?

— Quietinha. — Empurrei seu corpo para frente e a deitei no balcão. — Daqui a pouco eu faço bolo, agora eu quero transar. — Ela riu baixinho e colocou a mão por cima da minha quando eu segurei

sua bunda com firmeza. — Todo dia você me aponta uma direção diferente e me tira dos trilhos, é minha vez de te deixar confusa.

Zoé se encostou em mim e eu passei a usar não só a língua como os dentes em suas costas sabendo exatamente onde ela ficava arrepiada.

Levei uma das mãos para a barra do seu vestido e o levantei só para conseguir alcançar sua calcinha e invadir pela frente.

— Isso é maldade. — Ela sussurrou enquanto eu começava a movimentar meus dedos em volta do seu clitóris. Desci aos poucos sentindo o quanto ela já estava úmida e voltei ao ponto de interesse.

— Zoé... — Passei o nariz pelo seu pescoço e a beijei mais uma vez ali continuando os movimentos com os dedos. — Quando a gente se instalar na casa nova, você faz um filho comigo?

— Se for desse jeito, eu faço até dois. — Sua gargalhada fez sua pele tremer debaixo da minha boca. — É para fazer bolo aqui, Nikos, não filho.

— Deixa eu colocar um no forno, *bonsón*. — Ela se virou para mim, me fazendo tirar a mão de onde eu brincava. Só percebi que estava tão excitado quanto ela quando cambaleei devido ao seu movimento brusco.

— Um bolo no forno, Nikos. É isso que é para colocar. — murmurei um palavrão. — Mais tarde eu posso pensar na

proposta do filho. Agora vai lavar essa mão e vamos logo que o aniversário da Ísis não vai acontecer sozinho.

Na verdade, aconteceria sim. Só que minha esposa, como vocês bem conhecem, iria jogar raios e trovões na minha cabeça caso eu não fizesse o que foi previamente estabelecido.

Caminhei devagar até a pia na parte de trás da cozinha e lavei as mãos olhando sobre o ombro só para vê-la ajeitando o vestido e reorganizando as coisas que acabamos bagunçando.

— Eu não faço a menor ideia de como fazer um bolo. — Zoé comentou.

— Tem uns livros de receita perdidos no armário de panelas. — Ela foi até lá bisbilhotar e voltou carregando três

dos maiores. — Pode pesquisando sozinha porque eu não vou ajudar. Você me deixou na seca, é o seu pagamento.

Ela resmungou alguma coisa sobre como vez ou outra tinha vontade de me matar com uma panelada na cabeça. Fingi não ter ouvido e fiquei olhando de longe enquanto ela se decidia.

Observei as pequenas manchas arroxeadas em seu braço e lembrei do hematoma na cabeça que sumia gradativamente.

— Eu ia falar veludo vermelho, mas é difícil demais. Vamos ao melhor aliado de pais de criancinhas: bolo de chocolate.

Abriu o livro na página e começou a procurar os ingrediente.

— Pode mexendo essa bundinha bonita, Nikos, que o chefe aqui é você. Eu sou só a esposa linda que fica enfeitando o restaurante.

Realmente, linda demais para esse babaca que eu sou olhar só uma vez e ignorar. Então não ignorei.

Com ela ao meu lado, eu fiz o bolo. Depois de confeitado, eu fiz o filho.



Crítica pessoal ao bolo: tinha gosto de despedida.



ανάπτυξη • Crescimento

Eu nunca vi Ísis com um sorriso tão grande quanto o que ela deu assim que viu o bolo confeitado diante de si.

Aquele pinguinho de gente já sabia expressar felicidade e euforia com tanta facilidade que eu me sentia bem só de estar na mesma sala que ela.

O parabéns foi barulhento, cheio e alegre. Como uma verdadeira família grega faria. Ainda mais com a ajuda do meu lado já que meus pais, irmãos e até avós chegaram para se juntar aos outros.

Malipieiros de um lado, Vasalos do outro. Ambas as famílias observando cada detalhe uma da outra. Por fim, deram o braço a torcer e começaram a falar e falar

e falar. Tão alto que eu agradecia pela existência deles, mas pedia misericórdia a Deus.

Só três dias depois do acontecido é que eu percebi o quanto amava todas aquelas pessoas e o quanto torcia pela alegria de cada uma delas.

A casa estava enfeitada com balões coloridos e serpentinas. Com um pouquinho de dificuldade, Ísis apagou as velas do bolo de confetes coloridos e sorriu para o pai como se ele fosse um grande herói de filme.

Agora ela, no colo do meu pai que a segurava encantado, repetia “Parabéns” por ter gostado da palavra.

Observando todos aqueles que ali estavam, me deparei com um olhar de

PERIGOSAS ACHERON

prelúdio. Meu sogro anunciava pelos olhos que ia partir. Já tinha consertado tudo e era hora de voltar para sua rotina.

Ele soube que eu estava o observando, logo se virou para mim e sorriu.

Minutos depois o encontrei sozinho na varanda.

— Sente-se aqui, Zoé. Precisamos conversar. — cumpri o que ele pediu e encarei o horizonte. — Você é uma mulher engraçada.

Franzi o cenho não entendendo o que ele queria falar.

— Sabe o que é abnegação?

— Mais ou menos, nunca usei muito essa palavra. — Ele riu.

— Mas praticou bastante. Abnegação é quando você abre mão de tudo para se entregar a uma causa. Um altruísmo extremo e uma dedicação louca. Abnegação é tudo o que você fez desde que conheceu meu filho até agora. Foi juntando os motivos até entender que deveria cuidar dele. E fez isso. Errando ou não, toda a sua intenção foi cuidar de Nikos. E não tem como um pai ser menos do que grato quando vê algo assim acontecendo.

— Vocês vão embora? — Ele deu de ombros em um gesto cansado.

— É o que os pais fazem, correm para acudir quando o filho vai, mas depois deixa que o menino caminhe sozinho para aprender a se equilibrar. — Ele olhou para trás e observou Nikos brincando com as

filhas na sala da minha casa. — Está na hora dele caminhar.

Herod pegou um envelope dentro do bolso e estendeu para mim.

— Fique com isso. — E me sorriu como se eu já soubesse tudo o que tinha que fazer.

A noite caiu tão devagar que parece que custou dias até a gente conseguir colocar Ísis e Alanis na cama.

Quando meus sogros se despediram dizendo que iam para a casa que tinham alugado, eu senti a pontada no peito da saudade já instaurada.

Nereida e Nikolau se despediram em seguida indo atrás dos pais.

Entretanto, Nikola ficou.

Pensativa, esquivada, de cenho franzido. Mas ficou.

E no meio da madrugada, Nikos acordou de um sobressalto com o barulho do helicóptero.

Correu até o terraço comigo atrás dele e viu a piscada de luz da aeronave até que ela se afastou completamente.

— Eles foram embora? Mas nem de despediram! — exclamou visivelmente chateado.

— Talvez não quisessem se despedir. Talvez eles voltem em breve. — Segurei seu braço forçando que me olhasse — Nikos, ele falou comigo ontem.

— O quê?!

— Seu pai falou comigo ontem.

Ele só quer te dar a liberdade que você trabalhou para conquistar. E olha... vamos descer, eu preciso te mostrar uma coisa. — Nikos me encarou ressentido, mas logo cedeu dando a mão para mim e descendo as escadas.

Foi reconfortante voltar para o calor aconchegante da nossa residência, mesmo que agora todos os nossos objetos pessoais estivessem cuidadosamente embalados. Era como se aquela casa não precisasse de nenhuma foto nossa para sinalizar que era realmente *nossa*.

Entretanto, meu coração cheio de esperança gritava bem alto que qualquer lugar com Nikos e as meninas era um lar.

Meus pais estavam hospedados em um hotel, assim como meus irmãos.

Exceto Theo que dormia no sofá acompanhado de Nikola.

— Ela não foi. — meu marido sussurrou atrás de mim e eu sorri.

— Não. E tem mais... — O levei até a cozinha e abri a gaveta de um dos armários onde eu tinha escondido o envelope. — A gente meio que vai se mudar por ela também. E porque eu quero que deixemos as memórias ruins aqui. Começar de novo. Esse foi o presente do seu pai para nós dois...

Mostrei a escritura e as fotos da propriedade que meu sogro havia comprado para os filhos em Creta.

Meu marido passou o dedo pelas linhas da construção.

— Parece perfeito.

Ele discursou por minutos sobre tudo o que podia construir naquele lugar. Como seria um restaurante ideal, o que podia fazer. E eu pensei pela primeira vez em uma ideia diferente para o que eu podia fazer junto com o meu marido.

Lembrei de como ele ensinou passo a passo para mim a receita do bolo de Ísis com aquele ar engraçado que só ele tinha na hora de cozinhar.

Pensei ainda mais, em como aquilo podia trazer visibilidade ao meu marido, mas que de certa forma seria um recado de como estávamos seguros e não havia importância qualquer ameaça em cima de nós.

Aquilo aqueceu meu coração,
PERIGOSAS ACHERON

parecia que trabalhar junto com ele não significava exatamente me enfiar em uma cozinha. Tinha esperança para nós dois juntos e tudo o que a gente queria construir.

Tinha esperança e isso era tudo o que mais importava.

— Imagina, Zoé, três crianças correndo por essa casa? Quatro, se a gente se empenhar.

E eu já estava empenhada.

Deus sabe que quando é sobre esse homem, eu estou sempre empenhada.



MANCHETE DO DIA:

**Chefe de cozinha e família inauguram
restaurante em Creta.**



επιλόγος • Epílogo

Eu nunca fui de reconhecer um sonho até realizá-lo. Não sabia o que era querer previamente uma coisa, mas quando conquistava, algo dentro de mim falava baixo que era aquilo ali que eu sempre quis.

E não, isso não aconteceu imediatamente assim que pisei em Creta com minha esposa a tiracolo, duas meninas cansadas da viagem, uma irmã eufórica e um cunhado duplo olhando tudo sem

entender muita coisa, mas pronto para a novidade.

A primeira a abrir a porta do restaurante, que na verdade era só um espaço amplo entre as duas casas, foi Nikola. Ela tratava tudo como se fosse um brinquedo e ela uma criança que havia ganhado aquilo de um Papai Noel.

Correu por todo o espaço vazio, apontou, fez planos, lembrou que estava com fome e murchou quieta em um canto. Zoé destrancou a porta da nossa casa que ficava após uma grande varanda e espaço verde. A porta dupla de madeira era tingida de um azul forte que ela aprovou.

— Porta azul é a cara de uma família grega numerosa. — comentou jogando a indireta.

Alanis correu procurando os quartos, contou e achou cinco. Fez a divisão: um de hóspede, um dela e de Ísis, um dos pais (eu e Zoé) e o restante a gente podia encher de irmãos.

Enchemos um tão logo soubemos que Zoé estava esperando Athos. O outro ficou como escritório da minha esposa que começou a cuidar da parte social do meu restaurante.

Ísis arrumou os ursos na prateleira de baixo de uma estante enorme que pegava uma parede toda da sala. Alanis guardou alguns brinquedos ali também e seus cadernos de rótulos. Custou uma semana até tudo parecer uma casa de família.

Nikola adorava a própria casa que

contava com três quartos, dois andares e uma varanda que pegava todas as laterais do lugar.

Ela ficou responsável pelo bar do restaurante e logo a gente tinha o domínio das noites de Creta.

Oito meses e três semanas depois da nossa mudança, Athos chegou ao mundo.

E se você é bom de matemática, sabe que isso significa que eu fiz o menino no dia do bolo. E fiz um bolo para comemorar o menino feito.

E bolo ganhou novo significado. Bolo era sonho realizado, superação e coragem. Bolo era a comida favorita da minha família e minha receita predileta.

Um ano se passou desde o sequestro da minha mulher, Ísis fazia três e decidiu, porque já mostrava que as coisas só serviam se fosse do jeito que ela decidisse, que seu aniversário seria em pleno expediente.

Isso depois de ter visto a menina italiana chamada Antonella que foi com os pais ali e recebeu as comemorações da casa com direito a bolo, parabéns e uma vela que cantava.

Claro, se o filho dos outros podia, Ísis podia também.

Estava sentada ao lado de Alanis e Zoé que segurava Athos que, por sua vez, olhava tudo sem entender muita coisa. Uma criança de quase quatro meses realmente não sabia nada sobre aniversários.

Eu olhei do vidro da porta da cozinha e quase soltei um grito de comemoração por ser o pai naquela família completa. Minha esposa estava completamente linda, toda aquela coisa sobre maternidade fazer reluzir era a mais pura verdade.

Nunca vi Zoé tão bonita quanto no início do inverno depois de descobrir que as calças das meninas estavam nos tornozelos e as blusas de manga comprida nos cotovelos. Era mãe e minha esposa. Era minha.

Athos gostava de ficar no seu colo, mas só dormia mesmo no meu. Era um bebê quieto, divertido e que já exibía sua personalidade introspectiva.

A gente cansava de flagrar ele

acordado com o cenho franzido olhando o móbile que o avô materno comprou para ele com carrinhos pendurados.

Não chorava muito, só quando tinha fome ou estava sujo. Não era muito chegado a atenção dispensada, ao contrário das irmãs que não podiam ter dois pares de olhos sobre elas e já achavam que tinham que fazer um show.

Era o xodó dos avós, dos tios, das irmãs e até dos seguidores do restaurante que só precisavam da foto desse menino com um livro de receitas que já estavam derretidos.

Ele não havia recebido o nome de nenhum dos avós, como era costume, nem por segurança ou medo. Nada do tipo. Simplesmente porque minha esposa amava

os três mosqueteiros.

Também tinha seu próprio rastreador. Quem diria quantas funções tem um prendedor de chupeta, não é mesmo?

Fiz o sinal de alerta para a minha equipe que, por precaução, teve a vida completamente investigada antes de serem admitidos. Abrimos as portas duplas e nos preparamos.

— Pronta, Ísis?

— Prontinha, papaizinho.

As palavras repetidas deixaram de ser uma obsessão para dar espaço aos diminutivos.

Ela realmente estava crescendo.

Atravessei a porta segurando a bandeja do bolo enquanto todos

começavam a cantar parabéns.

Nikola, que se casaria dali alguns dias, batia palmas entusiasmada demais para ser só pelo aniversário da sobrinha.

Zoé balançava Athos ao som da canção e sorria lindamente.

— Agora apague as velas, florzinha. — Ela falou para minha filha mais nova que já estava de pé na própria cadeira.

Coloquei o bolo diante da menina e ela puxou ar suficiente para apagar uma fogueira, até que soprou de olhos bem fechados.

— Pedido feitinho. — comemorou e ergueu as mãos fazendo todos aplaudirem.

Olhei para Theo e Nikola vendo a conversa entusiasmada que os dois tinham e então eu soube.

Aproveitei que todo mundo estava distraído com Ísis e comecei a procurar pelo restaurante.

Encontrei na área externa.

Poderia ser qualquer casal se não fosse meus pais. Me aproximei silenciosamente, quase com medo do que poderia estar acontecendo, então minha mãe levantou os óculos escuros e os colocou no topo da cabeça.

— Veja, querido, é o chefe! — Sorriu como se não me conhecesse, mas eu conhecia a senhora Juno o suficiente para saber quando ela estava brincando.

— Curtindo as férias, senhores?

— Finalmente aposentados, rapaz. Filhos crescidos, três netos que podem virar quatro ou cinco em breve se eu tiver criado bem minhas crianças. — Aquilo me fez parar.

E se você é bom em entender charadas abertas, sabe que esse era o sonho que eu tinha e não sabia.

Segundos depois, Zoé se aproximou entregando Athos aos meus pais.

O menino se mexeu um pouco desacostumado com aquelas pessoas. Herod já estava todo derretido com o neto enquanto minha mãe acariciava o rostinho dele.

— Se parece com você, Nikos! —
Eu ri.

Não demorou muito para as meninas perceberem a presença dos avós e correrem nessa direção.

— Cuidado, crianças. Olha o bebê.

Aos pouquinhos as duas diminuíram os passos.

— Veio e vai de novo? — Antes de cumprimentar, Alanis já colocou as cartas na mesa de que não tinha gostado do sumiço repentino dos dois.

— Não, querida. Agora a gente fica para sempre.

E a história não era mais sobre os perigos que corríamos. E sim sobre o que

faríamos para nos proteger dele.

Uma família grande, numerosa e que se estendia por toda Grécia. Começou com um monte de gente querendo comprar minha morte e com minha esposa tirando meu corpo do mercado.

Zoé foi a chave para o tempo onde tudo aconteceu, foi com ela que eu aprendi que às vezes as pessoas erram querendo acertar, mas que o mais importante é parar e analisar a situação com calma, porque, se é a atitude de alguém que amamos, antes de qualquer decisão que mudará sua vida para sempre, você precisa entender a intenção do outro.

E mesmo que minha esposa seja teimosa, um pouco egoísta, altamente destrutiva quando mexem com os seus, ela

também é firme em suas convicções, tem amor à sua família e protege quem ama.

Ao lado dela, vendo nossos filhos brincando com os avós, eu a puxei para um abraço e olhei dentro dos olhos azuis que reluziam de felicidade.

— Você sabe que eu amo você, certo?

— Nikos, se você não me amasse, eu ia atrás da máfia agora mesmo.

— Isso é uma ameaça?

— Arruma uma amante e você vai ver como eu fico maravilhosa, do jeitinho que Marcius falou, no papel de esposa da máfia. Eu sou o perigo em pessoa, homem, a sua sorte é que eu te amo.

E se ela disse, era ponto final.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

**CRÍTICA OFICIAL AO
NOVO RESTAURANTE:
estava cheio de amor.**



τέλος • Final

Era uma manhã tão ensolarada que eu sentia que a qualquer momento o Sol desceria na Terra e abraçaria cada um de nós. A calma particular que passou a habitar nossa casa em Creta, começou a ser levemente atingida por ruídos que vinham de todos os lados.

Uma porta se abriu, alguma coisa caiu no chão, alguém pediu silêncio e tudo aquilo era tão rotineiro que eu e Nikos aposentamos os despertadores só pra acordar com o barulho da nossa família viva e saudável.

— A gente ainda pode fingir que estamos dormindo? — Meu marido murmurou no meu ouvido assim que eu me mexi sinalizando que estava saindo da

PERIGOSAS ACHERON

cama.

— Não, elas já alcançam a maçaneta. — Segundos depois, a porta foi empurrada e dois pares de pés apressados passaram por ali correndo em direção a cama.

— É um bom dia de verão! — Ísis gritou antes de começar a pular animadamente. — Verão, verão, verão! — E algumas manias não mudam. Como tirar gosto das palavras, colecionar rótulos e amar incondicionalmente tudo aquilo que se conquistou.

— Athos acordou, mãe. — Alanis estava sendo atingida pelo auto-controle que a maturidade da irmã mais velha acaba trazendo. Enquanto a encenqueira terminava de acordar o pai, ela apenas se

aninhou no meu colo, grande demais nos seus quase sete anos, e se contentou em receber afagos nos cabelos.

— Já vou pegá-lo, fique aqui. — Antes de sair do quarto, dei uma olhada para a cama vendo Nikos encaixando as filhas debaixo dos braços enquanto distribuía beijos de saudações.

O corredor havia recebido algumas alterações, novas fotografias e mais uma porta do quarto decorada.

Ao girar a maçaneta, eu já consegui ouvir murmúrios vindo do berço onde o novo integrante da família brincava com os próprios pés.

— *Ya!* Bom dia, meu amor. — Por questões de preferência, Athos não foi seguimento da tradição grega onde o

PERIGOSAS ACHERON

primeiro menino da família recebia o nome do avô.

Athos de Nikos Vasalos. A primeira criança que eu carreguei na barriga. Meu terceiro filho.

— Vamos lá ficar junto de todo mundo? — Ele sorriu assim que eu me inclinei para pegá-lo.

Da janela do seu quarto, eu conseguia ver a rua e sua escassa movimentação pela manhã.

Caminhei com passos preguiçosos de volta para o meu quarto sabendo que aquele seria um dia glorioso. Não para mim, é claro.

Mais do que na hora, Theo e Nikola resolveram trocar alianças.

Abri a porta que me separava da minha família barulhenta e encontrei a cena que sempre aquecia meu coração.

Ísis e Alanis estavam com as cabeças encaixadas nos ombros de Nikos e observavam o que o pai fazia no próprio celular. Era apenas a proximidade e toda aquela coisa que fazia dos filhos realmente filhos e dos pais incrivelmente pais.

— Bom dia! Olha quem chegou.
— Athos balbuciou conforme ouviu minha voz o anunciando. Nikos sorriu e colocou o celular de volta no lugar preparando os braços para aninhar mais um.

Coloquei o bebê deitado de bruços em seu peito e as meninas começaram a brincar com o irmão.

Deixei os quatro ali enquanto fui
PERIGOSAS ACHERON

procurar pela minha cunhada. Não foi difícil achá-la, estava encolhida em uma mesa de canto no salão do restaurante que, a essa hora, estava fechado.

— Fugindo de alguma coisa?

— Do seu irmão que não respeita tradições e quer me ver antes do casamento. — Eu ri me sentando na outra cadeira de frente para ela.

— É somente isso?

— Sim. — Nick me encarou. — Não.

— Confesse...

— Estou morrendo de medo de não ser criativa o suficiente para me manter casada e feliz por muito tempo. E se o Theo cansar de mim?

— Se te consola, você tem mais experiências com arma de fogo do que ele teve a vida inteira. — Nós duas ficamos em silêncio por um minuto inteiro até que ela gargalhou.

— Isso é péssimo, Zoé! Você não quer que eu mate seu irmão!

— Não, e nem você quer matar, mas olhe para mim e para Nikos, Nick. Acha que nós dois não temos nossos maus momentos? Acha que seus pais não têm os deles? O segredo do bom casamento é ter vontade de matar seu marido e depois chorar arrependida em cima do corpo. — Sorri. — Amor é uma ponte de inconstâncias que treme todo o tempo e que ao chegar do outro lado você encontra a si próprio. Amar é refletir mais sobre você do

que sobre o outro e se perguntar o quanto está disposto a apostar por aquele alguém. É sobre o que se tem e não sobre o que se quer. É sobre quem você é e não sobre quem quer ser. Entende?

Com um suspiro, Nikola balançou a cabeça afirmativamente e se levantou.

— Bom, no ruim de tudo, ele sempre é o primeiro a pegar no sono. Não seria tão difícil assassiná-lo. — Eu soltei uma gargalhada.

— Viu só? É desse otimismo que eu falo. Agora vá até ele, quebre algumas tradições se for vontade do seu coração. A maioria delas são só superstições.

Ela se afastou e me deixou sozinha com minhas próprias ideias.

Nikos não me carregou porta a dentro no colo, não consumou nossa lua-de-mel, não fez muitas outras coisas. Então, na minha concepção, o que era para dar certo, daria com a interferência ou não desses pequenos detalhes.

O dia se passou com rapidez porque nada é devagar quando se tem três crianças para vestir e um casamento para participar.

Nikola estava linda, Theo estava radiante. Todos os Vasalos e Malipieros estavam ali e foi um casamento barulhento o suficiente para que Nikos quase não conseguisse ouvir quando me inclinei em sua direção e falei pausadamente:

— Tem mais um filho no forno.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Me adicione nas minhas redes sociais!

Facebook: [Clyra Alves](#)

Wattpad: [IClyra](#)

Instagram: [@Clyra.Alves](#)

Twitter: [@YasClyra](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Próximos lançamentos da Autora:

Vende-se um Marido Francês

Sinopse:

***"Errar uma vez é humano, duas ou mais é
o meu charme."***

*Se Fleur Mouret fizesse uma lista com
todas as suas habilidades, o primeiro item
provavelmente seria "cometer erros".*

*Entretanto, visto o último levantamento de
ganhos do grupo Roux, está fora de
cogitação cometer qualquer deslize.*

*Com o padrasto prestes a se aposentar, ela
e Cloud, o enteado de sua mãe, um irmão
mais velho emprestado e herdeiro
principal, precisam mostrar competência
frente ao cargo mais importante da*

empresa de moda centenária da família.

Para isso, toda uma melhora nos seus produtos precisa ser projetada para que a marca Roux volte ao topo do mercado.

Nesse momento não há espaço para sentimentalismo, certo?

Errado. Cloud Dechamps quer provar que pode equilibrar a vida profissional e a pessoal enquanto conquista tudo o que já almejou: o comando da Roux, um nome conhecido e Fleur.

Mas, o que fazer quando se infiltra no seu caminho justo o "grande amor" da sua garota dos sonhos?



Lingerie - Série Intrômetidos

Sinopse:

O principal defeito de Dani, é ser feita constantemente de trouxa.

Decididas a dar um fim nisso, Carol, Liz e Jaque fazem o que sabem fazer de melhor e se metem, mais uma vez, na vida da amiga.

Se tem um ponto fraco de Dani que as três conhecem, esse é a coleção de lingerie constantemente expandida com mais peças novas. Pensando nisso, elas criam um plano perfeito envolvendo a contratação de um clube de assinatura falso, fantasias sexuais, um mal-entendido e Cesar Pontes, um veterinário baladeiro disposto a conquistar o coração da docíssima Daniela Muniz.

Cesar sabe muito bem como seduzir uma mulher e, olhando Dani de longe, ele também sabe que ela é uma presa fácil.

**O único problema será seguir o roteiro
do que suas amigas planejaram e não
perder o coração antes de ganhar o dela.**

[1] *Gamóto! - Que se foda!*

[2] *bampá - papai*

[3] *Ya! - Oi!*

[4] *Mitéra - Mamãe*

[5] *Adelfi! - Irmã!*

[6] *Adelfós... - Irmão...*

[7] *Ouzo - Destilado grego de Anis*

[8] *souvlaki - churrasco grego*

[9] *tzatziki - molho grego feito a base de iogurte e pepino*

[10] *Theos! - Deus!*

[11] *pappóus - avô*

[12] *O Theé mou! - Meu Deus!*

[13] *Kolotripida! - Cuzão!*

[14] *Malala! - Babaca!*

[15] *Na mou klaseis ta'rxidia! - Peida nas minhas bolas! -*

Expressão usada para dizer que outra pessoa não tem poder sobre aquilo.

[16] *kyriá - senhora*

[17] *bonsón - bombom*

PERIGOSAS NACIONAIS

[18] *Kaló apógevma! - Boa tarde!*

[19] *kóri mou - minha filha*

[20] *giouvetsi - assado grego feito com frango ou cordeiro ou carne, macarrão e molho de tomate.*

[21] *mastika - licor temperado com mastique (uma resina que vem da aroeira ou do lentisco)*

[22] *Antió! - Adeus!*

[23] *Moussaka - Uma espécie de lasanha grega feita a base de berinjela e carne.*

[24] *Diamoní - Acomodação*

[25] *Geia sas - Olá*

[26] *Kaliméra - Bom dia*

[27] *prinkípissa - princesa*

[28] *giagiá - vovó*

[29] *Skatá! - Merda!*

[30] *koúkla - boneca*

[31] *Agapité - Amorzinho*

[32] *Gemista - Pimentões e tomates recheados*

[33] *Grazie - Obrigada (em italiano)*

[34] *Grazie, signora. Bon appetite! - Obrigada, senhora. Bom appetite!*

[35] *Che bel bambina! - Que menina linda!*

[36] *Ciao, piccola. - Olá, pequena.*

[37] *Lei assomiglia a mia sorella - Ela se parece com minha irmã*

[38] *Capisco, il mio fiore. - Entendo, minha flor.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[\[39\]](#) *cara mia - minha querida*

[\[40\]](#) *Christós! - Cristo!*

PERIGOSAS ACHERON